

CORRESPONDÊNCIAS

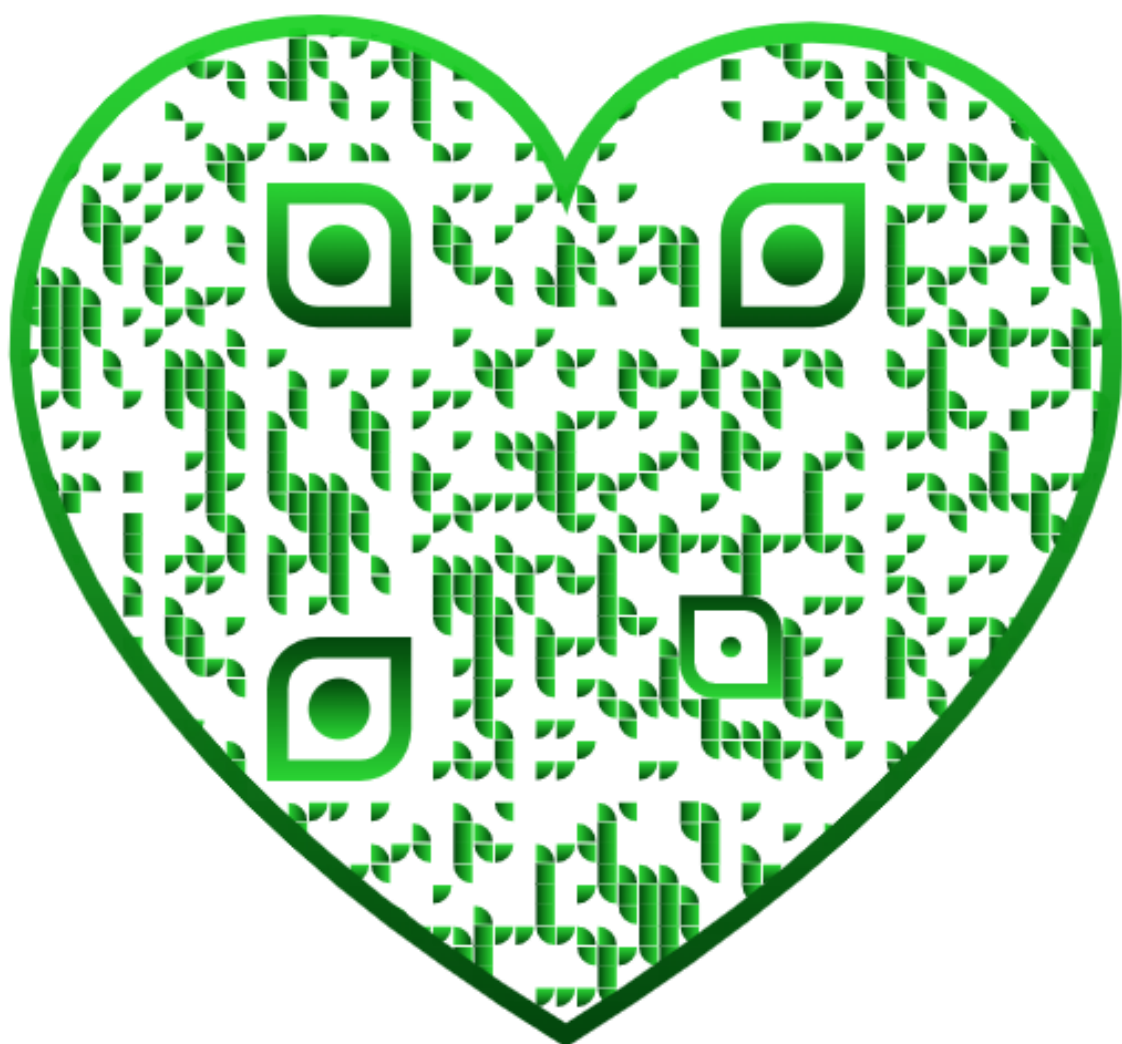
1838-1880

Dostoiévski

2ª Edição

Tradução de
Robertson Frizero

8 INVERSO
EDITORA



© Todos os direitos reservados para Editora 8Inverso Ltda
Capa e Projeto Gráfico: Gustavo Demarchi
Tradução: Robertson Frizero
Revisão: Aline Vanin
Editor Responsável: Cássio Pantaleoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507

D724d Dostoiévski, Fiodor, 1821-1881.

Dostoiévski : correspondências 1838-1880 / Fiodor Dostoiévski ;
tradução de Robertson Frizero. – Porto Alegre : 8Inverso, 2011.
248 p. ; 23 cm.

Inclui cronologia e índice

ISBN 978-85-62696-00-8

1. Dostoiévski, Fiodor, 1821-1881 - correspondências. 2. Literatura
russa. 3. Cartas russas I. Frizero, Robertson. II. Título.

CDU 882.6

CDU 891.76

Impresso pela Edelbra(Erechim – RS), em Março de 2011.

8INVERSO
EDITORA

Editora 8Inverso
Rua Comendador Rheingantz, 50 cj 303
Porto Alegre/RS CEP 90450-020
CNPJ: 10.616.624/0001-91
Insc. Estadual: 523.409.2-9

Endereços eletrônicos:
<http://www.8inverso.com.br>
E-mail: 8inverso@8inverso.com.br

COPIAR É CRIME

Lei do Direito Autoral nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

CORRESPONDÊNCIAS

1838-1880

Dostoiévski

2ª Edição



Minha Impalpável Biblioteca

Tradução de
Robertson Frizero

8INVERSO
EDITORA

SUMÁRIO

PREFÁCIO DO TRADUTOR

– Página 5 –

OS PRIMEIROS ANOS

– Página 9 –

A PRISÃO E OS ANOS
DE EXÍLIO EM SOLO PÁTRIO

– Página 63 –

OS ANOS DE EXÍLIO NO ESTRANGEIRO

– Página 115 –

O REGRESSO À RÚSSIA
E A CONSAGRAÇÃO COMO ESCRITOR

– Página 199 –

CRONOLOGIA

– Página 229 –

ÍNDICE REMISSIVO

– Página 243 –

PREFÁCIO DO TRADUTOR

*Dostoiévski, mesmo, não faz o menor esforço
para nos facilitar o acesso à sua alma. (...)*

Dostoiévski só revela a sua intenção na obra já acabada.

Stefan Zweig

Ao publicar as correspondências de um autor fascinante como Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski, sempre se corre o risco de pretender uma interpretação alternativa de sua obra. Afinal, a aproximação entre sua literatura e aspectos de sua vida privada, propiciada em grande medida pelas palavras direcionadas não para os leitores em geral, mas para os que compartilhavam do mundo que orbitava em torno de seus livros, promove a inevitável reconsideração de suas obras.

Dostoiévski escreveu avidamente e, apesar de declarar por diversas vezes não gostar de escrever cartas, deixou vasta correspondência. Entre tantas, buscamos selecionar, para este volume, aquelas cujo teor oferece ao leitor contemporâneo informações relevantes sobre sua literatura, seu pensamento e suas convicções religiosas e nacionalistas. Interessaram-nos, também, aquelas que nos revelam traços de sua biografia refletidos em sua obra, bem como outras nas quais Dostoiévski escreve abertamente sobre seus textos literários e seu ofício de escritor.

Tomamos, de início, a histórica tradução para o inglês feita por Ethel Colburn Mayne, de 1914, que por sua vez seguiu a correspondência reunida por Tchechichin, em 1912, à qual acrescentou algumas cartas coletadas em periódicos da época de Dostoiévski. A tradução de Mayne teve o mérito de selecionar, da coleção do autor, as cartas e trechos que tinham relação mais direta com o ambiente no qual ele desenvolveu sua obra. Grande parte dessa seleção revela detalhes do processo criativo do escritor, seu ideário e suas relações com o meio literário russo. Outras tantas aclaram fatos de sua vida que viriam a influenciar seu ofício. Mayne teve, ainda, a partir da experiência de leitura de outras traduções então disponíveis em francês e alemão, a preocupação de

evitar eventuais redundâncias, e cuidou de omitir alguns trechos mais longos que pouco interessariam aos leitores em geral.

Contudo, a correspondência de Dostoiévski é volumosa. Na obra completa do autor, publicada em 1996 pela editora *Hayka* (“Naúka”, ou “Ciência”, em português), de São Petersburgo, o décimo quinto volume, dedicado às cartas escritas pelo autor, reúne duzentos e quarenta e sete itens do período entre 1834 e 1881 sem, com isso, esgotar toda a correspondência já catalogada. Uma breve análise de tal acervo fez-nos perceber que o volume compilado por Mayne não trazia algumas cartas de vital importância à compreensão da vida do escritor. Decidimos incluir algumas delas na presente tradução — entre outras, aquela escrita por Dostoiévski para o czar Aleksandr II, solicitando permissão para voltar a residir na Rússia europeia após vários anos de exílio na Sibéria, bem como a íntegra da carta na qual o escritor relata ao irmão Mikhail o drama vivido nos minutos que antecederam o momento em que seria executado por um pelotão de fuzilamento. Além disso, recorreremos ao texto original em russo para corrigir várias discrepâncias observadas na tradução inglesa e acrescentar excertos significativos das cartas nela incluídas que haviam sido ignorados na tradução de Mayne.

Buscamos ainda, nesta tradução para o português, manter o teor correto de cada carta, respeitando as intenções expressas no original em russo a partir das formas de tratamento usadas pelo autor e do grau de proximidade dos interlocutores. Para melhor conservar o *frescor* do texto, mantivemos os termos escritos por Dostoiévski em língua estrangeira e usamos, para a transliteração dos nomes em russo, os padrões mais usados atualmente pela imprensa brasileira.

Também tivemos a preocupação de tornar as cartas mais compreensíveis para o leitor contemporâneo. Para tal, usamos notas de rodapé que esclarecem sobre nomes, cidades, obras, eventos e costumes citados por Dostoiévski em profusão. As referências extraídas da tradução de Mayne aparecem sob a indicação “Nota da Edição Original” (N. do E.); aquelas compostas especialmente para esta edição, como “Nota do Tradutor” (N. do T.). A intenção foi sempre fornecer, por meio de tais notas, informações acessórias que possibilitem ao leitor mais atento uma compreensão mais consistente do autor, sem perturbar em demasia a fluência da leitura.

Se é verdade que as obras de Dostoiévski apenas revelam seu teor mais real ao final do último parágrafo, suas cartas aos familiares e amigos bem poderiam figurar como uma de suas mais pungentes novelas — um romance no qual seu herói se desnuda a cada nova página sem que possamos delimitá-lo de imediato. O Dostoiévski que emerge dessas cartas ultrapassa todas as definições elaboradas por alguns estudos literários: ele é mais que o defensor do cristianismo ortodoxo e do eslavismo, mais que o autor messiânico de uma nova Rússia — é o artista preocupado com seu povo, atento à sua arte, ainda que inseguro, humano, vulnerável.

Pretende-se, com este volume, mostrar aos leitores um Dostoiévski mais *humanizado* e próximo das questões cotidianas da vida de muitos escritores, com suas paixões e dúvidas, esperanças e receios em relação ao seu ofício. São, afinal, textos escritos sem qualquer pretensão artística, sem os filtros do rigor literário, e destinados não para seu público, mas para um único interlocutor (muitas vezes com o pedido expresso para que não fossem divulgados). O que o leitor tem em mãos é, assim, a possibilidade de adentrar nesse mundo íntimo e particular de um escritor único na literatura universal.

Transparece dessas cartas um Dostoiévski que construiu sua genialidade ao longo dos anos, com seu talento e capacidade de observação alimentados por uma vida de duras experiências e por muita leitura. Ele era um leitor incansável. Suas cartas estão repletas de referências a autores e obras — elogiosas ou não. Para o leitor interessado, servem de um precioso guia. São fonte rica de reflexões para os aspirantes a escritor, por vezes tão preocupados com a fama passageira. Dostoiévski escreveu por quase toda a sua vida para saldar dívidas, liquidar empréstimos, pagar as contas, sobreviver. Ainda assim, escreveu com afinco, mesmo quando precisava ser célere e terminar alguns de seus contos e novelas com assustadora rapidez. Não raro, abandonou obras quase concluídas para reaproveitá-las mais adiante, pois tinha a visão maior da defesa de um ideal, da revelação de um questionamento que lhe roubava as reflexões e saltava-lhe aos olhos. Dostoiévski era, sobretudo, um cuidadoso observador da vida humana, um grande pensador, um visionário e um inegável artista — e tudo isso está refletido em sua correspondência.

Ecoando as palavras de Nikolai Berdiaev, filósofo russo que considerava a obra inteira de Dostoiévski “a solução de um vasto problema de ideias”,

esperamos que estas cartas não sirvam como material de acusação ao seu autor, nem recaiam sobre elas os olhos dos que ainda veem na obra de um escritor apenas os reflexos de sua biografia. Todos os personagens de Dostoiévski, ainda que perfeitamente individuais, respondem às inquietações do artista — são ideias, não tipos, ainda que o autor não escrevesse *romances de tese*. É como se o escritor construísse suas convicções na forma do destino trágico de seus personagens — ele foi, de fato, um escritor de concepções dinâmicas e, por isso, universais. E se sua obra é, essencialmente, russa — sua *psique* reflete o temperamento extremado de seu povo, e não há como imaginá-lo fora da Rússia —, não há como negar que seus textos literários são, sobretudo, sua catarse. Veem-se neles sinais claros de sua experiência, sem que eles sejam, por conta disso, pobremente autobiográficos.

Fiódor Dostoiévski, um dos mais inventivos autores da literatura russa, conseguiu vislumbrar em sua vida traços do destino de todos os homens. Esperamos auxiliar o leitor a encontrar, neste volume de cartas selecionadas, os caminhos percorridos por esse genial escritor na construção de sua obra — esse seu singular legado à humanidade.

Robertson Frizero

OS PRIMEIROS ANOS

I. Carta a seu pai:

Petersburgo, 10 de maio de 1838.

Meu querido e bom pai,

O senhor irá pensar que seu filho exige demais ao escrever-lhe para pedir uma ajuda de custo? Deus é testemunha de que, nem por interesse próprio, nem pela mais extrema necessidade, eu jamais desejaria extorquir o senhor. Que amargo é ter que pedir à minha própria família um favor que tão pesadamente a oprime! Tenho minha própria cabeça, minhas próprias mãos. Fosse eu livre e independente, nunca pediria ao senhor nem mesmo um copeque¹ – eu me conformaria com a mais amarga pobreza. Eu teria vergonha de escrever mesmo do meu leito de morte, pedindo por auxílio. Do modo como as coisas estão hoje, posso apenas consolá-lo com promessas para o futuro; contudo, o futuro já não é mais tão distante, e o tempo irá convencer o senhor dessa realidade.

No momento, imploro ao senhor, querido papai, que consideres meu pedido tendo em mente o sentido literal da palavra – eu *sirvo*. Devo, queira eu ou não, adequar-me às obrigações do meio no qual me encontro. Por que eu iria me colocar como uma exceção? Atitudes como essa são geralmente reco-

apenas como itens de conforto, mas como algo absolutamente indispensável. Quando se tem que dormir em uma barraca de lona na umidade e na chuva, ou quando, nessas condições, retorna-se das manobras abatido e com frio, tudo o que mais se quer é um chá, como sei de experiência própria ao longo dos últimos anos. Mas tenho em mente as suas dificuldades, e por isso não me preocupo com o chá e peço ao senhor ajuda apenas para a mais básica de minhas necessidades – dezesseis rublos para dois pares de botas comuns. Ainda: eu *devo* guardar minhas coisas, como livros, calçados, pena, tinteiro, papel, etc., em algum lugar. Para isso, preciso de um baú, pois no campo de treinamento não há outro abrigo senão as barracas. Nossas camas são feixes de palha cobertos com panos. Então eu pergunto ao senhor onde posso guardar minhas coisas sem um baú? O senhor deve saber que o Tesouro³ não se importa nem um pouco se eu tenho ou não um baú. Os exames logo terminarão e então já não precisarei de livros; e como cabe ao governo cuidar do meu uniforme, eu não devo solicitar deles as botas, etc. Mas como posso passar o tempo sem livros? E as botas que eles nos fornecem são tão ruins que três pares delas não são suficientes para seis meses, mesmo na cidade.

[...] ⁴

De sua última remessa, economizei quinze rublos. Veja então, papai, que preciso pelo menos de mais vinte e cinco. Sairemos para o campo de treinamento no início de junho. Se o senhor apoia o seu filho em sua amarga necessidade, mande o dinheiro até o dia primeiro de junho. Não ousou insistir no meu apelo: não estou pedindo muito, mas minha gratidão será sem limites.

II. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 9 de agosto de 1838.

[...] ⁵ É verdade que sou preguiçoso — muito preguiçoso. Mas o que será de mim, se uma eterna preguiça for minha única atitude diante da vida? Não sei se meu temperamento sombrio irá um dia me deixar. E pensar que

3. Departamento de governo responsável pelas questões financeiras. (N. do T.)

4. Omite-se aqui uma listagem de aquisições necessárias solicitadas por Dostoiévski. (N. do E.)

5. Omite-se aqui um trecho no qual Dostoiévski desculpa-se com seu irmão por não ter escrito por um longo período de tempo, por total falta de dinheiro. (N. do E.)

tal estado mental é destinado apenas ao homem — a atmosfera de sua alma parece composta de um misto do que é divino e do que é terreno. Que produto antinatural ele é, já que nele a lei da natureza espiritual está violada. Este planeta parece-me um purgatório para espíritos divinais que foram assaltados por pensamentos pecaminosos. Sinto que nosso mundo tornou-se uma imensa Negação, e que tudo o que é nobre, belo e divino transformou-se em sátira. Se em tal quadro surge um indivíduo que nem em ideia nem em efeito harmoniza com o todo — em outras palavras, uma figura inteiramente alheia — o que pode acontecer? Destrói-se o quadro, já não pode resistir.

No entanto, que terrível é perceber apenas o grosso véu sob o qual o Todo enfraquece! Saber que um simples esforço da vontade seria suficiente para demolir aquele véu e tornar-se Um com a Eternidade — saber tudo isso, e ainda viver como a última e menos importante das criaturas... Que terrível! Que insignificante é o homem! Hamlet! Hamlet! Quando penso em seu tocante, selvagem discurso, no qual ressoa o gemido de todo o universo entorpecido, não surge de *minha* alma uma única reprovação, um único suspiro. Aquela alma está de tal modo oprimida pela mágoa que teme agarrar-se por inteiro a ela, para que assim não se dilacere. Pascal uma vez disse: aquele que protesta contra a Filosofia é ele mesmo um filósofo. Que pobre espécie de sistema é esse!

Mas já falei tolíces demais. De você, recebi apenas duas cartas além da última. E você, meu irmão, reclama de sua pobreza. Também não sou rico. Mas você dificilmente acreditará quando eu disser que quando começamos os exercícios de campo eu não tinha sequer um copeque. No caminho, peguei um resfriado (choveu por todo o dia e não tínhamos um abrigo), passei muita fome também e não tinha dinheiro nem para umedecer minha garganta com um gole de chá que fosse. Fiquei curado a tempo, mas sofri as maiores necessidades no campo de treinamento até que, por fim, chegou o dinheiro do papai. Paguei minhas dívidas e gastei o resto.

[...] ⁶ Contudo, é hora de falarmos de outras coisas. Você se orgulha do número de livros que tem lido... mas, por favor, não pense que o invejo por isso. Em Peterhof eu leio pelo menos tantos livros quantos você lê. Todos

6. Omite-se aqui uma longa digressão de Dostoiévski sobre a situação de seu irmão e sua própria condição financeira precária. (N. do E.)

os de Hoffmann em russo e alemão (ou seja, “Katers Murr”⁷, que ainda não foi traduzido), e quase todo Balzac⁸. (Balzac é ótimo! Seus personagens são a criação de uma inteligência capaz de abarcar tudo — não o espírito da época, mas milênios inteiros, com todos os seus embates, contribuíram para tal desenvolvimento e libertação na alma do homem.) Além desses, li o “Fausto” de Goethe e seus poemas mais breves, “Ugolino” de Polevoi⁹ e “Undine”¹⁰ (falarei com calma sobre “Ugolino” num outro momento) e, por fim, Victor Hugo, exceto “Cromwell” e “Hernani”¹¹. Até breve. Escreva-me, por favor, quantas vezes puder. As suas cartas são uma alegria e um consolo. Responda ao menos *esta*. Espero a sua resposta em doze dias no máximo. Por favor, escreva, para que eu não me enfraqueça ainda mais.

Seu irmão,

F. Dostoiévski

P.S.: Eu tenho um novo plano: enlouquecer. É assim: as pessoas perdem o juízo, e depois são curadas e trazidas de volta à razão! Se você leu todo Hoffmann, deve certamente se lembrar de Alban¹². Gosta dele? É terrível assistir um homem que tem o Incompreensível preso em suas mãos, não sabe o que fazer com ele e senta-se para jogar com um brinquedo chamado Deus!

7. Ernst Theodor Amadeus Hoffmann (1766-1822), escritor, compositor e artista plástico alemão. Era muito apreciado por seus contos fantásticos, dos quais os mais conhecidos são “Coppélia” e “O Quebra-nozes”, adaptados para o balé pelos compositores Léo Delibes (francês – 1836-1891) e Piotr Tchaikovski (russo – 1840-1893), respectivamente. “Katers Murr” (1820-1821) é a satírica autobiografia de um gato, uma paródia à obra “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister”, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). (N. do T.)

8. Honoré de Balzac (1799-1850), escritor francês. Seu romance “Eugénie Grandet” foi a primeira obra traduzida por Dostoiévski para o russo, em 1843. (N. do T.)

9. Nikolai Polevoi (1796-1846), escritor, jornalista e historiador russo. Sua tradução para o russo de “Hamlet”, lançada em 1837 e a primeira feita diretamente do original em inglês — provavelmente a versão lida por Dostoiévski —, foi considerada pelos críticos da época a responsável por difundir a obra de William Shakespeare na Rússia do século XIX. “Ugolino” é uma peça teatral de Polevoi que remete ao drama de Ugolino della Gherardesca (1220-1289), citado na Divina Comédia de Dante Alighieri como exemplo de traidor relegado ao inferno — trancado em uma torre na companhia dos filhos e netos, teria se alimentado de seus corpos para sobreviver à inanição; Dante coloca-o no segundo círculo do Inferno, em companhia do Arcebispo Ruggieri, o homem que o condenara. (N. do T.)

10. “Undine” (1816) é um drama do escritor alemão Friedrich Heinrich Karl de la Motte Fouqué (1777-1843), posteriormente transformado em uma ópera com música de E. T. A. Hoffmann sobre *libretto* do próprio autor. O mesmo drama serviria de inspiração para a ópera “Ondine” (1869), de Tchaikovski. Fouqué é considerado um dos mais conhecidos autores do romantismo alemão. (N. do T.)

11. Victor Hugo (1802-1885), poeta, dramaturgo e escritor francês, um dos grandes expoentes do Romantismo em seu país. “Cromwell” e “Hernani” são dois de seus mais famosos dramas históricos. Dos dois, apenas “Hernani” sobreviveu na memória popular por ter sido usado como argumento na ópera “Ernani” (1844), do compositor italiano Giuseppe Verdi (1813-1901). (N. do T.)

12. Personagem do conto “*Der magnitiseur*” (“O hipnotizador”), de Hoffman. Alban é um médico e hipnotizador que usa seus poderes para, inadvertidamente, unir-se às forças demoníacas. (N. do T.)

III. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 31 de outubro de 1838.

Há quanto tempo desde que escrevi pela última vez, meu querido irmão! Aqueles terríveis exames — eles fizeram com que eu não conseguisse tempo para escrever para você e para o papai, e também de visitar I. N. Chidlovski¹³. E o que ganhei com tudo isso? Ainda não fui promovido. Oh, horror! Viver mais um ano neste sofrimento! Eu não teria ficado tão furioso se não soubesse que sou vítima da mais absoluta mesquinhez. O fracasso não teria me aborrecido tanto se as lágrimas de nosso pobre pai não tivessem queimado em minha alma. Até então eu jamais havia conhecido a sensação do orgulho ferido. Se tal sentimento tivesse tomado conta de mim antes, eu teria me envergonhado imensamente. Mas agora você deve saber que eu gostaria de destruir o mundo inteiro de um só golpe. Perdi tanto tempo antes dos exames, além de estar doente e deprimido; mas, *suportando* tudo isso no mais completo e literal sentido da palavra, ainda assim reprovei. É o que decretou o professor de Álgebra, para quem eu fui, de algum modo, desrespeitoso durante todo o ano, e que foi mesquinho o bastante para recordar-me disso hoje, enquanto pretensamente explicava para mim as razões do meu fracasso. De cada dez pontos na prova eu acertei uma média de nove e meio, e ainda assim fui reprovado. Mas, deixa estar, se eu tenho que sofrer, que sofra... Não vou gastar mais papel falando sobre isso, já que tenho tão poucas oportunidades de conversar com você.

Meu amigo, você filosofa como um poeta. E já que a alma não pode estar para sempre em um estado de exaltação, sua filosofia não é verdadeira e não é justa. Para *saber* mais, é preciso *sentir* menos, e *vice versa*. Seu raciocínio é *frívolo* — é um delírio do coração. O que você quer dizer exatamente com a palavra *saber*? A natureza, a alma, o amor e Deus são reconhecidos pelo coração, e não pela razão. Fôssemos espíritos, poderíamos residir no mundo das ideias, sobre o qual pairam as almas, procurando pela solução. Mas somos seres terrenos, e podemos apenas supor o que seja a Ideia — e não agarrá-la

13. Trata-se de I. Nikolai Chidlovski, um oficial do Tesouro, ex-colega de Dostoiévski no Liceu Tchermak de Moscou. Era, nas palavras de Liúba Dostoiévski, filha do escritor, “um poeta, um idealista e um místico” que tinha “uma grande influência sobre meu pai”. (N. do T.)

por todos os lados de uma só vez. O guia de nossas inteligências através das ilusões temporárias para dentro do mais profundo de nossas almas chama-se *Razão*. Ora, a Razão é uma capacidade material, enquanto a alma ou o espírito vive nos pensamentos que são sussurrados pelo coração. O pensamento nasce na alma. A Razão é uma ferramenta, uma máquina comandada pelo fogo espiritual. Quando a razão humana (que exigiria um capítulo por si só) penetra no domínio do conhecimento, ela age de modo independente do *sentimento* e, conseqüentemente, do *coração*. Mas quando o nosso objetivo é a compreensão do amor ou da natureza, marchamos precisamente em direção à cidadela do coração. Não quero irritá-lo, mas preciso dizer que não compartilho com sua visão sobre a poesia ou a filosofia. A filosofia não pode ser vista como uma mera equação na qual a natureza é a variável desconhecida! Tenha em mente que o poeta, no momento de inspiração, compreende Deus e, conseqüentemente, faz o trabalho do filósofo. Assim sendo, a inspiração poética é nada menos que a inspiração filosófica. Por conseguinte, a filosofia nada mais é que poesia, um mais alto patamar de poesia! É estranho que você raciocine como nossos filósofos contemporâneos. Quantos sistemas loucos têm nascido, nos últimos tempos, dos mais ardentes e brilhantes cérebros! Para coletar um resultado correto desse batalhão heterogêneo de ideias é preciso submetê-las todas a fórmulas matemáticas. E, ainda assim, elas são as “leis” de nossa filosofia contemporânea! Já tagarelei o bastante. E se eu vejo seu frágil sistema como impossível, penso igualmente que minhas objeções não são menos frágeis, logo não vou perturbá-lo com mais nenhuma delas.

Meu irmão, é tão triste viver sem esperança! Quando olho para adiante, tenho medo do futuro. Transporto-me para uma atmosfera fria como o Ártico, na qual nenhum raio de sol jamais penetrou. Por um longo tempo eu não tenho um instante de inspiração sequer. Sinto-me, assim, como o Prisioneiro de Chillon¹⁴ após a morte de seu irmão. A ave-do-paraíso da poesia nunca, nunca mais, irá me visitar novamente — nunca mais irá aquecer minha alma congelada. Você diz que sou reservado; mas todos os meus sonhos de antes me abandonaram e, naqueles arabescos dos quais um dia eu me encantei,

14. “*The Prisoner of Chillon*” (1816) é um poema narrativo de George Gordon Byron (Lord Byron) (1788-1824), poeta britânico. O texto conta as desventuras de um monge do século XVI, François Bonivard, aprisionado em Chillon, cujo pai e irmãos foram martirizados. (N. do T.)

todo o brilho desapareceu. Os pensamentos que costumavam acender minha alma e meu coração perderam o fulgor e a força; ou então meu coração está entorpecido, ou então... Tenho medo de terminar essa frase. Não vou admitir que todo o passado foi um sonho, um reluzente sonho dourado.

Meu irmão, li o seu poema. Ele arrancou algumas lágrimas de minha alma, e foi embalado por algum tempo pela magia das memórias. Você diz que tem uma ideia para um drama. Fico feliz em saber. Escreva o seu drama, então. Se não tiver estas últimas migalhas do banquete dos Campos Elíseos, o que mais pode lhe oferecer a vida? Estou muito triste por não ter podido visitar Ivan Nikolaievitch Chidlovski; estive doente. Veja bem. Creio que a inspiração do poeta é intensificada pelo sucesso. Byron era um egoísta; sua fixação pela fama era mesquinha. Mas a simples ideia de que através da inspiração uma nobre e bela alma humana pode um dia erguer-se do pó até as alturas celestiais; a ideia de que aquelas linhas sobre as quais alguém chorou são consagradas, como em um rito divino, pela inspiração de alguém, e que sobre elas o pranto das gerações futuras irá ecoar... Essa ideia, estou convencido disso, tem surgido em muitos poetas no exato instante de seu mais elevado impulso criativo. Mas o grito da multidão é vazio e inútil. Recordo-me destas linhas de Puchkin, quando ele descreve a multidão e o poeta:

“Deixe a vil turba gritar, desprezando a tua lira,
E cuspir no santuário onde arde a tua pira,
Deixe-a, arrogante e infantil, romper teu pedestal...”¹⁵

Maravilhoso, não acha? Até breve.
Seu amigo e irmão,
F. Dostoiévski

P.S.: Por falar nisso, diga-me, por favor, qual a ideia central do “*Génie Du Christianisme*” de Chateaubriand¹⁶. Li recentemente no “O Filho da Pátria”¹⁷ um ataque do crítico Nisard¹⁸ a Victor Hugo. Como os franceses têm

15. Aleksandr Sergeievitch Puchkin (1799-1837), poeta, escritor e dramaturgo russo. Dostoiévski cita o último terceto do soneto “Para um poeta” (1830), no qual Puchkin defende o direito e a liberdade do artista e expressa seu descontentamento com a crítica e o público de sua época. A tradução dos versos é nossa. (N. do T.)

pouca estima por ele! Como Nisard considera ruins seus dramas e romances! Eles são injustos; e Nisard (embora tão inteligente) fala tolices. Conte-me, também, sobre o argumento principal do seu drama; estou certo de que é ótimo.

Tenho pena de nosso pobre pai! Ele tem um caráter extraordinário. E quantos problemas ele tem que enfrentar! É tão duro saber que não posso fazer nada para consolá-lo. Mas, você sabe, papai é um completo estrangeiro neste mundo. Ele vive aqui há cinquenta anos e ainda tem as mesmas opiniões sobre a humanidade que tinha há trinta anos. Que sublime inocência! Ainda assim, o mundo o tem desapontado, e creio que esse é o destino de todos nós.

Adeus.

IV. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 1º de janeiro de 1840.

Agradeço de coração, meu bom irmão, por sua querida carta. Eu sou certamente um tipo muito diferente de pessoa que você; não pode imaginar como meu coração fica excitado quando chega uma carta sua, e inventei uma nova forma de divertimento por conta disso: provoço a curiosidade até não poder mais. Pego a sua carta em minhas mãos, giro-a no ar por alguns minutos, sinto seu peso para ver se é longa, e quando sacio meu interesse com o envelope lacrado, coloco-a no meu bolso. Você nem imagina o estado de felicidade que isso traz à minha alma e ao meu coração. Geralmente espero uns quinze minutos; por fim, entrego-me com vontade ao embrulho, retiro o lacre e devoro suas linhas – suas queridas linhas! Incontáveis sentimentos surgem em meu coração enquanto leio sua carta. Ternas e dolorosas, doces e amargas, as emoções amontoam-se na minha alma – sim, querido irmão, há até mesmo dor e amargura entre elas. Não pode imaginar o quanto é amargo para mim

16. François-René de Chateaubriand (1768-1848), escritor francês. O “Gênio do Cristianismo”, escrito durante o exílio na Inglaterra, em 1790, é sua defesa da Fé Cristã aos ataques feitos pelos Iluministas franceses. A ideia central da obra é a tese de que as artes e letras ocidentais tiveram seu progresso impulsionado pelo Cristianismo. (N. do T.)

17. О Сынѣ Отечества (“*Syn Otechestva*”) era um jornal literário sediado em São Petersburgo. Fundado pelo escritor, filólogo e jornalista russo Nikolai Ivanovich Grech (1787-1867), trazia, além de crítica literária, artigos sobre a história e a política da Rússia. Funcionou entre os anos de 1812 e 1844, e de 1847 a 1852. (N. do T.)

18. Désiré Nisard (1806-1888), escritor e crítico francês, membro da Academia Francesa de Letras. Foi crítico ardoroso dos autores românticos, em especial de Victor Hugo. (N. do T.)

quando as pessoas não me compreendem, quando deturpam o que eu disse e veem tudo distinto do que eu pensei. Depois de ler a sua última carta, fiquei *enragé*¹⁹ por você não estar por perto; vi os sonhos mais valiosos de meu coração, meus princípios mais sagrados, construídos pela dureza das experiências, completamente distorcidos, mutilados, deformados. Você mesmo me disse: “Escreva para mim, contradiga-me, questione-me”. E você pensou que disso tiraria algum proveito. Caro irmão, de nada adiantou! A única coisa que você ganhou com isso é que, em seu egoísmo (e somos todos egoístas nesse assunto), você formou uma opinião sobre mim, meus pontos de vista, ideias e peculiaridades de acordo com o que lhe convinha. E a opinião que você tem de mim é um terrível insulto! Não – polêmicas em cartas íntimas são um veneno sutil. Como vai ser agora, quando nos encontrarmos novamente? Acredito que tudo isso será motivo para uma contenda sem fim. Mas basta disso por agora.

Quanto aos seus versos – ouça-me uma vez mais, irmão! Creio que na vida há dor e alegria infinitas. Na vida do poeta brotam espinhos e rosas. A lírica é como a sombra do poeta, sempre com ele, pois ele é uma criatura expressiva. Seus poemas líricos são encantadores: “O Passeio”, “A Manhã”, “Visões da mãe”, “Rosas”, “O Cavalo de Febo” – esses e muitos outros são adoráveis²⁰. Eles são como uma importante novidade vinda de você – e uma novidade que me toca fortemente. Pois naqueles dias eu pude entendê-lo tão bem; foram meses que ficaram profundamente marcados em minha consciência. Quantas coisas estranhas e maravilhosas eu vivenciei ao lê-las! É uma longa história, e não devo jamais contá-la a ninguém.

Quando vi pela última vez Chidlovski fizemos um passeio juntos em Ekaterinhof²¹. Que maravilhosa conversa tivemos naquela noite! Recordamos o último inverno, quando falávamos tanto de Homero, Shakespeare, Schiller,

19. Em francês: “enraivecido”. Decidiu-se por manter no original as palavras em francês, língua que à época era francamente usada pela aristocracia russa e símbolo de ascendência social. A partir do reinado de Catarina, a Grande (1729-1796) e até a Revolução Russa de 1917, tornou-se comum no meio erudito de São Petersburgo inserir palavras francesas nas frases em russo ou mesmo comunicar-se exclusivamente naquele idioma. (N. do T.)

20. Mikhail, em parte por influência do irmão Fiódor Dostoiévski, iniciaria em 1847 uma carreira literária que permaneceria relativamente ativa até 1852, atuando como crítico, tradutor e autor. Publicou nesse período quatro novelas curtas e um drama, deixando inacabado um romance do qual escreveu apenas três capítulos. Nos anos posteriores, lançaria ainda duas revistas literárias com a colaboração de Dostoiévski. (N. do T.)

21. Parque localizado na região sudeste de São Petersburgo, surgiu como o jardim de um palácio presenteado por Pedro, o Grande (1672-1725) à sua futura esposa Catarina. Tornou-se parque municipal em 1804 e era popular à época de Dostoiévski, aparecendo como cenário em algumas de suas histórias. (N. do T.)

e Hoffmann – particularmente Hoffmann. Falamos de nós mesmos, também, de nosso futuro, do passado, e de você, meu querido amigo. Mas ele se afastou já faz um longo tempo, e não tenho notícias dele. Estará ainda vivo? Sua saúde estava bastante precária. Por favor, escreva para ele!

Por todo aquele inverno estive com um humor estranhamente exaltado. Estar com Chidlovski proporcionou-me muitas horas de plenitude, embora isso não tenha sido a única razão para meu estado de inspiração. Você estava, talvez, magoado comigo, e quem sabe ainda está, porque eu não havia escrito para você naqueles meses. Problemas estúpidos de trabalho impediram-me. Confesso, meu querido irmão, sempre tê-lo amado, por causa de seus versos, pela poesia em sua vida, pelo seu sofrimento... Por tudo isso. Era amor fraternal, não foi outra coisa. Eu tinha comigo um amigo fiel, uma criatura a qual eu *tanto* amava de igual maneira²². Você me disse uma vez, meu irmão, que eu nunca havia lido Schiller²³. Você está errado. Sei os versos dele de cor, recitei suas falas e sonhei seus sonhos; e acredito que foi um peculiar golpe de sorte que me fez conhecer a obra desse grande poeta naquele especial período da minha vida. Nunca teria compreendido Schiller tão bem se não fosse precisamente naqueles dias. Quando li Schiller com *ele*, eu vi *nele* o nobre e ardente Dom Carlos, o Marquês de Posa e Mortimer²⁴. Aquela amizade tinha grande valor para mim, e causou-me imensa dor. Mas quero guardar silêncio sobre ela para sempre. O nome de Schiller é para mim um adorado e íntimo passatempo, que desperta incontáveis lembranças e sonhos. São memórias amargas, e é por isso que eu sempre evitei falar de Schiller e das impressões que devo a ele. Mesmo ouvir o seu nome faz meu coração sofrer.

Queria responder a outra de suas reprimendas, e mostrar que você se enganou sobre mim. Sobre muitas coisas eu gostaria de falar; mas enquanto escrevo esta carta, tantas doces lembranças e sonhos vêm a mim que não posso falar de mais nada. Apenas a uma de suas reprimendas vou me referir

22. Segundo Dominique Arban, biógrafo de Dostoiévski, o autor refere-se aqui a um companheiro de estudos de nome Bereietzki, com quem teve naquele ano uma amizade passional, porém breve. (N. do T.)

23. Johann C. Friedrich Von Schiller (1759-1805), poeta, filósofo e dramaturgo alemão, um dos principais autores do século XVIII na Alemanha. Era o poeta preferido de Mikhail, irmão de Dostoiévski. (N. do T.)

24. Dostoiévski refere-se a Bereietzki, com quem teria lido a obra de Schiller. As referências literárias que se seguem mostram o caráter nobre da amizade entre os dois: *Dom Carlos* e o *Marquês de Posa* são personagens do drama “Don Carlos,” de Schiller; *Mortimer* é personagem de “Maria Stuart”, drama do mesmo autor; são heróis idealizados, caracterizados pela sinceridade, devoção, entusiasmo e honestidade — qualidades que Dostoiévski via no “amigo fiel”, na criatura que *tanto* [amava], como se referira antes a Bereietzki nesta mesma carta. (N. do T.)

– a respeito dos grandes poetas sobre os quais, em sua opinião, eu não sei nada, jamais procurei comparar suas obras. Eu *nunca* tracei um paralelo entre Puchkin e Schiller. Não consigo imaginar como pôde pensar nisso; peço que cites uma passagem de minhas cartas; é possível que tenha acontecido de eu mencionar os nomes de Puchkin e Schiller em justaposição imediata, mas creio que você irá encontrar uma vírgula entre eles. Eles não têm qualquer similitude. Agora, entre Puchkin e Byron *pode-se até* falar de semelhanças. Mas entre Homero e Victor Hugo, eu decididamente acredito que você deliberadamente não quis me entender! Foi isso o que eu quis dizer: Homero (uma figura lendária, que talvez tenha sido enviada a nós por Deus, como o Cristo) pode apenas ser comparado a Cristo; de forma alguma, a Victor Hugo. Tente, meu irmão, adentrar de verdade na *Ilíada*; leia-a atentamente (agora, confesse que você nunca a leu). Homero, na *Ilíada*, deu ao mundo antigo a mesma organização em termos terrenos e espirituais que o mundo moderno deve a Cristo. Agora você me compreende? Victor Hugo é um cantor, claro como um anjo, e sua poesia é casta e cristã do início ao fim; ninguém é como ele nesse sentido – nem Schiller (se Schiller fosse, enfim, um poeta cristão), nem o Shakespeare lírico, nem Byron, nem Puchkin. Li os sonetos de Victor Hugo em francês. Apenas Homero tem a mesma fé inabalável em sua vocação para a poesia e no deus da poesia a quem ele serve – somente nesse sentido sua poesia pode ser comparada à de Victor Hugo, mas não no campo das ideias com as quais ele foi agraciado pela Natureza, e que tão bem conseguiu expressar – eu nunca os comparei nas ideias, nunca. Penso até que Derzhavin²⁵ é melhor lírico que qualquer um dos dois. Até mais, meu caro companheiro.

P.S.: Vou repreendê-lo em só mais uma coisa. Quando fala na forma em poesia, você parece um tanto louco para mim. Falo sério. Notei há muito tempo que nessa área você não é completamente normal. Recentemente você comentou algo sobre isso a respeito de Puchkin; eu, de propósito, não dei atenção. Do uso da forma nos seus próprios poemas falarei com mais vagar em minha próxima carta; agora não tenho nem espaço nem tempo para isso. Mas, diga lá, como você pode dizer que nem Racine²⁶ nem Corneille²⁷ agra-

25. Grigori Romanovitch Derzhavin (1743-1816), poeta russo associado ao Classicismo. (N. do T.)

dam por conta de seu pouco domínio da forma na poesia? Seu pobre coitado! E você ainda acrescenta, com total descaramento: “Você acha, então, que eles dois são maus poetas?” Racine não é poeta – Racine, o ardente, o apaixonado, o idealista Racine, não é poeta! Como ousa perguntar isso? Já leu a sua “Andrômaca”, hein? Já leu sua “Ifigênia em Áulica”? É possível que você vá dizer que elas não são esplêndidas? E o Aquiles de Racine não é da mesma raça que o de Homero? Eu admito, Racine furtou de Homero, mas que estilo! Que maravilhosas suas personagens femininas! Tente, por favor, absorvê-lo. Você diz que “Racine não era um gênio; como é possível (?) que ele tenha produzido um drama? Ele só conseguia imitar Corneille”. E que tal “Fedra”²⁸? Meu irmão, se você não concordar que “Fedra” é a mais elevada e pura poesia, não sei o que pensar de você. Ora, há a força de um Shakespeare nela, ainda que a matéria-prima seja o gesso de Paris ao invés do mármore.

Agora, sobre Corneille. Ouça, meu irmão! Eu não sei como explicar para você; talvez, como Ivan Nikiforovitch, eu tenha que comer uma porção substancial de verduras primeiro²⁹. Não acredito que você tenha sequer lido ele; por isso você fala uma tolice daquelas. Você não sabe que Corneille, com suas figuras titânicas e seu espírito romântico, quase se iguala a Shakespeare? Seu pobre coitado! Por acaso você sabe que Corneille surgiu somente cinquenta anos depois do inepto Jodelle (autor daquela asquerosa “Cleópatra”)³⁰ e de Ronsard³¹, que era um precursor do nosso próprio Trediakovski³²? Que Corneille foi praticamente um contemporâneo do insípido poetastro³³ Malherbe³⁴? Como você pode exigir mais de sua forma poética? Ela é o que se podia esperar de alguém que tomou de empréstimo de Sêneca sua forma poética. Você já leu o seu “Cinna”?³⁵

26. Jean Racine (1639-1699), dramaturgo francês. (N. do T.)

27. Pierre Corneille (1606-1684), dramaturgo francês e fundador da Tragédia Francesa. (N. do T.)

28. “Andrômaca” (1667), “Ifigênia em Áulica” (1674) e “Fedra” (1677) são tragédias de Racine escritas em versos alexandrinos (doze sílabas métricas) sobre temas da mitologia grega. (N. do T.)

29. Uma brincadeira de Dostoiévski com o irmão Mikhail: Ivan Nikiforovitch é personagem de um dos contos de *Mirgorod*, obra do escritor russo Nikolai Gogol (1809-1852). No conto, ele e o amigo Ivan Ivanovitch entram em uma contenda que destruirá sua amizade para sempre. Os moradores de Mirgorod tentam reconciliá-los durante um jantar e por alguns poucos instantes eles fazem as pazes, para em seguida retomar a disputa. Nikiforovitch é caracterizado por Gogol como um homem de pouco refinamento, que expõe cruamente os fatos e fala sempre sem rodeios. (N. do T.)

30. Etienne Jodelle (1532-1573), dramaturgo e poeta que teria introduzido no teatro francês a Tragédia e a Comédia modernas, em contraste com os mistérios e moralidades medievais até então apresentados. Sua peças teatrais ganharam a má reputação de serem de difícil leitura e encenação. (N. do T.)

31. Pierre de Ronsard (1524-1585), poeta francês. Era chamado por seus contemporâneos de “o príncipe dos poetas”. Doze anos antes de Dostoiévski escrever esta carta para o irmão Mikhail, a obra de Ronsard recebeu uma nova edição (1828) dois séculos depois de sua última publicação em 1609. (N. do T.)

O que sobra, diante da divina figura de Otávio, de Karl Moor, de Fiesco, de Guilherme Tell, de Dom Carlos?³⁶ Aquela obra faria jus a Shakespeare. Coitado de você! Se você ainda não leu, busque agora ao menos o diálogo entre Augusto e Cinna, no qual o imperador romano perdoa-o por sua traição. Deus do céu! Você verá que apenas serafins ofendidos poderiam falar da mesma maneira, particularmente na passagem na qual Augusto diz: “*Soyons amis, Cinna*”³⁷. Você leu o seu “Horácio”? Decididamente, apenas em Homero se podem encontrar tais figuras. O velho Horácio é um outro Diomedes; o jovem Horácio, um Ajax, filho de Telêmaco, mas com o espírito de um Aquiles; Curiácio é Pátroclo e Aquiles em uma mesma pessoa; ele é a consumação do conflito entre o amor e o dever. É tudo tão elevado!³⁸ Você já leu “*Le Cid*”³⁹? Faça isso, infeliz, e lance-se ao pó diante de Corneille. Você blasfemou contra ele. De qualquer modo, leia-o. Para que serviu o Romantismo, se ele não atingiu seu mais alto desenvolvimento em “*Le Cid*”? Que maravilhosas são as figuras de Dom Rodrigo, de seu filho e de sua amada — e então, o final!

Por favor, não se ofenda com meus insultos; não me trate com animosidade, como aconteceu com Ivan Ivanovitch Pererepenko⁴⁰.

32. Vassili Kirillovitch Trediakovski (1703-1768), poeta russo, considerado um dos fundadores da literatura clássica russa. Preocupou-se em estabelecer os gêneros poéticos na Rússia e a buscar regras de versificação adequadas àquele idioma. (N. do T.)

33. O mesmo que *poetaço*; mau poeta. (N. do T.)

34. François de Malherbe (1555-1628), poeta e crítico francês. Embora seus textos em prosa sejam admirados, sua poesia é considerada, em geral, pouco inspirada — opinião que já era expressa por seus contemporâneos. (N. do T.)

35. *Cinna ou A Clemência de Augusto* (1640) é um drama de Corneille cujo tema central é o perdão do imperador Otávio Augusto a Cinna, conselheiro que planeja seu assassinato por amor a uma mulher. (N. do T.)

36. Dostoiévski compara os dois principais personagens da obra de Corneille a personagens de dramas escritos por Schiller — Karl Moor, de “Os Ladrões”; Fiesco, de “A Conjura de Fiesco” Guilherme Tell e Dom Carlos dos respectivos dramas homônimos. (N. do T.)

37. O verso completo de Corneille: *Soyons amis, Cinna, c'est moi qui t'en convie* [“Sejamos amigos, Cinna, sou eu quem te convido”]. (N. do T.)

38. *Horácio* é uma tragédia de Corneille com raízes na mitologia latina, na qual os heróis Horácio e Curiácio, acompanhados de seus respectivos irmãos, travam um duelo mortal pela paz da região da futura cidade de Roma; Dostoiévski compara os protagonistas da obra de Corneille a heróis gregos da *Ilíada* homérica. (N. do T.)

39. “*Le Cid*”, um dos mais famosos dramas de Corneille, baseia-se na lenda de El Cid (Dom Rodrigo de Alvar), o qual teria sido um dos responsáveis pela expulsão dos mouros da Espanha e tema de diversos textos medievais. O texto de Corneille foi pivô de uma famosa contenda entre o dramaturgo e o Cardeal Richelieu, que condenou *Le Cid* por considerar que a peça não respeitava as unidades clássicas do drama então estabelecidas na França. (N. do T.)

40. Trata-se do mesmo personagem do texto de Gogol anteriormente citado. A referência aqui se dá pelo fato de, no conto, Ivan Ivanovitch ter rompido relações com o amigo Ivan Nikiforovitch por conta de um insulto tolo feito por este último — algo que Dostoiévski quer evitar em sua relação com o irmão. (N. do T.)

V. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 30 de setembro de 1844.

[...] ⁴¹ Sim, meu irmão, sei que de fato a minha atitude é desesperada. Quero expô-la para você agora, da forma como ela é. Estou dando baixa ⁴² porque não posso mais servir. A vida não terá mais graça alguma se eu tiver que gastar a maior parte dela de forma tão estúpida. Além disso, eu nunca pretendi de fato permanecer por muito tempo no Exército — porque eu deveria desperdiçar os meus melhores anos de vida? Mas a gota d'água é que eles querem me mandar para as províncias. Diga-me, eu imploro, em que eu serei útil fora de São Petersburgo? Tenho certeza que você me compreende.

Quanto ao meu futuro, você não precisa ficar preocupado. Eu vou encontrar uma maneira de me sustentar. Pretendo me dedicar inteiramente ao trabalho. E eu estou *livre* agora. A única dúvida é o que eu vou fazer logo depois de minha baixa. Pense nisso, irmão: estou a dever oitocentos rublos — quinhentos e vinte e cinco de aluguel. (Escrevi para casa dizendo que devo mil e quinhentos, pois sei como funciona a pequena nobreza. Eles sempre me enviam um terço do que eu peço.) ⁴³ Ninguém sabe ainda que estou dando baixa. O que você acha que eu devo fazer primeiro, assim que eu sair do serviço ativo? Eu não tenho dinheiro nem para comprar roupas civis. Devo dar baixa definitiva em 14 de outubro. Se eu não receber dinheiro de Moscou logo, estarei perdido. Falo sério, eles vão me colocar na prisão — isso é certo. É uma situação esquisita.

[...] ⁴⁴ Você diz que a minha salvação está no drama que escrevi. Mas é um longo tempo antes que o texto seja encenado, e mais tempo ainda antes que eu ganhe qualquer dinheiro pela montagem. Enquanto isso, minha baixa está diante de mim. (Meu caro amigo, se eu não tivesse ainda enviado o meu pedido, eu faria isso agora; eu não estou nem um pouco arrependido

41. Omite-se aqui um trecho inicial da carta no qual Dostoiévski escreve ao irmão Mikhail sobre a tradução de textos de Schiller que os irmãos pretendiam publicar. (N. do E.)

42. *Dar baixa*, neste caso, refere-se ao ato de solicitar a saída dos quadros do Exército. (N. do T.)

43. A carta foi escrita exatos trinta dias antes de Dostoiévski completar vinte e três anos. À altura, seu pai já havia falecido — morto pelos próprios servos da pequena propriedade rural da família em 1839 — e um tio exercia o papel de seu tutor. Sobre a vida financeira de Dostoiévski, sua filha e biógrafa Liúba Dostoiévski descreve o pai como alguém que “sempre teve ideias fantásticas sobre economia”, que “gastava o dinheiro que havia em seu bolso sem jamais se perguntar como faria para sobreviver no dia seguinte”. (N. do T.)

44. Omite-se aqui um trecho no qual Dostoiévski imagina diferentes formas de obter dinheiro de seus familiares. (N. do E.)

de ter dado esse passo.) Eu tenho uma outra possibilidade em vista. Estou prestes a terminar um romance, aproximadamente do tamanho de “Eugénie Grandet”⁴⁵. É bastante original. Estou agora passando os originais a limpo; lá pelo dia 14 de outubro devo ter uma resposta do editor. Quero publicá-lo no “Anais da Pátria”. (Estou muito satisfeito com o meu trabalho.) Devo provavelmente receber uns quatrocentos rublos por ele — é só o que eu espero. Gostaria de poder lhe falar mais sobre o livro, mas não tenho tempo agora. (De qualquer modo, devo produzir a peça teatral. Pois é assim que pretendo ganhar a vida.)

Os moscovitas são incrivelmente estúpidos, presunçosos e pedantes. K.⁴⁶ aconselhou-me em sua última carta, sem qualquer aparente relevância, a não exagerar em meu gosto por Shakespeare. Ele disse que Shakespeare é apenas uma bolha de sabão. Eu adoraria se você pudesse me explicar essa hostilidade ridícula a Shakespeare. Por que, de repente, ele resolveu criticá-lo? Você devia ter visto a resposta que eu enviei a ele! Era um modelo de polêmica. Dei a ele uma esnobada de primeira classe. Minhas cartas são obras-primas da “arte literária”.

Meu irmão, pelo amor de Deus, escreva logo para casa! Minha situação é desesperadora. O dia 14 é a data limite de minha permanência; enviei meu pedido há seis semanas. Por tudo o que é mais sagrado, escreva para eles e diga que me mandem o dinheiro sem demora! É urgente, ou então não terei roupas para vestir. Khlestakov (de “O Inspetor Geral”, de Gogol) estava pronto para ir para a prisão, mas apenas “com toda a dignidade”. Diga-me, como poderei, descalço, ir para a prisão “com toda a dignidade”?

Meu endereço: nas proximidades da igreja de Vladimirskaia⁴⁷, na casa Prianishnikov, Rua Grafsk.

Estou imensamente satisfeito com o meu romance — radiante de alegria. Pois com *ele* certamente farei algum dinheiro; mas pelo resto... Perdoe-me por esta carta incoerente.

45. Trata-se de “Gente Pobre”, primeiro romance de Dostoiévski, publicado no ano seguinte a essa carta. (N. do T.)

46. Trata-se do tutor de Dostoiévski. (N. do E.)

47. A igreja ortodoxa russa de Vladimirskaia, dedicada a São João Damasceno e a Nossa Senhora de Vladimir (cidade russa), localiza-se ao lado do Mercado Vladimirski, em São Petersburgo, na praça que atualmente recebe o mesmo nome da igreja. (N. do T.)

VI. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 24 de março de 1845.

Você deve estar corroído pela impaciência por aguardar tanto tempo, querido irmão. A incerteza de minha situação impediu-me de escrever. Não posso me dar ao luxo de recusar nenhum trabalho quando apenas a incerteza bate à minha porta. Não que eu já tenha conseguido, de alguma forma, regularizar meus negócios; mas, apesar desse conturbado estado de coisas, escrevo para você, pois há muito tempo não lhe mandava sequer uma linha.

Recebi quinhentos rublos dos moscovitas. Mas tenho tantas dívidas antigas e novas que o dinheiro não foi suficiente para a impressão. Mesmo assim, não foi um grande problema. Eu podia pedir um crédito para a impressão ou ainda pagar apenas a metade das despesas da casa; mas o romance ainda não estava pronto. Eu *havia* terminado o livro em novembro, mas em dezembro decidi alterá-lo radicalmente. E assim o fiz, praticamente escrevi-o de novo; então, em fevereiro, comecei uma vez mais a mexer nele, polindo, cortando, adicionando coisas. Em meados de março eu tinha terminado, satisfeito com o meu trabalho. Mas então surgiu um novo obstáculo: o censor solicitou um mês inteiro para sua leitura; não poderia ser feito mais rapidamente. Os funcionários da Censura dizem estar abarrotados de trabalho. Eu não sabia o que fazer, e então pedi meus manuscritos de volta. Além das quatro semanas para o censor, eu devo estimar mais três semanas para a impressão. Assim, o prazo mais otimista para que o livro seja editado é maio. E isso seria tarde demais! A essa altura, as pessoas começariam a me pressionar de todos os lados para que eu mandasse o romance para o "Anais da Pátria". Teria sido uma loucura; eu certamente iria me arrepender. Em primeiro lugar, eles não iriam ler o manuscrito, ou, se lessem, não fariam isso pelo menos antes de seis meses. Eles têm muitos manuscritos na fila de espera antes de chegarem ao meu. E, se tivessem imprimido, eu não ganharia nada por ele, pois aquele jornal é uma oligarquia pura. Que me importa a fama, quando escrevo em troca do pão de cada dia? Tomei uma resolução desesperada — esperar um pouco mais, e nesse meio termo contrair novas dívidas. No início de setembro, quando todos estiverem em São Petersburgo, farejando por toda parte em busca de algo novo, eu tentarei,

com o meu último copeque — que, certamente, não será o suficiente —, editar o livro. Se eu publicá-lo em uma revista, eu ficarei sob o jugo não apenas do *maître d'hôtel*, mas de todos os serviçais e mendigos que se aglomeram onde quer que se esteja produzindo cultura. Não é mais a questão de um ditador, mas de vinte. Se eu editar o romance com o meu próprio dinheiro, eu poderei vencer por minhas próprias habilidades; e se o livro for bom, não passará despercebido — e poderá até mesmo quitar as minhas dívidas e resgatar-me da ansiedade que sinto quanto aos meios de minha subsistência.

Falemos desses meios de subsistência! Você sabe bem, querido irmão, que em relação a isso eu fui abandonado aos meus próprios recursos. Mas jurei a mim mesmo que, não importa o quão duro isso seja para mim, eu mantereí a calma e sob nenhuma circunstância irei trabalhar sob encomenda. Trabalhos feitos por encomenda iriam me oprimir e frustrar. Eu quero que cada um de meus esforços seja decididamente bom. Veja Puchkin e Gogol. Ambos escreveram pouco, mas ambos mereceram reconhecimento nacional. Gogol hoje ganha mil rublos por página impressa, enquanto Puchkin recebia, como você bem sabe, cerca de um ducado⁴⁸ por cada verso. Ambos — mas particularmente Gogol — compraram sua fama ao preço de anos de extrema pobreza. A velha escola de escritores está ruindo e a nova escola não escreve — escrevinha. O talento é universalmente desperdiçado na luta em torno de um “conceito geral”, no qual tudo o que alguém pode descobrir é uma ideia monstruosamente incompleta e um colossal esforço físico. Dificilmente há alguma obra realmente séria no mercado. Béranger⁴⁹ diz sobre os folhetinistas⁵⁰ franceses modernos que seu trabalho é como uma garrafa de Chambertin⁵¹ em um balde d'água. E nosso povo é assim também. Rafael⁵² trabalhava anos a fio em cada uma de suas pinturas, e demorava-se longamente em cada detalhe criando, as-

48. Um ducado equivalia a dois rublos e cinquenta copeques. (N. do T.)

49. Pierre Jean de Béranger (1780-1857), poeta e libretista francês. Ficou muito famoso à época por suas árias e poemas de estilo refinado e é considerado um dos pais da *chanson* francesa. (N. do T.)

50. Autores de folhetins — seções dos jornais que traziam artigos de crítica, de opinião ou prosa ficcional; neste último caso, costumavam ser narrativas seriadas que valorizavam mais a trama que o aprofundamento das personagens. O folhetim surgiu na França com o apogeu da imprensa escrita, como um suplemento à seção de Política dos jornais. Na Rússia do século XIX, foi tão cultivado quanto na França, mas adquiriu com o passar dos anos o sentido geral de texto satírico. (N. do T.)

51. Vinho tinto francês da região de Gevrey-Chambertin, conhecido como o “rei dos vinhos”. É também famoso por ter sido o favorito de Napoleão Bonaparte, que exigia um fornecimento constante da bebida mesmo durante suas campanhas militares. (N. do T.)

52. Rafael Sanzio (1483-1520), pintor e arquiteto italiano, um dos principais nomes da Renascença. É conhecido pela beleza e perfeição de suas obras. (N. do T.)

sim, obras-primas. Deuses surgiam de seus pincéis! E, hoje, Vernet⁵³ tem uma pintura pronta em um mês, e cada uma delas precisa de um espaço enorme, construído especialmente para ela. A perspectiva é grandiosa, a concepção, colossal — mas não há um coque de trabalho sério em tudo aquilo. Não são em nada melhores que o trabalho dos pintores de parede.

Estou, de fato, contente com o meu romance. É um trabalho sério e bem construído. Mas tem terríveis imperfeições também. Vê-lo publicado irá recompensar-me por todo o resto. Mas, enquanto eu ainda não tenho ideias novas, eu gostaria de escrever algo que pudesse me apresentar para o público, ou mesmo apenas pelo dinheiro; não que eu queira escrever qualquer bobagem, mas para fazer algo realmente sério eu preciso de muito tempo.

Não tardará muito, meus queridos, para que eu possa estar com vocês como tanto desejo. Mas eu não tenho os recursos, o dinheiro para isso. Decidi ficar em meu velho abrigo. Aqui eu tenho, de qualquer modo, um contrato com o senhorio e não preciso me preocupar com nada pelos próximos seis meses. É apenas uma questão de cobrir *todas* as despesas com o que vai render o meu romance. Se eu falhar nisso, enforco-me.

Eu gostaria de ter economizado pelo menos trezentos rublos até agosto. Mas os rublos fogem como caranguejos, em todas as direções. Eu tenho dívidas no valor de quatrocentos rublos (incluindo os novos gastos e as roupas); agora eu estarei decentemente vestido pelos próximos dois anos. Mas eu vou estar com vocês, de alguma forma. Escreva o quanto antes e diga o que pensa da ideia de eu ficar por aqui. É uma questão crucial. Mas, o que mais eu posso fazer?

Você diz temer um futuro sem recursos. Mas Schiller vai dar um jeito em tudo⁵⁴ e, além disso, meu romance há de render alguma coisa. Escreva logo. Na próxima carta, conto sobre a minha decisão.

PS: Mande um beijo meu para as crianças, e dê lembranças à Emilie Fiodorovna⁵⁵. Eu penso constantemente em todos vocês. Talvez interesse a você

53. Émile Jean-Horace Vernet (1789-1863), pintor francês. Seus temas eram as grandes cenas de batalhas e o cotidiano dos soldados. Foi duramente criticado por seus contemporâneos pela rapidez com que concluía suas obras. O poeta francês Charles Baudelaire escreveu, em 1846, sobre sua pintura: "O senhor Horace Vernet é um militar que faz pintura. Eu odeio essa arte improvisada ao rufar do tambor, essas telas borradas num galope, essa pintura fabricada com tiros de pistola(...)". (N. do T.)

54. À época desta carta, Mikhail trabalhava na tradução do drama "Os Ladrões", com a colaboração de Dostoiévski. Desde 1840, os irmãos tinham um projeto de traduzir e publicar as obras completas de Schiller. Nos anos posteriores, Mikhail publicaria ainda uma tradução do "Dom Carlos", feita também com o auxílio do irmão. (N. do T.)

55. Esposa de seu irmão Mikhail. (N. do E.)

saber o que eu faço quando eu não estou escrevendo — bem, eu leio. Eu leio muito, e isso tem um curioso efeito em mim. Quando eu releio alguma coisa que eu li há alguns anos, sinto energias renovadas em mim. Consigo penetrar no coração do livro, compreendê-lo todo, e disso extrair autoconfiança. Sobre dramaturgia, eu não quero saber nada. Para escrever um drama eu precisaria de anos de dedicação e estudo. No entanto, é muito fácil escrever peças teatrais hoje em dia; o drama parece mais um melodrama. Shakespeare desaparece na bruma. Ele ganha ares, em meio à fumaça do nosso empobrecido drama moderno, de um deus, ou de um espectro de Brocken⁵⁶. Ainda assim, eu tentarei escrever um drama no verão, talvez. Esperemos, quem sabe, uns dois ou mesmo três anos! Meu irmão: em termos literários, não sou mais a mesma pessoa que era há uns dois anos, quando tudo era infantilidade e tolice. Esses dois anos de estudo obstinado tiraram muito de mim — e trouxeram muito para mim também.

Li no “Inválido”⁵⁷ recentemente o *folhetim* sobre os escritores alemães que morreram de fome, frio ou em manicômios. Eram vinte ao todo — e que nomes! Até agora sinto calafrios. É melhor ser um charlatão, com certeza...

VII. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 4 de maio de 1845.

Querido irmão,

Perdoe-me por não ter escrito antes. Estou tendo, como de costume, um monte de aborrecimentos para resolver. Meu romance, do qual simplesmente não consigo fugir, mantém-me eternamente trabalhando. Se eu soubesse de antemão como seria isso, eu jamais teria começado a escrevê-lo. Decidi refazê-lo totalmente e, meu Deus, como isso fez o texto melhorar. Agora dei por terminado uma vez mais, e essa revisão será, de fato, a última. Jurei para mim mesmo que não vou mais tocar nele. Afinal, é o destino de todo o primeiro livro ser al-

56. O “espectro de Brocken” é um fenômeno atmosférico que consiste em observar-se, no cimo de uma montanha, a própria imagem projetada nas camadas mais densas de um nevoeiro, causando a impressão de uma aparição fantasmagórica cuja cabeça está envolvida em um halo de luz multicolorido. O nome advém da ocorrência desse fenômeno no monte Brocken, nas montanhas de Harz, na Alemanha — que desde a antiguidade é conhecido como o “altar dos feiticeiros”, pois ali haveria um culto pagão de adoração a tais aparições espectrais. (N. do T.)

57. O *Ruski Invalid* era um periódico fundado em 1813 cujo dinheiro arrecadado com as vendas era revertido para o amparo de soldados feridos na guerra, viúvas e órfãos. Circulou até 1917. (N. do T.)

terado e alterado diversas vezes. Eu não sei se o “Atala”, de Chateaubriand, foi o primeiro livro desse autor, mas sei que ele o reescreveu dezessete vezes⁵⁸. Puchkin fez o mesmo com poemas bem curtos. Gogol costumava depurar suas maravilhosas obras por dois anos, e se você leu o “Jornada Sentimental”, aquele engenhoso livro de Sterne⁵⁹, vai recordar o que Walter Scott⁶⁰, em seu artigo sobre Sterne, menciona das memórias de La Fleur, criado de Sterne. La Fleur declarou que seu mestre enchera cerca de cinco mil páginas com a descrição de sua jornada pela França. Agora pergunto a você, o que foi feito com todo esse papel? O resultado foi um pequeno livro que, escrito por uma pessoa parcimoniosa (como, por exemplo, Pliushkin⁶¹), teria gasto não mais que umas doze folhas de papel⁶². Eu não consigo compreender como o mesmo Scott podia produzir aquelas obras tão bem acabadas, como “Mannering”⁶³, em poucas semanas. Talvez porque à época ele já tivesse quarenta anos.

Eu sequer suspeito, meu irmão, o que será de mim! Você me julga erroneamente quando diz que minha situação não me perturba nem um pouco. Ela aterroiza-me, e muitas vezes não consigo dormir por noites e noites por conta de meus pensamentos atormentados. Algumas pessoas de conhecimento no mercado dizem que eu irei fracassar se publicar meu romance como um livro. Eles admitem que seria um ótimo livro, mas dizem que eu não sou um homem de negócios... e que os editores são usurários; que irão me roubar de qualquer jeito, e eu, tão certo como a morte, não terei como reagir a isso.

58. De fato, “Atala” foi o primeiro romance escrito por Chateaubriand, em 1801. A história é um épico que se passa na Louisiana à época dos primeiros contatos entre franceses e nativos. O livro de Chateaubriand teve forte influência nos escritores indigenistas brasileiros, notadamente José de Alencar e Gonçalves Dias. (N. do T.)

59. Laurence Sterne (1713-1768), escritor irlandês. É mais conhecido por seu romance “A Vida e as Opiniões do Cavalheiro Tristan Shandy” (1759), considerado um dos grandes romances cômicos em língua inglesa e visto por alguns como o precursor de estratégias narrativas que seriam mais desenvolvidas no século seguinte, como o fluxo de consciência. Machado de Assis teria sido inspirado por esse livro na composição de seu “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. “Jornada Sentimental pela França e Itália” (1768) baseia-se nas viagens do autor pela Europa por conta da tuberculose que o levaria à morte naquele mesmo ano. Esse livro tornou-se muito popular no continente europeu e influenciou a expansão do gênero narrativa de viagem na segunda metade do século XVIII. (N. do T.)

60. Walter Scott (1771-1832), escritor escocês, considerado o pai do romance histórico e primeiro escritor em língua inglesa a ter sua obra reconhecida internacionalmente ainda em vida.

61. Personagem do livro “Almas Mortas”, de Gogol. É tido como um símbolo da avareza, sentido ao qual Dostoiévski aqui se refere. Na Rússia contemporânea, o termo tornou-se também um adjetivo para qualificar os que têm mania de guardar itens sem valor — não raro é também associado à *disposofobia*, o medo patológico de desfazer das coisas. (N. do T.)

62. Dostoiévski usava “folha de papel de anotação” como padrão para quantificar seus escritos; atualmente, tais números são imprecisos, pois uma folha de anotação podia conter uma grande quantidade de texto escrito na caligrafia miúda do autor. (N. do T.)

63. “Guy Mannering” (1815), que no original recebeu o subtítulo “O astrólogo”, publicada anonimamente por Walter Scott. O livro foi um sucesso imediato, vendendo em um único dia sua primeira edição completa e motivando o escritor a assumir sua autoria em edições posteriores.

Por essa razão decidi publicar o romance em um periódico — por exemplo, o “Anais da Pátria”. Ele tem uma tiragem de duas mil e quinhentas cópias; logo, é lido por pelo menos cem mil pessoas. Se eu autorizar a publicação nesse jornal, minha carreira literária e toda a minha vida futura estarão asseguradas. Posso até mesmo construir minha fortuna a partir disso. E então ganharei um espaço no jornal e sempre terei dinheiro; e se meu romance for publicado nas edições de agosto e setembro, poderei editá-lo como livro, por minha conta, em outubro, e isso com a previsão segura de que todos os que leem romances irão comprá-lo. Além do mais, a propaganda não irá me custar nada. Bem, assim as coisas se arranjam!

Até que eu tenha conseguido a publicação do romance, não poderei ir a Reval⁶⁴; não quero perder meu tempo com nada mais. Não posso mais me encolher diante de qualquer quantidade de trabalho duro. Além disso, tenho um monte de ideias novas que irão me dar um nome na literatura assim que meu primeiro livro tiver aberto um caminho para mim. Essas são, em poucas palavras, minha única visão de futuro.

Mas quanto ao dinheiro, eu não tenho nenhum, ai de mim! O demônio sabe para onde ele foi... Mas, de qualquer maneira, eu tenho poucas dívidas... Uma vez eu tenha publicado o romance, será fácil conseguir também espaço para a sua tradução de Schiller, tão certo quanto a minha vida! “O Judeu Errante” não é ruim. Mas Sue me parece ser de alcance limitado⁶⁵.

Não gosto de falar nisso, querido irmão, mas a sua situação e o destino de seu Schiller preocupam-me tanto que eu até me esqueço de minha própria ansiedade. E ela não está me deixando sossegado ultimamente.

Se eu não puder publicar o romance, eu provavelmente irei me afogar no Neva⁶⁶. O que mais *devo* fazer? Tenho pensado em cada pequeno detalhe. Não sobreviveria à morte de minha ideia fixa.

Escreva-me assim que puder, pois estou cansado de mim mesmo.

64. Atual Tallinn, capital da Estônia. Mikhail viveu ali entre 1830 e 1847, e nesse período Dostoiévski teria visitado a cidade algumas vezes. À época do Império Russo, Reval pertencia à *gubernia* (ou província) russa da Estônia. (N. do T.)

65. Eugene Sue (1804-1857), escritor francês. Seu “O Judeu Errante” (1845) é um romance que conta a história de Ahasverus, um sapateiro judeu que teria se recusado a auxiliar o Cristo no momento da crucificação e que, por isso, teria sido condenado à vagar pelo mundo por toda a eternidade. (N. do T.)

66. Rio que corta a cidade de São Petersburgo. (N. do T.)

VIII. Carta ao seu irmão Mikhail: Petersburgo, 8 de outubro de 1845.

Querido irmão,

Até agora não tive tempo ou espírito para escrever para você sobre meus problemas. Tudo era repugnante e odioso, e o mundo inteiro parecia um deserto. Em primeiro lugar, eu estive sem dinheiro por todo esse tempo, e vivi de crédito, o que é muito desagradável, meu querido e único amigo. Além disso, eu estava naquele estado de espírito deplorável no qual se perde a coragem, ainda que não se caia na indiferença entorpecida — ao contrário, o que é muito pior, pensa-se muito e a todo o momento sobre si mesmo, e de forma incontrolavelmente enfurecida.

No início desse mês, Nekrassov⁶⁷ veio até mim e pagou-me parte de sua dívida; o resto devo receber em alguns dias. Preciso lhe contar, meu irmão, que Bielinski⁶⁸ me deu, há duas semanas, uma abrangente lição de como viver no mundo literário. Para concluir, disse-me que, por tudo que me é sagrado, não devo pedir menos que duzentos rublos por página impressa. Nesse caso, meu “O Duplo”⁶⁹ renderia pelo menos mil e quinhentos rublos. Nekrasov, que estava evidentemente com a consciência pesada, antecipou-se a ele e prometeu-me para 15 de janeiro mais cem rublos por meu “Gente Pobre”, o qual ele comprou de mim. Sinto-me obrigado a dizer que o pagamento de cento e cinquenta rublos era, de fato, pouco cristão, e por isso ele acrescentou os cem rublos.

Tudo isso é, de fato, muito bom. Mas é muito desagradável não ter recebido do censor uma palavra sequer sobre “Gente Pobre”. Eles sequestraram aquele honesto romance e não sei o que vai acontecer com ele. Suponhamos que eles proibam a sua impressão? Ou deturpem cada palavra dele? Será uma verdadeira calamidade! Nekrassov disse-me, também, que não será possível publicar seu Almanaque no prazo previsto, e que aquele trabalho já lhe custou quatro mil rublos.

67. Nikolai Alekseiévitch Nekrassov (1821-1878), poeta, crítico e editor russo. Em 1847, assumiu a revista literária *O Contemporâneo*. (N. do T.)

68. Vissarion Bielinski (1811-1848), o mais importante crítico literário à época de Dostoiévski. Nekrasov foi quem apresentou a Bielinski os manuscritos de “Gente Pobre”, abrindo, assim, as portas do mundo literário para Dostoiévski. (N. do T.)

69. No original, Dostoiévski chama de Голядкин (“Goliadkin”), nome do protagonista, a novela cujo título final seria Двойник (“O Duplo”) (1846). Usamos este último para mais fácil associação com os comentários feitos em cartas posteriores. (N. do T.)

Iakov Petrovitch Goliadkin⁷⁰ é um canalha! Ele é um completo desonesto, e eu decididamente não o tolero. Ele não moverá uma palha, pois afirma sempre não estar preparado, que até hoje ele não disse ao que veio, mas *poderia*, se fosse necessário, mostrar seu verdadeiro caráter; então, por que não mostra? E além do mais, diz ele, ele não é pior que os demais. E que importância ele dá ao meu tormento? Ah, que terrível canalha! De forma alguma ele poderá dar fim à sua carreira antes de meados de novembro. Ele já teve uma conversa com Sua Excelência, e não é avesso à ideia de pedir as contas — o que, de fato, ele deverá fazer. Quanto a mim, seu pobre autor — ele coloca-me em maus lençóis.

Tenho ido sempre à casa de Bielisnki. Ele é muito afetuoso, vendo em mim uma vingança de seus pontos de vista para com o público. Ultimamente, tenho feito contato com Kroneberg, o tradutor de Shakespeare (ele é filho do velho professor de Kharkov)⁷¹. Meu futuro — e certamente meu futuro imediato — deve definir-se por si só, de todo e muito favoravelmente, mas também pode vir a ser terrivelmente o oposto disso. Bielisnki implora para que eu termine o meu “O Duplo”. Ele já espalhou a fama daquele romance por todo o mundo literário, e quase o vendeu para Kraievski⁷². Metade de São Petersburgo está falando de “Gente Pobre”. Um elogio de Grigorovitch⁷³ tem peso, e ele me disse outro dia: “*Je suis votre claqueur-chauffeur*”⁷⁴.

Nekrassov é inventivo por natureza. É parte do seu ser — ele nasceu assim. Logo que chegou aqui, veio conversar comigo uma noite dessas e detalhou seu projeto para um pequeno almanaque pelo qual toda a comunidade literária adoraria trabalhar; mas, à frente da equipe editorial, estaremos apenas eu, Grigorovitch e Nekrassov. Ele assumirá os riscos financeiros. O almanaque consistirá em duas folhas e sairá de quinze em quinze dias — nos dias 7 e 21

70. Personagem de “O Duplo” — um funcionário público inescrupuloso que um dia encontra-se com um homem idêntico a ele, com o qual constrói uma amizade que será sua ruína futura; seu “duplo” fará com que ele, entre outras coisas, perca o seu lugar na repartição onde trabalha. (N. do T.)

71. Dostoiévski refere-se a Andrei Kroneberg, que em 1844 traduziu *Hamlet* para o russo. Seu pai, Ivan Kroneberg (1788-1838), foi o autor do primeiro estudo publicado na Rússia sobre *Macbeth*. Kharkov é uma cidade da Ucrânia, primeira capital do país durante o regime soviético. (N. do T.)

72. Editor do “Anais da Pátria”. (N. do E.)

73. Dmitri Vassilievitch Grigorovich (1822-1899), escritor e crítico literário russo. Foi colega de Dostoiévski na Escola Militar de Engenharia. (N. do T.)

74. *Claqueur* é palavra francesa que significa membro de uma claque, ou seja, de um grupo de pessoas contratadas — geralmente pelo próprio autor ou diretor — para aplaudir uma peça de teatro ou uma ópera. A prática era comum na França e tornou-se regular a partir de 1830, quando surgiu a primeira agência de contratação de *claqueurs*. Portanto, a frase de Grigorovich, “sou seu principal *claqueur*”, é bastante elogiosa. (N. do T.)

de cada mês. Será chamado “O Zombador”⁷⁵. A intenção é ridicularizar e rir de tudo sem compaixão — do teatro, dos jornais, da sociedade, da literatura, dos acontecimentos cotidianos, das exposições, das notícias do país e do mundo — em poucas palavras, de todas as coisas; tudo deverá ser feito dentro de um único espírito e uma única tendência. O primeiro número deve aparecer no dia 7 de novembro. Está maravilhosamente editado. A princípio, deverá ter também ilustrações. Como epígrafe, tomamos as famosas palavras do Bulgarin no seu folhetim no “A abelha do norte”⁷⁶: “Estamos prontos para morrer pela verdade, pois não podemos viver sem a verdade”, etc. Sob a frase, colocaremos a assinatura de Faddey Bulgarin⁷⁷. O prospecto, que aparecerá no dia primeiro de novembro, terá o mesmo lema. O primeiro número conterá as seguintes contribuições: uma espécie de “boas vindas” de Nekrassov, “Sobre a mediocridade de certos petersburguenses” (tratando, claro, de alguns acontecimentos muito recentes); um romance “futuro” de Eugène Sue, “Os Sete Pecados Mortais” (ele todo não terá mais que três páginas); uma resenha de todos os jornais; uma palestra de Chevirev⁷⁸, sobre os versos de Puchkin, os quais, segundo ele, “são tão harmônicos” que, uma vez, estando o próprio Chevirev no Coliseu de Roma, em companhia de algumas senhoras, ao recitar algumas estrofes, “todos os sapos e lagartos que ali residiam vieram arrastando-se para ouvir as maravilhosas estrofes” (Chevirev disse essas palavras na Universidade de Moscou). Depois, virá uma reportagem sobre a última reunião da Sociedade dos Eslavófilos⁷⁹, na qual foi solenemente comprovado que Adão era eslavo e viveu na Rússia; será ressaltado o quão importante e útil o estabelecimento dessa questão para o bem estar de toda a nação russa. Na seção de arte, nosso “O Zombador” irá declarar-se afinado com as ideias do “Ilustrações”, de

75. Em russo: Зубоскал (“Suboskal”). (N. do E.)

76. O jornal *Северной пчелы* (“*Severnói Pchel*”) era um dos periódicos com o maior número de assinantes em São Petersburgo na década de 1830 e 1840. Era publicado três vezes por semana. (N. do T.)

77. Faddey Bulgarin (1789-1859), jornalista sob o qual recaíam acusações de ser informante da polícia, delator e agente secreto. (N. do T.)

78. Stepan Petrovitch Chevirev (1806-1864), professor de Literatura Russa na Universidade de Moscou. Tinha conexões com os eslavófilos. Como professor, era acusado por seus opositores de misturar fatos e hipóteses para os quais costumava dar o mesmo peso dogmático. (N. do T.)

79. Os *eslavófilos* formavam um movimento político-filosófico que pregava o retorno dos russos a uma tradição pré-petrista — anterior a Pedro, o Grande e, assim sendo, ligada à Igreja Ortodoxa que, segundo os seus partidários, não teria sido contaminada pelo racionalismo Greco-latino como as igrejas católica e protestante. O movimento, que estabelecia a superioridade da raça eslava e incentivava a união de todos os povos eslavos — pan-eslavismo —, tomou força na segunda metade do século XIX e foi base para a futura União Soviética justificar suas futuras ações expansionistas pelo leste europeu. (N. do T.)

Kukolnik⁸⁰, e chamará a atenção em particular para uma passagem daquele jornal no qual as letras e palavras foram impressas de cabeça para baixo e na ordem errada — é notório que o “Ilustrações”⁸¹ é tão mal editado e revisado que letras embaralhadas e palavras sobrepondo-se às outras são ocorrências muito normais. Grigorovitch vai escrever a “Crônica da Semana” e irritar as pessoas com as “coisas que ele viu”. Eu devo escrever as “Observações de um Valete sobre o seu Senhor”. O jornal será, como você pode ver, altamente divertido — algo no estilo do “Guêpes” de Alfonse Karr⁸². A ideia é ofuscante, pois renderá, somente para mim, na pior das estimativas, entre cem e cento e cinquenta rublos por mês. O jornal será um sucesso⁸³. Nekrassov irá escrever alguns versos também.

Bem, até breve. Em outra ocasião, escreverei mais. No momento, estou terrivelmente ocupado, como você agora sabe. Aliás, escrevi toda esta carta para você, e você é incapaz de escrever meia linha para mim que não seja em resposta a uma carta minha. Você é muito preguiçoso, um *fietiuk*, simplesmente um *fietiuk*⁸⁴!

Por nenhum motivo deixe de ler “Teverino” (escrito por George Sand⁸⁵, publicado no “Anais da Pátria” em outubro). Não há nada igual a esse trabalho em nosso século. Ele traz arquétipos absolutos do caráter humano.

Até breve, querido amigo. As crianças estão bem de saúde? Escreva-me com mais vagar contando tudo.

P.S.: Estou gradualmente traduzindo Schiller, ainda que seja impossível dizer quando poderemos editá-lo.

80. Nestor Vassilievich Kukolnik (1809-1868), escritor, dramaturgo e crítico de arte. Foi um poeta bastante popular no início de sua carreira, mas seu trabalho foi posteriormente relegado ao ostracismo. A *Khudozhestvennaia gazeta* (1838-1842), uma revista de artes fundada por ele, foi referência à época. (N. do T.)

81. Em russo: Иллюстрации (“*Illiustratsii*”). (N. do T.)

82. O *Les Guêpes* (1839-1846) era o jornal satírico fundado pelo escritor e jornalista francês Jean-Batiste Alphonse Karr. (N. do T.)

83. Em verdade, o *Suboskal* foi proibido pela censura e jamais lançado. Nekrassov usaria, posteriormente, parte do material produzido para o primeiro número em outro projeto, seu almanaque intitulado Первое апреля (“Primeiro de Abril”). (N. do T.)

84. No original, Феиук; Dostoiévski faz uma brincadeira com o irmão a partir do uso desse epíteto por Gogol em uma cena do romance “Almas Mortas”. O termo, ofensivo para os homens, vem da palavra фиты (em russo, a letra grega Θ — *Teta*); alguns russos à época tinham preconceito com nomes iniciados com essa letra. Optamos por usá-lo transliterado no texto. (N. do T.)

IX. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 16 de novembro de 1845.

Querido irmão,

Escrevo às pressas, pois meu tempo é curto. “O Duplo” ainda não está pronto, mas eu decididamente *preciso* terminá-lo antes do dia 25. Faz tanto tempo que não me escreve que estou preocupado com você. Escreva com mais frequência; o que você diz sobre falta de tempo é um absurdo. É realmente necessário tanto tempo assim para escrever uma carta? A vida provinciana e seu eterno marasmo estão simplesmente arruinando você, meu querido amigo — eis a razão.

Bem, meu irmão, creio que minha fama está agora em seu mais pleno florescer. Em todo lugar aonde vou, deparo-me com mostras de surpreendente consideração e enorme interesse. Tenho conhecido muitas pessoas importantes. O Príncipe Odoievski⁸⁶ implora que eu o honre com uma visita, e o Conde Sollogub⁸⁷ arranca os cabelos em desespero. Panaiev⁸⁸ disse-lhe que um novo gênio havia surgido, e que varreria todos os demais. Sollogub ficou transtornado e, aproximando-se de Kraievski, perguntou-lhe sem rodeios: “Quem é Dostoiévski? Onde posso encontrar Dostoiévski?” Kraievski, que não tem respeito algum pelas pessoas e esnoba a todos, respondeu-lhe: “Dostoiévski não estará de modo algum disposto a lhe dar a honra e o prazer de sua companhia”. Foi o que bastou para que agora o jovem aristocrata se faça de superior e queira esmagar-me com sua graciosa condescendência. Todos olham para mim como

85. Pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin (1804-1876), escritora francesa. Foi talvez a primeira romancista francesa a ganhar notoriedade na Europa, causou furor à época por seu comportamento extravagante, ao vestir-se com trajes masculinos e fumar em público. Teve relacionamentos amorosos com diversos intelectuais de seu tempo, como os escritores Prosper Mérimée e Alfred de Musset e o compositor polonês Frédéric Chopin. “Teverino” (1845) foi o vigésimo-primeiro de trinta e oito romances escritos por Sand. No romance de Dostoiévski “Os Demônios” (1872), um dos personagens, Stiepan Verkhovenski, traduz e publica em seu periódico textos de George Sand. (N. do T.)

86. Vladimir Fiodorovich Odoievski (1803-1869), filósofo, escritor e crítico russo. Ficou conhecido por seus contos fantásticos e era chamado de o “Hoffmann russo”. (N. do T.)

87. Vladimir Aleksandrovich Sollogub (1813-1882), escritor russo. Tinha livre trânsito pelo meio literário e musical de São Petersburgo e mantinha em sua casa disputados saraus. Hoje considerado um escritor menor no panorama da literatura russa, é mais recordado como o libretista da ópera “Ondine” (1869), baseada no drama “Undine”, de Friedrich de La Motte Fouqué e com música de Tchaikovski. A ópera nunca foi apresentada em sua totalidade e dela restaram apenas alguns excertos — o compositor, insatisfeito com seu trabalho, destruiu os originais da ópera um ano depois de concluída. (N. do T.)

88. Ivan Ivanovitch Panaiev (1812-1862), escritor e jornalista russo, hoje recordado por conta de suas memórias, nas quais comenta o panorama literário da Rússia dos anos 1830 e 1840. Foi co-editor, juntamente com Nekrasov, do jornal *O Contemporâneo* (1847-1862). (N. do T.)

a maravilha do mundo. Não posso sequer abrir a boca sem que por toda a parte ressoe o que Dostoiévski disse, o que Dostoiévski pretende fazer. Bielinski amarece incondicionalmente. O escritor Turgueniev⁸⁹ — certamente ouviu falar dele —, que acaba de regressar de Paris, foi desde o princípio bastante amigável, e Bielinski diz que Turgueniev encantou-se comigo. Turgueniev é realmente uma pessoa esplêndida! Eu *quase* me encantei também por *ele*. Um escritor bastante talentoso, um aristocrata, belo, rico, inteligente, culto e de apenas vinte e cinco anos de idade — realmente não sei o que mais ele poderia desejar do destino. Além disso, ele tem uma natureza extraordinariamente fina, bem disciplinada e correta. Leia o seu “Andrei Kolossov” no “Anais da Pátria”. O herói é ele mesmo, embora ele não tenha a intenção de expor a sua própria figura⁹⁰.

Ainda não estou rico, mas não posso reclamar da falta de dinheiro. Ultimamente andei sem recursos; Nekrassov surgiu então com a ideia de publicar aquele atrativo almanaque humorístico, “O Zombador”, e eu escrevi o prospecto. Causou-me uma ótima impressão, pois é a primeira tentativa de se escrever algo dessa forma leve e divertida. Lembra-me os primeiros folhetins de Lucien de Rubempré⁹¹. O prospecto já apareceu no “Anais da Pátria” e em outro jornal. Ganhei vinte rublos pelo trabalho. Um dia desses, quando fiquei sem um copeque sequer no bolso, fui até Nekrassov. Quando estava sentado com ele, veio-me repentinamente a ideia de escrever um romance em nove cartas. Assim que cheguei à casa, escrevi-o em uma noite: gastei umas doze páginas. Na manhã seguinte, entreguei-o a Nekrassov e recebi 125 rublos por ela, ou seja, “O Zombador” está me pagando cerca de mil rublos a cada cem folhas escritas. À noite, meu romance foi lido em voz alta no nosso círculo literário, na casa de Turgueniev — ou seja, para cerca de vinte pessoas, e foi um sucesso colossal⁹². Vai ser publicado no primeiro número de “O Zombador” e então você me dirá se ele é pior que, digamos, “O Capote” de Gogol. Enviarei um exemplar para você no dia primeiro de dezembro. Bielinski disse que agora

89. Ivan Sergeievitch Turgueniev (1818-1883), dramaturgo e escritor russo. Sua obra mais famosa é “Pais e Filhos” (1862). (N. do T.)

90. Tais relações de simpatia perduraram pouco. Dostoiévski tornou-se crítico ardoroso da “ocidentalização” de sua literatura. O escritor Karmazinov, personagem de “Os Demônios”, é uma caricatura de Turgueniev e seu distanciamento da Rússia. (N. do T.)

91. Personagem de “Ilusões Perdidas”, de Balzac. Trata-se de um ingênuo poeta provinciano que almeja a glória na capital francesa. (N. do T.)

92. Trata-se de “Um Romance em Nove Cartas”(1847). (N. do T.)

está seguro sobre o meu talento, pois tenho a capacidade de abordar os mais diversos assuntos. Quando Kraievski ouviu dizer recentemente que eu estava sem dinheiro, implorou-me humildemente para que eu aceitasse um empréstimo de quinhentos rublos. Creio que vou aceitar escrever para ele por oitocentos rublos a cada cem folhas.

Tenho um monte de ideias novas — e se eu contar qualquer uma delas para alguém, digamos Turgueniev, na manhã seguinte já correrá o rumor por São Petersburgo que Dostoiévski está escrevendo sobre isso ou aquilo. De fato, meu irmão, se eu fosse contar a você todos os meus triunfos, este papel não seria suficiente. Creio que em breve terei muito dinheiro. “O Duplo” floresce a olhos vistos: será minha obra-prima. Ontem estava na casa de Panaiev pela primeira vez e tive a impressão de estar apaixonado por sua esposa. Ela é inteligente e bela, amável e surpreendentemente franca. Tenho me divertido muito. Nosso círculo literário é bastante extenso. Mas estou escrevendo muito sobre mim mesmo — perdoe-me, meu amigo; confesso a você que a fama tem me intoxicado. Com minha próxima carta, enviarei “O Zombador”. Belisnki diz que eu estou profanando a mim mesmo ao participar de uma iniciativa como essa.

Até breve, meu amigo, desejo a você sorte, e dou meus parabéns por sua promoção. Beijo as mãos de sua Emilie Fiodorovna e mande meu abraço aos seus filhos. Como estão todos?

Seu,

Dostoiévski

P.S.: Belinski está protegendo-me dos editores. Reli esta carta e cheguei a duas conclusões: sou um iletrado, escrevo muito mal; sou um vaidoso.

Até breve. Pelo amor de Deus, escreva.

Nosso Schiller será publicado de qualquer maneira. Bielinski louva a iniciativa de publicação das obras completas. Creio que é o momento de negociar o trabalho — talvez com Nekrassov. Até mais.

Todas as Minnas, Claras, Mariannas, etc., são belíssimas, mas custam um bocado de dinheiro. Turgueniev e Bielinski recentemente me deram um sermão sobre minha vida desordeira. Esses senhores realmente não sabem a melhor maneira de me provar sua afeição — todos estão encantados por mim.

X. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 1º de fevereiro de 1846.

Caro irmão,

Para começar, não fique com raiva de mim por não ter escrito por todo esse tempo. Juro por Deus que não tive tempo, como agora irei mostrar. Fui impedido, sobretudo, por aquele malandro do “Goliadkin”, do qual não me livrei antes do dia 28. É assustador! E é sempre assim quando alguém promete alguma coisa para si mesmo. Eu pretendia terminá-lo em agosto, mas tive que suportar até fevereiro. Agora, envio o almanaque. “Gente Pobre” foi publicado no dia 15. Se você soubesse, meu irmão, da forma amarga que o livro tem sido criticado! A crítica no “Ilustrações” mais pareceu uma maldição.⁹³ A resenha do “Abelha do Norte” é igualmente infernal; mas devo ter em mente a forma como Gogol foi recebido pela crítica, e ambos sabemos das coisas que escreveram sobre Puchkin. Até mesmo o público está furioso: três quartos dos meus leitores criticam e um quarto deles (talvez menos) louva o livro além da conta. É o assunto de discussões sem fim. Eles criticam, criticam, criticam — ainda assim, o leem. (O almanaque custou muito caro. A esperança é que a primeira edição se esgote em menos de quinze dias.) E foi o mesmo com Gogol. Criticaram, criticaram, mas leram. Agora se reconciliaram com ele e o admiram. Lancei uma isca, deixe que eles se debatam sobre ela — tolos! Não fazem mais que me dar mais fama. O artigo no “Abelha do Norte” é uma desgraça para o seu crítico: é estúpido, além da conta! Mas daí, os elogios que recebo, meu irmão! Imagine que todo o nosso círculo, sobretudo Belinski, acha que eu superei, de longe, Gogol. Na “Biblioteca para a leitura”⁹⁴, em que as críticas são escritas por Nikitenko⁹⁵, deverá sair um longo e favorável artigo sobre “Gente Pobre”. Bielinski lançará seu clamor pelo livro em março. Odoievski devotará todo seu artigo apenas ao “Gente Pobre”; meu amigo Sollogub fará

93. O autor da resenha, anônimo, disse que o romance “não tinha forma e era todo baseado em detalhes cansativamente monótonos”. Ridicularizando a obra — em parte, buscando atingir o editor, Nekrassov —, o artigo ridiculariza o livro de Dostoiévski, o qual compara com um “jantar inteiramente constituído de ervilhas”. (N. do T.)

94. Revista literária que funcionou em São Petersburgo entre os anos de 1834 e 1856. (N. do T.)

95. Aleksandr Vasilievitch Nikitenko (1803-1877), professor de Literatura na Universidade de São Petersburgo, crítico literário e membro do Comitê Censor entre 1833 e 1848. Curiosamente, Nikitenko aplaudiu o cerne do romance, seu caráter de análise social, mas viu em Dostoiévski certa prolixidade e condenou “Gente Pobre” pelo que chamou de “excesso de descrições banais” (N. do T.)

o mesmo. Como você vê, estou convivendo na alta sociedade e em três meses vou lhe contar pessoalmente todas as minhas experiências.

Nosso público, como a multidão em qualquer parte, tem instintos, mas nada de gosto. Não conseguem compreender como alguém pode escrever naquele estilo. Estão acostumados a serem tratados, a cada palavra, com as manias e modismos do autor. Escolhi não mostrar os meus. Eles não percebem que este ou aquele ponto de vista é expresso por Dievuchkin, não por mim, e que ele não poderia se expressar de outro modo⁹⁶. Achem o livro muito longo e, no entanto, não há uma só palavra ali que seja supérflua. Muitos, como Bielinski, acham muito original a minha forma de proceder pela análise e não pela síntese — ou seja, vou às profundezas, busco os átomos e com eles construo o todo. Gogol sempre escreve partindo do todo, e por isso nunca vai tão profundamente como eu. Quando você ler o meu livro, vai ver por si só. Tenho um futuro brilhante pela frente! Hoje meu “O Duplo” começou a ser publicado. Há quatro dias eu ainda trabalhava nele. Ele virá em onze páginas do “Anais da Pátria”. “O Duplo” é dez vezes melhor que “Gente Pobre”. Nosso grupo diz que não surgiu nada igual na Rússia desde “Almas Mortas” e que isso é um feito brilhante; eles dizem até mais. Com que esperanças eles olham para mim! “O Duplo” realmente ficou bom. O “Anais da Pátria” chega aí nessa parte do mundo? Não estou certo se Kraievski irá me dar uma cópia de graça.

Não escrevo para você há muito tempo, caro irmão, e realmente não sei mais o que contei para você na minha última carta. Tanta coisa aconteceu desde então! Em breve, nós estaremos juntos. No verão eu irei certamente estar com vocês, meus amigos, e irei aproveitar para escrever muito. Tenho ideias; e estou escrevendo agora, também.

Por “O Duplo” recebi exatos seiscentos rublos. E tenho feito muito dinheiro, tanto que desde a última vez que estivemos juntos eu já capitalizei mais de três mil rublos. Vivo uma vida desordenada, a verdade é essa! [...] ⁹⁷ Escreva-me, pelo amor de Deus. Conte-me se gostou de “Gente pobre”. Mande lembranças para Emilie Fiodorovna e um beijo para as crianças.

96. Makar Alexievitch Dievuchkin é o protagonista de “Gente Pobre”, romance epistolar que fala de seu amor impossível pela jovem Barbara Alekseievna Dobroselova. O pobre escrivão vende todos os seus bens para salvar a moça que é, contudo, entregue em um casamento de conveniência a um proprietário de terras. (N. do T.)

97. Omite-se um longo trecho em que Dostoiévski comunica sua mudança, descreve a nova casa e dá seu novo endereço ao irmão. (N. do E.)

Estive apaixonado pela esposa de Panaiev, mas passou, ainda que siga pensando nela. Minha saúde está terrivelmente abalada. Estou neurótico e temo ficar febril a qualquer momento. Não consigo viver decentemente, sou um dissoluto. Se não conseguir me banhar no mar durante o verão, serei um desgraçado. Adeus. Por favor, escreva. Perdoe-me por essa carta desajeitada. Eu estou com pressa. Um beijo, meu irmão.

Seu, Dostoiévski

P.S.: Desculpe-me por não enviar nada para você agora. Levarei no verão. Tenho presentes para todos vocês. Passaremos um ótimo verão juntos. Não estarei rico até lá, mas terei entre oitocentos e mil rublos para gastar, assim espero. Para o verão, deve ser o bastante.

Vera casou-se. Você sabia disso?⁹⁸

XI. Carta ao seu irmão Mikhail: Petersburgo, 1º de abril de 1846.

Querido irmão,

[...] ⁹⁹ Você me repreende, não é, por não ter escrito por tanto tempo? Mas faço minhas as palavras de Gogolev Propischin: “Cartas são um absurdo; apenas farmacêuticos escrevem cartas” ¹⁰⁰. O que eu teria escrito para você? Se eu tivesse contado tudo o que eu tinha para contar, teria escrito em vários volumes. A cada dia surgem tantas novidades, tantas mudanças e impressões, coisas boas e agradáveis, outras desvantajosas e desagradáveis, que não tenho tempo para refletir sobre elas. Em primeiro lugar, estou sempre ocupado. Tenho montes de ideias e escrevo incessantemente. Mas não pense que para mim isso seja um mar de rosas. Longe disso. Para começar, gastei uma enorme quantidade de dinheiro — para ser exato, 4.500 rublos — desde a última vez que nos vimos, e mais 1.000 para as despesas da casa. Com a minha habilidade para a economia que você tão bem conhece, estou outra vez sem um copeque sequer.

98. Vera Mikhailovna, irmã de Dostoiévski, casou-se em 7 de janeiro de 1846. (N. do T.)

99. Omite-se aqui um trecho da carta no qual Dostoiévski discorre sobre algumas incumbências dadas anteriormente pelo irmão. (N. do T.)

100. Fala de um personagem de “Diário de um louco”, de Gogol. (N. do T.)

Mas isso não tem qualquer importância. Minha fama atingiu o ponto mais alto. No decorrer de dois meses eu fui, por meus próprios méritos, mencionado trinta e cinco vezes em diferentes jornais. Em alguns artigos fui elevado às alturas, em outros fui elogiado com mais reservas, e em outros fui assustadoramente criticado. O que mais eu poderia querer? Mas há algo que me desagrada e magoa: meus amigos, Bielinski e os demais, não se agradaram do meu “O Duplo”. A primeira impressão foi de entusiasmo cego, grande sensação, discussões acaloradas. A segunda foi a crítica verdadeira. Todos eles — meus amigos e todo o público — declararam em uníssono que meu “O Duplo” é tedioso e curto, e tão seco que é quase impossível de se ler. Um de nosso grupo disse estar agora se dedicando a ler um capítulo por dia, para não se cansar, e que dessa forma estaria conseguindo se deliciar com a leitura. Parte do público disse enfaticamente que uma história como aquela é impossível, que ninguém deveria ler o livro, que é loucura escrever e imprimir uma obra como essa; outros dizem que o livro é como a vida, que se reconhecem na história; vez por outra, em verdade, tenho ouvido alguns cânticos de louvor ao livro que até me envergonho de repetir. Para mim, tudo isso foi por algum tempo bastante desencorajador. Tenho um vício terrível: sou imperdoavelmente ambicioso e egoísta. O pensamento de que eu pudesse ter desapontado todas as esperanças que tinham em mim, e desperdiçado o que poderia ter sido uma obra realmente significativa, deprimiram-me fortemente. Apenas pensar em “O Duplo” já me deixava doente. Escrevi grandes partes do livro muito rapidamente, e em momentos de intensa fadiga. A primeira metade é melhor que a segunda. Junto a passagens brilhantes, há outras tão ruins e descuidadas que nem eu mesmo consigo ler. Tudo isso se transformou em um inferno para mim por algum tempo; eu estive literalmente doente de irritação. Querido irmão, enviarei o livro para você em quinze dias. Leia-o e me dê a sua opinião sincera.

Deixo de lado minha vida e meus trabalhos recentes para contar algumas novidades:

Primeira notícia — uma bomba: Bielinski está deixando a editoria do “Anais da Pátria”. Sua saúde está muito debilitada e ele está indo para um *spa*, talvez no estrangeiro¹⁰¹. Por aproximadamente dois anos ele não vai mais escrever nenhuma crítica. Para equilibrar as suas finanças, ele irá publicar um gi-

gantesco almanaque de incríveis sessenta páginas. Estou escrevendo duas histórias para ele: “As suíças raspadas” e “As secretarias aniquiladas”¹⁰². Ambas são extremamente trágicas e extraordinariamente interessantes — para não dizer muito. O público aguarda-as avidamente. Ambos são contos curtos. Além disso, tenho que escrever algo para Kraievski e um romance para Nekrassov. Tudo isso irá me tomar um ano. “As suíças raspadas” já está pronto.

Segunda notícia: uma multidão de novos escritores surgiu do nada. Em alguns deles, eu vislumbro rivais. Herzen e Gontcharov¹⁰³ são particularmente interessantes. Herzen publicou algumas coisas. Gontcharov está apenas começando, e ainda não foi editado. Ambos são muito admirados. Mas, por enquanto, eu estou no topo, e espero assim permanecer para sempre. Nunca houve tanta atividade na vida literária como agora. É um bom sinal¹⁰⁴.

3°. Irei até você bem mais cedo que o previsto, ou bem mais tarde, ou talvez nem possa ir. Tudo dependerá dos meus recursos — e sem dinheiro não poderei mesmo ir; além disso, estou cheio de trabalho. O futuro dirá.

4°. Chidlovski respondeu-me. O irmão dele esteve comigo.

5°. Se você quiser, meu querido amigo, ganhar algum dinheiro no campo da literatura, se for o caso, e pavonear-se com os bons resultados disso, dedique-se à tradução. Traduza o “Reinecke Fuchs” de Goethe¹⁰⁵. Já até consultei sobre o pagamento pela tradução, pois ela seria bem aceita no almanaque de Nekrassov. Se você quiser, faça-a. Não se apresse. E mesmo que eu não esteja aí em 15 de maio ou primeiro de junho, mande a tradução se estiver pronta. Para o verão talvez seja difícil, mas levarei o dinheiro na primavera ou no

101. De fato, Bielinski esteve entre maio e novembro de 1847 tratando-se de tuberculose fora da Rússia — cabe recordar que no século XIX os *spas* eram centros de saúde relacionados a terapias com águas medicinais, sem qualquer semelhança com a conotação contemporânea dada ao termo. Mas o crítico viria a falecer em São Petersburgo, em 1848, em decorrência da doença, ao cumprir um período de prisão política sob a guarda da polícia do czar. (N. do T.)

102. Trata-se de contos posteriormente abandonados por Dostoiévski e jamais concluídos. (N. do T.)

103. Aleksandr Ivanovitch Herzen (1812-1870) e Ivan Gontcharov (1812-1891), escritores russos. O primeiro é considerado o pai do Socialismo Russo e um dos desencadeadores do movimento de emancipação dos servos em 1861 — até 1866, o regime de servidão ainda existia na Rússia czarista. O segundo, muito admirado por Dostoiévski, ficou conhecido, sobretudo, por seu romance “Oblomov” (1859), tido como um dos principais do Realismo Russo. (N. do T.)

104. De fato, a literatura tinha, na Rússia do século XIX, um prestígio maior que em outros países do Ocidente. Tanto os textos literários quanto o próprio trabalho da crítica eram vistos como análises filosóficas, políticas, religiosas e morais da vida russa, e os críticos mais proeminentes, como Bielinski, não raro exerciam também o papel de líderes da intelectualidade e do pensamento político de então. Essa visão, em grande parte iniciada por Puchkin, resultou na profusão de periódicos literários e autores observados naquele período na Rússia. (N. do T.)

105. Trata-se de uma fábula do escritor alemão, escrita em 1794 e baseada no “*Roman de Renart*”, um conjunto de poemas em francês dos séculos XII e XIII. Seu personagem principal é uma esperta raposa de nome Renart (*Reinecke*, em alemão) que vive em uma sociedade antropomórfica composta por diferentes animais. (N. do T.)

outono. Mas haverá dinheiro. Nekrassov irá comprá-la, Bielinski irá comprá-la, Ratkov irá comprá-la, e mesmo Kraievski aceitará o meu pedido. É um negócio favorável. Entre nós, já conversamos sobre essa tradução. Então, comece-a, se estiver disposto, e eu garanto o sucesso. Se você traduzir três capítulos, mostro-os a esses senhores e você verá que consigo um adiantamento.

Nunca estive tão cheio de trabalho em toda a minha vida. O tempo passa depressa. Restará algo disso tudo?

Até breve, meu irmão. Beijos para todos, desejo o melhor para vocês. Saudações a Emilie Fiodorovna e às crianças. E você, como vai? Escreva-me sobre você. Ah, meu amigo, queria tanto vê-lo. Mas, o que fazer?

Seu,

Dostoiévski

XII. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 5 de setembro de 1846.

Apresso-me em comunicá-lo, meu querido irmão, que cheguei a Petersburgo e parei, como desejava, em Trutovski. No caminho, não me senti mal, mas chegando aqui a umidade e o frio trouxeram-me um resfriado e uma tosse terríveis. O regresso foi, desde o início, completamente maçante. Saí para procurar apartamento e consegui um pequeno, de dois quartos, com mobília em excelente estado, mas ainda não me mudei para lá. Mando-lhe o endereço nesta carta. Escreva-me o quanto antes, pois estou ansioso por notícias suas. Sinto um terrível peso no coração.

[...] ¹⁰⁶ Não queria contar nada sobre Gogol, mas eis os fatos: no “Contemporâneo” ¹⁰⁷ do próximo mês sairá um artigo de Gogol, seu testamento, no qual ele renega todas as suas obras e refere-se a elas como inúteis. Mais ainda: diz que nunca mais voltará a pegar uma pena para escrever, pois sua

106. Omite-se aqui um trecho da carta no qual Dostoiévski coloca o irmão Mikhail a par de novidades sobre amigos em comum e pessoas do círculo literário do escritor. (N. do T.)

107. Em russo: Современник (“Sovremennik”). Revista literária fundada por Puchkin em 1836. Em 1847, Nekrassov assumiu como editor da revista, que sob sua direção publicou textos de escritores como Ivan Turgue-niev, Liev Tolstói e traduções de autores estrangeiros como Charles Dickens e George Sand. A revista circulou em São Petersburgo entre 1836 e 1866. (N. do T.)

missão é orar. Diz concordar com todas as críticas de seus opositores. Ordena que seu retrato seja impresso no maior número de cópias possível e que os lucros de sua venda sejam destinados aos peregrinos em viagem a Jerusalém, e por aí vai... Isso é tudo. Conclua você mesmo.

[...] Se tudo der certo, mudo-me amanhã para o novo apartamento. Pretendo viver na mais modesta imagem. Aconselho o mesmo para você. Adeus, irmão. Tenho pressa. Gostaria de escrever mais. Escreva. Aguardo sua resposta o mais breve possível. Beije as crianças por mim, saudações a Emilie Fiodorovna. Prometo escrever mais na próxima carta. Até breve, desejo o melhor para você, meu valioso amigo. Tenha paciência e cuide de sua saúde.

Seu irmão,

F. Dostoiévski

XIII. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 17 de setembro de 1846.

Querido irmão,

[...] ¹⁰⁸ Escrevo não apenas para falar do capote, mas também para contar que aluguei uma casa. Não estou mal de dinheiro, apenas não tenho reserva alguma para o futuro. Kraievski deu-me cinquenta rublos, mas pude ler em seu rosto que ele não vai me dar mais nada. Terei tempos difíceis pela frente.

Meu “O senhor Prokhartchin” teve uma parte severamente mutilada pela Censura. Aqueles cavalheiros riscaram até mesmo — sabe lá Deus o porquê — a palavra “oficial”. Nada ali era ofensivo nesse sentido, ainda assim retalharam o texto. Simplesmente o mataram. Deixaram apenas um esqueleto comparado ao original que li para você. De agora em diante, renuncio àquela obra.

[...] ¹⁰⁹ Ainda estou escrevendo o meu “As suíças raspadas”. O trabalho está indo muito devagar. Tenho medo de que não termine a tempo. Ouvi de duas pessoas — de Grigorovitch e um tal Beketov II, que o “Almanaque de

108. Omite-se aqui o início da carta, no qual Dostoiévski fala da compra de um capote para o irmão — e dos custos que isso implicou. (N. do T.)

109. Omite-se aqui um longo trecho no qual Dostoiévski fala ao irmão sobre a saúde de Bielinski e retoma o assunto do capote, desculpando-se pela demora no envio. (N. do T.)

Petersburgo” é conhecido nas províncias apenas pelo nome de “Gente Pobre”. O resto do conteúdo não interessa nem um pouco às pessoas, e a venda nas províncias é colossal; eles costumam pagar o dobro do preço. Nas livrarias em Pensa e em Kiev, por exemplo, o “Almanaque” é oficialmente vendido por um valor entre 25 e 30 rublos. É realmente notável; aqui, o livro chamou pouca atenção, e lá eles lutam por ele.

Grigorovitch escreveu uma história realmente maravilhosa. Eu e Maikov¹¹⁰ (que, aliás, quer escrever um longo artigo sobre mim em primeiro de janeiro) já conseguimos que o texto seja publicado no “Anais da Pátria” — o jornal, por falar nisso, vive tempos de escassez; eles não têm uma história sequer de reserva.

Por aqui, sinto uma terrível melancolia. E o trabalho vai mal. Eu vivi uma espécie de paraíso em sua companhia; quando as coisas vão bem para mim, eu arruíno tudo com meu caráter condenável. Espero que Emilie Fiodorovna esteja bem e com saúde, é o que desejo. Penso sempre em todos vocês. Sim, meu irmão: dinheiro e garantia são coisas boas. Um beijo para meus sobrinhos. Bem, até breve. Na próxima carta, escreverei mais. E peço uma vez mais, por favor, para que não fique com raiva de mim. Cuide da saúde e não coma tanta carne vermelha.

Até mais.

Seu irmão, Dostoiévski

P.S.: Tente comer alimentos mais leves e, por favor, sem cogumelos, mostarda ou qualquer outra extravagância desse tipo. Pelo amor de Deus.

XIV. Carta ao seu irmão Mikhail: sem data, 1846.

Meu irmão,

Pretendo escrever apenas umas poucas linhas, pois tenho um turbilhão de preocupações e minha situação é desesperadora. A verdade é que todos os

110. Apollon Nikolaievitch Maikov (1821-1897), escritor e poeta russo muito respeitado em seu tempo. Participou, ao lado de Dostoiévski, das reuniões do chamado Círculo de Beketov. (N. do T.)

meus planos deram em nada. O volume de histórias não vingou, pois nenhuma das histórias sobre as quais falamos recentemente foi concluída. Mesmo o meu “As suíças raspadas” foi abandonado. Abandonei o volume inteiro, pois não passava de uma repetição de coisas antigas, há muito tempo exploradas por mim mesmo. Tenho montes de pensamentos originais, cheios de vitalidade, lúcidos, que anseiam por vir à luz. Quando escrevi a conclusão de “As suíças raspadas” eu senti isso. Na minha condição, qualquer tipo de monotonia é fatal.

Estou escrevendo uma nova história, e o trabalho — como quando escrevi “Gente pobre” — segue fácil e levemente. Penso em entregar este conto a Kraievski. O senhor do “Contemporâneo” pode se ressentir disso; isso me afeta um pouco. Se eu tiver concluído essa história em janeiro, não pretendo mais publicar nada até o próximo ano; quero escrever um romance, e não descansarei até conseguir.

Mas já que preciso sobreviver enquanto isso, penso em publicar “Gente pobre” e “O Duplo”, tantas vezes reescrito, no formato de livro.

XV. Carta ao seu irmão Mikhail:

Petersburgo, 26 de novembro de 1846.

Como você pôde, meu mais precioso amigo, escrever-me como se eu tivesse ficado chateado com você a respeito de dinheiro e, por conta disso, não lhe escrito mais? Como uma ideia dessas pode passar pela sua cabeça? E então eu dei a você algum motivo para pensar isso de mim? Se você me ama, faça-me o favor de recusar, daqui por diante, ideias como essa. Combinemos que entre nós dois sempre fomos simples e diretos. E diretamente eu direi que tenho tantas obrigações para com você que seria ridículo e terrivelmente cruel de minha parte pensar assim de você. E basta, não vamos mais falar sobre isso. Vou falar sobre a minha situação por aqui e tentarei ser mais claro em minhas palavras.

Todos os meus planos de publicação deram errado. Dificilmente seriam rentáveis, demandariam muito tempo e eram possivelmente prematuros. O público não teria se motivado. Penso em postergá-los para o próximo outono. Até lá, o público estará mais familiarizado comigo e minhas posições esta-

rão mais bem definidas. Além disso, tenho algum dinheiro para receber. “O Duplo” está sendo agora ilustrado por um artista em Moscou, e outros dois artistas daqui estão fazendo gravuras para “Gente Pobre”. Quem fizer o melhor trabalho, será contratado. Bernardski disse-me que quer fazer negócios comigo em fevereiro, e irá me pagar certa quantia pelos direitos de publicação de minhas obras ilustradas por ele. Até o momento ele tem se ocupado em ilustrar “Almas Mortas”. Para ser breve: os planos de publicação já não me interessam mais. Além do mais, não tenho tempo. Tenho um monte de trabalho e encomendas a fazer. Preciso dizer que rompi todas as minhas relações com o “Contemporâneo” enquanto Nekrassov representá-lo. Ele ficou furioso porque escrevi também para Kraievski (como eu *devia* fazer, para justificar os adiantamentos de dinheiro que ele fez para mim), e porque eu não fiz a declaração pública que ele desejava, dizendo que eu não mais pertencço ao corpo editorial do “Anais da Pátria”. Quando ele viu que não receberia nenhum texto novo de minha parte em um futuro próximo, ele soltou-me vários impropérios e foi tolo o bastante para exigir dinheiro de mim. Fiz o que ele pedia, e emiti uma nota promissória que cobrirá o valor total, com data para 15 de dezembro. Eu quero que eles venham até mim com o chapéu na mão. São todos uns canalhas invejosos. Depois que eu passei uma descompostura em Nekrassov, ele despediu-se e saiu choramingando como um judeu que tenha sido roubado. Em poucas palavras, é uma história suja. Agora estão a espalhar que eu estou infectado pelo orgulho, que me vendi para Kraievski porque Maikov me elogiou em seu jornal. Nekrassov quer, a partir de agora, destruir-me. Quanto a Bielinski, é tão flexível que mesmo em questões literárias é capaz de mudar sua opinião cinco vezes em uma única semana. Apenas com ele mantenho minhas antigas relações de amizade. Ele tem um caráter nobre. Kraievski ficou tão encantado com toda essa situação que me deu dinheiro e prometeu pagar minhas dívidas até 15 de dezembro. Assim sendo, devo trabalhar para ele até o início da primavera.

Veja, meu irmão: de tudo isso eu deduzi uma sábia lição. Primeiro: o autor iniciante boicota-se ao manter relações de amizade com os editores e donos de jornais. A consequência disso é que esses senhores tomam certas liberdades e comportam-se desonestamente. Além do mais, o artista precisa ser

independente; e, finalmente, o artista deve consagrar todo o seu trabalho ao sagrado espírito da arte – trabalho sagrado, puro, que exige simplicidade de coração; meu próprio coração excita-se agora como nunca com todas as imagens que ganham vida em minha alma. Meu irmão, estou passando por uma metamorfose não só moral, mas também física. Nunca houve em mim tamanha lucidez e saúde interior; nunca minha natureza esteve tão tranquila, nem minha saúde tão satisfatória como agora. Devo isso em grande parte aos meus bons amigos: Beketov¹¹¹, Zalubetski e outros com quem eu vivo; são pessoas honestas e sensíveis, generosos, de coração nobre, de caráter. O convívio com eles trouxe-me a cura. Por fim, sugeri que devíamos morar juntos. Encontramos uma casa espaçosa para todos nós, e vamos compartilhá-la, e compartilhar também todas as despesas que somarão, no máximo, mil e duzentos rublos para cada um anualmente. São tantas as bênçãos dessa associação! Tenho um quarto só para mim, e trabalho o dia inteiro.

Parabéns, meu querido amigo, pelo nascimento de meu terceiro sobrinho. Desejo todas as bênçãos para ele e para Emilie Fiodorovna. Amo a todos vocês mais que nunca. Mas não fique com raiva de mim por não escrever mais vezes: o tempo é escasso. Mas escreverei novamente na sexta-feira. Considere esta carta como inacabada.

Seu amigo,
F. Dostoiévski

XVI. Carta ao seu irmão Mikhail: entre janeiro e fevereiro de 1847.

Querido irmão,

Devo uma vez mais pedir o seu perdão por não ter mantido a minha palavra e escrito logo em seguida à minha última carta. Mas por todo esse tempo fui visitado por uma melancolia tão intensa que foi simplesmente *impossível*

111. Nos primeiros meses de 1846, Dostoiévski passou a frequentar uma reunião na casa de Nikolai Nikolaievich Beketov (1827-1911), professor na Universidade de São Petersburgo, e de seu irmão Aleksei, colega de Dostoiévski na Escola de Engenharia Militar. O grupo contava ainda com as presenças de Grigorovich, Valerian Maikov e seu irmão Apollon Maikov, entre outros. Ao final do mesmo ano, Dostoiévski passaria a dividir residência com Beketov e outros membros do Círculo. Presume-se que o grupo seguia as ideias do chamado socialismo utópico. (N. do T.)

escrever. Penso em você com tamanha dor — seu destino é mesmo penoso, querido irmão! Com sua saúde frágil, suas mudanças de temperamento, sua total falta de companhia, vivendo em um tédio permanente sem qualquer pequena ocasião festiva para distraí-lo, e ainda com os constantes cuidados com a sua família — cuidados que certamente lhe são caros, mas ainda assim dificultam sua vida como um pesado fardo — tornam sua vida insuportável. Mas não perca a coragem, irmão. Dias melhores hão de vir. E saiba que quanto mais ricos somos em nossas mentes e espíritos, mais justa a vida nos parecerá. É verdade que a dissonância e a falta de equilíbrio entre nós e a sociedade é algo terrível. A vida interior tem que estar em harmonia com a exterior. A falta de experiências externas faz com que a vida interior se sobressalte e isso é muito perigoso. Os nervos e a imaginação ganham muito espaço em nossa consciência, e qualquer acontecimento externo parece-nos colossal, e amedronta-nos. Começamos a ter medo de viver. Sinta-se feliz que a natureza fez você pleno de amor e de força de caráter. Além disso, você tem uma mente saudável e vigorosa, uma presença de espírito brilhante e uma alegria espontânea. Essa é a sua salvação. Sempre penso muito em você. Meu Deus, são tantos desagradáveis *filósofos* de barba grisalha e rosto azedo, de mente limitada e postura desonesta, fariseus, que se orgulham de sua “experiência de vida” — ou seja, sua falta de individualidade (pois são todos feitos na mesma forma) e que não servem para absolutamente nada, com suas pregações eternas sobre a necessidade de aceitar-se o destino, a fé em uma ou outra coisa, de exigirmos pouco da vida, de acatar-se o estado em que se encontra na vida — sem jamais penetrar na essência de nenhuma dessas palavras; um contentamento similar ao das torturas e restrições monásticas; eles julgam com animosidade indescritível a natureza ardente dos que se recusam a aceitar seu insípido e rotineiro calendário da existência. Ah, como são vulgares esses pregadores da falsidade das preocupações mundanas — que vulgares, todos eles! Cada vez que eu caio em suas mãos, sofro os tormentos do inferno! [...] ¹¹²

Mas, o tempo é curto. Gostaria de escrever mais vezes para você. Mas não tenho como fazer isso com mais frequência, por isso me limito a falar das últimas notícias — escreverei um pouco sobre mim. Eu, querido irmão, tra-

112. Omite-se aqui o trecho da carta no qual Dostoiévski exemplifica suas ideias contando ao irmão da visita de um homem cujos interesses menores haviam enraivecido o escritor. (N. do T.)

balho; não quero que nada seja publicado antes que eu considere concluído. Enquanto isso, o dinheiro é escasso e, se não fosse a bondade das pessoas, eu estaria perdido. A divulgação de minha glória nos jornais tem trazido mais benefícios que prejuízos. Falo de meus novos admiradores que, aparentemente, estão dispostos a adotar-me e defender-me se preciso for. Vivo na pobreza, pois, desde que nos vimos, já gastei 250 rublos, sendo que outros 300 foram usados para pagar dívidas. Rompi definitivamente com Nekrassov, a quem enviei 150 rublos, sem a menor vontade de me comunicar com ele. Na primavera, vou pedir um empréstimo a Kraievski e envio para você 400 rublos, de qualquer maneira. Santo Deus, pensar que estou em débito com você atormenta-me mais que tudo. [...] ¹¹³ Cuide-se, meu irmão, sobretudo de sua saúde. Divirta-se e torça para que eu termine o meu trabalho de uma vez por todas. Isso me trará dinheiro e, assim, me levará até você.

Desejo muito ver você. Por vezes, uma melancolia sem nome apodera-se de mim. Não posso deixar de pensar a todo instante no quão temperamental e arredio eu fui com você em Reval. Eu estava enfermo. Lembro-me ainda a vez em que você me disse que meu comportamento para com você não levava em conta qualquer senso de equidade entre nós. Meu querido irmão, aquilo foi injusto. Eu tenho, de fato, um caráter repulsivo e mal. Mas eu sempre coloquei o seu bem estar acima do meu. Eu daria a minha vida por você e pelos seus; mas mesmo quando meu coração está cheio de amor, as pessoas costumam receber não mais que uma palavra amigável de minha parte. Nessas horas, perco o controle sobre meus nervos. Pareço ridículo, detestável, e tenho que sofrer calado a incompreensão das pessoas. Dizem que sou seco e sem coração. Quantas vezes fui rude com Emilie Fiodorovna, sua esposa, que é mil vezes superior a mim! Lembro-me também que frequentemente fui ríspido com seu filho sem qualquer motivo, ainda que naquele mesmo instante eu sentisse por ele talvez até mais afeição que aquela dedicada a você. Apenas consigo mostrar-me um homem de sentimentos e bom coração quando circunstâncias externas extraordinárias erguem-me acima da rotina diária. Quando esse não é meu estado de espírito, sou sempre repulsivo. Atribuo isso à minha doença. Você leu “Lucrezia Floriani”? Observe *Karol* ¹¹⁴. Mas logo você poderá ler o meu “Niétotchka Niezvânova”.

113. Omite-se aqui um longo trecho no qual Dostoiévski fala ao irmão de um possível tratamento de saúde e da ideia de publicar “Gente Pobre” no formato de livro. (N. do T.)

Essa história, como “O Duplo”, será uma autoconfissão, ainda que diferente em seu tom. Quanto a “O Duplo”, eu continuamente ouço opiniões e críticas que me deixam alarmado. Muitos dizem que é uma maravilha verossímil, ainda que incompreendida; que terá enorme importância no futuro, e que será o bastante para me fazer famoso; alguns consideram a obra mais excitante que Dumas¹¹⁵. Agora começo a me dar valor novamente. Mas é tão delicioso, meu irmão, ser perfeitamente compreendido.

Por que, afinal, você me ama tanto assim? Farei o possível para abraçá-lo novamente em breve. Iremos nos amar ainda mais. Deseje-me sucesso. Estou agora trabalhando no meu “A Senhoria”. Está surgindo mais facilmente que “Gente Pobre”. A história é no mesmo estilo. Um fluxo de inspiração, que vem do mais profundo de minha alma, está a guiar minha pena. É muito diferente de quando escrevi “O senhor Prokhardtchin”, que me fez sofrer por todo o verão. Como eu gostaria de muito *em breve* ajudá-lo, meu irmão. Mas dependo daquele dinheiro que prometi a você. Beije a todos os seus amores por mim. Enquanto isso, sou apenas o seu

Dostoiévski

P.S.: Será que um dia desses, meu irmão, acabaremos juntos em São Petersburgo? Que me diz de um serviço público com um salário decente?

XVII. Carta ao seu irmão Mikhail: Petersburgo, 1847.

[...]¹¹⁶

P.S.: Você dificilmente irá acreditar nisso. Este é o terceiro ano de minha atividade literária e vivo como se estivesse em um sonho. Não vejo a vida passando ao meu redor, não tenho tempo para estar consciente dela; nenhum

114. Trata-se do Príncipe Karol de Roswald, protagonista do romance “Lucrezia Floriani” (1846), da escritora francesa George Sand. O romance, escrito depois do término do relacionamento entre Sand e o compositor polonês Frédéric Chopin, é considerado autobiográfico. Foi rechaçado à época pelos amigos e seguidores de Chopin, que viram em Karol uma personificação do mestre e na trama uma espécie de vingança da autora pelo fim da relação de dez anos com o compositor. (N. do T.)

115. Alexandre Dumas Pai (1802-1870), romancista francês. Entre seus livros de maior sucesso, vários permanecem até hoje, como “O Conde de Monte Cristo”, “Os Três Mosqueteiros” e “A Rainha Margot”. Sua notoriedade na Rússia levou-o a viver naquele país entre os anos de 1851 e 1853. (N. do T.)

116. Trata-se do post-scriptum de uma longa carta tratando de negócios, datada apenas com o ano de 1847. (N. da E.)

tempo livre, também, para aprender algo novo. Eu desejo atingir alguma coisa o mais rápido possível. As pessoas criaram uma fama dúbia em mim, e não sei quanto tempo esse inferno de pobreza e trabalho constante e acelerado irá durar. Ah, se ao menos eu pudesse descansar um pouco!

XVIII. Carta ao seu irmão Mikhail:

Fortaleza de Pedro e Paulo¹¹⁷, Petersburgo, 18 de julho de 1849.

Querido irmão,

Não tenho palavras para expressar minha alegria por sua carta, que recebi no dia 11 de julho. Finalmente você está livre, e posso imaginar claramente como você deve ter ficado feliz quando pôde rever sua família novamente. Com que impaciência eles devem tê-lo esperado!¹¹⁸ Percebo que a sua vida começa a ganhar novos contornos agora. Com o que está ocupado agora e, sobretudo, quais são os meios que você tem para se sustentar? Tem trabalhado? E em que trabalha? O verão é de fato um fardo na cidade. E você me conta que se mudou para um novo apartamento, provavelmente menor. É uma pena você não poder passar o verão inteiro no campo.

Agradeço as encomendas que me enviou; elas trouxeram alívio e distração. Você me pede, meu querido amigo, que eu não desanime. De fato, não estou desanimado; para ser franco, a vida aqui é muito monótona e sombria, mas de que outra forma poderia ser? E, no fim das contas, não é sempre tão tediosa. O tempo aqui passa de forma muito irregular, digamos assim — ora muito rápido, ora lento demais. Algumas vezes tenho a sensação de que eu me acostumei a esse tipo de vida, e que nada mais importa muito. Claro que tento manter todas as tentações fora de minha mente, mas nem sempre consigo; meus primeiros anos, com suas vivas impressões, invadem a minha alma e eu

117. Em 23 de abril de 1849, Dostoiévski foi preso na Fortaleza de Pedro e Paulo, juntamente com outros integrantes do chamado *Círculo Petrachevski* — um grupo de intelectuais liberais de São Petersburgo que se reunia na casa de Mikhail V. Petrachevski para discutir diversos temas, entre eles a política russa. Os *petrachevtzi* — termo que reúne o nome do anfitrião e a palavra russa para sexta-feira, dia das reuniões — foram acusados de conspirar pela morte do czar Nikolai I. Esta carta foi a primeira escrita por ele depois de sua prisão. (N. do T.)

118. A princípio, Mikhail não havia sido preso por conta do envolvimento de Dostoiévski com os *petrachevtzi*. Por engano, a polícia deteve primeiro Andrei, irmão mais novo de Dostoiévski; ao dar-se conta do erro, prendeu Mikhail. Ele foi posteriormente considerado inocente das acusações de participação na suposta conspiração, libertado e agraciado com uma indenização no valor de 200 rublos. (N. do T.)

vivo novamente no passado. Essa parece ser, estranhamente, a ordem natural das coisas. Agora os dias são quase sempre ensolarados e me sinto um pouco mais animado. Os dias chuvosos, contudo, são insuportáveis e neles a prisão parece terrivelmente lúgubre. No entanto, tenho me ocupado. Não deixo o tempo passar à toa, e já elaborei a trama de três contos e dois romances — e estou escrevendo um romance agora, mas tenho medo de trabalhar demais.

Um trabalho como esse, quando o faço com grande contentamento (eu nunca trabalhei tanto *con amore*¹¹⁹ como agora), sempre me deixa agitado e afeta meus nervos. Enquanto eu estava em liberdade, eu sempre me via obrigado a intercalar meus afazeres com outras diversões para acalmar-me; mas aqui a excitação que vem do trabalho tem que passar por si só. Minha saúde é boa, exceto por uma crise de hemorroidas e pelo estado lastimável de meus nervos, que seguem em um constante *crescendo*¹²⁰. Vez por outra, tenho falta de ar, meu apetite é insatisfatório como sempre, durmo mal e tenho sonhos mórbidos. Durmo cerca de cinco horas durante o dia, e acordo pelo menos quatro vezes toda noite. Isto é a única coisa que realmente me incomoda. O pior de tudo é o anoitecer. Às nove da noite é realmente escuro aqui. Eu não costumo pegar no sono até uma ou duas da manhã, e as cinco horas que preciso ficar deitado na total escuridão são difíceis de suportar. Elas destroem a minha saúde mais que qualquer outra coisa. Quando nosso caso será concluído é algo que não sei dizer, pois perdi totalmente a noção de tempo. Somente uso um calendário sobre o qual marco, muito passivamente, cada dia que passa: “Um a menos!”. Não tenho lido muito desde que estou aqui: dois relatos de viagem à Terra Santa e as obras de Dimitri de Rostov¹²¹. Esse último interessou-me vivamente; mas esse tipo de leitura é apenas uma gota no oceano; qualquer outro tipo de livro iria, imagino eu, deliciar-me imensamente. Seria até mesmo saudável poder interromper meus pensamentos ou construir novas perspectivas.

Aqui você tem todos os detalhes de minha presente existência — não tenho nada mais a dizer. Estou feliz que tenha encontrado sua família com boa saúde. Já escreveu a Moscou contando da sua libertação? É uma lástima

119. Em italiano, no original. (N. do T.)

120. Em italiano, no original. (N. do T.)

121. São Dimitri de Rostov (1651-1709) foi um dos mais influentes nomes da Igreja Ortodoxa Russa, marcadamente por sua oposição à Reforma Cesaropapista de Theophan Prokopovich no século XVII. Além de líder religioso, foi compositor e dedicou-se a escrever sobre a vida de todos os santos ortodoxos russos. (N. do T.)

que nada esteja resolvido por aqui. Como eu gostaria de passar ao menos um dia com você! Já se vão três meses desde que vim para esta fortaleza: o que não estará à nossa espera! Possivelmente eu não irei, por todo o verão, ver uma folha verde sequer. Lembra-se de quando nos levavam para caminhar no pequeno jardim no mês de maio? O verde estava apenas começando a nascer, e eu não podia parar de pensar em Reval, quando estive com você naquela temporada, e no jardim da Escola de Engenharia. Eu imagino que você esteja fazendo as mesmas comparações que eu — como eu era triste. E eu gostaria de ver outras tantas pessoas também. Quem você tem visto mais ultimamente? Imagino que todos estejam no campo. Mas o nosso irmão Andrei certamente está na cidade, não? Você tem visto Nikolai? Saúde-os por mim. Beije os seus filhos por mim também. Mande minhas saudações a sua esposa e diga a ela que fiquei profundamente comovido em saber que ela pensa em mim. Não fique ansioso demais por minha causa. Tenho um único desejo — gozar de boa saúde; o tédio é um problema passageiro, e a boa disposição depende, enfim, de meus próprios esforços. Os seres humanos têm uma incrível resistência e vontade de viver; nunca esperei encontrar tanto em mim mesmo; agora sei por experiência própria. Adeus! Espero que essas poucas linhas levem a você alguma alegria. Saúde a todos que você encontrar e que eu conheça — não esqueça ninguém. Não me esqueci de ninguém. O que estarão as crianças pensando de mim, e como explicar para elas o meu desaparecimento? Até breve. Se conseguirmos, mande-me o “Anais da Pátria”. Assim eu terei, de verdade, algo para ler. Escreva-me umas poucas linhas — isso me alegraria imensamente.

Até logo!

Seu irmão, F. Dostoiévski

XIX. Carta ao seu irmão Mikhail:

Fortaleza de Pedro e Paulo, Petersburgo, 27 de agosto de 1849.

Fico feliz de poder responder a sua carta, querido irmão, e agradeço pelo envio dos livros. Também me alegro por saber que você está bem, e que a prisão não teve nenhum efeito nocivo em sua saúde. Estou especialmente

grato a você pelo “Anais da Pátria”. Mas você escreve muito pouco, e minhas cartas são muito mais detalhadas que as suas. Não falo isso por mal — sei que você fará melhor na próxima carta.

Não tenho nada definitivo para contar a você sobre minha situação. Até o momento, não sei qualquer coisa que seja sobre o nosso caso. Minha vida *pessoal* é tão monótona quanto sempre foi, mas me deram permissão para caminhar no jardim, onde há pelo menos dezessete árvores! É uma felicidade imensa para mim. Mais que isso, dão-me um doce a cada noite — é meu segundo pedaço de paraíso. O terceiro virá se você responder o quanto antes, enviando-me o próximo número do “Anais da Pátria”. Estou na mesma situação de um assinante do interior, aguardando a cada número com imensa expectativa, como se fosse um grande fazendeiro morrendo de tédio nas províncias. Você pode me enviar alguns livros de História? Seria esplêndido. Mas melhor que isso seria a Bíblia (o Antigo e o Novo Testamento). Preciso de uma. Se estiver ao seu alcance, mande-a em uma tradução francesa. Mas você pode também incluir uma edição eslava, seria o auge de minha felicidade.

De minha saúde, não tenho nada bom para dizer. Por um mês eu tenho vivido quase exclusivamente de óleo de rícino. Minhas hemorroidas atortentam-me mais que o normal. Além disso, descobri uma dor em meu peito que nunca tinha percebido antes. Minha irritabilidade tem nitidamente crescido, especialmente à noite; de madrugada, tenho pesadelos longos e apavorantes, e ultimamente sinto, vez por outra, como se o chão estivesse tremendo, como se minha cela fosse a cabine de um barco a vapor. De tudo isso, concluo que meus nervos estão cada vez mais deteriorados. Sempre que tenho esses distúrbios nervosos, uso minha perturbação para escrever; em tal estado posso escrever muito mais e melhor que o normal; mas agora tenho evitado trabalhar para não acabar por destruir a mim mesmo. Fiz uma pausa de três semanas, e durante esse tempo não escrevi absolutamente nada. Agora recomecei a escrever. De qualquer maneira, não é nada importante: posso suportar tudo isso até o fim. Talvez eu consiga me restabelecer novamente muito em breve.

Você me surpreende imensamente ao acreditar que não sabem nada sobre a nossa aventura em Moscou. Pensei muito sobre isso e cheguei à conclu-

são que é quase impossível. É *certo* que eles sabem; eu atribuo seu silêncio a outra razão. E isso era, afinal, de se esperar. Para mim, é tudo muito claro...

[...]¹²²

XX. Carta ao seu irmão Mikhail:

Fortaleza de Pedro e Paulo, Petersburgo, 14 de setembro de 1849.

Recebi a sua carta, querido irmão, os livros – Shakespeare, a Bíblia e o “Anais da Pátria” – e o dinheiro – dez rublos: obrigado por tudo. Fico feliz que esteja bem. Estou do mesmo jeito que antes. Sempre os mesmos problemas digestivos e as hemorroidas. Não sei se tudo isso irá um dia desaparecer. Os meses de outono, que para mim são tão difíceis, aproximam-se, e com eles retorna a minha hipocondria. O céu já está cinzento; minha saúde e bom ânimo dependem daqueles pequenos pedaços de azul que eu consigo ver da minha cela. Mas seja lá como for estou vivo, e relativamente bem. Falo com sinceridade, e por isso imploro para que não pense em minha situação como totalmente lamentável. Minha saúde está, *no momento*, boa. Eu esperava o pior, e agora vejo que tenho tanta vitalidade em mim que simplesmente não permitirei mais sentir-me exausto.

Mais uma vez, muito obrigado pelos livros. Eles distraem-me mais que qualquer outra coisa. Por quase cinco meses tenho vivido exclusivamente de minhas próprias provisões – ou seja, de minha própria mente e apenas dela. Até agora, essa máquina ainda funciona bem. Mas é indescritivelmente difícil *apenas* pensar, pensar sem pausas, sem qualquer uma daquelas impressões externas que renovam e alimentam a alma — é tão penoso! Sinto-me como se estivesse sob uma saída de ar, sob um sopro incessante. Toda a minha existência concentrou-se inteiramente em minha cabeça, e da minha cabeça foi lançada aos meus pensamentos, e o esforço desses pensamentos é mais árduo a cada dia. Livros são certamente apenas mais uma gota no oceano, mas eles sempre me ajudam; meu próprio trabalho, ao que parece, consome o que me resta de forças. Mesmo assim, traz muita alegria.

122. Omite-se aqui um trecho no qual Dostoiévski discorre sobre assuntos particulares da família de Mikhail e comenta brevemente sobre notícias que leu no “Anais da Pátria”. (N. do T.)

Li e reli os livros que você me enviou. Estou especialmente grato pelo Shakespeare. Foi uma ótima ideia sua. O romance inglês publicado no “Anais da Pátria” é muito bom¹²³. Por outro lado, a comédia de Turgueniev é imperdoavelmente ruim. Por que ele sempre tem essa má sorte? Simplesmente não consegui reconhecê-lo nessa comédia¹²⁴. Nenhum traço de originalidade; tudo feito na velha e desgastada forma. Ele já disse as mesmas coisas, e de forma melhor. A última cena é pueril em sua debilidade. Aqui e acolá se pode vislumbrar sinais de talento, mas só mesmo com muita boa vontade. E que esplêndido o artigo sobre os bancos — e que verdadeiro¹²⁵!

Agradeço a todos que se lembraram de mim; saudações a sua Emilie Fiodorovna de minha parte, ao nosso irmão Andrei também, e beije as crianças, as quais espero que estejam bem. Sinceramente não sei, meu irmão, quando e como iremos nos ver novamente! Até breve e, por favor, não me esqueça. Escreva-me, mesmo que seja a cada quinze dias.

Adeus.

Seu,

F. Dostoiévski

XXI. Carta ao seu irmão Mikhail:

Fortaleza de Pedro e Paulo, Petersburgo, 22 de dezembro de 1849.

Meu tão querido irmão!

Tudo está resolvido! Fui sentenciado a quatro anos de trabalhos forçados em uma fortaleza (ao que tudo indica, Orenburg¹²⁶), e depois, alistamento como soldado raso. Hoje, 22 de dezembro, fomos todos levados à Praça Semionovski. Lá, a sentença de morte foi lida para nós, deram-nos a cruz para que beijássemos, a adaga foi quebrada sobre nossas cabeças, e foram feitos nossos trajes mortuários (camisas brancas)¹²⁷. Então, três de nós fomos colo-

123. Dostoiévski refere-se a “Jane Eyre”, romance da escritora inglesa Charlotte Brönte (1816-1855), até hoje uma das mais conhecidas obras inglesas do gênero. (N. do T.)

124. Trata-se de Холостяк (“O Solteirão”)(1849), única peça de Turgueniev apresentada nessa época, visto que as demais não passaram pelo crivo da censura. (N. do T.)

125. O jornal trouxera um artigo intitulado “Bancos, suas vantagens e ações”, que interessou Dostoiévski. (N. do T.)

126. Cidade a 1.500 km a sudeste de Moscou, próxima à fronteira com o Cazaquistão, na confluência dos rios Or e Ural. (N. do T.)

cados diante do pelotão de fuzilamento para a execução da sentença de morte. Eu era o sexto da fila; fomos chamados em grupos de três, logo eu estava no segundo grupo e tinha não mais que um minuto de vida. Pensei em você, meu irmão, em todos vocês; naquele último instante, apenas você estava em meu pensamento — foi quando percebi o quanto eu amo você, meu adorado irmão! Tive tempo de abraçar Plechtchéiev e Durov, que estava ao meu lado, e despedir-me deles. No último instante, veio a ordem para suspender a execução, os soldados do pelotão de fuzilamento recuaram, e foi lido para nós que Sua Majestade Imperial poupava as nossas vidas. E então foi lida a sentença final. Um tal Palma foi o único perdoado. Ele foi transferido para a fronteira com seu mesmo posto¹²⁸.

Disseram-me, querido irmão, que hoje ou amanhã serei transferido. Pedi para vê-lo, mas me disseram ser impossível. Posso apenas escrever esta carta apressada e pedir que me responda também com urgência. Tenho medo que a notícia de nossa sentença de morte tenha, de alguma forma, chegado aos seus ouvidos. Das janelas da carruagem, quando fomos levados ao local da execução, vi uma multidão imensa; imagino que os comentários tenham chegado até você — e que você tenha sofrido por mim. Agora espero que você se tranquilize. Irmão! Não estou triste e não perdi a coragem. A vida é sempre vida, não importa onde se esteja; a vida está em nós mesmos e não no mundo exterior. Estarei cercado de pessoas e serei um *indivíduo* em meio à multidão, e assim permanecer para sempre, em qualquer infortúnio, sem desanimar ou cair — eis o problema, eis o desafio. Eu entendo assim. Essa ideia eu aprendi em minha própria carne e sangue. Sim, é verdade! Aquela cabeça que criava, a veia artística que compreendia a vida, e dela extraía grandiosas questões para o espírito, essa foi arrancada de meus ombros. Nela estava a memória das imagens criadas e ainda não consagradas por mim. Eles usurparam-me tudo isso, é bem verdade! Mas ainda tenho um coração, da mesma carne e sangue, que pode amar, e sofrer, e sonhar — e lembre-se, tenho ainda a minha vida! *On voit le soleil!*¹²⁹

127. A “quebra da adaga” à qual se refere Dostoiévski era parte do ritual de degradação dos militares considerados traidores e comum às Forças Armadas de diversos países europeus à época. O escritor, como militar da reserva, passou por esse procedimento. (N. do T.)

128. Trata-se de A. I. Palma, que servia no posto de segundo-tenente em um regimento na Lituânia e foi transferido para Odessa, atual Ucrânia. (N. do T.)

129. Em francês no original: “Nós vemos o sol!”. (N. do T.)

Bem, até breve, meu irmão! Não sofra por minha causa! Em relação aos meus pertences: os livros (a Bíblia permanece comigo) e algumas folhas de meus manuscritos (os rascunhos de um drama e de um romance, e um conto já concluído¹³⁰) foram recolhidos e serão enviados, tudo leva a crer, para você. Deixei também meu casaco e minhas roupas, caso queira mandar alguém para buscá-los. Agora, meu irmão, preciso pedir outro favor. Preciso de dinheiro. Meu querido irmão, se você receber esta carta e puder conseguir algum dinheiro, mande-o imediatamente. Dinheiro agora é, para mim, mais essencial que o próprio ar. Recebi poucas linhas deles — assim, se o dinheiro de Moscou não vier, lute por mim e não me abandone... Bem, isso é tudo! Há algumas dívidas pendentes, mas o que fazer com elas?!

Beije sua esposa e seus filhos por mim. Recorde-os sempre de mim, para que não me esqueçam. Quem sabe, um dia, não nos encontraremos novamente? Meu irmão: cuide da família, viva tranquilo e seja cuidadoso. Pense no futuro de seus filhos. Viva com otimismo.

Nunca antes a vida espiritual esteve tão abundante e saudável em mim como agora. Em relação ao meu corpo, nada sei. Sigo enfermigo, parece que tenho escrófula¹³¹. Mas, talvez não tenha nada! Irmão! Já sofri tanto nesta vida que agora isso pouco me amedronta. Haja o que houver! Assim que possível eu mandarei notícias minhas.

[...] ¹³² Assim que possível nos reencontraremos, meu irmão. Cuide-se, viva. Talvez um dia iremos nos abraçar e recordar a nossa juventude, nossos dias felizes e nossas esperanças que, neste momento, são arrancadas de meu coração sangrando e sepultadas.

Será que nunca mais terei uma pena em minhas mãos? Penso que talvez seja possível que não, ao menos nos próximos quatro anos. Eu enviarei para você tudo o que eu escrever, caso eu escreva algo. Meu Deus! Quantas das imagens que sobreviveram, e outras criadas por mim, serão perdidas, morrerão em minha mente, envenenadas em meu sangue! Sim, se me for impossível escrever, estarei perdido. Antes passar quinze anos na prisão com uma pena nas mãos.

130. Trata-se de "O pequeno herói", que seria publicado apenas em 1857. (N. do T.)

131. A escrófula é uma inflamação dos gânglios linfáticos cervical e submandibular, geralmente associada à tuberculose. (N. do T.)

132. Omite-se aqui trecho no qual Dostoiévski despede-se e manda recomendações a familiares e amigos. (N. do T.)

Escreva para mim mais vezes, e com mais detalhes, cartas mais extensas. Alongue-se nos assuntos familiares, nas bagatelas, não se esqueça disso. Isso me trará esperança e vida. Se você soubesse como suas cartas confortaram-me na prisão... Esses últimos dois meses e meio em que a correspondência era proibida foram muito difíceis para mim. Fiquei doente. Uma vez mais mando um beijo para os seus filhos: seus rostos adoráveis não sairão de minha mente. Ah! Eles serão muito felizes! Seja feliz você também, meu irmão, seja feliz!

Mas não lamente, eu imploro, não lamente por mim! Saiba que não estou triste, lembre-se de que a esperança não me abandonou. Daqui a quatro anos, minha vida será mais simples: voltarei a ser um soldado, é um pouco melhor que ser prisioneiro, e tenha em mente que poderei abraçá-lo de tempos em tempos. Afinal de contas, estive hoje às portas da morte. Por quase uma hora vivi nesse pensamento, até o último minuto, e agora vivo novamente!

Se alguém se lembrar de mim com rancor, alguém com quem eu tenha brigado ou em quem tenha deixado uma má impressão — diga-lhes que deixei tudo isso para trás se acaso estiver com eles. Não tenho amargor ou raiva em minha alma, adoraria poder abraçar e reconciliar-me com qualquer um de meu passado neste instante. É uma alegria indescritível — senti isso hoje ao despedir-me de meus companheiros antes da cerimônia. Pensei naquele momento que a notícia de minha execução iria matá-lo. Mas agora, irmão, fique tranquilo, ainda vivo e viverei o bastante para voltar a abraçá-lo um dia. É só no que penso neste instante.

Você fez algo? Pensou em algo hoje? Sabia sobre nós? Hoje estava realmente muito frio!¹³³

Espero que minha carta chegue depressa a você. De outro modo, ficarei mais de um mês sem notícias suas. Vi sua caligrafia nos pacotes em que você enviou dinheiro e fiquei feliz por saber que você estava bem.

Quando olhar para o passado, sei que pensarei no tempo que perdi para nada, em erros, erros e ociosidade, desperdiçando minha vida; por desprezar o tempo, quantas vezes pequei contra meu coração e meu espírito — por isso, meu coração sangra. A vida — um dom, a vida — a felicidade, cada minuto podia ter

133. Dostoiévski refere-se ao fato de que, no momento da cerimônia forjada de execução, São Petersburgo estava sob temperaturas negativas. Ainda assim, os condenados foram forçados a ficar apenas em mangas de camisa enquanto lhes era lida a sentença e até o momento de regressar à prisão. (N. do T.)

sido um século de felicidade. *Si jeunesse savait!*¹³⁴ Agora, com essa mudança de vida, pretendo me regenerar. Irmão! Prometo a você que não irei perder a esperança e mantereí meu espírito e meu coração limpos. Vou mudar para melhor. Nisso reside minha esperança e meu consolo.

A vida na prisão já me afastou dos meus desejos carnaís, nem todos puros. Eu já estava a me cuidar quanto a isso. Já passei por toda sorte de privações e por isso não me assusta a ideia de que eu possa morrer por conta de qualquer novo fardo em minha vida material. Isso não vai acontecer.

Adeus, adeus meu irmão. Escreverei de novo para você! Você receberá de mim um relatório detalhado de minha viagem. Cuide de sua saúde, e tudo ficará bem!

Até breve, meu irmão! Receba meu forte abraço! Lembre-se de mim sem qualquer pesar. Não lamente, por favor, não lamente o meu destino! Na próxima carta eu contarei como estou vivendo. Pense no que eu disse a você: controle melhor a sua vida, não gaste muito, faça planos para o futuro, pense nas crianças — oh, quando, quando nos veremos! Adeus! Sinto agora como se perdesse tudo o que mais amo; é muito doloroso deixar tudo isso! É como se eu partisse em dois, como se cortassem meu coração ao meio. Mas eu verei você novamente, eu garanto, eu tenho esperança, não mude, continue a me amar, não deixe minha memória apagar-se em você, e essa certeza em seu amor será para mim o que me manterá vivo. Adeus, mais uma vez adeus! Adeus a todos!

Seu irmão,

Fiódor Dostoiévski

P.S.: Quando fui preso, apreenderam alguns livros meus. Apenas dois deles eram proibidos. Não quer buscar os outros e ficar com eles para você?

134. Em francês no original: "Se a juventude soubesse!". (N. do T.)

A PRISÃO E OS ANOS DE
EXÍLIO EM SOLO PÁTRIO

XXII. Carta ao seu irmão Mikhail:

Omsk, 30 de janeiro de 1854.

Por fim, posso falar com você de forma um pouco mais explícita e, creio eu, mais razoável. Mas, antes que eu escreva outra linha, *preciso* perguntar a você: diga-me, pelo amor de Deus, porque você não me escreveu uma única sílaba sequer até hoje? Era isso que eu deveria esperar de você? Acredite, em minha condição de isolamento e solidão, por vezes caí em um desespero profundo, pois pensava que você já não mais estivesse vivo; por noites a fio eu imaginava o que seria dos seus filhos, e amaldiçoava o meu destino por não poder ajudá-los. Mas sempre que eu tinha notícias seguras de que você estava vivo, eu me enfurecia (isso acontecia, contudo, apenas quando aflorava a minha enfermidade, da qual eu sofri muito)¹³⁵, e condenava-o amargamente por isso. Logo esse estado mental passava e eu perdoava você, buscava justificativas para os seus atos, e tranquilizava-me assim que descobria em minhas reflexões alguma razão para a sua atitude — nunca, por um momento sequer, perdi minha confiança em você: sei que você me ama e lembra-se de mim com carinho. Mande uma carta pelos canais oficiais, você deve ter recebido; esperava uma resposta sua, e não recebi nenhuma. Você foi proibido de escrever para mim? Mas eu sei que as cartas são permitidas, pois todos os presos políticos que estão aqui recebem várias o ano inteiro. Mesmo Durov recebeu algumas; e sempre perguntamos aos funcionários sobre a nossa correspondência, e eles dizem que as pessoas são autorizadas a nos escrever. Eu creio que descobri o verdadeiro motivo do seu silêncio. Você é preguiçoso demais para ir até a chefatura de polícia, ou foi uma vez, recebeu um primeiro *não* como resposta — dado, provavelmente, por algum funcionário que nada sabia sobre o assunto. Bem, você me causou uma grande ansiedade egoísta, pois pensei: se ele não se incomoda

135. Dostoiévski sofria de epilepsia e, sob a imensa pressão da iminência de sua execução, de sua deportação e dos trabalhos forçados, a doença teria se agravado em seus anos de detenção. (N. do T.)

em resolver o problema de uma simples carta, que dirá se eu precisar dele para assuntos mais importantes! Escreva-me e responda-me o quanto antes; escreva, sem aguardar por uma oportunidade, *oficialmente* falando, e seja o mais explícito e detalhado possível. Sinto-me como uma migalha por esses dias; quero muito voltar a crescer, mas não posso. *Les absents ont toujours tort*¹³⁶. Será que esse dito popular também é verdade sobre nós dois? Mas fique tranquilo: eu confio em você.

Faz uma semana que deixei a servidão penal. Mando esta carta no mais absoluto sigilo; não fale uma palavra sequer sobre isso. Vou mandar uma carta oficial também, através do Comando Militar da Sibéria. Responda à carta oficial imediatamente, mas a esta — apenas quando for propício. Você deve escrever, na carta oficial, muito detalhadamente sobre o que tem feito nesses quatro anos. De minha parte, eu gostaria de poder lhe enviar volumes inteiros. Mas como meu tempo quase não dá para escrever mesmo esta simples folha, contarei apenas as coisas mais importantes.

O que é o *mais* importante? O que foi o mais importante para mim nesses últimos anos? Quando penso nisso vejo que, mesmo para contar brevemente sobre isso, esta folha é muito pequena. Como posso descrever o que está agora em minha mente — as coisas que pensei, o que fiz, as convicções que adquirir, as conclusões às quais eu cheguei? Não vejo sequer como começar. É absolutamente impraticável. Não gosto de deixar uma obra pela metade; dizer apenas uma parte é como nada dizer. De qualquer forma, voce tem agora meu relatório detalhado em suas mãos: leia-o, e faça com ele o que quiser. É meu dever contar tudo para você e, sendo assim, começarei com as minhas recordações. Lembra-se de como nos despedimos, meu querido, caríssimo, amado companheiro? Você mal havia me deixado e nós três — Durov, Iastrjembski e eu — fomos levados aos ferros. Precisamente à meia-noite da véspera de Natal¹³⁷, as correntes tocaram-me pela primeira vez. Elas pesam cerca de cinco quilos e atrapalham imensamente a locomoção. Fomos então colocados em trenós abertos, cada um de nós com um guarda e, assim, em quatro trenós, deixamos Petersburgo. Meu coração pesava, e diferentes impressões impregnaram-me de sensações confusas e incertas. Meu coração batia de modo agitado,

136. Em francês no original: "Os ausentes estão sempre errados." (N. do T.)

137. Na noite de 24 de dezembro de 1849. (N. do T.)

e isso parecia entorpecer a dor. Mas o ar fresco renovou-me e, como é comum antes de cada nova experiência que estejamos despertos pela ansiedade, por uma vivacidade curiosa, eu estava no íntimo muito tranquilo. Olhei atentamente as luzes acesas das celebrações em Petersburgo, e despedi-me de cada casa em particular. Passamos pelo seu apartamento, e na casa de Kraievski as janelas brilhavam intensamente. Você havia me dito que ele iria dar uma grande festa de Natal com uma imensa árvore, e que seus filhos estariam por lá com Emilie Fiodorovna; senti-me terrivelmente triste ao passar por aquela casa. Fiquei assim ao pensar nos pequenos. Senti-me tão sozinho por eles, que mesmo anos depois eu constantemente pensava neles com lágrimas nos olhos. Fomos levados para além de Iaroslavl¹³⁸; depois de três ou quatro estações nós paramos, nas primeiras luzes da manhã, em uma taberna em Chlisselburg¹³⁹. Lá, tomamos chá com tanta avidez que parecia não termos comido nada há pelo menos uma semana. Depois de oito meses de cativeiro, sessenta *verts*¹⁴⁰ em um trenó deram-nos um apetite do qual até hoje me recordo.

Eu estava de bom humor, Durov falava incessantemente e Iastrjembksi expressou sua apreensão quanto ao futuro¹⁴¹. Todos nos aquietamos para conhecermos melhor o nosso ordenança. Ele era um bom senhor, muito amigável no trato conosco; um homem que viu de tudo nesta vida; ele trabalhou por toda a Europa como estafeta. No caminho, tratou-nos com especial cortesia. Seu nome era Kusma Prokofievitch Prokofiev. Entre outras coisas, ele deixou-nos viajar em um trenó coberto, o que foi muito bem-vindo, pois o frio era terrível.

O segundo dia era um feriado; os condutores, que foram sendo trocados a cada estação, vestiam capas de grosso tecido cinza com cintos escarlate, e não havia uma viva alma nas vilas. Foi um esplêndido dia de inverno. Levaram-nos por partes remotas das províncias de Petersburgo, Novgorod e Iaroslavl. Havia minúsculos lugarejos, sem qualquer importância. Mas como se tratava de um dia festivo, tínhamos sempre muito para comer e beber. E prosseguimos — prosseguimos terrivelmente. Estávamos vestidos com trajes

138. Cidade histórica localizada a 250 km a noroeste de Moscou. (N. do T.)

139. Cidade Histórica na cabeceira do Rio Neva, a 35 km de São Petersburgo. (N. do T.)

140. O *verst* era uma medida de distância do antigo sistema russo, em desuso desde a Revolução de 1917. Um *verst* equivalia a aproximadamente 1.067 metros, ou seja, 60 *verts* seriam cerca de 64 quilômetros. (N. do T.)

141. Muitos dos companheiros de Dostoiévski presos na mesma ocasião não resistiram à prisão em Petersburgo e à cerimônia forjada de execução; um deles foi I. L. Iastrjembksi, que tentou suicidar-se; alguns, como Grigoriev, enlouqueceram. (N. do T.)

quentes, é bem verdade, mas tínhamos que permanecer sentados por dez horas dentro do trenó a cada trecho, parando apenas em cinco ou seis estações — foi quase intolerável. Congelei-me até a medula e quase não consegui me aquecer devidamente nos saquões de cada estação. É estranho dizer isso, mas a viagem restaurou minha saúde por completo. Próximo de Perm, tivemos uma temperatura de quarenta graus negativos em algumas noites. Não recomendo essa experiência a você. Foi altamente desagradável. Quando cruzamos os Urais, parecíamos estar de luto. Os cavalos e trenós afundaram profundamente na neve. Uma nevasca aproximava-se. Saímos dos trenós — era noite — e aguardamos, de pé, até podermos novamente seguir viagem. Tudo sobre nós anunciava uma tempestade de neve. Aguardávamos, observando os confins da Europa e da Ásia; à nossa frente, a Sibéria e o misterioso futuro — às nossas costas, todo o nosso passado; era profundamente melancólico. Lágrimas vieram aos meus olhos. No caminho, os passantes aglomeravam-se nas ruas dos pequenos vilarejos para nos ver; e, embora estivéssemos acorrentados, os preços foram triplicados para nós em todas as estações. Kusma Prokofievitch pagou metade das despesas de seu bolso, embora tentássemos persuadi-lo disso. No caminho, cada um de nós gastou, durante toda a viagem, apenas cinquenta rublos.

Em 12 de janeiro chegamos a Tobolsk¹⁴². Depois de nos perfilarmos diante das autoridades e sermos revistados — um procedimento que nos deixou sem qualquer dinheiro, retirado de nós —, eu, Durov e Iastrchembski fomos levados para a mesma cela; Spiechniov e os outros, que chegaram antes de nós, foram para outra seção e durante todo o tempo nós praticamente não víamos uns aos outros. Gostaria de lhe contar um pouco mais desses seis dias em Tobolsk, e as impressões que ficaram em mim. Mas não há espaço aqui para fazê-lo. Conto apenas que a imensa compaixão e simpatia com que fomos tratados aqui recuperou-nos, como um grande instante de felicidade, de tudo que havíamos passado antes. Os prisioneiros de outros tempos¹⁴³ (e, sobretudo, suas esposas) cuidaram de nós como se fôssemos da família. Aquelas almas nobres, formadas vinte e cinco anos de sofrimento e auto-sacrifício! Vemos a todos eles muito raramente, pois somos vigiados muito de perto: mesmo assim, eles nos deram rou-

142. Em 12 de janeiro de 1850, Dostoiévski e seus companheiros chegaram em Tobolsk, capital histórica da Sibéria, onde viviam exilados alguns dos *dezembristas*. (N. do T.)

143. Dostoiévski refere-se aos participantes do golpe de estado de 14 de dezembro de 1825, os chamados *dezembristas*, os quais foram banidos para a Sibéria. (N. do E.)

pas e provisões, conforto e coragem. Trouxe poucas roupas, e arrependo-me por isso, mas *eles* me mandaram roupas. Por fim, deixamos Tobolsk e chegamos a Omsk¹⁴⁴ em três dias.

Enquanto eu estava em Tobolsk, obtive informações dos que seriam meus futuros superiores. Disseram-me que o comandante era um homem muito decente, mas que o major, de nome Krivzov, era um bruto, um terrível tirano, um bêbado, um trapaceiro – em outras palavras, o pior horror que se possa imaginar. Desde o início, chamou a mim e a Durov de idiotas, e defendia a ideia de prender-nos a ferros à primeira transgressão de nossa parte. Ele já estava naquela função há dois anos, e havia feito as coisas mais terríveis e irregulares; dois anos depois, seria levado à corte marcial por conta delas. Deus protegeu-me dele. Ele costumava vir até nós, completamente bêbado (nunca o vi sóbrio), a procurar algum prisioneiro inofensivo para puni-lo sobre o pretexto de que *ele* – o prisioneiro – estava bêbado. Muitas vezes vinha no meio da madrugada e punia aleatoriamente – por este ou aquele motivo torpe, porque um prisioneiro estava dormindo sobre seu lado esquerdo ao invés do direito, ou porque falava ou gemia durante o sono – em verdade, o que lhe passasse pela mente alcoolizada. Eu possivelmente iria me digladiar com um homem como esse em pouco tempo – e ele era o responsável por enviar relatórios mensais sobre a nossa conduta para Petersburgo.

Conheci alguns prisioneiros em Tobolsk; em Omsk, preparei meu espírito para viver quatro anos em sua companhia. São homens rudes, raivosos, amargurados. Seu ódio pela nobreza não tem limites; eles olham para todos nós, que pertencemos às classes mais abastadas, com hostilidade e rancor. Teriam nos devorado se tivessem a oportunidade. Julgue, então, o perigo que corremos, tendo que coabitar com essas pessoas por alguns anos, comer com eles, dormir ao seu lado, e sem qualquer possibilidade de reclamar das afrontas que eram constantemente direcionadas a nós.

“Vocês, nobres, têm garras de ferro, e com elas partiram-nos em pedaços. Quando eram senhores, maltrataram o povo e agora, quando é um tempo ruim para vocês, querem ser nossos irmãos” – esse tema foi revisitado por eles durante quatro anos. Cento e cinquenta inimigos que nunca se cansaram de nos

144. Cidade no sudoeste da Sibéria, distante 2.700 km de Moscou. (N. do T.)

perseguir – era a sua alegria, sua diversão, seu passatempo; nossa única defesa era nossa indiferença – e a nossa superioridade moral, a qual eles eram forçados a reconhecer e respeitar. Eles também se impressionavam por nunca nos rendermos às suas vontades. Eles tinham consciência de que nós estávamos em um patamar superior ao deles. Sobre o nosso crime, eles nada sabiam. Mantivemos silêncio absoluto sobre isso, e assim jamais houve um entendimento maior entre nós e eles. Tínhamos que deixar toda a sede de vingança, o ódio que sentiam pela nobreza, recair sobre nós. Vivemos momentos difíceis. A servidão militar é muito pior do que era a servidão civil. Passei quatro anos inteiros sob as paredes da prisão, e de lá saía apenas quando era escalado para o trabalho forçado. O trabalho era duro, mas nem sempre; algumas vezes, com mau tempo, sob a chuva, ou no inverno, durante as eternas nevascas, minhas forças faltavam-me. Certa vez, tive que fazer quatro horas de trabalho extra sob um frio que congelou até mesmo o mercúrio dos termômetros; creio que estava uns quarenta graus abaixo de zero. Um de meus pés estava carcomido pelo gelo. Estávamos todos em um único cômodo. Imagine um casebre velho e mal construído, que há muito deveria ter sido demolido. No verão, era impossível suportar o calor; no inverno, um frio intolerável. Todas as tábuas estavam podres. No piso, havia uma camada de mais de uma polegada de sujeira; havia o risco constante de se escorregar e cair. As pequenas janelas haviam passado por temperaturas tão extremas que mesmo durante o dia não havia luz suficiente para se ler. O gelo sobre as telhas tinha mais de três polegadas, e o teto era cheio de goteiras, havia poças por toda parte. Estávamos alojados como animais em um curral. O fogão era alimentado com seis pedaços de lenha, mas o cômodo era tão frio que o gelo jamais derretia; a atmosfera era insuportável – e assim permanecia por todo o inverno. No mesmo ambiente, os presos lavavam suas roupas, e isso tornava o lugar tão úmido que sequer ousávamos nos mover. Do anoitecer até a manhã éramos proibidos de deixar o casebre, já que as portas eram trancadas; próximo à entrada, um reservatório de madeira era colocado para as necessidades básicas – e era quase impossível respirar. Todos nós, os prisioneiros, fedíamos como porcos. Dormíamos sobre tábuas nuas, cada homem recebia um único travesseiro. Cobríamos o corpo com peles de carneiro que não protegiam sempre os nossos pés. Congelávamos noite após

noite. Pulgas, percevejos e baratas eram abundantes. No inverno, recebíamos casacos de pele muito finos, que não eram o bastante para nos aquecer, e botas de cano curto; assim equipados, éramos mandados para enfrentar o frio congelante.

Para comer, tínhamos sopa de repolho e pão: a sopa deveria conter, por regulamento, um quarto de libra de carne por pessoa; mas eles colocavam sal-sicha, nunca comi nesses quatro anos um autêntico pedaço de carne. Nos dias festivos, recebíamos mingau, mas quase sem nenhuma manteiga. Nos dias de jejum, repolho, e nada mais. Meu estômago foi despedaçado por tal dieta, e eu fui torturado pela indigestão.

Por tudo isso que lhe contei, você pode ver por si mesmo que não se pode lá viver sem dinheiro. Se eu não tivesse nenhum, posso assegurar que teria perecido, ninguém pode suportar uma vida como aquela. Mas todos os condenados ganham alguns copeques pelo trabalho que fazem. Algumas vezes eu tomei chá e comprei para mim um pedaço de carne; eram a minha salvação. Seria impossível passar sem um cigarro, pois o ar viciado nos engasgaria. Tudo isso era feito longe dos olhos dos guardas.

Estive constantemente no hospital. Meus nervos estavam tão frágeis que tive alguns ataques epiléticos – mas não com muita frequência. Tenho agora reumatismo nas pernas também. Mas, com exceção desses males, estou perfeitamente bem. Some-se a todos esses desconfortos o fato de que era quase impossível conseguir um livro, e quando consegui um, tive que ler às escondidas: tudo ao meu redor era uma incessante maldade, turbulência e discórdia. Vivíamos sob constante vigilância, e na impossibilidade de se estar sozinho, fosse por um minuto sequer – e sem qualquer variação desse quadro por quatro longos anos: você entenderá quando eu disser que eu não era feliz. Agora imagine, além de tudo isso, a ameaça constante de sofrer uma punição, os ferros, a opressão extrema do espírito – e terá um retrato fiel do que era minha vida.

Não tentarei descrever as transformações pelas quais passaram minha alma, minha fé, minha mente e meu coração nesses quatro anos. Seria uma longa história. Ainda assim, a eterna concentração, minha fuga da realidade amarga, rendeu seus frutos. Agora tenho muitas e novas necessidades e esperanças das quais sequer pensava em outros tempos. Mas tudo isso será um

puro enigma para você, por isso passarei a outros assuntos. Direi apenas uma coisa mais: não se esqueça de mim, e ajude-me. Preciso de livros e de dinheiro. Envie-os para mim, pelo amor de Cristo.

Omsk é um odioso fim-de-mundo. Quase não há árvores aqui. No verão, calor e ventos que trazem tempestades de areia; no inverno, tempestades de neve. Não se vê natureza. A cidade é suja, quase exclusivamente habitada por militares, e dissoluta até o último grau. Falo das pessoas comuns. Se eu não tivesse encontrado alguns seres humanos por aqui, estaria totalmente perdido. Konstantin Ivanovitch Ivanov¹⁴⁵ é como um irmão para mim. Ele tem feito tudo o que ele pode por mim. Devo dinheiro a ele. Se ele um dia visitar Petersburgo, mostre-lhe alguma gratidão. Devo a ele vinte e cinco rublos. Mas, como posso retribuir sua bondade, sua vontade incessante de atender a todas as minhas solicitações, sua atenção e cuidados comigo, como se fosse um irmão? E ele não é o único a quem eu devo agradecer nesses termos. Irmão querido, há muitas almas nobres no mundo.

Já disse a você que o seu silêncio costumava torturar-me. Agradeço pelo dinheiro que você enviou. Em sua próxima carta (mesmo que seja a *oficial*, pois não sei se poderei me corresponder com você) – na próxima, escreva o mais detalhadamente possível de sua vida, de Emilie Fiodorovna, das crianças, de todos os parentes e amigos; também dos nossos que estão em Moscou – diga quem está vivo e quem já morreu; e de seu negócio: diga-me com que capital você começou a fábrica¹⁴⁶, se é lucrativa, se você tem um fundo de economias e, por fim, se pode me ajudar financeiramente e quanto dinheiro irá me enviar anualmente. Mas não mande dinheiro pela carta oficial – especialmente se eu não conseguir encontrar um endereço discreto. Por ora, diga ser Mikhail Petrovitch o remetente de todas as encomendas entre nós (entendeu?)¹⁴⁷. Por ora, tenho dinheiro, mas não tenho livros. Se possível, mande-me as revistas deste ano, ou pelo menos o “Anais da Pátria”. Mas isso é o que necessito com urgência: preciso (muitíssimo) das obras de historiadores antigos (em

145. Genro de Ivan Annenkov, um dos dezembristas. (N. do T.)

146. Mikhail Dostoiévski era proprietário, à época, de uma fábrica de cigarros. (N. do E.)

147. Trata-se de um nome inventado por Dostoiévski para que pudesse receber cartas do irmão fora dos canais oficiais e sem despertar suspeitas. (N. do T.)

148. François Pierre Guillaume Guizot (1787-1874), historiador francês e primeiro-ministro da França entre os anos de 1847 e 1848. (N. do T.)

traduções francesas); historiadores modernos: Guizot¹⁴⁸, Thierry¹⁴⁹, Thiers¹⁵⁰, Ranke¹⁵¹ e outros; estudos nacionais, economia e os Pais da Igreja. Escolha as edições mais compactas e baratas. Eles me solicitaram em Semipalatinsk¹⁵², que fica na fronteira das estepes do Kirghiz. Eu mandarei o endereço. Aqui vai um endereço prévio: "Semipalatinsk, Regimento Siberiano de Fronteira, Sétimo Batalhão, recruta F. Dostoiévski". Esse é para as cartas oficiais. Para esse endereço, mande as suas cartas. Mas darei um outro, para que me envie os livros. E, por enquanto, mande-os em nome de Mikhail Petrovitch. Lembre-se, sobretudo, que preciso muito de um dicionário de alemão.

Não sei o que me aguarda em Semipalatinsk. Sou indiferente o bastante com esse meu novo destino. Mas, eis o que não é nem um pouco indiferente para mim: lute por mim, procure ajuda. Não será possível que me transfiram em um ano ou dois para o Cáucaso¹⁵³? Pelo menos eu estaria na Rússia europeia! Esse é o meu maior desejo, peça a alguém, pelo amor de Cristo! Meu irmão, não se esqueça de mim! Eu escrevo e ralho com você, mas minha fé em você não morreu. Você é meu irmão, e costumava me amar. Preciso de dinheiro. Preciso ter alguma renda da qual possa viver, meu irmão. Esses anos não podem ter sido em vão. Preciso de dinheiro e livros. Seus gastos comigo não serão desperdiçados. Se me ajudar, você não estará tirando dinheiro dos seus filhos. Se eu viver, irei reembolsar-lhe com juros. Em seis anos, talvez antes, eu certamente terei permissão para imprimir meus livros. Tudo isso pode mudar, e não escrevo mais à toa. Você vai ouvir falar de mim.

Nós estaremos juntos mais dia, menos dia, meu irmão. Acredito nisso como dois e dois são quatro. Em minha alma, isso é uma certeza. Vejo todo o meu futuro à minha frente, e tudo o que irei alcançar. Estou feliz com minha vida. Temo apenas os homens e suas arbitrariedades. Como é fácil cruzar com um oficial que à primeira vista não goste de mim (há pessoas assim!), que me

149. Jacques Nicolas Augustin Thierry (1795-1856), historiador francês. No início de sua carreira, foi seguidor e secretário do pensador e socialista utópico Claude Henry de Rouvroy, conde de Saint-Simon, cujas ideias aplicou no campo dos estudos históricos. (N. do T.)

150. Louis-Adolphe Thiers (1797-1877), historiador e político francês, primeiro-ministro da França no reinado de Luís Filipe (1830-1848). Ficaria posteriormente conhecido como o líder político que violentamente extinguiu a Comuna de Paris, em 1871. (N. do T.)

151. Leopold Von Ranke (1795-1886), historiador alemão, considerado um dos fundadores da "História Científica". (N. do T.)

152. Atual Semei, no Cazaquistão. (N. do T.)

153. Região da Europa e da Ásia entre os mares Negro e Cáspio. É considerada o limite oriental da Europa. (N. do T.)

atormente incessantemente e me destrua com os rigores do serviço – pois estou muito frágil e sem condições de suportar todo o peso da vida da caserna. As pessoas tentam me consolar: “Aqui as pessoas são muito simples”. Mas eu temo os homens simples mais que os complexos. Pois os homens, em qualquer lugar, são apenas isso – homens. Eu conheci alguns deles nesses quatro anos de prisão, mesmo entre os ladrões e homicidas. Acredite em mim, há entre eles homens de natureza profunda, forte, bela, e sempre tive grandes alegrias ao encontrar ouro puro sob um exterior rude. E não um, ou dois, mas vários. Alguns inspiravam respeito; outros eram almas boas. Ensinei russo e leitura para um jovem circassiano – deportado para a Sibéria por latrocínio. Como ele ficou grato a mim! Outro condenado chorou quando me despedi dele. É fato que eu costumava lhe dar dinheiro, mas era tão pouco, e sua gratidão tão grande. Meu caráter, contudo, estava a deteriorar-se; em minhas relações com os outros eu tinha um temperamento agressivo e impaciente. Eles atribuíam isso à minha condição mental, e suportavam a tudo sem reclamar. A propósito: com quantos tipos nacionais e personagens eu me familiarizei na prisão! Vivi *em suas vidas*, e por isso acredito conhecê-los muito bem. A carreira de muitos vagabundos e ladrões era exposta a mim e, sobretudo, conheci toda a existência sofrida das pessoas comuns. Decididamente, eu não perdi meu tempo por lá em vão. Eu aprendi a conhecer o povo russo como poucos. Tenho certo orgulho disso. Espero que tal orgulho seja perdoável.

Irmão! Não deixe de me contar sobre todos os eventos mais importantes de sua vida. Mande-me a carta oficial para Semipalatinsk, e a não-oficial – bem, logo saberás para onde. Fale de todas as suas conquistas em Petersburgo, de literatura (o mais detalhado possível), e finalmente de nossa gente em Moscou. Como está nosso irmão Kolia? O que está fazendo a nossa irmã Sacha? (Isso é muito importante.) Nosso tio ainda é vivo? Como está nosso irmão Andrei? Eu vou escrever para nossa tia por intermédio de nossa irmã Vera. Pelo amor de Deus, mantenha esta carta em completo segredo, queime-a; ela pode comprometer muita gente. Não se esqueça, querido amigo, de enviar-me livros. Sobretudo os de história e de estudos nacionais, o “Anais da Pátria”, a obra dos Pais da Igreja, e histórias da religião. Não mande todos os livros de uma vez, mas vá enviando-os aos poucos e o quanto antes. Eu estou programando

gastos com o seu dinheiro como se ele fosse meu, mas apenas porque não sei ao certo qual a sua situação no momento. Escreva-me em detalhes sobre os seus negócios, para que eu possa ter uma boa ideia deles. Mas, lembre-se disso, meu irmão: livros são minha vida, meu alimento, meu futuro! Pelo amor de Deus, não me abandone. Eu lhe imploro! Tente conseguir uma permissão para me mandar os livros pelos canais oficiais. Mas tenha cautela. Se puderem ser mandados abertamente, faça assim. Mas se não permitirem isso, mande-me por Konstantin Ivanovitch, para o endereço dele. Eu irei buscá-los lá. Kostantin Ivanovitch, aliás, está indo este ano para Petersburgo; ele contará tudo a você. Que bela família ele tem! E que esposa! Ela é uma jovem, filha do dezembrista Annenkov. Que coração, que disposição – e pensar em tudo o que eles enfrentaram! Vou me dedicar, quando for para Semipalatinsk dentro de uma semana, a conseguir um novo endereço de fachada. Não estou ainda muito forte, por isso preciso permanecer aqui por mais algum tempo. Envie-me o Corão, e a “Crítica da Razão Pura”, de Kant¹⁵⁴, e se você tiver a chance de me enviar qualquer coisa pelas vias *não-oficiais*, então não deixe de mandar Hegel – mas particularmente a “História da Filosofia”¹⁵⁵. Disso depende todo o meu futuro. Pelo amor de Deus, esforce-se para conseguir com que eu seja transferido para o Cáucaso. Tente descobrir com pessoas bem informadas se eu serei autorizado a imprimir meus trabalhos, e de que maneira devo agir para conseguir a sanção. Pretendo entrar com um pedido de publicação em dois ou três anos. Peço que me sustente por algum tempo. Sem dinheiro, serei destruído pela vida militar! Por favor!

Talvez, de início, nossos parentes possam também ajudar em meu sustento? Nesse caso, eles poderiam enviar o dinheiro para você, e você me enviaria depois. Em minhas cartas para nossa tia e para Vera, porém, eu nunca pedi dinheiro. Elas devem perceber que preciso de ajuda, se realmente se preocupam comigo.

Filippov deu-me vinte e cinco rublos antes de deixar Sebastopol. Deixou o dinheiro com o comandante Nabokov e eu não soube de nada disso com antecedência. Ele pensou que eu não devia ter nenhum dinheiro. Uma alma nobre! Todo o nosso grupo está relativamente bem no degredo. Toll cumpriu sua pena e vive tranquilamente em Tomsk. Iastrjembiski está em Tara; seu

154. Immanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, um dos mais influentes pensadores da era moderna. (N. do T.)

155. Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), filósofo alemão. (N. do T.)

tempo está por terminar. Spiechniov está na província de Irkutsk; ele ganhou o respeito e a simpatia de todos por lá. Aquele homem tem um talento curioso! Não importa onde, nem em que circunstância ele apareça, mesmo as pessoas mais arredias tratam-no com honra e respeito. Petrachevski parece não estar em seu juízo perfeito; Mombelli e Lvov estão bem; o pobre Grigoriev perdeu a razão e está hospitalizado. E como está você? Ainda costuma visitar Madame Plestcheiev? O que o filho dela está fazendo agora? Ouvi de alguns prisioneiros que passaram por aqui que ele estava vivo e preso na fortaleza de Omsk, e que Golovinski há tempos vive no Cáucaso. E como anda a sua literatura, e o seu interesse pela literatura, meu irmão? Está escrevendo algo? Como está Kraievski, e qual é o seu contato com ele? Não me importo com Ostrovski¹⁵⁶; não tenho lido nada de Pissemski¹⁵⁷; detesto Druchinin. Encantei-me com Eugénie Tur¹⁵⁸. Gostei de Krestovski¹⁵⁹ também.

Gostaria de ter escrito muito mais; mas tanto tempo passou que mesmo esta carta foi difícil de ser escrita. Mas realmente não sinto que o nosso relacionamento tenha mudado em nenhum sentido. Beije seus filhos por mim. Eles ainda se lembram do seu tio Fédia¹⁶⁰? Saudações minhas a todos – mas mantenha esta carta em sigilo. Leia atentamente tudo o que escrevi. Responda o quanto antes (mesmo que oficialmente). Receba meus abraços, a você e aos seus, tantos abraços que nem posso contar.

Seu,

Dostoiévski

P.S.: Você recebeu o meu conto infantil¹⁶¹, que eu escrevi ainda na fortaleza? Se estiver em seu poder, não faça nada com ela, nem mostre para ninguém. Quem é Tschernov, que escreveu um “O Duplo” em 1850? Até breve!

156. Aleksandr Nikolaievitch Ostrovski (1823-1886), dramaturgo russo. (N. do T.)

157. Aleksei Féofilaktovitch Pissemski (1821-1881), escritor e dramaturgo russo. Embora sua obra tenha caído no ostracismo no Ocidente, tinha, em seu tempo, o mesmo prestígio no meio cultural russo que alcançariam Turgueniev e o próprio Dostoiévski – sobretudo por ter sido o primeiro dramaturgo a retratar as classes populares russas em seus textos. (N. do T.)

158. Pseudônimo de Elizaveta Vassilievna Salias de Turnemir (1815-1892), aristocrata russa e irmã do dramaturgo Aleksandr Vassilievitch Sukhovo-Koblin (1817-1903). (N. do T.)

159. Vsevolod Vladimirovitch Krestovski (1840-1895), poeta e romancista muito popular à época. (N. do T.)

160. Diminutivo carinhoso de “Fiódor”. (N. do T.)

161. Trata-se de “O Pequeno Herói”. A história seria publicada apenas em 1857, no *Anais da Pátria*, assinada com o pseudônimo de M—y. (N. do E.)

XXIII. Carta à senhora Natalia Dmitrievna Fonvisin¹⁶²:

Omsk, fim de janeiro/início de fevereiro de 1854.

Finalmente escrevo a você, minha querida Natalia Dmitrievna, depois de deixar meu endereço anterior. Quando escrevi pela última vez¹⁶³, estava doente do corpo e da alma. Estava consumido pela nostalgia, e suspeito que minha carta era bastante sem sentido. Aquela vida de dificuldades físicas e morais, longa e cinzenta, sufocava-me. É sempre muito penoso, para mim, escrever cartas nesse estado; além disso, considero covardia forçar o próprio sofrimento aos outros, mesmo quando são pessoas que nos querem muito bem. Envio esta carta indiretamente, e estou feliz por poder, enfim, falar com você tão livremente, sobretudo porque fui transferido para Semipalatinsk, para o sétimo batalhão, e não sei de que forma poderei continuar me correspondendo com você no futuro.

[...] ¹⁶⁴ Com que prazer leio sua carta, querida Natalia Dmitrievna. Você escreve cartas admiráveis. Ou, para ser mais preciso, suas cartas fluem fácil e naturalmente do seu nobre e bom coração. Há pessoas de natureza tímida e amargurada, que apenas em raros momentos são expansivas. Conheço pessoas desse tipo. Não são necessariamente más pessoas – em verdade, muito pelo contrário.

Não sei bem o porquê, mas sinto pela sua carta que você retornou magoada para sua terra natal. Compreendo isso; eu, por vezes, penso que se um dia eu retornar para casa, terei mais sofrimento que alegrias de minhas impressões por lá. Não vivi a sua vida, e muito dela me é desconhecido. E, de fato ninguém pode saber exatamente como é a vida de seu próximo. Ainda assim, o sentimento humano nos é comum a todos, e parece-me que todos os que foram degredados devem reviver todas as dores do passado uma vez mais na consciência e na memória ao retornar para casa. Deus dê a você vida longa! Ouvi de muitas pessoas que você é bastante religiosa. Mas não por sua religiosidade, mas porque eu

162. Trata-se da esposa do dezembrista M. A. Fonvisin. Dostoiévski conheceu-a em Tobolsk em 1850. Durante seus anos de prisão, quando esteve impedido de corresponder-se com o irmão Mikhail, ela foi o seu único meio de comunicação com o mundo interior. (N. do E.)

163. A correspondência trocada entre Dostoiévski e a senhora Fonvisin nos anos de prisão do escritor nunca foi localizada. (N. do T.)

164. Omite-se um longo trecho da carta no qual Dostoiévski discute as melhores formas de manter correspondência com a senhora Fonvisin e com seu irmão Mikhail em segurança. (N. do E.)

mesmo aprendi e passei por isso. Quero dizer que nesses momentos, “qual erva seca”¹⁶⁵, devemos ter sede de fé, e que ao final a encontramos, tão somente porque vemos mais claramente a verdade quando estamos infelizes. Confesso que sou uma criança mesmo com minha idade, uma criança da descrença e do ceticismo e, provavelmente (no fundo, sei disso), serei assim até o fim da minha vida. Quanto tudo isso tem me atormentado (e até hoje perturba) – essa nostalgia da fé, que é ainda maior por conta das provas que tenho contra ela; ainda assim, Deus me dá por vezes momentos de perfeita paz. Nesses momentos, tenho construído meu credo, no qual tudo é claro e sagrado para mim. Esse credo é extremamente simples: creio que não há nada mais adorável, profundo, compassivo, racional, viril e perfeito que o Salvador; digo a mim mesmo, com amor enciumado, que não só não há ninguém como Ele, mas que não poderia haver ninguém. Diria até mais: se alguém pudesse me provar que o Cristo está fora da verdade, e se a verdade realmente excluísse o Cristo, eu preferiria estar com o Cristo e não com a verdade.

Prefiro não dizer nada mais sobre isso. E, ainda assim, não sei por que certos temas nunca podem ser discutidos em sociedade, e por que, se alguém os recorda, faz com que os demais se sintam desconfortáveis. Bem, basta disso por agora. Ouvi dizer que você está planejando uma viagem para algum lugar ao sul. Deus permita que você consiga a permissão para tal. Mas você irá, por favor, me dizer quando estaremos livres, ou ao menos tão livres quanto as demais pessoas? Talvez apenas quando não mais precisarmos de liberdade? Da minha parte, quero a liberdade por inteiro ou nada. Em meu uniforme de soldado, sou tão prisioneiro quanto antes. Fico imensamente feliz por ter descoberto que trago paciência em minha alma por tanto tempo, que não desejo as coisas materiais e não preciso de nada mais que livros e a possibilidade de escrever e de estar sozinho por algumas horas todos os dias. Esse último desejo é o que mais me angustia. Por quase cinco anos tenho estado sob constante vigilância, ou com várias outras pessoas, e nem uma hora sequer sozinho comigo mesmo. Estar só é um estado natural, como comer e dormir; nessa forma concentrada de comunismo, qualquer um se torna um inimigo ferrenho da humanidade. A constante companhia de outros funciona como um veneno ou uma praga; e

165. Dostoiévski remete a uma expressão do Livro de Isaías (Antigo Testamento), capítulo 42, versículo 15: “Os montes e outeiros tornarei em deserto, e toda a sua erva farei secar, e tornarei os rios em ilhas, e as lagoas secarei”. (N. do T.)

desse martírio sem fim é que eu sofri nos últimos quatros anos. Houve momentos em que odiei a cada homem, fosse bom ou ruim, e tomei-o como um ladrão que, impune, me roubasse continuamente a vida. A parte mais insuportável é quando nos tornamos injustos, maliciosos e maus – é repugnante, temos consciência disso, reprovamos a nós mesmos e ainda assim não temos o poder de nos controlarmos. Já passei por isso várias vezes. Estou convencido de que Deus irá poupá-la disso. Acredito que você, como mulher, tem mais poder para perdoar e suportar.

Escreva-me ao menos uma linha, Natalia Dmitrievna. Eu agora estou indo para um verdadeiro deserto, para a Ásia, e lá, em Semipalatinsk, sinto que todo o meu passado, todas as memórias e impressões, irão me deixar, pois os últimos seres humanos que eu ainda tenho para amar, e que eram como a sombra de meu passado, agora terão que me abandonar. Eu me acostumo tão rapidamente aos outros, e adapto-me tão bem ao ambiente, que não consigo partir, quando chega a hora, sem sofrer muito.

Desejo que *você* seja muito feliz e por um longo tempo, Natalia Dmitrievna! Se viermos a nos encontrar novamente, iremos nos conhecer como se fôssemos pessoas novas, e cada um de nós terá vivido, quem sabe, muitos dias felizes. Vivo em uma constante expectativa; tenho estado sempre doente agora, e sinto que, muito em breve, algo decisivo deve acontecer, que estou perto de um momento crucial de minha vida, que estou maduro para o que quer que aconteça – e que talvez algo tranquilo e brilhante, talvez algo ameaçador, mas de qualquer modo algo inevitável, está prestes a acontecer. Do contrário, toda a minha vida teria sido um fracasso. Talvez tenha sido não mais que um delírio doentio! Adeus, Natalia, ou melhor seria dizer *até breve*. É o que *esperamos*, não é? Que iremos nos ver novamente!

Seu,

D.

P.S.: Por tudo o que é mais sagrado, perdoe-me por esta carta confusa e pegajosa! Talvez eu devesse riscá-la. Por favor, não fique com raiva de mim.

XXIV. Carta ao irmão Mikhail:
Semipalatinsk, 30 julho de 1854.

Há dois meses não escrevo para você, meu querido irmão. Foi impossível, foi praticamente impossível. Mas me diga, por que o seu silêncio? Quantas cartas eu já mandei para você! Além da carta de janeiro, você escreveu apenas uma carta. Esta é a segunda carta minha em resposta à sua carta de abril, que recebi no início de junho e até agora não havia respondido. Posso assegurar, meu querido irmão, que de fato me faltou tempo. Se alguns minutos eu tive, propositalmente deixei para responder sua carta em um momento mais conveniente, pois não gosto de escrever para você apenas para contar de minhas crises e de meus problemas. Certamente você sabe que no momento ando muito ocupado com as tarefas no novo quartel. Cheguei aqui em março. Sinto-me muito cansado e tudo é muito penoso para mim, mas estou feliz, graças a Deus! Creio que nada disso seja muito interessante para você, mas sei que compreendes que a rotina da caserna não é uma piada e que a vida de soldado, com todas as suas exigências, não é nada fácil para alguém com a saúde frágil como a minha, com a vida interior que tenho. Mas não reclamo; essa é a minha cruz, e eu fiz por merecê-la. Escrevo apenas para incitá-lo a escrever algumas linhas, sem as quais se torna, para mim, muito pesado viver à luz do dia. Pense que se para cada carta esperarmos que o outro escreva para então enviarmos uma resposta, teremos intervalos de, quem sabe, meses ou mesmo trimestres. E você sabe o quanto uma carta sua significa para mim. Considero suas cartas como se fossem visitas – e há quanto tempo não nos vemos, não escrevemos um para o outro!

Finalmente recebi cartas de nossas irmãs. Que anjos! Tenho a convicção de que elas me amam. Colocaram sua alma naquelas doces cartas. Pensei em respondê-las logo em seguida, mas tenho adiado isso até agora. Tenho estado muito ocupado e não quero lhes escrever uma carta curta. Não sei ao certo como lhes demonstrar meu amor e atenção. Deus as abençoará!

[...] ¹⁶⁶ Vivo sozinho aqui. Como de costume, escondo-me das pessoas. Depois de cinco anos de contínua vigilância, um de meus grandes prazeres é

166. Omite-se trecho da carta no qual Dostoiévski fala detalhadamente ao irmão sobre suas atribuições no serviço militar. (N. do T.)

ter meus momentos de solidão. A vida de servidão debilitou-me muito. Quase escrevi para contar, por exemplo de minha doença. Tenho tido estranhos ataques, como os da epilepsia, mas de natureza distinta. Em outra oportunidade, conto em detalhes. Mas me faça o favor de não suspeitar que eu seja o mesmo melancólico e hipocondríaco dos últimos anos de Petersburgo. Tudo aquilo desapareceu como mágica. Deus ajudou-me.

Em minha condição de servo penal, penso sempre muito sobre meu passado e futuro, e recordo-me sempre de todos vocês. Tenho algumas recordações amargas e doentias, mas não me deixo levar por elas. Tento torná-las doces.

Meu irmão, você fala sobre dinheiro e pergunta se eu preciso de algum? Você conhece minha situação. Pode mandar, se puder. Afinal, você é minha única esperança. Não confio em mais ninguém.

Até breve, meu querido! Escreva mais sobre você. Conte-me, por favor, sobre a sua saúde e como vão os seus filhos. Vou terminar por aqui esta carta. E sobre o que escrevi? Apenas de minha tristeza por viver ao seu lado apenas por meio dessas cartas, por cinco anos. Escreverei com mais frequência.

Seu irmão,

Fiódor Dostoiévski

XXV. Carta à senhora Maria Dmitrievna Issaiev¹⁶⁷:

Semipalatinsk, 4 de junho de 1855.

Muitíssimo obrigado por sua carta gentil, minha querida e inesquecível amiga Maria Dmitrievna, enviada logo depois de sua viagem. Espero que a senhora¹⁶⁸ e seu esposo Aleksandr Ivanovitch permitam-me que chame aos dois de amigos. Certamente, fomos amigos aqui, e confio que assim permanecemos. Uma mera separação terá nos modificado? Creio que não. Tê-los deixado, meus queridos amigos, pesou tanto em mim que apenas por esse

167. Maria Isaev, uma vez viúva, tornou-se a primeira esposa de Dostoiévski. (N. do T.)

168. No original, Dostoiévski usa *Вы* ("vós") como pronome de tratamento ao se dirigir a Maria Dmitrievna. Em russo, é um pronome usado em situações mais formais e ao se dirigir a estranhos, contatos de negócios, vizinhos e mesmo amigos. O *Ты* ("tu"), pronome que ele usa ao dirigir-se ao irmão Mikhail, é usado apenas para familiares próximos e amigos íntimos. Apesar do teor amigável da carta, optamos na tradução por usar a forma de tratamento formal, por assinalar a distância respeitosa de Dostoiévski ao se dirigir a uma mulher casada. Em outras situações, o pronome *you* foi usado na tradução de *Вы* de acordo com o tom de cada carta. (N. do T.)

sentimento pude julgar o quanto vocês me são caros. Esta é, afinal, a segunda carta que escrevo para vocês. Eu tinha uma resposta à sua carta cordial pronta para o correio há alguns dias, querida Maria Dmitrievna, mas nunca a enviei. Aleksandr Iegorovitch¹⁶⁹, que deveria ter levado a carta até o correio, partiu repentinamente para Smiev no último sábado. Ao mesmo tempo, seu servo desapareceu por dois dias, e a carta permaneceu em meu bolso. Má sorte a minha! Agora escrevo novamente, mas também não sei se esta carta chegará até vocês. Aleksandr Iegorovitch ainda não regressou. Mas enviaram um mensageiro especial para saber do seu paradeiro.

Aqui, esperamos para qualquer instante a visita do governador-geral. Talvez ele já tenha até mesmo chegado. Dizem que ele ficará aqui por cinco dias. Mas basta desse assunto. Como foi sua chegada a Kusnezsk? Espero e oro para que nada de mal tenha acontecido no caminho. A senhora escreveu-me dizendo que estava deprimida e mesmo enferma. Estou muito preocupado com isso. A mudança causou esses problemas e inevitáveis desconfortos, e agora mais essa doença! Como a senhora consegue suportar? Não consigo pensar em nada mais. Sabe como sou apreensivo, creio que a senhora pode imaginar a minha ansiedade. Meu Deus, a senhora – *a senhora*, que seria um ornamento para qualquer sociedade – merece tão pouco um destino como esse, com todos os penosos cuidados e contrariedades! Destino maldito! Aguardo sua carta com impaciência. Se ao menos ela chegasse no próximo correio! Fui diversas vezes à casa de Aleksandr Iegorovitch para saber se chegara algo, mas ele ainda não regressou.

A senhora me perguntou como passo o meu tempo, e como organizo meu dia. Por quinze dias não soube o que fazer comigo mesmo, tão triste eu estava. Se a senhora pudesse saber como me sinto órfão agora! É como na época em que fui preso em 1849, posto na prisão e arrancado de tudo o que eu mais amava e prezava. Quanto carinho cresceu entre nós. Nunca vi o nosso relacionamento como uma amizade comum, e agora, quando não a tenho mais por perto, começo a entender muitas coisas. Tenho vivido cinco anos inteiramente sem relações humanas – muito solitário, sem uma criatura com quem pudesse abrir meu coração. Mas a senhora me tratou como a um irmão.

169. Barão Vrangél. (N. do E.)

Lembro-me que desde o primeiro instante, senti-me à vontade em sua casa. Aleksandr Ivanovitch não poderia ter sido mais gentil para seu próprio irmão como foi para mim. Com meu caráter arredo, devo ter causado a vocês uma péssima impressão, e vocês dois foram muito carinhosos. Reconheço e sinto isso, pois não sou de todo insensível. A senhora é uma mulher maravilhosa, tem um coração de rara ternura, é como uma irmã para mim. O simples fato de que uma mulher possa me tratar de uma forma tão amigável foi, por si só, um grande evento em minha vida. Pois mesmo o melhor dos homens é por vezes, se posso dizer assim, um bruto. O coração feminino, a compaixão e piedade das mulheres, a infinita gentileza da qual nós homens não temos uma percepção clara, e que, em nosso modo obtuso de ser, muitas vezes sequer nos damos conta de que são insubstituíveis. Encontrei tudo *isso* na senhora. Mesmo desconsiderando todos os meus defeitos, uma irmã não poderia ter sido mais cuidadosa e gentil comigo que a senhora. Se passamos por alguns momentos de violento desequilíbrio, foi sempre por causa de minha ingratidão, e a senhora estava adoentada, nervosa e ferida. A senhora estava magoada porque os imbecis da sociedade nem a louvavam nem a compreendiam, e qualquer um com a sua energia ficaria *revoltado* com tamanha injustiça, e tal revolta é nobre e digna. Esse é um traço essencial do seu caráter; o sofrimento e as circunstâncias naturalmente distorceram muito na senhora – mas, meu Deus, cada uma de suas falhas foi redimida! E já que não fui um estúpido todo o tempo, percebi e guardei isso em mim. Em poucas palavras, eu *tinha* que amar sua casa como se fosse minha – não poderia ser de outra forma. Nunca esquecerei vocês dois, e serei sempre grato, pois estou convencido de que nenhum de vocês dois tem ideia do quanto fizeram por mim, e como era necessário para mim encontrar pessoas como vocês. Se eu não tivesse vocês, eu teria certamente me tornado um bloco de madeira; mas agora sou novamente um ser humano. Mas basta, isso não é para ser externado, muito menos em uma carta. Amaldiçoo esta carta, pois ela me faz recordar de sua partida, tudo me faz lembrar esse dia. Ao cair da tarde, naquelas horas quando eu costumava ir à casa de vocês, esse penar transborda em mim, e eu poderia chorar se tivesse ao menos vocação para isso; e sei que a senhora não ria de minhas lágrimas. Meu coração está de tal forma constituído, que tudo o que amo e prezo torna-

se amargo dentro dele, e transforma-se em feridas e sofrimento. Vivo muito solitário hoje em dia, não sei o que fazer de mim mesmo; tudo parece sem sentido para mim. Um vazio aterrador! Tenho apenas Aleksandr Iegorovitch por perto; mas em sua companhia sempre me sinto triste, pois sempre acabo por comparar-me com ele, e a senhora pode facilmente imaginar qual o resultado disso. De qualquer forma, ele está longe agora. Durante a sua ausência, fui duas vezes aos Jardins Kasakov, e senti-me amargurado! Quando penso no último verão, quando a senhora, pobrezinha, tinha apenas um desejo, ir para o campo e desfrutar de algum ar puro – uma tristeza imensa desceu sobre mim, e senti-me desolado pela senhora. Lembra-se como nós – Aleksandr Ivanovitch, a senhora, Elena e eu – fomos uma vez aos Jardins Kasakov? Como aqueles momentos retornam a mim quando volto lá agora! Nada mudou nos jardins, e o banco no qual nos sentamos continua lá. E sinto-me muito triste. A senhora aconselha-me a morar com Vrangél, mas não quero fazer isso; tenho minhas razões para rejeitar a ideia. Primeiro, há a questão do dinheiro. Se eu morasse com ele, teria naturalmente que gastar muito mais dinheiro com o aluguel, criados e comida, pois não viveria às custas dele. Segundo: meu caráter. Terceiro: o caráter dele. Quarto: tenho notado que ele é muito visitado por todo o tipo de gente. Não quer dizer que pretendo me isolar do convívio social, mas não suporto estranhos. Finalmente: amo a solidão, estou acostumado, é como minha segunda natureza. Basta. Ainda não lhe contei nada ainda. Depois de acompanhá-la à floresta e deixá-la sob um pinheiro (no qual deixei uma marca), retornei lado a lado com Vrangél (que levava seu cavalo pelas rédeas) para a hospitaleira casa de Pechekonov. Foi lá que pela primeira vez me dei conta de meu estado desolador. Primeiro pude ver a carruagem à distância, depois apenas ouvi-la, e por fim ela havia partido. Entramos na *drochki*¹⁷⁰ e falamos sobre vocês dois, como a senhora suportaria a viagem; e foi então que Vrangél me disse algo que me deixou eufórico. No dia da sua partida, cedo da manhã, parece que Peter Mikhailovitch sugeriu que eles se encontrassem à noite. Vrangél recusou a oferta, e quando perguntado por Piotr dos motivos da recusa, respondeu que iria “ver a partida dos Issaievs”. Havia outras pessoas por perto. Piotr Mikhailovitch perguntou de pronto: “Então você conhece bem aquele casal?” Vrangél respondeu brevemente que havia conhecido vocês

apenas de passagem, mas que considerava sua casa uma das mais agradáveis, e a anfitriã – ou seja, a senhora – era uma mulher como jamais vira igual desde que estivera em Petersburgo, e provavelmente nunca mais veria outra; uma mulher “como *nunca* se viu igual”, ele acrescentou, “e cuja amizade é sinônimo de grande honraria”.

A história de Vrangél deu-me uma alegria imensa. Penso que a opinião de um homem como ele, que conhece as senhoras da mais alta sociedade (pois nesse meio nasceu), é bastante decisiva. Falando de assuntos como esse, e criticando os Pechechonovs, chegamos à cidade ao nascer do dia. E o condutor, ao qual não havia sido dada qualquer ordem, levou-nos diretamente para a minha casa. O chá protocolarmente oferecido foi declinado e fiquei feliz, pois precisava estar sozinho. Fiquei por algum tempo em casa, caminhando de um lado a outro na sala de estar, vendo o sol nascer e revivendo todo o último ano, que passou tão rápido para mim; todas as memórias voltaram à mente, e entristeci-me imensamente, pensando em meu futuro. Desde aquele dia ando a vagar sem direção, como o Judeu Errante. Raramente saio de casa. Tudo me parece tedioso; estive uma vez na casa de Grinienki, que está indo para Kopál e parte por esses dias (está indo para Vierni¹⁷¹ também); visitei Meder, que me achou muito magro; fui levar meu abraço de aniversário a Junetchka¹⁷², quando encontrei os Pechechonov e conversei com eles; tenho visto Vielikhov¹⁷³ de vez em quando; e, por fim, vou ao campo para alguns exercícios. Estou frequentemente enfermo. Com que impaciência esperei a chegada dos correios! Ia frequentemente à casa de Ordinski para descobrir algo sobre isso. Também estive em sua casa, retirei de lá sua planta (está aqui agora) e vi o pobre e abandonado Surku, que correu até mim louco de alegria, mas não consegui convencê-lo a sair de casa. Por fim, o trem de carga voltou. Sua carta, pela qual agradeço imensamente, foi uma grande alegria para mim. Fiz muitas perguntas aos tártaros. Disseram-me tantas coisas, e sobretudo elogiaram você (todos adoram você, Maria Dmitrievna!). Dei a eles algum dinheiro. No dia seguinte, encontrei Koptiov em casa de Vrangél. Contou-me várias coisas também, mas não pude perguntar a ele o que realmente me interessava mais, ou seja, como ficou

170. Pequena carruagem para dois passageiros e condutor. (N. do T.)

171. Trata-se da atual cidade de Alma-Ata. (N. do T.)

172. Trata-se, provavelmente, de companheiros de caserna de Dostoiévski. (N. do T.)

173. Comandante do batalhão onde servia Dostoiévski. (N. do T.)

resolvida a questão das despesas de sua viagem. A pergunta era muito delicada. Até hoje não consigo imaginar como a senhora conseguiu empreender essa jornada! Que bom receber sua carta, Maria Dmitrievna! Desejava muito esta carta. É tão generosa em detalhes; escreva outras como esta, sempre.

[...] ¹⁷⁴ Li a sua carta para Vrangél — apenas algumas partes, é claro. Não pude deixar de ir ver uma vez a Elena: a coitadinha está muito solitária.

Sinto muito que tenha ficado doente durante a viagem! Quando receberei uma carta sua? Estou tão ansioso! Como a senhora estava na sua chegada? Mande minhas lembranças carinhosas para Aleksandr Ivanovitch. Espero que ele possa escrever para mim em breve. Abraço-o ternamente como um irmão e amigo, e desejo que a saúde dele fique melhor que quando vivia aqui. E ele pretende ser tão pouco seletivo com relação às pessoas aí em Kusnezsk como foi aqui em Semipalatinsk? É mesmo válido associar-se a todos aqueles cidadãos, comer e beber com eles, rebaixar-se ao nível deles? Por conta de escolhas como esta, somos capazes de nos ferir com os olhos bem abertos. Que desagradáveis são todos eles e, mais que tudo, como são sujos! Quando se está na companhia deles, costuma-se sentir a alma tão suja como se a tivessem arrastado pelo chão. Espero que Aleksandr Ivanovitch não tenha raiva de mim por minhas recomendações.

Até breve, inesquecível Maria Dmitrievna — muito breve! Iremos nos encontrar novamente, não? Escreva-me muito e com frequência, conte-me sobre Kusnezsk, sobre as pessoas que conhecer, e tudo o que puder sobre a senhora. Beije Pacha por mim. Adeus, adeus — oh, *quando* iremos nos ver de novo?

Fiódor Dostoiévski

**XXVI. Carta à Aleksandr Iegorovitch, Barão Vangrel:
Semipalatinsk, 14 de agosto de 1855.**

Começo por pedir desculpas a você, meu querido Aleksandr Iegorovich, pela desordem em que escreverei esta carta. Antecipo que ela será confusa. São duas da madrugada, já escrevi outras duas cartas. Minha cabeça dói, de-

veria estar dormindo e, no entanto, o peso no coração mantém-me desperto. Recebi nesta manhã uma carta de Kuznetsk. O pobre, desafortunado Aleksandr Ivanovitch Issaev faleceu¹⁷⁵. Talvez não acredite, mas meu coração está em pedaços. Devo ser um dos poucos que sei do ocorrido. Era um homem terno, um homem de verdadeira nobreza! Você conheceu-o pouco. Morreu em intolerável sofrimento, mas Deus garantiu-lhe uma morte digna. Ele morreu íntegro, abençoando a esposa e o filho, preocupado apenas com o destino da família. A desafortunada Maria Dmitrievna informou-me sobre sua morte nos mais ínfimos detalhes. Em meio às mais fortes dores (ele sofreu por dois dias), ele chamou-a, abraçou-a e disse comovido: “Que será de você! Que será de você!” Em meio à mais cruel tortura, esqueceu-se de suas dores. Coitado! Ela está desesperada. Em cada linha de sua carta, a dor é tão visível que não pude ler sem que as lágrimas viessem e mesmo você, alheio à família, mas um homem de bom coração, também começaria a chorar. Lembra-se do menino, Pacha? Desfez-se em pranto e em desespero. No meio da noite, desce da cama, corre até o ícone com o qual rezava junto ao pai duas horas antes de morrer, ajoelha-se e ora, em suas próprias palavras, pela paz da alma do pai. Foi enterado em uma cerimônia simples, com o dinheiro de doações (ainda há pessoas generosas). Ela escreveu-me dizendo que está em péssimo estado de saúde. Por vários dias não conseguiu dormir, e disse que está enferma, que perdeu seus sonhos. E nada consegue ver à frente a não ser as dívidas. Alguém lhe enviou três rublos de prata. “A necessidade forçou a minha mão para que aceitasse,” – ela escreveu, – “e aceitei”.

[...] ¹⁷⁶ Se enviar dinheiro, por favor não tarde. Não pode haver uma situação mais difícil que essa agora.

Adeus. A morte de Issaev pesa sobre minha cabeça, estou muito triste. A pena mal se mantém em minhas mãos.

Seu,

F. Dostoiévski

174. Omite-se aqui um trecho no qual Dostoiévski comenta, com certa ironia, uma questão de herança envolvendo a avó de Maria Dmitrievna. (N. do T.)

175. Alexander Ivanovitch Issaev morreu em 4 de agosto de 1855, conforme informado a Dostoiévski na carta de Maria Dmitrievna mencionada pelo escritor. (N. do T.)

176. Omite-se um trecho da carta no qual Dostoiévski discute com o barão Vrangél sobre o dinheiro que lhe deve e pede mais um empréstimo no intuito de amparar a viúva Issaev. (N. do T.)

**XXVII. Carta à senhora Praskovia Iegorovna Annenkov¹⁷⁷:
Semipalatinsk, 18 de outubro de 1855.**

Praskovia Iegorovna!

Queria escrever para a senhora há mais tempo, e tenho esperado tanto por uma oportunidade propícia que não vou mais adiar, agora que tenho um bom motivo. O portador desta carta, Alexei Ivanovitch Bakhirev, é um excelente rapaz, muito modesto, uma alma simples e honesta. Conheço-o há cerca de um ano e meio, e eu estou certo de que não exagero em suas qualidades.

Sempre lembrarei a compaixão com que a senhora e toda a sua excelente família mostrou a mim e a meus companheiros de infortúnio em minha chegada à Sibéria. Penso naquele ato de solidariedade com um peculiar senso de consolação, e sei que nunca irei esquecer. Aquele que aprendeu por sua própria experiência o que significa “destino hostil”, e em certos momentos provou da mais completa amargura, sabe também como é doce encontrar, inesperadamente, tal piedade fraternal.

Foi assim que a senhora e sua família mostraram-se para mim, e sempre recordarei meu encontro com vocês quando foram a Omsk e eu ainda estava na prisão.

Desde minha chegada a Semipalatinsk, não tenho notícias de Konstantin Ivanovitch e da tão honrada Olga Ivanovna¹⁷⁸. Meu convívio com Olga Ivanovna será para sempre uma das mais prazerosas memórias de minha vida. Há dezuito meses, quando Durov e eu deixamos a prisão, passamos quase um mês na casa dela. A senhora pode imaginar o efeito que tal convívio pode ter em um homem que por quatro anos, adaptando-se aos seus companheiros de cárcere, viveu como um peixe fora d'água. Olga Ivanovna estendeu-me a mão como uma irmã, e a lembrança de sua natureza bela, pura, orgulhosa e nobre estará sempre clara e radiante por toda a minha vida. Possa Deus derramar felicidade sobre ela, felicidade para ela e para os seus! Gostaria de saber algo sobre ela. Acredito que essas naturezas grandiosas como a dela deviam sempre ser felizes; apenas o mal é infeliz. Acredito que a felicidade reside em uma clara concepção da vida e na bondade do coração, não nas circunstâncias externas. Não é

177. Esposa do famoso *dezembrista* Annenkov. (N. do E.)

178. Trata-se do genro e da filha da Sra. Annenkov, Konstantin Ivanovitch Ivanov e Olga Ivanovna. (N. do E.)

assim? Estou certo de que a senhora me compreenderá perfeitamente, e é por isso que lhe escrevo essas coisas.

Minha vida prossegue, de uma forma ou de outra, mas devo confessar que tenho grandes esperanças. Minhas esperanças baseiam-se em certos fatos; muitas pessoas enfrentam problemas por minha causa em São Petersburgo, e devo ouvir falar algo sobre isso nos próximos meses. A senhora deve ter provavelmente ouvido falar que Durov foi libertado da servidão militar por conta de sua saúde, e que agora cumpre a servidão civil. Ele está em Omsk. Talvez chegue até aí alguma notícia sobre ele. Não trocamos correspondência, mas mantemos um ao outro em boas lembranças.

O barão Vrangel, que a senhora conhece, manda lembranças. Somos amigos. É um homem fino, uma natureza jovial. Deus permita que assim permaneça para sempre.

Meus profundos e sinceros respeitos ao seu esposo. Desejo à senhora uma felicidade perfeita. A senhora já ouviu sobre certo oráculo¹⁷⁹ que foi consultado durante a minha passagem por Omsk? Lembro-me ainda da profunda impressão que isso causou em Olga Ivanovna.

Até breve, nobre Praskovia Iegorovna.

Estou certo de que iremos nos rever, e talvez muito em breve. É meu desejo sincero. Penso com veneração na senhora e nos seus.

Com meu profundo respeito,

F. Dostoiévski

P.S.: Recebi algumas linhas de Konstantin Ivanovitch no verão. Embora eu estime muito o portador desta carta, A. I. Bakhirev, não confio todas as coisas para ele.

**XXVIII. Carta à Apollon Nikolaievitch Maikov:
Semipalatinsk, 18 de janeiro de 1856.**

Tinha a intenção de responder à sua gentil carta há tempos, meu caro Apollon Nikolaievitch. Ela chegou a mim como um sopro do passado.

Agradeço imensamente por não ter me esquecido. Não sei por que, mas sempre tive a sensação de que você não me esqueceria – talvez porque eu mesmo não consiga esquecê-lo. Você diz que muita coisa mudou nesse intervalo de tempo, e que ambos passamos por muitas transformações. Da minha parte, posso dizer que sim. Poderia contar muitas coisas interessantes sobre mim. Mas, por favor, não fique com raiva de mim por escrever com tanta pressa, pois minha carta parecerá fragmentada e mesmo confusa. Estou sentindo o mesmo que você sentiu quando escreveu – a impossibilidade de expressar-se por inteiro depois de tantos anos, mesmo se escrevesse cinquenta páginas. Seria necessário estarmos frente a frente para que pudéssemos ler a alma e ouvir o coração por trás de cada palavra. Uma palavra dita francamente, cara a cara, tem valor maior que dúzias de páginas manuscritas. Agradeço a você, em particular, por tudo o que me contou sobre si.

[...] ¹⁸⁰ Talvez você tenha recebido de meu irmão informações sobre mim. Em minhas horas de descanso tenho registrado umas tantas anotações sobre minhas memórias da prisão ¹⁸¹. São muito curiosas. Há, contudo, poucos traços autobiográficos nesses apontamentos. Quando terminar, e se houver uma boa oportunidade para tal, eu enviarei uma cópia manuscrita para seu registro.

O portador desta carta é Aleksandr Iegorovitch, barão Vrangél, um jovem de grandes qualidades, de boa alma e coração nobre, que veio para a Sibéria logo após terminar o Liceu com sonhos *magnânicos* de conhecer a fronteira, de ser útil, etc. Ele serve em Semipalatinsk, onde o conheci, e meu apreço por ele cresce a cada dia. Peço, por isso, que você lhe dê especial atenção e mantenha contato com ele o quanto possível. Melhor será que eu lhe conte um pouco sobre seu caráter: é muito gentil, confiante, de coração nobre, inteligente — ainda que seu exterior possa dar a primeira impressão de ser algo inacessível. Para o bem dele, apreciaria muito que tivesse contato com você. O meio aristocrático no qual ele cresceu não é de todo agradável a mim, e ainda que ele tenha ótimas qualidades, ainda é muito influenciado por aquele pensamento retrógrado. Sua influência sobre ele pode ser decisiva. Tenho-o em alta conta e por isso me desculpo a você por pedir sua atenção a um barão que, a bem da

179. A alusão remete a uma sessão espírita na qual a senhora Ivanovna teria ouvido uma assombrosa profecia a respeito de uma questão de herança. (N. do E.)

180. Omite-se trecho no qual Dostoiévski tece considerações sobre amigos em comum com Maikov. (N. do E.)

181. Tais anotações deram origem ao “Memória da Casa dos Mortos”, publicado em 1862. (N. do E.)

verdade, é um pouco hipocondríaco, muito impressionável, por vezes reservado demais e de temperamento um pouco instável. Mas converse com ele, de forma direta, o mais sincera possível. Peço isso, e repito a você, por depositar nele um imenso carinho. (Peço que mantenha meu pedido em segredo; em verdade esta carta é de todo um segredo.)

Você escreveu-me dizendo que pensou em mim com saudade e sempre se perguntou, “Para quê? Para quê?”. E eu também recordei ternamente de você. Mas à sua pergunta “Para quê?” não tenho como responder, pois não importa o que eu possa dizer – será sempre um desperdício de palavras. Você diz que fez muita coisa, pensou muito, mudou muito em todo esse tempo. Não poderia ter sido de outra forma e estou certo de que agora nossos pontos de vista seriam concordantes. Pois eu também tenho pensado muito e feito muita coisa; houve circunstâncias e influências nas quais tive que ponderar muito, mais que minhas forças eram capazes de suportar. Como me conhece muito bem, certamente você sabe que em todas essas coisas eu fui guiado por aquilo que acreditava ser justo e correto, que nunca fui hipócrita, e que quando me envolvi em algo, assim o fiz com toda a minha alma. Não pense, porém, que falo das circunstâncias que me trouxeram até aqui. Falo de experiências mais recentes; não seria relevante aludir a ocorrências do passado – não foram nada mais que um episódio isolado, no fim das contas. As pessoas mudam seus pontos de vista; o coração permanece o mesmo. Li toda a sua carta, mas não consegui compreender a parte mais essencial. Falo de patriotismo, da Ideia Russa, do senso de dever, da honra nacional e de todos esses temas dos quais você fala com tamanho entusiasmo. Mas, meu amigo! Por alguma vez você foi diferente? Pois eu fui sempre inspirado por aquelas mesmas emoções e convicções. Rússia, Dever, Honra? Sim, sempre fui muito russo, e digo isso com toda a certeza. O que, então, é “novo” sobre o movimento que está se tornando perceptível ao seu redor, e que lhe parece uma nova tendência? Digo com franqueza que não entendo as suas palavras. Li seu poema, penso que é genial; compartilho inteiramente a sua emoção patriótica, seus esforços no sentido da emancipação moral dos escravos. É nisso que reside a missão da Rússia – nossa nobre e poderosa Rússia, nossa sagrada mãe. Que belas as últimas palavras de seu “A Catedral de Klermontski”¹⁸²! Como conseguiu tal eloquência para ex-

pressar de forma tão magnífica esses poderosos conceitos? Sim, compartilho a ideia de que a Europa encontrará na Rússia o seu caminho; eis a verdadeira missão da Rússia. Isso foi sempre claro para mim. Você diz que nossa sociedade “parece despertar de sua apatia”. Ainda assim, creio que você concorda que nossa sociedade nunca, de fato, manifesta-se publicamente; mas será possível concluir que lhe falta a energia para tal? Uma vez que uma ideia é realmente manifestada com clareza, e a sociedade é chamada para o debate, os russos sempre se posicionam. É o que agora acontece: a Ideia tem sido manifestada de forma ampla, nacional e cavalheiresca (é importante que se diga isso) – e se trata da mesma ideia política cunhada por Pedro, o Grande, por fim universalmente aceita. Talvez você se sentisse – e sinta – ofendido por ver que as ideias francesas ganham terreno justamente naquele estrato da sociedade em que as pessoas pensam, sentem e se instruem conscientemente. Sem dúvida há um traço de exclusividade nisso; mas é da natureza de toda a exclusividade produzir instantaneamente a sua própria antítese. Você há de convir que todos os pensadores – quero dizer, todos os que dão o tom dos debates – sempre abordaram as ideias francesas de um ponto de vista científico, e que mesmo os que mais se aproximavam da exclusividade, permaneciam, no fundo, radicalmente russas¹⁸³. O que você vê de novo em tudo isso? Posso garantir que eu, por exemplo, sinto-me tão próximo aos russos que mesmo os condenados com quem convivi nunca me assustaram; eles eram russos, meus irmãos no infortúnio. E sempre tive a alegria de descobrir generosidade no coração de um ladrão ou de um assassino, mas isso apenas porque sou russo e, assim, conseguia compreendê-lo. Devo agradecer à minha má sorte por muitas experiências práticas, que provavelmente tiveram uma grande influência sobre mim; mas, ao mesmo tempo, aprendi que no âmago do meu ser eu sempre fui um russo. É possível equivocarse em uma ideia, mas não no coração, pois a consciência torna o erro inescrupuloso – em outras palavras, não se pode agir contra suas próprias convicções.

Mas porque estou escrevendo tudo isso a você? Sei bem que estas linhas não expressam nem um pouco o que quero dizer. Vou então contar um pouco sobre mim. Li muito pouco na prisão, pois não pude obter nenhum dos

182. Trata-se de um poema escrito por Maikov em 1854, cujos últimos versos exaltam o orgulho patriótico do povo russo e sua crença no futuro glorioso do país. (N. do T.)

183. Dostoiévski refere-se possivelmente às ideias do socialismo utópico francês em voga entre os *petrachevski*. (N. do T.)

livros que eu queria, embora livros de todo o tipo costumassem cair em minhas mãos. Desde que me mudei para Semipalatinsk, tenho lido muito mais; mas ainda não tenho livros, nem mesmo os mais necessários, e o tempo passa depressa. Não tenho como descrever meu sofrimento por não ter sido autorizado a escrever na prisão. Meu mundo interior fervia. Algumas coisas boas virão, sinto isso. Mesmo naquelas condições, planejei um grande romance e considero que será minha obra definitiva. Tive muito medo que minha paixão primeira por meu trabalho tivesse desaparecido com o passar dos anos, e que o momento de produzir houvesse passado – essa paixão sem a qual não se pode escrever. Mas eu estava errado: o personagem que eu havia concebido, e que é a base de todo o livro, precisava de alguns anos para ser desenvolvido, e estou convencido de que eu teria arruinado tudo se eu tivesse, incipiente como ele estava, começado essa obra no primeiro impulso da vontade. Mas mesmo quando deixei a prisão, não escrevi. Simplesmente não podia escrever. Uma circunstância, uma contingência que por muito tempo se recusava a acontecer em minha vida e, por fim, invadiu-a, tomou conta de mim, absorveu-me por completo. Eu estava feliz, não podia trabalhar. Depois eu viria a conhecer o sofrimento e a tristeza. Perdi algo que era tudo para mim. Centenas de versts separam-nos agora¹⁸⁴. Não irei falar mais claramente agora, mas um dia talvez explique com detalhes tudo isso. Agora não posso. Mas não estive de todo parado. Escrevi alguma coisa, mas adiei os esforços de composição da minha grande obra. Para isso, preciso de paz de espírito. Comecei, por diversão, a escrever uma comédia. Inventei tantos personagens e episódios engraçados, e gostei tanto de meu herói, que abandonei a intenção de fazer comédia (ainda que tenha gostado tanto) para poder estender ao máximo as experiências de meu herói e divertir-me ainda mais com ele. Ele é parecido comigo em muitos aspectos. Em poucas palavras, estou escrevendo uma novela de humor; até o momento, tenho apenas descritas umas aventuras isoladas, mas agora tenho várias e trabalho em costurá-las¹⁸⁵.

Bem, eis o relatório de meu trabalho; não posso evitar contá-lo para você. Quando converso com você, meu inesquecível amigo, penso sempre em nosso passado. De fato, eu era sempre feliz em sua companhia – como poderia esquecê-lo? Você me escreve sobre literatura; há um ano que praticamente

184. Dostoiévski refere-se a Maria Dmitrievna Issaev, que depois seria sua esposa. (N. do E.)

185. Dostoiévski refere-se ao processo de construção de “O Sonho do Tio”. (N. do E.)

não leio nada. Dou-lhe minhas impressões, de qualquer modo: Turgueniev é o que mais me agrada; é uma pena que ele costume ser tão irregular para alguém com seu grande talento. Gosto muitíssimo de Liev Tolstói¹⁸⁶, mas tenho a impressão de que ele não escreve muito (mas talvez eu esteja errado). De Ostrovski não conheço absolutamente nada; não li nada dele, embora tenha visto vários excertos de seus trabalhos em artigos sobre ele. Ele parece conhecer certo estrato da sociedade russa em profundidade, mas não creio que ele seja um artista. Mais me parece um poeta sem ideais. Por favor, tente persuadir-me do contrário; e imploro que me envie os trabalhos dele que considere os melhores, para que eu não me apoie apenas nas críticas escritas sobre a obra dele. De Pissemski, conheço apenas “O Fanfarrão” e “O Rico Pretendente” – nada mais. Gosto muito de seu trabalho. É inteligente, bem-humorado e quase ingênuo; é um mestre ao contar histórias. Uma coisa é lamentável: escreve rápido demais. Escreve muito rápido e em demasia. Um homem deve ter mais ambição, mais respeito por seu talento e ofício, e mais amor pela arte. Quando se é jovem, as ideias acumulam-se em nossa cabeça; mas não se deve capturar a cada uma delas enquanto bailam em nossa mente, e daí apressar-se para divulgá-la. Deve-se esperar pela síntese, pensar mais; aguardar até que os detalhes todos que formam a ideia tenham se agrupado em torno de um núcleo, em uma ampla e definida imagem; nesse momento, nunca antes, deve-se então escrevê-la. Os personagens colossais, criados pelos autores colossais, em geral nascem do trabalho demorado e persistente. Mas as tentativas e rascunhos que levam àquela imagem não devem jamais ser divulgados. Não sei se me faço entender! Mas, no que diz respeito a Pissemski, parece-me que ele não retém muito a sua pena. Nossas escritoras escrevem como outras senhoras escritoras – ou seja, com inteligência, correção e muita fluência de expressão. Diga-me, por favor, porque as escritoras quase nunca são artistas sérias? Mesmo uma artista indiscutivelmente colossal, como George Sand, parece desperdiçar seu talento com suas questões puramente femininas.

Durante todo o tempo em que estive na prisão, encontrei muitos de seus poemas curtos, caro amigo, publicados nos jornais. Gostei imensamente de to-

186. Liev Tolstói (1828-1910), romancista russo, considerado um dos maiores escritores da Rússia e um dos autores favoritos de Dostoiévski. Dentre suas obras mais renomadas estão “Guerra e Paz” (1865-1869) e “Anna Karênina” (1873-1877). À época desta carta, Tolstói havia publicado apenas quatro livros. (N. do T.)

dos. Tenha coragem e siga trabalhando. Conto-lhe em segredo, em estrito segredo: Tiutchev¹⁸⁷ é memorável, mas... Et Cetera. Que Tiutchev é esse, aliás – é o nosso Tiutchev? De qualquer modo, muitos de seus poemas são excelentes.

Até breve, meu querido amigo. Perdoe-me pela incoerência desta carta. Nunca se escreve apropriadamente em uma carta. Por conta disso é que odeio Madame de Sévigné¹⁸⁸. Ela escreveu cartas maravilhosas. Quem sabe? Talvez eu possa estreitá-lo em meus braços novamente. Permita-nos Deus! E pelo amor de Deus, não mostre esta carta a ninguém (absolutamente ninguém)!

Um abraço.

Seu, Dostoiévski

XXIX. Carta ao general Eduard Ivanovitch Totleben: Semipalatinsk, 24 de março de 1856.

Sua excelência general Eduard Ivanovitch!

Perdoe-me por ousar pedir a sua atenção por meio desta carta. Temo que, ao ver a assinatura e meu nome, que o senhor já deve provavelmente ter esquecido – ainda que há muitos, muitos anos atrás eu tivesse a honra de ser conhecido do senhor¹⁸⁹ –, o senhor fique com raiva de mim e deixe a carta de lado sem lê-la.” Eu imploro por sua indulgência. Não me acuse de ser insensível à imensurável diferença entre a minha posição e a sua. Mas passei por tantas experiências amargas em minha vida que sou capaz de ignorar tal distância. Sei muito bem que não tenho direito algum de recordá-lo, agora, que no passado o senhor me conheceu, e com isso tentar obter uma nesga de sua atenção. Mas sou tão infeliz que, quase contra a minha vontade, devo me fiar na esperança de que o senhor não fechará o coração para um infeliz exilado e concederá um pouco de sua atenção.

Pedi ao barão Aleksandr Vrangeli para entregar-lhe esta carta. Durante sua estada em Semipalatinsk, ele fez mais por mim que meu próprio irmão poderia ter feito. Sua amizade é um consolo. Ele conhece todas as circunstâncias

187. Fiódor Tiutchev (1803-1873), considerado um dos mais profundos poetas-filósofos russos. (N. do E.)

188. Marie de Rabutin-Chantal (1626-1696), marquesa de Sévigné, nobre francesa que passou à posteridade por conta de suas cartas, publicadas em 1725. (N. do T.)

de minha vida. Implorei a ele que entregasse ao senhor esta carta em mãos; ele fará isso, embora eu não pudesse garantir a ele que o senhor fosse receber a carta com simpatia. Tais dúvidas são facilmente compreensíveis no coração de um ex-prisioneiro. Tenho um grande favor a pedir, e apenas uma pequena esperança de que o senhor irá me ouvir.

Talvez o senhor tenha ouvido alguma coisa sobre a minha prisão, meu julgamento e a ratificação da sentença que me foi dada no caso em que fui arrolado no ano de 1849. Talvez o senhor tenha prestado alguma atenção em meu destino. Baseio essa suposição no fato de que no passado eu e seu irmão Adolf Ivanovitch fomos muito amigos – desde crianças eu o admiro com sinceridade. Apesar de, nos últimos anos, eu não ter mais entrado em contato com ele, estou certo de que ele teve pena de mim, e talvez tenha comentado com o senhor alguma coisa sobre a minha triste história. Não ousa tomar seu tempo com uma descrição minuciosa de meu julgamento. Eu era culpado e muito consciente disso. Fui condenado pela intenção (mas apenas pela intenção) de conspirar contra o governo; fui condenado justamente e dentro da lei. As experiências difíceis e dolorosas de meus anos de prisão fizeram-me sóbrio, mudaram o meu modo de pensar em muitos sentidos. Antes, quando eu ainda estava cego, eu acreditei em todas as teorias e utopias. Quando fui para a Sibéria, tinha ao menos o conforto de ter me comportado honestamente diante do tribunal, de não ter lançado minha culpa em outros, e mesmo por ter sacrificado meus próprios interesses quando pensei que poderia salvar meus companheiros. Mas àquela época eu ainda estava convencido da verdade de minhas opiniões. Não confessei tudo o que sabia, e por isso fui punido com mais rigor. Anteriormente, sofrera por dois anos de uma estranha doença moral: eu era hipocondríaco. Entreguei-me a uma mórbida depressão. Houve um tempo em que até mesmo perdi a razão. Eu era exageradamente irritado, tinha uma sensibilidade mórbida e o poder de distorcer os eventos mais comuns em coisas imensuráveis. Mas eu sentia que apesar de aquela doença ter uma influência realmente maléfica sobre meu destino, era ao mesmo tempo uma desculpa pobre e humilhante para o meu comportamento. Mas, por outro lado, eu não estava inteiramente convencido de que *havia*, de fato, tal influência. Perdoe-me por esses detalhes. Seja generoso e ouça-me um pouco mais.

Fui para a prisão – quatro anos tristes e terríveis. Meus companheiros eram criminosos, homens quase sem emoções humanas, de moral pervertida. Durante aqueles quatro anos, nada conheci que fosse superior – apenas a realidade mais dura e cruel. Não havia um único ser com o qual eu pudesse trocar palavras cordiais; suportei a fome, o frio e as enfermidades. Sofri com os trabalhos forçados e o ódio de meus companheiros criminosos, que se vingavam de mim por eu ser um ex-oficial e bem nascido. E, ainda assim, posso jurar que nenhum desses tormentos foi maior que me dar conta de meus erros e descobrir que, degredado, eu seria totalmente afastado das pessoas que amava, incapaz de ampará-los com todas as minhas forças, desejos e capacidades. Sei que fui punido por minhas ideias e teorias. Mas as ideias — e mesmo as convicções — alteram-se; o próprio ser passa por mudanças. Sendo assim, é muito penoso, para mim, estar agora expiando por coisas que já não existem, que dentro de mim se tornaram, em verdade, justo o oposto; estar sofrendo por conta de meus erros passados, cuja tolice hoje percebo claramente – sentir que tenho o poder e o talento de fazer algo que poderia expiar a inutilidade de minhas primeiras obras, e mesmo assim penar na inatividade!

Agora sou um soldado. Sirvo em Semipalatinsk, e neste verão fui promovido a suboficial. Sei que muitas pessoas sentiram e sentem uma compaixão genuína por mim; eles têm intercedido por mim, restituído a minha esperança. Nosso monarca é gentil e apaixonado. Por último, sei que é difícil para qualquer um provar que um homem desafortunado é capaz de fazer algo valeroso, se as provas disso são falhas. Mas eu posso fazer algo de valor; não me faltam, decididamente não me faltam talento, sentimentos e princípios. Tenho um grande favor para pedir ao senhor, Eduard Ivanovitch! Apenas uma coisa me perturba: não tenho nenhum direito de importuná-lo com minhas questões. Mas sei que o senhor tem um coração nobre e generoso. Posso dizer isso com franqueza, pois o senhor recentemente provou isso para todo o mundo¹⁹⁰. Mais que isso, há muito tenho a felicidade – antes de todos os demais – de admirá-lo e tê-lo em alta conta; há tempos aprendi a respeitá-lo. Uma palavra sua, neste momento, teria um grande valor junto ao nosso generoso monarca,

189. Eduard Totleben (1818-1884), engenheiro militar e importante general russo. Credita-se a ele a construção da fortaleza de Sebastopol, em 1855. Dostoiévski conhecera o general Totleben em 1841 – seu irmão Adolfo era colega do escritor na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo. (N. do T.)

190. Dostoiévski refere-se à defesa de Sebastopol, em 1854, na qual Totleben teve papel destacado. (N. do T.)

que é grato ao senhor e muito o estima. Pense neste pobre exilado e ajude-me! Quero ser útil. Quando se tem uma força espiritual a impulsioná-lo, e uma boa cabeça sobre os ombros, é difícil não sofrer com a inatividade. Pois não tenho vocação para a carreira militar. Honestamente, desejo, com as forças que me restam, fazer o máximo que posso; mas sou um homem enfermiço, e sinto uma imensa vocação para outra esfera de ação, mais adequada às minhas capacidades. Meu maior desejo é ser dispensado do serviço militar e entrar para o serviço civil em alguma parte da Rússia europeia, ou mesmo aqui; e também quero ter alguma liberdade para escolher a cidade onde viver. Mas não vejo nenhuma forma de serviço público como a verdadeira missão de minha vida. Há alguns anos, o público deu-me uma recepção encorajadora e calorosa na esfera literária. Desejo imensamente ser autorizado a publicar meus trabalhos. E há precedentes para isso: vários ex-presos políticos foram generosamente perdoados e autorizados a escrever e imprimir suas obras. Penso que a vocação de escritor é útil e honrada. Estou certo de que apenas nessa esfera eu posso fazer um trabalho de valor; assim eu poderia atrair a atenção do público, retomar meu prestígio no meio literário e tornar minha vida, de certo modo, mais fácil, pois não possuo nada além deste garantido, ainda que provavelmente bem modesto, talento literário. Mas eu gostaria de ser muito franco: além do desejo sincero de mudar meu destino por um outro que melhor corresponda aos meus talentos, uma outra circunstância, da qual talvez dependa a felicidade de toda a minha vida (é uma questão absolutamente pessoal)¹⁹¹, deu-me coragem para dirigir-me ao senhor e remetê-lo ao nosso contato do passado. Mas certamente não espero que tudo isso seja obtido de uma única vez: peço apenas a possibilidade de desligar-me da vida militar e entrar no serviço civil.

Ouçá o meu pedido, mas não me tome por covarde. Tenho sofrido muito, e o simples fato de ter suportado tantos dissabores prova a minha paciência e certo grau de bravura. Mas agora eu *perdi* a coragem – percebo isso. Sempre pensei ser covardia incomodar outra pessoa, quem quer que seja, com meus problemas. E, agora, eu incomodo *o senhor*! Mas imploro que tenha piedade de mim. Até hoje tenho suportado meu infortúnio pacientemente. Mas agora me sinto sucumbir ao peso das circunstâncias e decidi tentar – esta carta é não mais que

191. É provável que Dostoiévski tenha em mente o projeto de contrair matrimônio com Maria Dmitrieva Issaev. (N. do E.)

uma tentativa. Juro que a ideia de escrever-lhe, e importunar-lhe, nunca havia me ocorrido antes. Teria sido doloroso e difícil, para mim, trazer-me à sua lembrança. Com o mais desinteressado entusiasmo, tenho acompanhado com satisfação a sua carreira heroica. Se o senhor soubesse com que alegria falo do senhor para os outros para os outros, certamente iria acreditar em mim. Se o senhor pudesse ver o orgulho com que declaro ter recebido a honra de conhecê-lo pessoalmente! Quando os seus grandes feitos foram divulgados aqui, fui bombardeado com perguntas sobre o senhor, e foi uma alegria, para mim, poder respondê-las. Seus feitos são tão grandiosos que estas palavras podem parecer mera bajulação. Mas o portador desta carta pode atestar ao senhor quão sinceros e desinteressados são os meus sentimentos para com o senhor. Não é difícil de compreender a gratidão de um russo pelo heroísmo daquele que, em um momento de desastre iminente para a Nação, coroou a defesa de Sebastopol com glória eterna. Repito que não foi minha intenção causar qualquer problema para o senhor. Mas, agora que perdi toda a minha coragem, e como não sabia a quem recorrer, lembrei-me de como o senhor sempre foi gentil, cordial e simples comigo. Pensei em cada um de seus gestos nobres e galantes, e retomei a esperança. Perguntei-me se o senhor, que agora atingiu uma posição tão gloriosa e elevada, iria repelir-me, a mim, que caí tão baixo? Perdoe a minha ousadia, perdoe-me por esta longa (muito longa, percebo agora) carta, e se puder fazer qualquer coisa por mim, faça-o, eu imploro. Tenho ainda um outro grande pedido; por favor, não recuse este favor. Mande lembranças minhas, quando puder, ao seu irmão Adolf Ivanovitch, e diga a ele que ainda o estimo como antes, que muitas vezes o tive em minhas recordações durante os quatro anos de prisão, quando meu espírito revisitava todo o meu passado novamente, dia após dia e hora após hora. Mas ele sabe o quanto eu o adoro. Soube que recentemente ele esteve enfermo. Já está restabelecido? Está vivo? Perdoe-me por esse pedido. Mas não sei a quem recorrer sobre esses desejos em meu coração, e então escrevo ao senhor. Sei que esta carta é uma terrível ruptura da disciplina: um soldado comum escrevendo a um general-adjunto! Mas o senhor tem um coração generoso e nisso me apego¹⁹².

Com o mais profundo respeito e os sinceros agradecimentos do russo,
O mais devoto servo de Sua Excelência,
Fiódor Dostoiévski

XXX. Carta ao barão Aleksandr Iegorovitch Vranghel:
Semipalatinsk, 13 de abril de 1856.

[...] ¹⁹³ Você conta em sua carta que os condenados políticos aguardam certas indulgências as quais, no entanto, ainda são mantidas em sigilo. Faça-me a gentileza, querido amigo, de tentar descobrir algo sobre mim em relação a isso. Eu *preciso* saber. Se souberes qualquer coisa, avise-me sem demora. Quanto à minha transferência para o Cáucaso, ou mesmo para o batalhão em Barnaul, já não me importam mais.

Você me diz que todos amam o novo tzar ¹⁹⁴. Eu, pessoalmente, o idolatro. Devo confessar que, para mim, a promoção foi muito importante; mas devo esperar ainda um bom tempo até ser promovido a um cargo comissionado. Gostaria de ter alguma coisa agora, já pronta, para a ocasião dos festejos da coroação. Melhor e mais saudável pedir uma autorização para publicar.

Penso em enviar-lhe, em breve, e em particular, um poema que escrevi alusivo à coroação. Considero até mesmo enviá-lo “oficialmente”. Você irá decerto encontrar-se com Gasfortom ¹⁹⁵. Ele logo irá, certamente, para a coroação. Será que você pode persuadi-lo a apresentar meu poema ao tzar? ¹⁹⁶ É adequado? Diga-me também até quando posso escrever para você, pois se você deixar Petersburgo, minhas cartas se perderão e será cansativo reavê-las.

Já lhe falei sobre meu artigo a respeito da Rússia? Transformou-se em um panfleto político. Ainda assim, não gostaria de retirar uma palavra daquele artigo. Dificilmente eles me deixarão retomar a minha atividade literária com um panfleto, não importa o quão patriótico seja. Mas o artigo está bom, fiquei satisfeito com o resultado. Dediquei-me muito a esse texto! Mesmo assim, deixei de lado tal tarefa. Já que não tenho permissão para publicá-lo,

192. Totleben levou o caso às autoridades competentes, e de próprio punho escreveu o seguinte documento: “Sua Majestade com prazer ordenou-me que sugerisse ao Ministro da Guerra que Fiódor Dostoiévski seja promovido ao posto de aspirante no regimento do Segundo Comando do Exército. Caso não seja possível, ele deve ser transferido para o Serviço Civil no posto de funcionário de décima-quarta classe; em ambos os casos ele estará autorizado a dedicar-se à literatura, e com isso também lhe será concedida a permissão para imprimir seus trabalhos desde que estejam dentro dos ditames da lei”. (N. do T.)

193. Omite-se o trecho inicial da carta, no qual Dostoiévski faz considerações sobre suas condições financeiras e as razões pelas quais não respondera à carta de Vranghel datada de 12 de março. (N. do T.)

194. Refere-se a Aleksandr II. A forma “czar” é a mais usada no português; adotamos aqui a forma “tzar”, também aceita, por ser mais próxima da transliteração do termo russo. (N. do T.)

195. Governador-geral da Sibéria. (N. do E.)

196. O poema tem por título “À Coroação e à Consolidação da Paz”. (N. do T.)

porque passei por tantos problemas? Para nada? O tempo é muito precioso agora para que eu o gaste escrevendo por puro deleite. Além disso, a atmosfera política mudou. Sendo assim, comecei a escrever um novo artigo: "Cartas sobre Arte"¹⁹⁷. A grã-duquesa Maria Nikolaievna é presidente da Academia de Artes. Pretendo pedir a permissão para dedicar-lhe esse texto, e deixar que o imprimam sem minha assinatura. O artigo é fruto de dez anos de ponderações sobre o tema. Planejei-o até o mais ínfimo detalhe enquanto estava em Omsk. Terá várias passagens originais e provocativas, e garanto que será muito comentado. Provavelmente muitos irão discordar de mim em muitos pontos, mas eu acredito em minhas ideias, e isso me basta. Gostaria de pedir a Apollon Maikov que o lesse em primeira mão. Alguns capítulos trazem páginas inteiras do panfleto. Lida diretamente com o papel do Cristianismo na Arte. Mas onde eu poderia publicá-lo? Se permito que o imprimam como uma publicação separada, terei no máximo cem leitores, pois não se trata de um romance; enquanto se o artigo sair em um jornal eu posso ganhar dinheiro com ele. Bem, o "Contemporâneo" sempre me foi hostil, o mesmo acontece com o "Moscovita"¹⁹⁸. No "Mensageiro da Rússia"¹⁹⁹, publicaram a introdução de um artigo de Katkov ou Puchkin cujas ideias expressas estão em desacordo com as minhas. Então me resta apenas o "Anais da Pátria", mas não sei como andam as coisas com aquele jornal. Verifique com Maikov e com seu irmão se há alguma possibilidade de uma publicação remunerada, e diga-me qual a opinião deles; fale disso casualmente, de forma natural. O importante é que o romance no qual estou trabalhando me traz muita alegria. Apenas com os romances é que irei construir o meu nome e atrair a atenção pública. De qualquer modo, seria interessante começar com um artigo sério sobre arte para depois pleitear uma autorização para publicá-lo. No momento, as pessoas consideram um romance como algo inferior. Assim, ao menos, é o que me parece. [...]

197. É a tradução literal do título em russo. Não encontramos referências a esse texto em português. (N. do T.)

198. Em 1846, Dostoiévski rompeu com o "Contemporâneo", no qual era colaborador. Quanto ao "Moscovita", o autor provavelmente se recorda das más críticas publicadas naquele jornal a respeito de seus livros "Gente pobre" e "O Duplo". (N. do T.)

199. Vários jornais receberam o nome *Русский вестник* ("*Russkii viestnik*"). Aqui Dostoiévski refere-se ao periódico dirigido por Mikhail Nikiforovitch Katkov (1818-1887), um jornalista russo identificado como conservador e proeminente no governo de Aleksandr II. Esta publicação, produzida em Moscou (1856-1887) e São Petersburgo (1887-1906), foi uma das mais influentes da segunda metade do século XIX na Rússia. Em suas páginas foram publicados clássicos da literatura russa, como "Pais e Filhos" (1862) de Turgueniev, "Guerra e Paz" (1865-1869) e "Anna Karenina" (1875-1877) de Liev Tolstói e três romances de Dostoiévski: "Crime e Castigo" (1866), "O Idiota" (1868) e "Os Demônios" (1871-1872). (N. do T.)

**XXXI. Carta ao seu irmão Mikhail:
Semipalatinsk, 31 de maio de 1858.**

Você me pede, meu amigo, para enviar tudo o que eu escrevo. Não consigo me lembrar (minha memória está especialmente ruim ultimamente) – não me lembro se contei para você de minha aproximação com Katkov, do “Mensageiro da Rússia”, e lhe ofereci minha cooperação no seu jornal; eu prometi que ainda este ano escreverei um longo conto para ele se ele me adiantasse imediatamente 500 rublos. Quatro ou cinco semanas atrás recebi a quantia, junto com uma carta sensível e cordial. A carta diz que ele está muito feliz por minha cooperação e de imediato responde à minha solicitação de dinheiro. Pede que eu não me apresse de modo algum, e que escreva apenas no meu tempo livre. É esplêndido. Agora irei, então, escrever uma longa história para o “Mensageiro da Rússia”²⁰⁰; o único problema é que não combinei com Katkov sobre receber à vista – disse em minha carta que deixaria essa questão para ele resolver.

Quero escrever também alguma coisa este ano para publicar no “Palavra Russa”²⁰¹ – não o romance, mas um conto. Não escreverei o romance até que eu saia da Sibéria. Até lá, já terei concluído o livro. O argumento do romance é excelente, o protagonista é novo e nunca antes feito. Mas como na Rússia de hoje personagens como esses frequentemente emergem da vida real (assim concluí dos novos movimentos e ideias das quais todos parecem tão entediados); estou certo de que conseguirei enriquecer ainda mais meu romance, depois de meu regresso, com novíssimas observações²⁰². Não há porque apressar-se, meu amigo; devemos primar por não fazer nada que não seja bom. Você me escreve, querido amigo, que eu sou, de fato, um ambicioso por querer agora iniciar um trabalho inovador e distinto de todos os demais, e que por isso sento-me sobre o “ninho” no qual o meu “trabalho inovador” será “chocado”. Bem, suponhamos que seja assim mesmo: como decidi deixar de lado a ideia de escrever um romance agora, e estou trabalhando em dois contos que não serão considerados mais que toleráveis, não creio que se possa falar de um processo de “incubação”. De onde você tirou a teoria de que uma pintura deve ser feita de uma só vez, sem

200. Trata-se de “A Granja de Stiepanchicovo”. (N. do T.)

201. Em russo: Русское слово (“Russkoie slovo”). (N. do T.)

202. Dostoiévski fala de Raskolnikov, o protagonista de “Crime e Castigo” (N. do E.)

rascunho? Quando você chegou a essa conclusão? Acredite em mim: em todas as coisas, o trabalho — gigantesco — é necessário. Tenha a certeza de que um poema gracioso e claro de Puchkin, de poucas linhas, é tão gracioso e claro pelo simples fato de ter o poeta trabalhado longamente nele, e revisado muito. Isso é fato. Gogol escreveu o seu “Almas Mortas” em oito anos. Tudo o que ele fez “de uma só vez” era tosco. Dizem que nos manuscritos de Shakespeare não se encontra uma única rasura. Por isso há tamanhos erros de falta de gosto em sua obra. Tivesse trabalhado mais, tudo seria mais harmonioso. Você certamente confunde inspiração, que é a primeira e instantânea visão ou emoção na alma do artista (e que está sempre presente), com o *trabalho*. Eu, por exemplo, escrevo cada cena de imediato, como ela vem para mim, e alegro-me com isso; e então trabalho nessa ideia por meses e anos. Deixo-me inspirar, daquela forma, mais de uma vez (pois adoro essa sensação); aqui adiciono, ali retiro; acredite em mim, a cena sempre é enriquecida nesse processo. É preciso a inspiração; sem inspiração, naturalmente, não se pode iniciar nada.

Em sua carta, você diz que agora se paga bem em sua parte do mundo. Tanto que Pissemiski recebeu entre 200 e 250 rublos por folha manuscrita de seu “Mil almas”²⁰³. Em tais circunstâncias, é possível até se viver de literatura, e trabalhar sossegado. Mas você realmente acha que o romance de Pissemiski é excelente? É um trabalho medíocre — pode até ter um tema nobre — mas é, de qualquer modo, medíocre. Ora, vejamos! Há algo de novo nele — uma coisa que lhe seja *única*, que nunca antes tenha sido feita? Tudo foi usado antes, e mesmo pelos escritores mais modernos, particularmente por Gogol. O livro não é mais que uma letra antiga sobre uma nova melodia. “Trabalho distinto”, à custa de padrões estrangeiros — artesanato local a partir de rascunhos de Benvenuto Cellini²⁰⁴. É certo que li apenas as duas primeiras partes do romance; os jornais chegam por aqui muito atrasados. O final da segunda parte é bastante inverossímil e completamente ruim. Kalinovitch, o que conscientemente trai, é um personagem simplesmente impossível. O personagem, da forma que o autor anteriormente o descreve, teria oferecido um sacrifício,

203. Em russo: Тысяча душ (“Tisiatcha duch”). O romance, muito popular à época, concentra-se na ascensão e queda de um ambicioso jovem provinciano, Kalinovitch que, por interesse, contrai matrimônio com uma senhora rica. Seu intuito era o de progredir na política — um plano que verá fracassar, mesmo atingindo o posto de governador, por conta das intrigas e vícios da nobreza local. O livro denunciava a corrupção na Rússia imperial e ganhou a simpatia dos leitores de então, mas foi considerado pela crítica um livro irregular. (N. do T.)

204. Benvenuto Cellini (1500-1571), artista da Renascença italiana. (N. do T.)

proposto casamento, intoxicado a si mesmo com sua nobreza e se convencido de que ele era incapaz de qualquer torpeza. Kalinovitch é tão vaidoso que ele jamais poderia ver-se como um desonesto. Decerto ele obteria seu prazer de qualquer forma, passaria a noite com Nastênika e então a trairia; mas somente depois, sob a pressão dos acontecimentos, reconheceria seu erro; mas ele certamente se consolaria então, e diria que agiu com nobreza também nesse caso. Contudo, um Kalinovitch que conscientemente trai é repulsivo e *impossível*; quer dizer, é possível existir alguém assim, mas não se for Kalinovitch. Chega dessa tolice.

Estou exausto de esperar por minha licença. [...] ²⁰⁵

Dostoiévski

XXXII. Carta ao seu irmão Mikhail: Semipalatinsk, 9 de maio de 1859.

[...] ²⁰⁶ Você sempre me escreve notícias como esta, de que Gontcharov recebeu 7.000 rublos por seu romance, e que Katkov (de quem eu pedi recentemente 100 rublos por folha) ofereceu a Turgueniev 4.000 rublos por seu “Um Ninho de Nobres” ²⁰⁷ — o que significa dizer que ele recebeu 400 rublos por folha. (Li, finalmente, o romance de Turgueniev. É, de fato, excelente.) Meu amigo! Tenho consciência de que não escrevo tão bem quanto Turgueniev; ainda assim a diferença não é realmente tão grande, e espero com o tempo escrever tão bem quanto ele. Por que então, em minha indigência, permito-me receber apenas 100 rublos por folha, enquanto Turgueniev, que tem 2.000 servos, recebe 400 rublos? Sou pobre, e por isso tenho que escrever com muita urgência e por *dinheiro*; conseqüentemente, tenho que *desperdiçar tudo o que tenho*. [...] ²⁰⁸

205. Omite-se aqui trecho no qual Dostoiévski explica ao irmão seus planos para quando receber sua licença. (N. do E.)

206. Omite-se aqui trecho inicial da carta em que Dostoiévski fala de sua licença, exarada em 18 de março de 1859, mas sobre a qual nenhuma notícia havia sido dada em Semipalatinsk até maio. (N. do E.)

207. Em russo: Дворянское гнездо (“Dvoriánskoe gnezdo”). O romance, de 1859, foi bem recebido pela crítica e pelo público — tendo como pano de fundo os conflitos amorosos do protagonista Lavietski — um russo educado à inglesa que se desilude com a Europa e retorna à Rússia em busca de suas raízes —, a obra retrata os debates entre eslavófilos e ocidentalistas, bastante evidenciado à época. (N. do T.)

208. Omite-se trecho em que Dostoiévski tece considerações sobre os termos nos quais pensa em oferecer seus textos a Kacheliov, editor do *Palavra Russa*. (N. do E.)

Estou agora a finalizar um conto para Katkov²⁰⁹; ficou um tanto longo — quatorze ou quinze páginas. Já enviei três quartos do texto; o resto, devo entregar no início de junho. Agora ouça, Micha²¹⁰! Essa história tem, sem dúvida alguma, muitas falhas e é, sobretudo, longa demais. Mas estou perfeitamente seguro de que tem grandes méritos e é meu melhor trabalho. Comecei a escrevê-la há dois anos (com uma interrupção no meio, quando escrevi “O Sonho do Tio”). O começo e o meio estão decentemente trabalhados, mas o fim foi escrito apressadamente. Ainda assim, coloquei nela toda a minha alma, minha carne e meu sangue. Não direi que imprimi nela todo o meu ser: seria uma tolice. Tenho muito mais a dizer. E há, nessa história, muito pouco de humano, digo, dos elementos da paixão (como exemplificado, por exemplo, em “Um Ninho de Nobres”); mas por outro lado mostra dois tipos colossais, nos quais estive *trabalhando e polindo* por cinco anos; eles estão (assim acredito) impecavelmente desenhados; tipos inteiramente russos, e que até então foram insuficientemente estudados na literatura russa. Não sei se Katkov será capaz de apreciar o livro, mas se ele for recebido friamente pelo público eu me desesperarei. Nesse romance construí minhas maiores esperanças e, mais que isso, a certeza de minha vocação literária.

[...] ²¹¹

Seu irmão,

F. Dostoiévski

XXXIII. Carta ao Tzar Aleksandr II:

Tver, 3 de maio de 1860.

Vossa Majestade Imperial,

Eu, um ex-prisioneiro do Estado, venho, humildemente, diante de seu grandioso trono, apresentar o meu pedido. Sei que sou indigno das bênçãos de Vossa Majestade Imperial e de merecer vosso favor. Mas sou um desafortunado e Vossa Majestade, nosso soberano, sois infinitamente piedoso. Perdoe-me por

209. Trata-se de “A Granja de Stiepanchicovo”. (N. do T.)

210. Em russo: Миша. Diminutivo carinhoso de “Mikhail”. (N. do T.)

211. Omite-se um longo trecho no qual Dostoiévski discute com o irmão questões financeiras. (N. do E.)

minha carta e não deixe cair vossa ira sobre este desafortunado que vos pede misericórdia.

Fui julgado por alta traição em 1849, em São Petersburgo, e degradado de meu posto militar, desprovido de meus direitos e banido para a Sibéria, onde trabalhei em condições insuportáveis, em fortalezas militares, por quatro anos, sendo transferido, após o cumprimento da pena, para o serviço ordinário. Em 1854, depois de sair da prisão de Omsk, fui transferido para o Sétimo Batalhão de Fronteira como soldado raso; em 1855, fui incorporado à Força Imperial e, em 1856, felizmente promovido a suboficial a serviço de Vossa Majestade Imperial. Em 1858, Vossa Majestade Imperial restituiu-me os direitos hereditários sobre o título de nobreza de minha família. No mesmo ano, deixei as Forças Imperiais, por conta da epilepsia agravada a partir do meu primeiro ano de servidão e, por conta disso, mudei-me para a cidade de Tver. A doença agrava-se mais e mais. A cada ataque, sinto perder algo de minha memória, imaginação e forças físicas. Da minha doença, pode advir um colapso nervoso, a loucura ou a morte. Tenho minha esposa e meu enteado para alimentar, e não tenho mais condições de trabalhar em atividades pesadas e desgastantes — meu único meio de sustentá-los é com minha literatura. Os médicos incentivam-me a manter o tratamento, pois meu mal não é hereditário. Mas só conseguirei tratamento médico sério em Petersburgo, onde há doutores especialmente engajados nos estudos das doenças nervosas.

Vossa Majestade Imperial! Em vossa vontade reside meu destino, minha saúde, minha vida! Tendes a bondade de permitir que eu me mude para São Petersburgo e possa me tratar com os melhores médicos. Isso renovará minhas esperanças de fortalecer minha saúde e voltar a ser útil para minha família e, quem sabe, à minha pátria! Em Petersburgo vivem dois de meus irmãos, dos quais estou separado há dez anos; seu amor e cuidados fraternos poderão facilitar a minha recuperação. Apesar de minhas esperanças, o agravamento de minha doença ou mesmo a minha morte deixariam desamparados minha esposa e meu enteado. Tivesse eu saúde e forças, trabalharia pelo seu sustento. Mas o futuro a Deus pertence, e as esperanças humanas são incertas.

Generoso soberano! Perdoe-me por dirigir-vos outro pedido: o de concederes o grande favor de conferir ao meu enteado, Pavel Issaev, de doze anos de

idade, a ajuda de custo estatal para cursar uma das escolas de São Petersburgo. Ele tem ascendência nobre, pois é filho do secretário provincial Aleksandr Issaev, morto na Sibéria a serviço de Vossa Majestade Imperial, na cidade de Kuznetsk, província de Tomsk — falecido por ausência de cuidados médicos, deficitários na fronteira em que servia, deixando a esposa e o filho em condições precárias de sobrevivência. Se for impossível matriculá-lo em uma escola regular, peço ao soberano que permita o seu ingresso em uma das escolas militares de São Petersburgo. O senhor fará feliz uma pobre mãe que diariamente ora pela felicidade de Vossa Majestade. Sois um soberano que, como o sol, brilha sobre os justos e os criminosos. Vós já fizestes felizes milhões de vossos súditos; que vossa bondade faça feliz mais esse órfão, sua mãe e o desafortunado enfermo que ainda busca sua cura e está pronto a dar sua vida pelo tzar que tanto bem tem feito para o seu povo!

Com sentimentos de calorosa e desinteressada fidelidade, do mais humilde e grato dos cidadãos de Vossa Majestade,

Fiódor Dostoiévski

**XXXIV. Carta à Senhora Aleksandra Ivanovna Schubert²¹²:
Petersburgo, 3 de maio de 1860.**

Prezada Aleksandra Ivanovna,

Há três meses estou de volta a São Petersburgo e retomei meu trabalho. A visita a Moscou agora me parece um sonho; aqui estou de volta à umidade, à sujeira e ao gelo do Lago Ladoga²¹³, ao tédio e tudo o mais. [...] ²¹⁴

Sim, de volta, e sinto-me como se estivesse febril por conta de meu livro²¹⁵. Quero vê-lo terminado. Percebo que há poesia nele, e sei que dele depende toda a minha carreira literária. Terei que trabalhar dia e noite pelos próximos três meses. Mas, que recompensa me aguarda, quando eu tiver terminado! O descanso merecido, uma clara percepção do mundo ao redor, e a certeza de que

212. Aleksandra Ivanovna era uma atriz que se casou com o doutor Stepan Dmitrievitch Ianovski. Há suspeitas de que Dostoiévski tenha se interessado amorosamente por ela, prometendo-lhe inclusive escrever uma pequena comédia de um ato em sua homenagem — o que nunca aconteceu. (N. do T.)

213. No início do ano, inverno na Rússia, o gelo do Lago Ladoga desce pelo Rio Neva. (N. do E.)

214. Omite-se trecho no qual Dostoiévski menciona amigos em comum e fala de outras questões pessoais. (N. do T.)

215. Trata-se de “Humilhados e ofendidos”. (N. do E.)

fiz e atingi os resultados desejados. Talvez eu me presenteie com uma viagem de alguns meses; mas antes de tudo preciso retornar, a qualquer custo, a Moscou.

A ambição é válida, mas penso que devemos tê-la como norte apenas nas coisas em que colocamos nosso empenho para atingir, naquilo que transformamos em razão de nossa existência. Em qualquer outra coisa, será perda de tempo. A única coisa essencial é vivermos em paz; mais que tudo, precisamos nos compadecer de nossos semelhantes, e lutar para obter a sua solidariedade em troca. Se, em verdade, não tivermos nenhum outro objetivo na vida, esse por si só deve bastar.

Começo a filosofar novamente. Tenho poucas, praticamente nenhuma, notícias para contar. Pissemski está enfermo, sofrendo de reumatismo. Tenho visitado Apollon Maikov. Ele contou-me que Pissemski se enfureceu, reclama, lida muito mal com a doença. Não é de admirar, trata-se de um tormento enorme. Mudando de assunto, a senhora conhece um tal Snitkin? Ele publicou uns versos humorísticos sob o pseudônimo de Ammos Schichkin. Imagine só: adoeceu de repente e morreu em seis dias. O Fundo Literário está amparando sua família. É uma história muito triste. Mas talvez a senhora não saiba nada dele. Tive uma conversa com Krestovski recentemente. Gosto muitíssimo dele. Escreveu um poema outro dia, e leu-o em voz alta para nós, com muito orgulho. Dissemos a ele em uníssono que o poema era terrível; é nosso costume sermos sinceros. Ele não se ofendeu nem um pouco. Que alma nobre e gentil! Gosto dele cada dia mais; em um de nossos serões pretendo, com os braços entrelaçados, beber à nossa fraterna amizade²¹⁶. Por vezes, temos impressões estranhas, e eu sempre tive esta — a de que Krestovski morrerá em breve. Mas quando isso se dará, eu não sei dizer.

Temos pensado em iniciar uma empreitada literária muito séria. Estamos todos muito ocupados com isso²¹⁷. Talvez seja um sucesso. Todos esses planos não são mais que o primeiro passo, mas de qualquer modo indicam vitalidade. Sei bem o que significa o primeiro passo, e adoro isso. O primeiro passo é melhor que qualquer salto.

216. Dostoiévski refere-se a um costume da época: o de convidar um amigo a beber entrelaçando os braços — à moda do que fazem os noivos contemporâneos nas festas de casamento. O gesto era uma declaração pública de amizade, uma honraria entre amigos, e não tinha qualquer conotação amorosa. (N. do T.)

217. Dostoiévski refere-se ao jornal literário *Tempo* — em russo: *Время* ("Vrêmia"). Fundado por ele e pelo irmão em 1861, o periódico viria a ser proibido em 24 de maio de 1863. (N. do T.)

Tenho uma personalidade assombrosa, mas nem sempre — apenas de vez em quando. Esse é o meu consolo.

Mande lembranças ao seu filho Mikhail Mikhailovitch — que menino adorável!

Beijo sua mão e com todo o meu respeito permaneço sendo seu mais fiel amigo,

Fiódor Dostoiévski

XXXV. Carta à Senhora Varvara Dmitrievna²¹⁸:

Paris, 1 de setembro de 1862.

Querida Varvara Dmitrievna!

Talvez tenhas visto em minha carta a Pacha²¹⁹ que cheguei bem e contente a Paris, e que já me estabeleci por aqui, ainda que não pretenda permanecer por muito tempo. Não gosto de Paris, embora seja assustadoramente grande. Há muito que se ver por aqui, mas quando observar é uma obrigação, tudo fica terrivelmente enfadonho. Teria sido diferente se eu tivesse vindo para cá como estudante, para aprender algo — muito diferente, pois então eu teria muito que fazer, e teria a obrigação de ver e ouvir muita coisa; mas como turista, alguém que está apenas a observar os costumes, os franceses são asquerosos, e a cidade é totalmente desconhecida para mim. O melhor aqui é o vinho e as frutas: as únicas coisas que, ao longo do tempo, não perderam seu valor. Sobre questões particulares, não escreverei nada. “Cartas são um absurdo; apenas farmacêuticos escrevem cartas”.²²⁰ Escrevo apenas sobre certa questão de negócios. Em verdade, tenho um pedido a fazer, minha querida Varvara Dmitrievna. Você deve saber que, no caminho, estive por quatro dias em Wiesbaden²²¹. Como era de se esperar, joguei na roleta. Imagina o que aconteceu? Não perdi, ganhei. Decerto não foi tanto quanto eu desejava, não foi mais de cem mil, mas ainda assim foi uma boa soma. Mas peço que não

218. Trata-se da cunhada de Dostoiévski, irmã de Maria Dmitrievna, ex-viúva de Issaev. (N. do T.)

219. Entendo de Dostoiévski. (N. do E.)

220. A mesma citação de Gogol é usada por Dostoiévski na carta IX, dirigida a seu irmão em 1846. (N. do T.)

221. Cidade alemã às margens do Rio Reno, do lado oposto à cidade de Mainz. É famosa por suas fontes termais e ainda hoje atrai turistas em busca de cura para diversas doenças reumáticas. (N. do T.)

conte isso a ninguém, querida Varvara Dmitrievna. Não *pode* contar, bem sei, pois você não encontra quase ninguém; mas estou mesmo a falar de Pacha; ele é ainda um menino, e talvez comece a pensar que se pode ganhar a vida nas mesas de jogo. Ele colocou na cabeça outro dia que queria ser vendedor e ganhar dinheiro desse modo, para “não ter que aprender nada”, como me disse. Logo, ele não deve saber que seu *papai* frequenta os salões de jogatina. Peço, então que não diga uma palavra sequer sobre isso a ele. Durante aqueles quatro dias eu observei os jogadores atentamente. Centenas de pessoas a jogar, e apenas dois sabiam realmente como fazê-lo — palavra de honra que é verdade! Eram uma senhora francesa e um lorde inglês; eles sabiam como, e nada perderam — em verdade, quase quebraram a banca. Mas, por favor, não pense que, nessa euforia de ter ganhado e não perdido, eu esteja esnobando e imaginando que conheço os segredos do jogo. Sei o segredo, sim, e é extremamente simples, estúpido até: consiste em controlar-se o tempo inteiro, e nunca ficar excitado demais em nenhuma fase do jogo. Isso é tudo; dessa maneira não se pode perder, a vitória é certa. O fato é que o homem que detém tal segredo deve ter o poder e a capacidade de usá-lo a seu favor. Há os que são inteligentes, os que têm um caráter de ferro, e ainda assim sucumbem. Mesmo aquele filósofo, Strakhov²²², perderia. Abençoados os que não jogam, os que detestam a roleta e veem tudo aquilo como a maior das idiotices.

Bem, voltemos ao ponto central de meu pedido. Eu ganhei, querida Varvara Dmitrievna, 5.000 francos; ou melhor, eu *havia ganho*, primeiro, 10.400 francos, levado o dinheiro para casa, colocado em minha carteira e decidido partir no dia seguinte e não voltar aos salões. Mas não mantive a minha convicção e joguei novamente metade do dinheiro. Sobraram-me então os 5.000 francos. Reservei parte desse prêmio para mim mesmo em caso de acidentes, o resto enviei para Petersburgo: metade para meu irmão, que irá guardar o dinheiro até a minha volta, e a outra metade para você, para entregar a Maria Dmitrievna. [...] ²²³

Dostoiévski

222. Nikolai Nikolaievitch Strakhov (1828-1896), crítico e filósofo russo, amigo íntimo de Dostoiévski, Grigorovitch e Tolstói. Trabalhou no jornal *Tempo* com Dostoiévski e Grigoriev — e um de seus artigos sobre uma revolta na Polônia levou ao fechamento do jornal dos irmãos Dostoiévski. Foi um dos mais famosos defensores do eslavismo e esteve à frente de uma campanha política ácida contra o niilismo e as tendências materialistas da década de 1860. (N. do E.)

XXXVI. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Roma, 18 de setembro de 1863.

[...] ²²⁴

Boborikin ²²⁵ deve também saber o que já é conhecido no “Contemporâneo” e no “Anais da Pátria”: que nunca em minha vida vendi um trabalho sequer (com exceção de “Gente Pobre”) pelo qual não tenha recebido adiantado. Sou um proletário entre os autores, e se alguém quiser o meu trabalho, deve pagar por ele antecipadamente. Eu mesmo condeno esse sistema. Mas já que o estabeleci de uma vez por todas, não irei abandoná-lo. E assim sigo adiante.

No momento, não tenho nada pronto. Mas tenho (ao menos, é o que me parece) uma ótima ideia para uma história ²²⁶. A maior parte dela já está planejada em meus rascunhos. Já comecei até mesmo a escrever o texto final, mas é muito quente aqui e não pretendo passar mais de uma semana em Roma; como pode alguém, estando apenas oito dias em uma cidade como Roma, finalizar qualquer texto? Todos os passeios cansam-me extraordinariamente. Minha história irá retratar uma figura pitoresca, um russo a viver no exterior. Você deve naturalmente saber que no último verão muito se falou nos jornais sobre os russos ausentes. Tudo isso estará refletido em minha história. O atual estado de nossas instituições será também (na medida do que me é permitido, é claro) incluído na narrativa. Retrato um homem de natureza simples, um homem que, ainda que desenvolvido em muitos aspectos, é de todo modo incompleto; um homem que perdeu a fé, e que ao mesmo tempo *não ousa ser um cético*; que se revolta contra toda autoridade e ao mesmo tempo, teme-a. Conforta-se com o pensamento de que na Rússia não há nada que ele possa fazer, e por isso condena com veemência os que conclamam a volta dos russos ausentes à pátria. Não posso contar tudo nesta carta. O personagem é muito real (posso mesmo vê-lo de pé à minha frente), e quando essa história estiver

223. Omite-se o trecho final da carta, no qual Dostoiévski delibera sobre a melhor maneira de se movimentar o dinheiro. (N. do E.)

224. Omite-se o trecho inicial da carta, no qual Dostoiévski solicita a Strakhov que cuide de seus interesses junto à redação da revista literária “Biblioteca para a leitura”. (N. do E.)

225. Piotr Boborikin, romancista russo, à época editor do “Biblioteca para a leitura”. (N. do E.)

226. Trata-se de “O Jogador”, para o qual provavelmente o autor se utilizou das observações – e da própria experiência pessoal – em sua viagem pela Europa. (N. do T.)

concluída, garanto, valerá a leitura. A ideia central, contudo, está no fato de ele ter desperdiçado toda a sua substância, sua energia e talento na roleta. Ele é um jogador, mas não um jogador comum, como o “cavaleiro miserável”, de Puchkin, não é um miserável comum (De modo algum quero comparar-me a Puchkin. Apenas usei a comparação para tornar minha ideia mais clara.). O personagem é, ao seu modo, um poeta, ainda que tenha vergonha de sua poesia, pois ele percebe profundamente a sua vulgaridade, mesmo que sua *sede de correr riscos* enobreça-o aos seus próprios olhos. A história toda consiste em acompanhá-lo durante os três anos que passa a jogar a roleta.

Se o meu “Memórias da Casa dos Mortos” — um retrato das prisões como ninguém antes de mim havia feito com tal profundidade psicológica — ganhou o interesse do público, essa nova história, como um retrato fiel e psicológico do jogador, irá interessar ainda mais. Além do fato de trabalhos como esse serem lidos sempre com muito interesse entre nós, russos, há que se considerar que a jogatina nas estâncias hidrominerais na Europa é notória, e uma das grandes razões para a permanência no exterior de muitos *russos ausentes*; junto a todo o resto, isso também tem sua importância (embora, é claro, inferior).

Em poucas palavras, ousou acreditar que conseguirei retratar todas essas circunstâncias com emoção, clareza e sem alongar-me muito. A história deve sair muito boa mesmo. Meu “Memórias da Casa dos Mortos” ficou muito interessante. E, mais uma vez, tenho o retrato de um inferno, mas uma espécie de “banho turco em uma prisão”. Quero concluir esse também, e devo sofrer muito nesse processo.

[...] ²²⁷

Dostoiévski

XXXVII. Carta a Aleksandr Petrovitch Miliukov ²²⁸:
Moscou, entre 10 e 15 de julho de 1866.

Meu querido e prezado amigo Aleksandr Petrovitch!

[...] ²²⁹ Katkov está a descansar no Parque Petrovski; Liubinov (o editor do *Mensageiro da Rússia*) também tem por lá uma residência de verão. Na

redação, apenas se pode encontrar (e de vez em quando) a secretária suarenta, de quem não se pode obter nada. Nos primeiros dias, porém, consegui encontrar Liubinov. Ele já preparou três capítulos de meu romance²³⁰. Propus a ele que eu poderia escrever o quarto capítulo em pouquíssimo tempo; o capítulo equivale à metade da conclusão da segunda parte (quatro folhas); no próximo número, eles poderiam imprimir mais quatro capítulos — ou seja, o final da segunda parte. Liubinov, contudo, interrompeu-me logo de início: “Eu estava esperando para dizer que agora, em junho e julho, vamos imprimir o romance em pequenas partes — em verdade, *precisamos* fazer isso; um número, ao menos, deverá vir sem nenhum capítulo, por conta da temporada de verão. Preferimos programar toda a segunda parte do romance para o outono, e o final na edição de dezembro, para que a repercussão do romance ajude-nos com as assinaturas do próximo ano.” Decidiu-se, então, fazer uma pausa por mais um mês. Os quatro capítulos (quatro folhas) não irão aparecer antes de julho, e ainda estão em edição.

Mais tarde, porém, pareceu-me que Liubinov mudou de ideia: disse que não iria imprimir um dos capítulos, e Katkov aprovou a sua decisão²³¹. Enfureci-me com os dois. Mas eles insistem nessa ideia! Sobre o capítulo em questão, eu mesmo nada posso dizer: escrevi-o com positiva inspiração, mas pode ser que esteja mesmo ruim; contudo, não se trata para eles de uma questão literária, mas de nervosismo quanto à *moralidade* da cena. A esse respeito, eu estou certo; o capítulo não contém nada imoral, *muito pelo contrário*, a bem da verdade; mas eles têm outra opinião e, mais ainda, veem nele traços de *niilismo*²³². Liubinov disse-me, por fim, que eu deveria reescrever o capítulo. Aceitei fazê-lo, e reestruturar esse genial capítulo custou-me tanto trabalho e aborrecimento quanto se eu tivesse escrito três outros desde o início. Mesmo

227. Omite-se trecho no qual Dostoiévski retoma as questões financeiras. (N. do E.)

228. Miliukov conheceu Dostoiévski em 1848, quando o escritor era ainda aluno da Escola Militar de Engenharia. Foram amigos muito próximos desde então. A experiência de Miliukov como editor entre 1860 e 1862 serviu para que Dostoiévski se aventurasse a lançar, posteriormente, seus próprios periódicos. Em 1890, Miliukov fez publicar em um dos jornais de São Petersburgo suas memórias sobre o amigo, no qual isenta Dostoiévski de quaisquer intenções subversivas no episódio do Círculo de Petrachevski. (N. do T.)

229. Omite-se o início da carta, no qual Dostoiévski comenta com o amigo os gastos recentes com a viagem a Moscou. (N. do T.)

230. Trata-se de “Crime e Castigo”. (N. do E.)

231. Tratar-se-ia aqui do capítulo nono de “Crime e Castigo”, no qual há uma cena em que as personagens de Raskolnikov e Sonia leem, juntos, o Evangelho; os editores temiam que fosse ofensiva aos leitores. Consta que Dostoiévski teria sido compelido a encurtar o capítulo. (N. do E.)

assim, reescrevi-o e entreguei a eles o texto. Infelizmente, não vi Liubinov desde então, e não sei se ele está satisfeito com a nova versão, ou se eles mesmos irão reescrevê-la. Foi o que aconteceu com outro capítulo (desses quatro): Liubinov disse-me que havia editado boa parte dele. (Não me importei muito com isso, pois eles retiraram uma parte de fato inexpressiva.)

Não sei como tudo isso vai terminar, mas as diferenças de opinião entre a redação do jornal e eu, reveladas por esse romance, começam a perturbar-me.

Ainda não comecei a escrever o romance encomendado por Stellovski, mas o farei em breve. Tenho planos para uma novela curta e boa; nela haverá até mesmo resquícios de personagens reais. Pensar em Stellovski atormenta-me, perturba-me; mesmo em sonhos esse compromisso me persegue²³³.

Conto tudo isso muito brevemente, às pressas, ainda que minha carta já esteja demasiado longa. Responda a esta carta, pelo amor de Deus. Escreva-me sobre você, sua vida, seus projetos e sua saúde. Fale-me também sobre a sua família; teve alguma notícia deles? Devo me calar sobre muitas coisas. Minhas lembranças a Ludmilla Aleksandrovna; beije seus filhos em meu nome e saúde nossos amigos em comum. Até breve, meu amigo. Um abraço do seu sempre,

Fiódor Dostoiévski

P.S.: Não tive mais nenhum ataque. Bebo vodka – há mesmo a cólera?²³⁴

232. O niilismo é uma doutrina filosófica e política surgida no século XIX, na Rússia. Influenciada pelas ideias de Nietzsche, Spencer e Buecle, entre outros, afirma a existência somente do que é perceptível pelos sentidos e, por conseguinte, nega todo tipo de tradição e autoridade. Como corrente política, opunha-se às religiões, às artes, à metafísica e à ordem estabelecida – sua pretensão era libertar as classes trabalhadoras das superstições, preconceitos, convenções e ideias que impedem a felicidade humana. (N. do T.)

233. F. T. Stellovski foi o responsável pela primeira edição da “Obra Completa” de Dostoiévski, entre os anos de 1865 e 1866. Anna Grigorievna, esposa do escritor, revela na biografia de Dostoiévski escrita por ela que o esposo cedeu, por três mil rublos, os direitos de publicação das obras em três volumes; o contrato, assinado em 1865, incluía ainda a entrega de um romance inédito, pelo qual Stellovski nada pagaria. O romance em questão é “O Jogador”. Os três mil rublos, que Dostoiévski usou no dia seguinte à assinatura do acordo para pagar seus credores, voltariam às mãos de Stellovski: em verdade, ele havia comprado a preços módicos as promissórias em nome de Dostoiévski e pressionava o pagamento do autor por meio de pessoas de sua confiança. O terrível contrato previa que Dostoiévski teria que entregar até 1º de novembro de 1866 o novo romance, sob pena de perder para Stellovski o direito sobre toda a sua obra. Retornando de Moscou no início do outono russo, e para cumprir o prazo exíguo — em 1866, Dostoiévski estava mergulhado na elaboração de “Crime e Castigo” e não se dedicara à escrita do romance para Stellovski —, Dostoiévski contratou uma estenógrafa: a própria Anna Grigorievna, que se tornaria sua segunda esposa. (N. do T.)

234. Havia uma ideia corrente à época que a ingestão de vodka preveniria o organismo contra a cólera. Entre os anos de 1863 e 1875, houve na Europa e África a quarta grande pandemia de cólera registrada; na Rússia, a enfermidade espalhou-se em 1866, fazendo mais de 90.000 vítimas. (N. do T.)

OS ANOS DE EXÍLIO
NO ESTRANGEIRO

XXXVIII. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Genebra, 16 de agosto de 1867.

Por tanto tempo mantive o silêncio e não respondi sua carta de boas vindas, meu querido e inesquecível amigo Apollon Nikolaievitch. Chamo-o de *amigo inesquecível* e sinto profundamente em meu coração que essa é sua melhor descrição; somos amigos de tão *longa data* e tão *próximos* que a vida, que algumas vezes nos afastou e mesmo *separou-nos*, não conseguiu realmente “separar-nos” e, em verdade, fez com que nos uníssemos ainda mais. Em sua carta, você diz que sente a minha falta; mais ainda sinto eu a sua. Além do fato de que a cada dia percebo mais claramente as semelhanças e afinidades de nossas ideias e sentimentos, peço que não se esqueças de que *eu*, desde que o perdi, tenho vagado por uma terra estranha, onde não só estou distante de rostos, livros, pensamentos e problemas russos, mas também de sorrisos amigos de qualquer espécie. Confesso que não compreendo como qualquer russo que vive no exterior, sendo ele um homem de fibra e inteligência, pode não perceber e deixar-se destruir por conta disso. Talvez esses rostos estrangeiros sejam amigáveis uns aos outros; mas posso apenas dizer que eles não são amigáveis a nós. Eis a verdade! Como as pessoas *conseguem* suportar a vida no estrangeiro? Deus meu, longe do nosso lar *a vida é torturante*! Posso entender que se queira viajar ao exterior por seis meses ou mesmo um ano. Mas viajar, como é o meu caso, sem saber ou sequer suspeitar quando se irá retornar à casa, é muito ruim, doloroso até. Mesmo pensar nisso é difícil de suportar. Preciso da Rússia para minha *escrita* e para o meu trabalho (ainda não falo em viver outra vida). Sinto-me um peixe fora d’água; perdi todas as minhas energias, as minhas faculdades.

Você sabe em que circunstâncias deixei minha casa, e por que motivo. Há duas razões principais: em primeiro lugar, eu precisava recuperar minha saúde e, quem sabe, minha própria vida. Os ataques repetiam-se a cada oito

dias e era insuportável sentir e *reconhecer* a destruição de meus nervos e meu *cérebro*. Eu estava a ponto de perder os sentidos — essa é a verdade. Eu sentia isso; a deterioração dos meus nervos frequentemente me levava ao meu limite. A segunda razão é que meus credores não podiam mais esperar, e no dia de minha partida havia várias intimações contra mim. [...] ²³⁵ O jugo era insuportável. Parti, mas com o coração mortificado. Não tenho fé alguma em terras estrangeiras — antes penso que terão um péssimo efeito moral sobre mim. Estava completamente isolado, sem recursos, e com uma jovem criatura ao meu lado ²³⁶, que estava ingenuamente encantada por compartilhar minha vida errante; mas eu via que tal encanto ingênuo brotava em parte de sua inexperiência e ardor juvenil, e tudo isso me deprimia, atormentava-me. Temi que Anna Grigorovna descobrisse que viver ao meu lado é algo tedioso. Até o momento, temos vivido literalmente *sozinhos*. De mim mesmo, não esperava nada diferente: tenho uma natureza mórbida, e sei que ela terá muito que suportar por minha causa. (Anna Grigorovna, em verdade, provou ter uma natureza mais forte e profunda que eu esperava; de diversas formas, ela tem sido meu anjo guardião; ao mesmo tempo, há nela muito de infantil e imaturo — o que é belo e natural para sua idade, ainda que seja difícil, para mim, lidar com tal natureza. Tudo isso eu observei um pouco antes de nossa partida; e embora, como eu disse anteriormente, Anna Grigorovna seja melhor e mais forte que eu imaginava, ainda não me sinto livre de todo o desconforto de nossa relação.) Por fim, nossa falta de recursos causou-me uma ansiedade imensa; temos pouquíssimo dinheiro, e devo a Katkov um adiantamento de TRÊS mil rublos ²³⁷! Em verdade, pretendia começar a trabalhar imediatamente após a nossa partida. Mas o que de fato aconteceu? Até o momento, não consegui produzir nada, ou quase nada, e quero agora me dedicar seriamente ao trabalho. Confesso não estar certo se até hoje consegui concluir alguma coisa, pois tenho passado por tantas atribulações, e planejado tanto em minha mente; ainda assim, de colocar no papel, fiz tão pouco; e apenas quando posto no papel, as ideias são válidas e podem render algum dinheiro.

Deixamos a tediosa Berlim assim que pudemos (pude ficar apenas um dia por lá, pois os enfadonhos alemães deixam-me nervoso e irascível, e tive

235. Omite-se um longo trecho no qual Dostoiévski comenta sobre suas dívidas. (N. do E.)

236. Trata-se de Anna Grigorovna, segunda esposa de Dostoiévski. (N. do E.)

237. Ressaltado, desta forma, no original em russo. (N. do T.)

que buscar refúgio nos banhos russos), e fui para Dresden. Lá, conseguimos acomodações e instalamo-nos por algum tempo.

O efeito foi muito singular — de imediato, perguntei a mim mesmo: “Por que estou em Dresden, justo Dresden, e não em qualquer outra cidade; e por que tive que sair de um lugar e ir para outro?” A resposta era clara (minha saúde, minhas dívidas, etc.). Pior que isso é ter a clara percepção de que agora não mais me importo, nem um pouco sequer, com o lugar onde resido. Em Dresden ou qualquer outra cidade — em qualquer lugar, no estrangeiro, sinto-me deslocado. Eu pretendia começar a trabalhar desde o primeiro dia, mas senti que não poderia escrever lá, que todas as minhas impressões estavam turvas. O que fazer? Eu vegetava. Li, escrevi algumas frases de vez em quando, quase morri de saudade e, depois, de calor. Os dias passaram em completa monotonia.

Não seria capaz de contar *todos* os meus pensamentos. Reuni inúmeras impressões desses dias. Li jornais russos e consolei-me com isso. Por vezes, senti que tantas ideias novas surgiam em mim que eu seria capaz de escrever um longo artigo sobre as relações entre a Rússia e a Europa Ocidental, e sobre as classes altas da sociedade russa²³⁸. Eu poderia, sem dúvida, ter escrito tanto! Os alemães enervavam-me; e nosso modo russo de viver, a vida de nossos aristocratas, a fé na Europa e na *civilização* na qual essas classes altas estão calcadas — tudo isso também me irritava. O incidente em Paris perturbou-me assustadoramente²³⁹. Impressionantes, não, aqueles advogados de Paris que gritaram “*Vive La Pologne!*”²⁴⁰ — que estúpido, que nauseante, que insípido! Estou ainda mais convencido de minhas ideias do passado: a Europa não nos conhece nem um pouco, e tem uma péssima ideia sobre nós. E os detalhes sobre o processo contra Beresovski! Que medonho, que vago, não posso imaginar como eles puderam recompor-se de tamanhos disparates e seguir adiante!

A Rússia vista daqui parece, aos olhos de um russo, muito mais complexa. Por um lado, está o fato raro de nosso povo ter mostrado uma inespera-

238. Esse tema aparecerá, posteriormente, nos romances “O Adolescente” e “Os Demônios”. (N. do T.)

239. Em 1867, uma reforma tornou a Polônia — que já vivia a proibição do uso oficial de sua língua natal e um processo de russificação da estrutura administrativa — ainda mais subordinada à Rússia. No dia 6 de junho do mesmo ano, há um atentado à vida do czar Aleksandr II por ocasião da abertura da Feira Mundial em Paris, executado pelo imigrante polonês A. Berezovski. Por pressão de advogados parisienses simpáticos aos poloneses, Berezovski teve a pena de prisão perpétua comutada por trabalhos forçados. (N. do T.)

240. Em francês, no original: “Viva a Polônia!”. (N. do T.)

da maturidade e independência ao iniciar as reformas (como, por exemplo, as reformas judiciais); por outro lado, há as notícias do agiotamento, pelo Chefe de Polícia, de um comerciante na província de Orenburg²⁴¹. Uma coisa é certa: o povo russo, graças ao seu benfeitor e suas reformas, está finalmente vivendo em uma situação na qual, por necessidade, precisa acostumar-se aos acontecimentos e à autocrítica. Meu Deus, a nossa época, no que diz respeito a reformas e mudanças, é quase tão importante quanto àquela de Pedro, o Grande. Como anda o progresso das ferrovias? Precisamos descer o quanto antes em direção ao sul²⁴²; isso é tremendamente importante. Antes disso, teremos *tribunais justos por toda a parte*; que maravilhosa será essa transformação! (De tão longe, fico pensando em tudo isso e meu coração bate mais rápido).

Quase não vejo ninguém por aqui. É quase impossível, porém, não cruzar com um ou outro. Na Alemanha, encontrei um russo que sempre vive no exterior; vai à Rússia por não mais que três semanas todo o ano, e então retorna à Alemanha, onde tem esposa e filhos; todos se tornaram alemães no fim das contas. Entre outras coisas, perguntei-lhe: “Por que você deixou a sua pátria realmente?” Ele respondeu-me de forma rápida e seca: “Porque aqui há civilização e nós, russos, somos bárbaros. Além disso, aqui não há nacionalidades: não há como diferenciar um cavalheiro francês de um inglês, ou de um alemão.”

— Então, isso é progresso para você?

— Sim, certamente.

E esse cavalheiro pertence ao grupo dos Jovens Progressistas, mas parece manter-se alheio a eles, de certa forma. Que cães irritadiços e barulhentos esses *russos ausentes* tornaram-se!

Por fim, Anna Grigorovna e eu não pudemos mais suportar nossa saudade de casa estando em Dresden. Decidimos passar o inverno em algum lugar da Suíça ou Itália. Mas não tínhamos dinheiro algum. Tudo o que havíamos trazido conosco foi gasto. Escrevi a Katkov, descrevendo minha situação, e implorei que ele me fizesse um adiantamento de 500 rublos. E imagine só: ele mandou-me o dinheiro! Que grande companheiro ele é! E então viemos para a Suíça. Agora devo confessar minha imoralidade e minha vergonha.

241. Trata-se de um caso de corrupção policial que ficou famoso à época, no qual um comerciante foi espancado por policiais por recusar-se a pagar propina. Dostoiévski errou apenas ao indicar o local: ocorreu na cidade de Beriozovka. (N. do T.)

242. Dostoiévski refere-se aos esforços russos para dominar o estreito de Bósforo e Constantinopla. (N. do E.)

Meu querido Apollon Nikolaievitch, sinto que posso pedir para que sejas meu juiz. Você tem coração e sentimentos, e disso tenho certeza desde o início de nossa amizade; por isso, sua opinião sempre me foi muito cara. Não soffro em confessar meus pecados a você. O que escrevo para você hoje não deve ser conhecido por mais ninguém. Não me entregue ao julgamento da multidão.

Quando eu estava viajando pelas redondezas de Baden-Baden, decidi desviar do meu caminho e visitar o lugar. Torturava-me um pensamento sedutor: arriscar 10 luíses de ouro e, quem sabe, ganhar 2.000 francos. Tal soma seria suficiente para eu viver por quatro meses, talvez até mesmo com o mesmo padrão de vida que levava em Petersburgo. A parte mais vil dessa história é que em anos anteriores eu havia ocasionalmente ganho. Mas o pior de tudo isso é que tenho essa natureza má e exageradamente apaixonada. Em tudo, entrego-me até o extremo; em toda a minha vida nunca consegui agir com moderação.

O demônio jogou comigo seu jogo perverso de início: em três dias ganhei, de modo relativamente fácil, 4.000 francos. Agora, veja o que fiz: de um lado, esse dinheiro fácil, 4.000 francos recebidos a partir de uma pequena aposta de 100 francos; do outro lado, minhas dívidas, as intimações, a ansiedade em meu coração e a impossibilidade de voltar à Rússia; em terceiro lugar, e este é o ponto principal, a jogatina em si. Se ao menos soubesse como o jogo atrai os homens! Não, posso jurar que não se trata do amor à vitória pura e simples, embora eu realmente precisasse do dinheiro para o meu sustento. Anna Grigorovna implorou-me para continuar com os 4.000 francos, e partiu desolada. Mas a sensação de que a sorte me sorria, de que seria fácil melhorar a minha situação em uma só jogada! E os outros tantos ganhadores! Além de minha própria sorte, eu via todos os dias como outros jogadores ganhavam 20.000, até 30.000 francos (nunca se vê alguém perder). Por que aqueles homens deveriam ganhar mais que eu? Eu precisava do dinheiro muito mais que eles. Arrisquei novamente — e perdi. Perdi não somente o que havia ganhado, mas todo o meu dinheiro até o último vintém. Excitado, perdi todas as vezes. Então comecei a empenhar minhas peças de vestuário. Anna Grigorovna empenhou suas últimas posses. (Que anjo! Como me consolou, como soffreu naquela maldita Baden, nos dois pequenos cômodos que ocupávamos sobre a forja de um ferreiro, o único lugar que podíamos pagar!) Por fim, fartei-me

— tudo havia sido perdido. (Que cruéis são os alemães! Todos uns usurários, bandidos, trapaceiros! Quando nossa senhoria viu que não podíamos partir por não termos recursos, aumentou o aluguel!) Por fim, conseguimos juntar algum dinheiro e saímos de Baden. Escrevi novamente a Katkov e implorei por 500 rublos (não lhe escrevi nada sobre as circunstâncias, mas como a carta partiu de Baden ele deve ter imaginado o ocorrido). E ele enviou-me o dinheiro! Ele fez isso! Tenho, então, 4.000 rublos de adiantamento do “Mensageiro da Rússia”.

Para concluir minhas aventuras em Baden: agonizamos naquele inferno por sete semanas. Logo depois de minha chegada lá, encontrei-me com Gontcharov na estação ferroviária. Em princípio, Ivan Aleksandrovitch foi cauteloso comigo. Aquele Conselheiro de Estado — ou quase isso — também se ocupava com a jogatina. Mas quando ele se deu conta de que não conseguiria manter segredo sobre isso, já que eu mesmo estava abertamente a jogar, ele parou de fingir para mim. Ele joga com grande excitação (ainda que em pequenas apostas). Ele jogou durante os quinze dias em que estive em Baden, e perdeu, penso eu, uma boa quantia. Mas Deus deu saúde a esse bom rapaz; quando ele havia perdido tudo (ele havia, contudo, visto uma grande quantia em minhas mãos), ele deu-me, a meu pedido, 60 francos. Claro que, ao mesmo tempo, deu-me um sermão por eu ter perdido tudo, e não apenas a metade, como ele!

Gontcharov falou-me incessantemente sobre Turgueniev; adiei o quanto pude a minha visita a ele — mas, por fim, tive que ir até ele. Fui por volta do meio-dia e encontrei-o tomando o café-da-manhã. Para ser franco — nunca gostei realmente daquele homem. O pior de tudo é que desde 1857²⁴³, em Wiesbaden, devo-lhe dinheiro (que até hoje não lhe devolvi!). Não suporto o jeito aristocrata e farisaico com que nos abraça, e oferece a sua face para ser beijada. Tem um ar monstruoso — mas minha reclamação mais amarga em relação a ele é sobre “Fumo”, seu romance. Ele disse-me pessoalmente que a ideia central, a questão principal daquele livro é esta: “Se a Rússia fosse destruída por um terremoto e desaparecesse do globo terrestre, não haveria perda alguma para a humanidade — não seria sequer notada.” Ele declarou-me que essa é sua visão fundamental da Rússia. Encontrei-o de péssimo humor; estava assim

243. Um erro do próprio Dostoiévski com as datas — estima-se que o certo seria o ano de 1862 ou 1863. (N. do E.)

por conta do fracasso de “Fumo”. Devo contar que, à época, eu desconhecia os detalhes completos desse seu insucesso. Havia recebido, em uma carta de Strakhov, o artigo sobre o livro no “Anais da Pátria”, mas não sabia que tinham destroçado seu trabalho em todos os outros jornais, e que em Moscou, creio que em um clube, coletou-se assinaturas em protesto à publicação de “Fumo”. Ele mesmo me contou isso. Para ser sincero, nunca imaginei que alguém pudesse, de modo tão ingênuo e atrapalhado, expor todas as feridas de sua vaidade do modo que Turgueniev fez naquele dia. E homens como ele dizem, orgulhosos, que são ateus. Ele declarou que é um ateu descompromissado. Meu Deus! É ao deísmo²⁴⁴ que devemos o Cristo — ou seja, o conceito de um homem de tal forma sublime que não se pode compreendê-lo sem se ter um senso de temor respeitoso —, um conceito do qual não se pode duvidar que representa o eterno ideal de humanidade. E o que devemos a essa pequena nobreza — Turgueniev, Herzen, Utin, Tchernichevski²⁴⁵? Ao invés da elevada beleza divina na qual eles cospem, temos neles tanta vaidade hedionda, tanta suscetibilidade cínica, tanta arrogância ridícula, que é simplesmente impossível descobrir o que, de fato, eles esperam da vida, e quem irá tomá-los como guia. Eles desprezam e agredem a Rússia e os russos. Mas percebi algo: todos esses liberais e progressistas que derivam diretamente da escola de Bielinski encontram seu prazer e satisfação em vilipendiar a Rússia. A diferença é que os seguidores de Tchernichevski apenas ofendem, e em suas palavras desejam que a Rússia desapareça da face da Terra — isso, apenas para começar! Mas os outros declaram, no mesmo fôlego, que *amam a Rússia*. E ainda assim, detestam tudo o que nos é próprio, deliciam-se em caricaturar o país; e basta que alguém os contraponha com algum fato ao qual lhes fuja uma explicação ou uma galhofa — qualquer fato que os obrigue a reconhecer seu erro —, eles tornam-se seres profundamente infelizes, perturbados, desesperados até. E notei que Turgueniev — em verdade, é algo comum a todos que viveram por muito tempo no estrangeiro — não tem noção alguma dos fatos (ainda que leia os jornais), e perdeu de tal forma toda a afeição e entendimento sobre a Rússia

244. O Deísmo é uma linha do pensamento filosófico que admite a existência de uma divindade criadora, mas considera a razão, e não a “revelação divina” — a tradição e os dogmas religiosos —, como o caminho do homem para compreendê-la. (N. do T.)

245. Nikolai Gravitovitch Tchernichevski (1829-1889), filósofo e escritor, um dos propagadores das ideias do chamado socialismo utópico. Foi editor do “Contemporâneo” entre 1856 e 1862, ano em que foi preso por sua pregação política — mantinha um círculo de debates em sua casa. (N. do T.)

que mesmo as questões mais comuns, que na Rússia nem mesmo os niilistas renegam mais, a não ser nas caricaturas que ainda lhes fazem — Turgueniev e *aqueles* senhores não conseguem compreender. Entre outras coisas, Turgueniev sustenta que somos dignos de rastejar na poeira pisada pelos alemães, que não há outro caminho senão o universal e irrefutável — ou seja, o da civilização, e que todas as tentativas de se criar uma cultura russa independente são nada mais que tolice e teimosia. Ele disse que está escrevendo um longo artigo contra os russófilos e os eslavófilos. Recomendei-lhe que mande vir de Paris um telescópio, para a sua melhor conveniência. “O que você quer dizer com isso?”, perguntou-me. “A distância é grande”, respondi, “direcione seu telescópio à Rússia e então você será capaz de observar-nos: de outro modo, você não conseguirá ver nada”. Ele enfureceu-se. Quando o vi tão raivoso, disse-lhe com dissimulada ingenuidade: “Realmente não imaginava que todos aqueles artigos depreciando o seu novo romance o tivessem afetado tanto. Por Deus, não é caso para te alterares assim. Não dê atenção a isso!” Ele ficou vermelho e gritou: “Eu não estou nem um pouco alterado. O que você está pensando?”

Interrompi suas palavras e mudei o assunto para outras questões pessoais e domésticas. Antes de ir embora, deixei aflorar — de uma forma aparentemente casual e sem mencionar qualquer caso específico — todo o ódio que acumulei contra os alemães ao longo destes três meses. “Você percebeu como o povo daqui é composto por vigaristas e espertalhões? Em verdade, as pessoas do povo são muito mais perversas e desonestas aqui que em nosso país; também não há dúvida de que eles são mais burros. Você vive falando em civilização, mas o que pode ter a ver sua “civilização” com os alemães, e em que sentido eles são superiores a nós?” Ele empalideceu (não estou exagerando) e disse: “Falando assim, você me insulta pessoalmente. Você sabe muito bem que eu me estabeleci aqui definitivamente, que me considero um alemão e não um russo, e tenho orgulho disso.” Eu respondi: “Embora eu tenha lido o seu “Fumo”, e tenha conversado com você por mais de uma hora, jamais imaginei que você pudesse dizer algo assim. Perdoe-me, então, se eu *insulte* você.” E então despedimo-nos muito educadamente, e eu prometi a mim mesmo que nunca mais cruzarei a soleira de sua porta. No dia seguinte, Turgueniev veio até mim exatamente às dez horas da manhã e deixou o seu cartão com a

minha senhoria. Mas como eu dissera no dia anterior que nunca recebia ninguém antes do meio-dia, e que costumávamos dormir até as onze horas, ele naturalmente veio às dez da manhã para deixar claro que não faz questão de me ver novamente. Durante aquelas sete semanas, vi Turgueniev apenas mais uma vez, na estação de trem. Olhamo-nos, sem qualquer saudação mútua. A animosidade com que falo de Turgueniev, e os insultos que trocamos, talvez sejam desagradáveis a você, Apollon Maikov. Mas, por Deus, não pude fazer nada; ele ofendeu-me tão profundamente com suas opiniões estapafúrdias! Em verdade, eu pessoalmente me senti pouco afetado, ainda que suas maneiras esnobes sejam desagradáveis por si só; mas simplesmente não consigo ouvir calado quando um traidor que, se assim quisesse, poderia bem servir à pátria, a ofender a Rússia da maneira que ele faz. Eu já havia percebido sua reverência canina aos alemães — e seu ódio aos russos — há pelo menos quatro anos. Mas essa sua fúria atual contra a Rússia surgiu *tão-somente* por conta do fracasso de “Fumo” e do fato de a Rússia ter ousado recusar-lhe o laurel de gênio. Não é nada além de vaidade, e por isso ainda mais repulsivo.

Ouçá, meu amigo, o que tenho em mente. É certo que foi uma infâmia de minha parte entregar-me à jogatina. Mas perdi uma soma relativamente pequena de meu *próprio* dinheiro. Além disso, não teria coberto as despesas de mais de dois meses — no nosso atual padrão de vida, talvez quatro. Já disse a você que o meu mal é vencer. Se, logo de início, eu tivesse perdido os dez luíses de ouro que decidi apostar, certamente não teria jogado mais e partiria de uma vez por todas. Mas ganhar 4.000 francos destruiu-me. A tentativa de vencer mais (o que parecia tão fácil) e dessa forma pagar todas as minhas dívidas, e prover o sustento meu e de meus entes queridos — Emilie Fiodorovna, Pacha e outros... Foi demais para mim, não pude resistir. Mas, mesmo assim, não há desculpas, pois não estava só. Tinha comigo uma linda, jovem e gentil criatura que confiava em mim, a quem eu deveria ter protegido e amparado ao invés de arrastar comigo à ruína, depositando todas as minhas poucas posses em uma mesa de jogo. Meu futuro parece-me negro; sobretudo porque, em razão de tudo o que relatei, não posso voltar à Rússia. Sinto-me ainda mais oprimido por essa questão: o que será daqueles que dependem de minha assistência? Esses pensamentos dilaceram-me...

Apenas você, meu amigo, ainda é gentil comigo; você é minha Providência. Ajude-me em meu futuro, também. Pois em todos meus problemas, nos grandes e nos pequenos, eu irei recorrer à sua ajuda.

Você entende bem onde baseio todas as minhas esperanças: está claro que apenas *sob uma condição* tudo pode ser arranjado para que o futuro renda bons frutos — *se meus romances realmente forem bem-sucedidos*. Para isso devo dedicar todas as minhas forças. Ah, meu querido companheiro, quão grave, quão enormemente grave foi para mim, há três anos, agarrar-me à louca esperança de que eu seria capaz de pagar todas aquelas dívidas, e por conta disso assinar todas aquelas promissórias. Terei a energia e a vitalidade necessárias para isso? A experiência mostrou-me que sou capaz de escrever um livro de sucesso; mas quais são as condições para isso? Apenas esta: que cada um de meus trabalhos seja capaz de despertar o interesse do público; do contrário, tudo irá ruir. E será isso possível? Haverá alguma esperança que me permita acreditar nisso?

[...] ²⁴⁶

Seu,

Dostoiévski

**XXXIX. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna²⁴⁷:
Genebra, 29 de setembro de 1867.**

Bom dia, minha querida amiga Sonetchka. Não tenha raiva de mim por meu longo silêncio — nem de Anna Grigorovna. Anna tem uma carta pronta para você há pelo menos uma semana, mas não mandará junto com esta minha — ela ainda quer acrescentar alguma coisa. Em verdade, quero persuadir-lhe a responder esta carta. Estamos tão terrivelmente entediados em Genebra que cada carta sua será contada como uma boa ação no Paraíso. Além disso, você sabe muito bem o quanto lhe amo, e como sou interessado em tudo o que acontece em sua vida.

246. Omite-se o longo trecho final da carta no qual Dostoiévski pede a Maikov um empréstimo e, para tal, descreve a penúria em que vive. (N. do E.)

247. Sofia Aleksandrovna (1846-1907) era filha da irmã de Dostoiévski, Vera Ivanova. O escritor conheceu-a quando a jovem foi auxiliá-lo nos cuidados com sua primeira esposa Maria Dmitrievna quando esta estava à beira da morte, em 1864. Sofia tornou-se uma de suas confidentes. Por influência do tio, prosseguiu nos estudos e tornou-se tradutora de inglês, ocasionalmente traduzindo autores como Dickens para o "Mensageiro da Rússia". (N. do T.)

Planejamos nossa viagem da forma mais estúpida possível. Deveríamos ter reservado mais dinheiro, para podermos mudar de um local para outro sempre que nos desse vontade. Tivemos que alterar nosso passeio pela Europa, que se tornou uma estada no exterior.

Viver no estrangeiro, não importa onde seja, é sempre magante. Como Paris mostrou-se muito cara e empoeirada, e o verão na Itália é muito quente, e a cólera alastra-se por toda parte, passamos o verão em diversas partes da Alemanha, escolhidas pela beleza da paisagem e pelos bons ares. Em todas as partes foi cansativo, estivemos rodeados de belos cenários e gozando de boa saúde. Fiquei particularmente feliz por Anna Grigorovna não se mostrar entediada em nenhum momento, ainda que eu não seja uma companhia muito agradável e já estejamos há seis meses vivendo sem a presença de amigos ou conhecidos. Nesse tempo, revivemos muitas de nossas lembranças, e posso jurar que nos divertiríamos dez vezes mais se tivéssemos passado o verão não em terras estrangeiras, mas em Lublin, perto de você. Anna Grigorovna desenvolveu um grande talento para viajar; não importa onde estejamos, ela descobre algo que mereça uma visita e logo escreve suas impressões; preencheu um sem-número de pequenos cadernos com seus hieróglifos. Infelizmente, ela não viu sequer a metade do que podíamos ter visto. Enfim, chegou o outono. Nosso dinheiro não permitia uma viagem à Itália e havia outros entraves que nos impediram. Pensamos em Paris, e logo nos arrependemos muito de não termos ido para lá ao invés de Genebra. Eu já havia estado por três vezes em Genebra, mas nunca por um longo tempo, e não conhecia muito sobre o clima da cidade: pelo menos três vezes por dia o tempo muda, e voltei a ter meus ataques, como acontecia em Petersburgo. Mesmo assim, preciso trabalhar e não devo sair de Genebra pelo menos por cinco meses. Estou seriamente engajado na produção de um romance (o qual terei o prazer de dedicar a você, Sonetchka, Sofia Aleksandrovna Ivanovna, como há muito eu havia decidido); devo publicá-lo no “Mensageiro da Rússia”. Não sei se conseguirei concluí-lo; meu Deus, se não fosse por minha pobreza, nunca teria escolhido publicá-lo agora — ou seja, nesses nossos dias. O céu está tão nebuloso. Napoleão²⁴⁸ declarou que já percebe vários perigos em seu horizonte. Para solucionar as questões do

248. Carlos Luís Napoleão Bonaparte (1808-1873), imperador da França sob o título de Napoleão III e sobrinho de Napoleão Bonaparte. (N. do T.)

México, da Itália e, sobretudo, da Alemanha, ele terá que desviar a atenção pública com uma guerra, e vencer as disputas internas na França pelo velho método — uma campanha bem sucedida²⁴⁹. Embora os franceses de hoje não sejam tão fáceis de serem persuadidos, uma guerra é provável de acontecer. Você já deve ter se dado conta disso (aliás, você lê alguns jornais? Por favor, faça isso! Hoje em dia eles precisam ser lidos, não apenas por ser moda, mas para que se possa traçar as conexões evidentes entre os pequenos e grandes eventos). Mas se a guerra vier, os bens artísticos cairão consideravelmente de valor. É uma contingência importante, e que me deixa pensativo. Na Rússia, em verdade, ultimamente o que se nota, mesmo sem guerra alguma, uma grande indiferença para com as atividades artísticas. Mais que tudo, desprezo a mediocridade: uma obra deve ser muito boa ou muito ruim, jamais medíocre. A mediocridade que se estende por trinta páginas escritas é algo imperdoável.

Imploro, querida, que escreva o máximo que puderes sobre tudo o que acontece com você e os seus nos últimos seis meses. O que você tem feito, quais são os seus planos? Faremos o mesmo. Meu passaporte tem validade por apenas seis meses, mas terei que ficar aqui pelo menos seis meses mais. Depende, tão-somente, de meus negócios. Ainda assim, queria voltar à Rússia, e por muitos motivos. Primeiramente, para voltar a ter um local fixo de residência. Mais que isso, com o meu regresso, gostaria de editar algo no formato de um jornal²⁵⁰ (penso que já falamos sobre isso; a forma e o escopo da publicação estão agora muito claros em minha mente). Mas para isso, preciso estar em *casa*, onde posso ouvir a tudo com meus próprios ouvidos e ver com meus próprios olhos. De resto, estou feliz por ter agora algum trabalho em vista; se não fosse isso, morreria de *ennui*²⁵¹; se iniciarei algum outro trabalho nesta terra estrangeira, uma vez o romance concluído (o que pode levar ainda algum tempo), eu realmente não sei. Simplesmente não consigo entender os “turistas” russos, que costumam ficar aqui por três anos. Uma viagem ao exterior pode ser muito útil, até mesmo agradável, se dura até seis meses, e se não se permanece no mesmo local por mais

249. À época que Dostoiévski escreve à sua sobrinha, Napoleão III enfrentava crises no México, Itália e Alemanha envolvendo seus protegidos. No México, dois meses antes, o imperador Maximiliano de Habsburgo havia sido fuzilado pelos republicanos logo após a retirada das tropas francesas daquele país. Na Itália, Giuseppe Garibaldi lutava pela unificação e ameaçava os interesses de Roma e Veneza, protegidas por tropas francesas. Na Alemanha, preocupava-se com o fortalecimento de Otto Von Bismark após a vitória sobre o Império Austro-húngaro. (N. do T.)

250. Trata-se de “Diário de um Escritor”, que ele só conseguiria realizar a partir de 1873. (N. do E.)

251. Em francês no original: “tristeza profunda”. (N. do T.)

de quinze dias, mantendo-se continuamente em trânsito. E é preciso se sentir muito bem para tal jornada. Mas há pessoas que vivem aqui com suas famílias por um longo tempo, educam aqui seus filhos, deixam de falar o russo e, por fim, quase esgotados os seus recursos, voltam para casa com o espírito de ensinar-nos civilização, não de aprender conosco. Sim, aqui ficam a moldar-se aos costumes locais, e depois precisam de um ano inteiro para acostumar-se com as coisas de nossa terra e voltar ao normal novamente. Em especial, creio que um escritor (a menos que seja um professor ou um especialista) não pode, de forma alguma, afastar-se por muito tempo. Em nosso ofício, a verdade é a mola mestra; aqui só poderemos ver a verdade suíça.

Genebra está às margens do Lago Genebra. É belíssimo, suas margens são pitorescas, mas a cidade de Genebra, em si, é a essência do tédio. É uma antiga cidade protestante, e ainda assim vê-se uma quantidade enorme de bêbados pelas ruas. Quando cheguei aqui, o Congresso da Paz tinha começado há pouco tempo, e estive aqui o Garibaldi em pessoa²⁵². Ele deixou a cidade logo em seguida. É realmente incrível ver como esses cavalheiros socialistas e revolucionários, que até então eu conhecia apenas dos livros, põem-se no palanque e disparam suas mentiras para uma audiência de cinco mil pessoas! É difícil de descrever ou mesmo dar-se conta de todo o absurdo, a fragilidade, a futilidade, a inconsistência de suas profundas contradições fundamentais. E é essa turba que está atijando os ânimos de toda a infeliz classe trabalhadora! É deplorável. Para obter a paz na Terra, querem extirpar a fé cristã, aniquilar os grandes Estados e dividi-los em países menores, abolir o capital, declarar que toda propriedade é de uso comum, etc. E tudo isso é dito sem qualquer demonstração lógica; o que eles aprenderam há trinta anos é o que ainda estão a balbuciar hoje. Apenas quando o fogo e a espada tiverem exterminado tudo será possível, segundo eles, que a paz se estabeleça. Mas basta disso. Eu responderei às suas cartas, querida, assim que chegarem pelo correio — prometo.

Seu querido,

Fiódor Dostoiévski

252. Charles Lemonnier (1860-1930), jurista e político liberal belga, convocou para Genebra o congresso inaugural da chamada *Liga Internacional da Paz e Liberdade* — o evento contou com o apoio de personalidades como o escritor francês Victor Hugo, o pensador alemão Karl Marx, o líder revolucionário italiano Giuseppe Garibaldi, o anarquista russo Mikhail Bakunin e o escritor Aleksandr Herzen. Um dos resultados mais polêmicos do congresso foi a deliberação de abolir a soberania e as relações internacionais da Santa Sé, então sob o papado de Pio IX. (N. do T.)

XL. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Genebra, 9 de outubro de 1867.

[...] ²⁵³ No que diz respeito a *mim*, não me importo nem um pouco onde passarei os próximos cinco meses, pois pretendo trabalhar por todo esse período. Apesar disso, Genebra é de qualquer forma detestável e enganei-me terrivelmente a esse respeito quando decidi por vir para cá. Meus ataques têm acontecido semanalmente aqui; também sinto uma estranha taquicardia. É uma cidade horrível, como Caiena. Há tempestades que duram dias e dias, e mesmo nos dias mais tranquilos o tempo muda três ou quatro vezes. E eu tenho que suportar isso — *eu*, com minhas hemorroidas e minha epilepsia! E então, é tudo tão deprimente, tão sombrio! E as pessoas são tão pedantes e orgulhosas! O pedantismo é o mais peculiar sinal de estupidez. Tudo aqui é feio, decadente e caro. As pessoas estão sempre bêbadas! Mesmo em Londres não vi tantos arruaceiros e bebedores. Cada pequena coisa, cada sinal nas ruas, eles tomam por algo belo e majestoso. Pergunte “onde fica a rua tal?” e ouvirá algo como “*Voyez, monsieur, vous irez tout droit, et quand vous passerez près de cette majestueuse et élégante fontaine em bronze, vous prenez...*” ²⁵⁴, etc. A “*majestueuse et élégante fontaine*” é um objeto em estilo rococó de gosto duvidoso e sem qualquer importância, mas um genebrino irá sempre contar vantagem, mesmo que você só pergunte a ele a direção. Eles fizeram um pequeno jardim com uns poucos arbustos (não há uma árvore sequer), com o dobro do tamanho de um dos jardins frontais da Rua Sadovaia em Moscou, mas insistem em fotografá-lo e vender as fotografias como uma vista do “Jardim Inglês, em Genebra”. Que o diabo os carregue com essas falcatruas! E enquanto isso repousa, apenas a meia hora de Genebra, às margens do mesmo lago, a cidade de Vevey, onde, dizem, é bastante saudável o clima no inverno, mesmo aprazível. Quem sabe — talvez nos mudemos para lá, um dia desses. Nada depende de *mim* agora. Seja o que Deus quiser.

De meu trabalho não contarei nada a você, pois ainda não tenho o que dizer. Apenas uma coisa: tenho que me dedicar a ele intensamente, o mais que posso. Meus ataques roubam-me toda a vitalidade, e depois de cada um deles

253. Omite-se o início da carta, no qual Dostoiévski fala sobre sua precária situação financeira. (N. do T.)

254. Em francês, no original: “Veja, senhor, o senhor seguirá pela direita, e quando passar perto de uma majestosa e elegante fonte em bronze, o senhor tomará (a direção tal)...” (N. do T.)

é como se eu não conseguisse reorganizar as minhas ideias por pelo menos quatro dias. E como eu estava bem na Alemanha, nos primeiros tempos! Esta conturbada Genebra! Não sei o que será de nós. E o romance é meu único meio de salvação. O pior de tudo é que ele precisa, de qualquer jeito, ser concluído. Não tenho mais nada a fazer. *Sine qua non*.²⁵⁵ Mas como, se toda a minha capacidade é turvada pela minha doença! Ainda tenho meu poder de visão intacto; meus escritos mais recentes são a prova disso. E ainda tenho nervos. Mas perdi toda a memória. Em outras palavras, devo entregar-me a este livro com todas as forças, exclusivamente a ele, e enfrentar até mesmo o risco da morte, custe o que custar! Basta disso.

Recebi as notícias sobre Kelsiev²⁵⁶ com muita emoção. Eis o caminho certo, eis a verdade e a razão! Mas esteja muito certo disto: todos os liberais socialistas irão cair sobre ele como feras selvagens. Isso irá irritá-los até os ossos. Irão odiar mais o seu gesto do que se lhes fossem cortados os narizes. Que dirão agora, a quem irão culpar? O máximo que poderão fazer é ranger os dentes; e todos na Rússia sabem disso. Já ouviu até hoje uma ideia sensata de algum de nossos liberais? Não sabem fazer mais que mostrar os dentes em qualquer ocasião; é algo que impressiona muito os meninos em idade escolar. De Kelsiev, dirão agora que ele denunciou-os todos. Por Deus, você verá como tenho razão. Mas alguém pode, de fato, “denunciá-los”, eu pergunto? Em primeiro lugar, eles mesmos se comprometeram por suas próprias ações; em segundo lugar — quem tem o mínimo interesse neles? Não valem sequer o trabalho de serem denunciados!

[...]²⁵⁷

O que acontece agora na política? Que fim terá toda a nossa excitação? Napoleão parece ter algo escondido sob a manga. Itália, Alemanha...

Meu coração alegrou-se ao ler as notícias de que estão para abrir uma ferrovia até Kursk²⁵⁸. Que seja em breve, e então — vida longa para a Rússia!

255. Expressão latina que significa “sem o qual não pode ser”: indispensável. (N. do T.)

256. V. Kelsiev, um exilado político e colaborador de Herzen. Depois de anos no exterior, ele retornou à Rússia e declarou-se um criminoso político no posto de fronteira, entregando-se às autoridades. O czar Aleksandr II deu-lhe o perdão incondicional e a liberdade. Kelsiev tornou-se, posteriormente, colaborador do “Mensageiro da Rússia”. O caso, contado por Maikov em carta anterior, impressionou vivamente Dostoiévski. (N. do E.)

257. Omite-se um trecho da carta no qual retoma as questões de ordem pessoal e financeira. (N. do E.)

258. Cidade na fronteira com a Ucrânia, ao sul de Moscou. A linha férrea ligando essas duas cidades entrou em operação apenas em 1896. (N. do T.)

XLI. Carta ao seu enteado, Pavel Aleksandrovitch Issaiev: Genebra, 10 de outubro de 1867.

Sua carta, meu jovem, alegrou-me profundamente. Se você pensou que eu iria esquecê-lo depois de meu casamento (pois percebi que você realmente tinha essa ideia, e eu propositalmente não o desmenti), estive completamente enganado. É bem o oposto disso. Saiba que me importo ainda mais com você depois de meu casamento, e Deus é testemunha do quanto sofro por poder ajudá-lo tão pouco. Sempre considereí você um rapaz otimista e determinado, e mantenho a minha opinião. Uma pessoa com tais qualidades será feliz em qualquer caminho que a vida lhe reservar. Você também é muito inteligente. Apenas uma coisa depõe contra você: a falta de instrução. Mas se você não tem mesmo nenhum desejo de aprender alguma coisa, ao menos ouça o meu conselho: você deve estar, não importa a circunstância, sempre atento ao seu crescimento moral, ao menos no que é possível obter em uma vida sem a educação (ainda que, pela educação, devemos lutar até o fim de nossos dias). Na minha partida, pedi a Apollon Nikolaievitch que fosse um amigo para você e o assistisse com bons conselhos. Pacha, ele é único entre os homens singulares, lembre-se disso. Conheço-o há vinte anos. Ele sempre foi capaz de guiar-me sabiamente. Acima de tudo, você deve ser franco e honesto em seus contatos com ele. Soube há algum tempo que ofereceram a você um emprego — e que o convite segue em aberto. Recomendo que você aceite. Creio que um emprego na polícia judicial seria incomparavelmente mais útil para você. Poderá obter conhecimento prático sobre as questões jurídicas, desenvolver-se, acumular muito conhecimento. Mas não confio muito em você. Há que se trabalhar duro em um emprego como esse — e é importante saber que tipo de homem suas tendências naturais irão lhe tornar. Se for para o bem, o serviço lhe trará benefícios; se for para o mal, tal emprego apenas o fará endurecer. Além disso, uma cidade provinciana como Ladoga é muito perigosa na sua idade, ainda mais uma cidade aborrecida e pobre como aquela. Concorde que as relações sociais no serviço de transportes ferroviários *são* muito ruins. Mas penso que mesmo no mais alto posto do governo, o problema é o mesmo — a diferença é que lá as boas maneiras prevalecem. Por isso, Petersburgo seria bem melhor

para você, pois lá pode encontrar uma sociedade à altura. Mas, de qualquer modo, debes aceitar esse convite. Apesar dos perigos de partires para o lado do mal, tenho alguma fé de que será bom para você trabalhar lá. Não creio que você esqueceu o seu pai e a sua mãe falecidos. Perceba que eu não recomendo a você que aceite esse emprego (nem por conta do salário) para que deixe de ser uma obrigação para mim. Saiba que, embora eu não tenha um copeque para dividir, eu irei apoiá-lo por toda a minha vida, não importa em que idade esteja. Dou-lhe esse conselho pelo bem que o trabalho lhe fará, pois o trabalho é a mais importante das coisas. Anna Grigorovna ama você do mesmo modo que eu. Escreva-me logo contando todas as novidades.

XLII. Carta à sua irmã Vera e Aleksandr Pavlovitch Ivanov:
Genebra, 1º de janeiro de 1868.

Meus queridos Aleksandr Pavlovitch e Vera Mikhailovna!

Antes de qualquer coisa, recebam meu abraço de felicitações pelo ano novo. Desejo-lhes, de coração, tudo de bom! Ontem, Anna Grigorovna surpreendeu-me com uma pequenina garrafa de *champagne*, a qual foi colocada sobre a mesa exatamente às dez e meia da noite, quando em Moscou soava meia-noite. Brindamos e bebemos à saúde de nossos entes queridos. Quem é mais querido para mim (e para Anna Grigorovna, com exceção para seus parentes mais próximos) que vocês e seus filhos? Além de vocês, apenas Fédia²⁵⁹ e sua família, e Pacha; esses são minhas preciosidades, as pessoas por quem realmente me importo.

Recebi ambas as cartas que me enviaram, a última e a de novembro passado; perdoem-me por não ter respondido antes. Amo vocês e penso em todos sempre. Mas tenho vivido um estado permanente de estresse e insatisfação que eu procuro contornar pensando em dias melhores; e, de fato, ultimamente eu não tenho uma única hora livre sequer. Tenho trabalhado o tempo inteiro — escrevendo e depois destruindo o que escrevi; somente no final de dezembro eu pude enviar a primeira parte de meu romance²⁶⁰ para o “Mençageiro da

259. Sobrinho de Dostoiévski, filho de Mikhail; Fédia é o diminutivo carinhoso de Fiódor. (N. do T.)

260. Trata-se de “O Idiota”. (N. da E.)

Rússia". Eles queriam a obra para a edição de janeiro e estou com medo de que a entrega não tenha chegado a tempo.

Quanto a mim, posso dizer que quase tudo depende desse trabalho: minha existência, o pão de cada dia, meu futuro inteiro. Tenho recebido adiantamentos do "Mensageiro da Rússia" — já são uns 4.500 rublos; em Petersburgo, ainda tenho promissórias para resgatar no valor de 3.000 rublos. Ao mesmo tempo, tenho que sobreviver de uma forma ou de outra — e em um período tão duro! Por isso deposito todas as minhas esperanças nesse romance; terei que trabalhar incessantemente, quase nunca levantando de minha escrivaninha, pelos próximos quatro meses. Estou muito atrasado, pois tenho rejeitado quase tudo o que escrevi até hoje. E o livro irá, pelos valores praticados no "Mensageiro da Rússia", render para mim uns 6.000 rublos. Já me foram adiantados 4.500, tenho apenas mais 1.500 por receber. Se o romance for mesmo um sucesso, devo vender a obra em setembro (como estou acostumado a fazer) para uma segunda edição por cerca de 3.000 rublos. Dessa forma, vou levando a vida adiante, quitando 1.500 rublos de minha dívida em setembro — e retornando à Rússia. Tudo depende de meu trabalho agora: todo o meu futuro e todo o meu presente; e se o livro for mesmo bom, posso ganhar um crédito extra com o "Mensageiro da Rússia" em setembro.

Agora vou contar um pouco de minha vida e das circunstâncias até o presente. A esse respeito, tudo é bastante monótono; em Genebra, todos os dias se parecem. Eu escrevo, Anna Grigorovna confecciona as roupas do pequeno ser que estamos esperando, ou auxilia-me na estenografia quando preciso. Ela tem passado bem pela gravidez (embora ultimamente tenha sentido enjoos); nossa vida agrada-a imensamente, apenas sente saudades da mãe. Nossa reclusão tem sido de grande valia para mim; sem ela, não poderia sequer trabalhar. Mas, de qualquer modo, Genebra — exceto pela vista do Mont Blanc, do lago e de Rio Ródano que nele deságua — é absolutamente tediosa. Eu já sabia disso antes, mas as circunstâncias conduziram-nos de tal modo que, em nossa situação, não pudemos encontrar nenhum outro lugar para ficar durante o inverno a não ser Genebra, onde chegamos por acaso em setembro. Em Paris, por exemplo, o inverno é muito mais frio, e a lenha é muito mais cara (como tudo, aliás). Queríamos muito ir para a Itália — ou seja, para Milão, é claro

(nada mais ao sul que isso), onde o inverno é incomparavelmente ameno, e a cidade, com sua catedral, seus teatros e galerias, é muito mais atraente. Mas, em primeiro lugar, toda a Europa, e particularmente a Itália, estava à época ameaçada com uma possível guerra; e para uma mulher com filhos, estar em meio a uma guerra não é nada agradável. Em segundo lugar, seria altamente desejável que nós pudéssemos ser compreendidos pelo doutor e pela parteira, e não sabemos nada de italiano. A Alemanha não estava em nosso caminho, tampouco queríamos retornar para lá. Genebra é, de qualquer modo, uma cidade culta, com bibliotecas, muitos médicos, etc., e todos falam francês. Não tínhamos imaginado, a bem da verdade, que a vida aqui seria tão monótona, nem que os ventos que periodicamente chegam das montanhas trouxessem o frio das neves eternas. Em nossa primeira casa aqui sofremos muito — as residências aqui são construídas de forma bizarra: ao invés de fogões, há apenas lareiras, e as janelas não são duplas. Por isso passamos o dia alimentando o fogo com lenha (um item caro por aqui, apesar de a Suíça ser o único país da Europa onde a madeira é realmente abundante). Em meu quarto estava quase sempre entre seis e cinco graus centígrados; nos outros cômodos da casa, a água congela-se dentro das jarras durante a madrugada. Mas no último mês, mudamo-nos para uma nova casa. Dois dos cômodos são muito bons, e um deles é tão quente que se pode viver e trabalhar ali tranquilamente durante o inverno. Desde que chegamos a Genebra a temperatura não baixou dos oito graus; em Florença, fez dez graus, e em Montpellier, na França, no Mar Mediterrâneo, bem distante de Genebra, fez quinze graus positivos.

Faz muito tempo que não escrevo a Petersburgo, e raramente recebo notícias deles. Perturba-me a ideia de que Pacha e Fédia precisem de dinheiro o quanto antes. Mas não posso esperar uma grande quantia do “Mensageiro da Rússia” até que eu entregue a segunda parte do romance, o que não acontecerá antes de três semanas — pois já pedi muito dinheiro de adiantamento, e todo o trabalho duro dos últimos tempos me renderá apenas 1.000 rublos. Tudo isso me preocupa tanto que por várias vezes perco o sono no meio da noite. Fédia não tem como se manter sem ajuda externa, e Pacha precisa de remessas periódicas de dinheiro. Vivo dos cem rublos mensais que o “Mensageiro” envia mensalmente. E logo precisarei de muito mais que isso. No fim de fevereiro

Anna Grigorovna será mãe, e nessa ocasião precisarei, a qualquer custo, ter dinheiro, e com certa *margem* — pois nunca se sabe com antecedência todas as necessidades que surgirão.

Como vocês estão? Suas cartas são verdadeiros tesouros para mim. Queria poder ir a Moscou apenas para vê-los todos. Mas, repito-me, meu futuro depende de minha obra. Peço que escrevam com mais detalhes sobre vocês dois e as crianças. Por falar nisso, fiquei profundamente perturbado, Veriotchka²⁶¹, com sua carta de novembro — por causa de sua ideia de contratar uma francesa para educar os seus filhos. Por quê? Para quê? Pela pronúncia? De uma governanta francesa ou mesmo de um tutor francês, não se pode (sei de experiência própria) aprender a língua francesa em todas as suas sutilezas. Só se aprende a língua se houver uma decisão firme de estudá-la; e mesmo assim, ainda que seja um aluno com talento especial para obter a “pronúncia francesa” é preciso uma grande força de vontade. Considero, aliás, a “pronúncia correta” algo supérfluo. Acredite-me, querida Veriotchka, que quando os seus filhos forem adultos, o francês já não será uma língua falada em nossas casas. Mesmo hoje, o efeito costuma ser absurdo. São problemas diferentes a compreensão e a leitura de uma língua estrangeira. Logo, se alguém viaja, e é necessário, pode surgir mais fortemente a necessidade de falar; fora isso, basta saber compreender e ler. Sobre o que a governanta francesa irá conversar com as crianças? Nada além de tolices. Afetadas como são as francesas, e poderosa como essa ficará, ela irá contaminá-los com a vulgaridade, a corrupção, o ridículo e imbecil código de maneiras francês, e suas noções distorcidas sobre religião e sociedade. É um prazer agora observar as suas crianças. A atmosfera em sua casa é liberal e franca; tudo traz a sensação de uma família tranquila e feliz. A francesa irá introduzir um novo e maléfico elemento francês. Quanto às despesas, nem preciso lhe dizer.

Mais um comentário: se as pessoas desejam adquirir um sotaque francês correto hoje em dia, devem adotar o modo gutural de falar dos parisienses, que é tão feio e ofensivo aos ouvidos. Esse sotaque é novo, e foi surgindo em Paris apenas nos últimos vinte e cinco anos. Nossos tutores e governantas ainda não tiveram coragem de introduzi-lo na Rússia. Assim sendo, suas crianças não deverão adquirir essa “pronúncia correta”. Escrevi muito sobre a governanta.

Estou por tirar uma folga de dois dias, e então retornar ao trabalho. Meu estado de saúde melhorou consideravelmente desde o outono. Por vezes, passo mais de sete dias sem ter um ataque e, assim, tenho ocupado a minha mente com o trabalho. Não sei como aconteceu, mas estou muito feliz por isso.

Até breve, meus queridos. Recebam meus beijos e abraços; desejo-lhes, de coração, como irmão e amigo, que tudo de bom lhes aconteça; por favor, não se esqueçam de nós. Meu endereço ainda é Genebra. Talvez no fim de abril eu possa atravessar o Moncenisio²⁶² e ir para a Itália, para Milão e o Lago Como²⁶³. Será o verdadeiro paraíso! Tudo depende, contudo, do meu trabalho. Desejem-me sucesso.

Seu,

Fiódor Dostoiévski

XLIII. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrova:

Genebra, 1º de janeiro de 1868.

Minha querida Sonetchka,

Apesar de seu pedido, ainda não respondi a sua carta, e dou minha palavra de honra de que, daqui por diante, mandarei regularmente uma carta por mês. Em minha carta a Aleksandr Pavlovitch eu expliquei, da melhor forma possível, as razões de meu silêncio. Por todo esse tempo estive de tão péssimo humor e em uma contínua ansiedade que senti ser melhor trancar-me em mim mesmo e suportar meus problemas na solidão. Naqueles dias, teria sido difícil escrever para você — o que teria dito? Será que deveria comentar sobre meu mau humor? (Creio que ele apareceria, de alguma forma, na minha carta.) Mas essa tolice é irrelevante. Minha posição era muito difícil. Um de meus trabalhos é responsável por toda a minha vida futura. Não só tive um adiantamento de 4.500 rublos do “Mensageiro da Rússia”, mas também dei minha palavra de honra, e reiterarei a promessa em cada carta, de que o romance seria mesmo escrito. Mas um pouco antes de despachar os manuscritos finais para a

261. Diminutivo carinhoso de Vera. (N. do T.)

262. Maciço de 2.083 m entre a França e a Itália. (N. do T.)

263. Lago de origem glacial na Lombardia, Itália. (N. do T.)

redação, vi-me obrigado a destruir a maior parte deles, pois já não me agradava do livro — e se um escritor está descontente com o seu trabalho, ele não pode estar bom. Assim, destruí boa parte do que havia escrito. Desse romance, e do pagamento de minhas dívidas, depende todo o meu presente e futuro. Há três semanas (dia 18 de dezembro), comecei um novo texto e agora trabalho noite e dia. A ideia do livro é antiga, mas sempre gostei muito dela; mas é muito difícil que até o momento eu não tenha criado coragem para levá-la adiante, e se retomo essa ideia é porque estou em uma situação desesperadora. A proposta básica é a representação de um homem verdadeiramente perfeito e nobre. E isso é o mais difícil de encontrar que qualquer outra coisa neste mundo, particularmente em nossos dias. Todos os escritores, não somente os nossos, mas também os estrangeiros, que tentaram representar a Beleza Absoluta, foram desiguais em seus resultados, pois é algo infinitamente difícil de representar. A beleza é o ideal; mas ideais, seja entre nós ou na civilizada Europa, há muito se desfazem. Há no mundo apenas uma figura de absoluta beleza: Cristo. Aquela figura infinitamente adorável é, de fato, uma maravilha infinita (todo o Evangelho de São João está repleto desse pensamento; João vê a maravilha da Encarnação, a aparição visível do Belo). Fui longe demais em minha explicação. Direi apenas que de todas as nobres personagens da literatura cristã, considero Dom Quixote a mais perfeita. Mas Dom Quixote é nobre apenas por ser, ao mesmo tempo, cômico. E “As Aventuras do Senhor Pickwick”, de Dickens (certamente mais fraco que Dom Quixote, mas ainda assim um trabalho primoroso), também é cômico, e é isso que lhe dá grande valor. O leitor sente uma empatia, uma compaixão pelo Belo, derivada inconscientemente de seu próprio valor. O segredo do humor consiste precisamente na arte de despertar a compaixão do leitor. Jean Valjean²⁶⁴ é uma formidável tentativa, mas ele desperta simpatia apenas por seu terrível destino e pelas injustiças da sociedade que recaem sobre ele. Ainda não encontrei nada igual a isso, nada tão *positivo*, e por isso temo que meu livro seja um “positivo” fracasso. Os pequenos detalhes talvez não tenham saído tão mal. Mas tenho medo de que meu romance seja enfadonho. Ele será um tanto extenso. Escrevi a primeira parte em vinte e três dias, e em seguida enviei os manuscritos. A primeira parte não tem ação alguma. É confessadamente apenas um prólogo. É verdade que não deverá

comprometer o livro como um todo, mas não traz luzes novas sobre nada, não propõe problema algum. Meu único objetivo ali é despertar no leitor ao menos algum interesse para que continue a ler a segunda parte. Comecei a escrever hoje essa segunda parte, devo terminá-la em um mês. (Sempre trabalhei com essa rapidez.) Acredito que será mais forte e significativa que a primeira parte. Bem, querida, deseje-me sorte! O livro chama-se “O Idiota” e dedico o meu trabalho a você, Sofia Aleksandrovna. Minha querida, eu queria que o livro fosse digno dessa homenagem. De qualquer modo, não tenho condições de julgar o meu próprio trabalho, muito menos nesse estado de excitação no qual me encontro.

Minha saúde está bastante satisfatória, consigo suportar bem mesmo o ritmo mais duro de trabalho; mas por conta da condição de Anna Grigorovna, já antecipo dias difíceis. Trabalharei por mais quatro meses, e depois espero ter condições de ir para a Itália. A solidão é essencial para mim agora.

Pensar em Fédia e Pacha entristece-me. Estou escrevendo para Fédia, falando sobre isso. Viver no estrangeiro é muito problemático e sinto imensas saudades da Rússia. Anna Grigorovna e eu temos uma vida solitária aqui. Minha vida resume-se a isso: acordo tarde, acendo a lareira (é assustadoramente frio), bebemos café e começo a trabalhar. Por volta das quatro da tarde, vou a um restaurante, onde janto por dois francos (incluindo o vinho). Anna Grigorovna prefere jantar em casa. Depois do jantar, vou a uma cafeteria, bebo um café e leio o “Notícias de Moscou”²⁶⁵ e o “Voz da Rússia” do início ao fim. Como exercício, caminho meia hora pelas ruas, e então retorno à casa e ao trabalho. Acendo a lareira, tomamos café e volto aos manuscritos. Anna Grigorovna diz que está imensamente feliz assim.

Genebra é uma aborrecida, sombria e estúpida cidade protestante com um clima horrível, mas perfeita para o trabalho.

Não imagino que conseguirei retornar à Rússia antes de setembro — quem dera, minha querida! Assim que eu puder, correrei para abraçá-la. Ainda tenho planos de lançar uma revista tão logo eu retorne. Mas tudo isso depende do sucesso de meu romance atual. Pense nisso: estou trabalhando tão furiosa-

264. Protagonista de “Os Miseráveis”, de Victor Hugo. (N. do T.)

265. Em russo: Московские ведомости (“Moskovskie Vedomosti”). Era um dos jornais de maior circulação na Rússia à época. (N. do T.)

mente, e ainda não sei se os manuscritos chegarão a tempo para a edição de janeiro. Será terrível se eu não conseguir!

Receba meu abraço carinhoso. Seu sempre amigo,
Fiódor Dostoiévski

XLIV. Carta ao seu enteado Pavel Aleksandrovitch Issaiev: Genebra, 19 de fevereiro de 1868.

Não me censure e não fique com raiva de mim, meu sempre amado Pacha, por eu ter mandado cem rublos para Emilie Fiodorovna e apenas cinquenta para você. Você é sozinho, meu caro rapaz; e ela, não. E você mesmo escreveu que ela precisava dessa quantia. Ela tem que apoiar o filho, Fédia; ele está trabalhando, e desejo-lhe sorte. Amo-o imensamente. Gostaria de dar tudo o que eu tenho, mas o que tenho é nada. Devo dizer que fiquei muito feliz em saber que você aceitou aquele emprego e começou a trabalhar. Respeito-o muito por isso, Pacha. É nobre de sua parte; o cargo não é de prestígio, mas você ainda é jovem, pode esperar. Mas se lembre de sempre contar comigo. Enquanto eu viver, você será como um filho para mim. Jurei à sua mãe, na noite anterior ao seu falecimento, que nunca abandonaria você. Quando você ainda era um menininho, eu costumava chamá-lo de meu filho. Como eu poderia abandoná-lo e esquecê-lo? Quando me casei novamente, você sugeriu que a nossa relação iria mudar; nunca falei sobre isso, pois a ideia feriu-me profundamente; confesso a você isso agora. Saiba de uma vez por todas que você será sempre meu filho, meu filho mais velho; e não digo isso por obrigação, mas por amor. Se alguma vez maltratei você, fui rude, isso se deve apenas ao meu estado de espírito. Amo você como amei a poucas pessoas até hoje. Quando um dia eu voltar a Petersburgo, farei tudo o que eu puder para encontrar um lugar melhor para você. Também irei ajudá-lo financeiramente enquanto eu viver e tiver alguma coisa de minha para dar. Fico preocupado quando você me diz que não se sente bem. Escreva assim que receber esta carta, mesmo que algumas linhas apenas. Mande a carta sem selar; você não deve ter qualquer despesa desnecessária. Meu endereço é o mesmo.

Deposito todas as minhas esperanças em meu novo romance. Se tudo correr bem, venderei a segunda edição, pagarei minhas dívidas e retornarei à Rússia. Talvez consiga também um adiantamento do jornal. Mas tenho medo de que o romance não seja bom o bastante. Gosto da ideia, mas a execução!... Chama-se “O Idiota”; a primeira parte já foi publicada no “Mensageiro da Rússia”. Talvez você tenha lido. O melhor de tudo é se ele vender bem — e então, tudo se arranjará. Trabalho noite e dia; nossa vida é monótona. Genebra é uma cidade terrivelmente tediosa. Congelei por todo o inverno, mas agora estamos vivendo verdadeiros dias primaveris. Dez graus positivos — Réaumur²⁶⁶. Minha saúde não é boa nem má. Sofro de pobreza crônica. Vivemos de umas poucas moedas e penhoramos tudo o que tínhamos de algum valor. Anna Grigorovna pode ser recolhida para o parto a qualquer momento. A expectativa é que seja hoje à noite. Estou muito ansioso, mas preciso trabalhar sem folga. Julgue por si mesmo se consigo responder às suas cartas pontualmente.

Conte-me tudo sobre você. Cuide da sua saúde.

Dostoiévski

XLV. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Genebra, 18 de maio de 1868.

Agradeço por sua carta, meu caro Apollon Nikolaievitch, e por não ter ficado com raiva de mim e cortado nosso fluxo de correspondências. Sempre estive convencido, no fundo de minha alma, que Apollon Nikolaievitch jamais faria algo assim.

Minha Sonia morreu; sepultamo-la há três dias. Duas horas antes de sua morte, eu não sabia que ela estava por morrer. O médico disse-nos, três horas antes dela falecer, que tudo estava bem e que ela sobreviveria. Ela estava enferma há uma semana apenas; morreu de inflamação nos pulmões.

Ah, meu querido Apollon Nikolaievitch, meu amor por minha primeira filha foi provavelmente muito cômico; é bem provável que eu tenha

266. Réaumur é uma escala de temperatura que leva o nome de seu inventor, o francês René-Antoine Réaumur (1683-1757). O ponto mínimo da escala é o congelamento da água (ponto zero) e a ebulição da água (ponto oitenta). Foi muito difundida na Europa Ocidental e na Rússia nos séculos XVIII e XIX, sendo aos poucos substituída pela escala Celsius. (N. do T.)

expressado esse amor de forma cômica para todos os que me parabenizaram. Fui, sem dúvida alguma, ridículo aos olhos de todos, mas para você, para *você*, não me envergonho de dizer nada. A pobre criaturazinha, com menos de três meses de idade, já tinha, aos meus olhos, sua individualidade e seu caráter. Ela estava apenas começando a conhecer-me, a amar-me, e sempre sorria quando eu me aproximava. E agora me dizem, para consolar-me, que hei de ter outros filhos. Mas onde está Sonia? Onde está a pequena criatura por quem, acredite, eu teria de bom grado me deixado crucificar, se *ela* pudesse permanecer viva? Não falarei mais nisso. Minha esposa chora. Depois de amanhã diremos o último adeus à pequenina tumba, e iremos para outro lugar qualquer. Anna Nikolaievna²⁶⁷ está conosco; ela chegou apenas uma semana antes de nossa menininha partir.

Nos últimos quinze dias, desde que começou a doença de Sonia, eu não tive condições de trabalhar. Escrevi uma carta pedindo desculpas a Katkov, e na edição de maio do "Mensageiro da Rússia" devem aparecer apenas três capítulos do livro. Mas eu espero, a partir de agora, trabalhar dia e noite para que na edição de junho em diante o romance apareça com alguma regularidade.

Agradeço por você ter consentido em ser o padrinho da minha menina. Ela foi batizada uma semana antes de morrer.

[...] ²⁶⁸

XLVI. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Vevey, 1º de junho de 1868.

Meu querido amigo Apollon Nikolaievitch,

Sei que suas condolências são sinceras, verdadeiras. Mas nunca estive tão profundamente infeliz como nos últimos tempos. Não pretendo descrever o meu estado para você, mas quanto mais o tempo passa, mais dolorosas se tornam as lembranças, e mais claramente as imagens de minha falecida Sonia surgem à minha frente. Há momentos nos quais eu mal posso suportar a dor.

267. Mãe de Af na Grigorovna. (N. do T.)

268. Omite-se a segunda metade da carta, na qual Dostoiévski discorre sobre questões profissionais e de negócios. (N. da E.)

Ela já me conhecia; quando eu estava saindo de casa no dia de seu falecimento, para ler os jornais, e sem a mínima suspeita de que ela estaria morta dentro de duas horas, ela seguiu muito atentamente todos os meus movimentos, e olhou para mim com um olhar que até agora posso recordar, e a memória cresce mais nítida a cada dia. Nunca a esquecerei; meu luto jamais terá fim. E se eu um dia vier a ter outro bebê, não sei, honestamente, se serei capaz de amá-lo — não sei de onde eu poderia extrair esse amor. Tudo o que eu quero é Sonia. Não consigo estabelecer em mim que ela não mais existe, e que nunca mais a verei novamente.

[...] ²⁶⁹ Sinto-me emburrecer de tanto trabalho, e minha cabeça parece estar em pedaços. Aguardo suas cartas sempre como os homens aguardam o Paraíso. O que pode haver de mais precioso que uma voz vinda da Rússia, a voz de meu amigo? Não tenho nada para dizer, nenhuma novidade de qualquer tipo, sinto-me mais entediado e estúpido a cada dia que passo aqui, e ainda assim não ousou fazer nada até que este romance esteja concluído. Contudo, assim que terminá-lo eu voltarei à Rússia de qualquer maneira. Para terminar o livro, devo sentar-me à escrivaninha por pelo menos oito horas por dia. Já consegui quitar metade de minha dívida com Katkov. Vou trabalhar duro para pagar o resto. Escreva-me, meu amigo — escreva-me, pelo amor de Deus...

Nos quatro capítulos que você lerá na edição de junho (talvez sejam apenas três, pois o quarto provavelmente chegará atrasado), descrevi alguns tipos de positivistas modernos entre os jovens mais “extremistas”. Sei que os apresentei com propriedade (pois compreendo a aristocracia por experiência própria; ninguém além de mim observou-os e estudou-os assim), e sei também que todos irão me criticar e dizer: “absurdo, ingênuo, estúpido e falso.” [...]

XLVII. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov: Milão, 7 de outubro de 1868.

Antes de tudo, preciso dizer que eu nunca me senti ofendido por você, e digo isso honesta e sinceramente; muito pelo contrário — creio que você

²⁶⁹. Omite-se um longo trecho no qual Dostoiévski fala da condição de saúde da esposa e de questões de trabalho. (N. da E.)

estava com raiva de mim por algum motivo. Penso isso porque, em primeiro lugar, você deixou de me escrever, mesmo sabendo que cada carta sua é para mim, aqui, um grande evento — um sopro de Rússia, um festival. Mas como você pode sequer imaginar que eu tenha me ofendido por algo que você tenha escrito? Não, meu coração não age assim. E, mais que tudo, pense nisso: há vinte e dois anos (Foi na casa de Bielinski? Já não em ricordo.) nós nos conhecemos. Desde então a vida tem me maltratado e, por vezes, colocado em meu caminho inacreditáveis surpresas. No fim das contas, tenho apenas a sua amizade neste momento: você é o único homem em cujo coração e boa vontade eu confio, a quem eu amo, com quem compartilho ideias e convicções. Como, então, eu poderia não o amar, talvez tanto quanto ao meu falecido irmão? Suas cartas sempre me alegram e encorajam, pois estou em um estado deplorável. Meu trabalho, mais que qualquer coisa, enfraquece-me, destrói-me de forma assustadora. Há mais de um ano escrevo cerca de três folhas e meia de impressão todos os meses²⁷⁰. Isso é muito cansativo. Também sinto falta dos costumes russos, do nosso modo de vida: tais impressões sempre foram essenciais ao meu trabalho. Por fim, embora você louve o argumento de meu romance, a execução até hoje não atingiu nada de excepcional. Estou profundamente incomodado pelo pensamento de que se eu tivesse escrito o romance em um ano, e tivesse então dois ou três meses para reescrevê-lo e retocá-lo, ele teria sido algo bem distinto, posso garantir. Agora, quando o vejo como um todo, uma unidade — percebo isso claramente.

Estou totalmente alienado do seu estilo de vida, embora meu pensamento esteja sempre com você. Por isso suas cartas são como o maná dos céus para mim. Os arranjos para um novo jornal alegraram-me muitíssimo²⁷¹. O que mais Nikolai Nikolaievitch²⁷² pode desejar? O mais importante é que ele deve ser o mestre absoluto do jornal. É importante que ele seja editado dentro de um *espírito russo*, como ambos o concebemos, se não se tornar puramente eslavófilo. Considero, meu amigo, que não é tarefa nossa congregar os eslavos com tanto ardor. Eles devem vir a nós por vontade própria. Depois do Congresso Pan-

270. Era o equivalente a quatorze páginas impressas — uma quantidade considerável se recordarmos o processo intenso de revisão de Dostoiévski e o fato de que os textos eram todos manuscritos. (N. do T.)

271. Dostoiévski refere-se ao jornal *Заря* ("Zaria" — em português, "Alvorada"). O jornal foi editado por Strakhov entre 1869 e 1871. Sua linha política era francamente eslavófila, nacionalista e antiniilista. (N. do T.)

272. Trata-se do amigo Strakhov. (N. do E.)

eslavista em Moscou, alguns eslavos fizeram piadas insolentes sobre os russos — por pensarem neles mesmos para conduzir os demais, até mesmo por aspirarem a dominá-los, enquanto eles têm tão pouca consciência nacional, etc.²⁷³ Acredite: muitos eslavos, por exemplo, os de Praga, julgam-nos a partir de um ponto de vista francamente ocidental, um ponto de vista herdado da França ou da Alemanha. Ousaria dizer que eles se questionam se nossos eslavófilos não se preocupam pouco com as fórmulas geralmente aceitas de civilização europeia ocidental. Assim, nós não temos motivo algum para correr atrás deles e cortejá-los. É algo diferente para nós apenas estudá-los; poderíamos ajudá-los nos momentos de crise, mas não devemos ter por eles um sentimento fraternal, embora possamos seguramente vê-los como irmãos e assim tratá-los. Espero também que Strakhov dê ao jornal um tom político definido, para não falar de uma consciência nacional. A consciência nacional é o nosso ponto fraco, falta-nos mais que qualquer outra coisa. Em todo caso, Strakhov fará um trabalho brilhante, estou ansioso pelo prazer que seus artigos certamente me trarão; não leio nada dele desde a falência do “Época”.

O livro sobre o qual você me falou havia sido minha última leitura, e confesso que me enraiveceu enormemente²⁷⁴. Não posso imaginar nada mais ofensivo. Decerto que se deve ignorar esse tipo de material, e estava pronto para fazê-lo. Mas estou oprimido pela ideia de que se eu não protestar contra isso, posso estar a concordar com a vil mentira. Mas, onde se deve protestar? No “Nord”? Mas não escrevo bem em francês, e quero agir com todo o tato. Pensei em ir a Florença e buscar orientação no Consulado Russo. Claro que essa não é a única razão pela qual desejo ir a Florença.

273. O Congresso de 1867 foi realizado em Moscou — em grande parte graças aos esforços de Katkov. A Rússia ganhou, aos poucos, certa preponderância no Pan-eslavismo e houve uma reação dos eslavistas de outros países contra o que se considerou um uso indevido do movimento como propaganda tzarista. (N. do T.)¹¹

274. Trata-se do romance “Les Secrets Du Palais des Tsars”, sobre a corte de Nikolai I. Dostoiévski e sua esposa são personagens no livro. (N. do E.)

XLVIII. Carta à sobrinha Sofia Aleksandrovna:

Milão, 26 de outubro de 1868.

Minha querida amiga Sonetchka,

Há muito não lhe escrevia. Apenas posso dizer, para desculpar-me, que ainda estou ocupado com meu romance. Acredite, querida, eu literalmente trabalho noite e dia; não estou escrevendo, ando pelo quarto de um lado a outro, fumando e meditando sobre a minha obra. Mal posso acreditar que encontrei uma hora livre para escrever-lhe. Mas essa é a verdade. Sobre mim e minha vida, eis o que me cabe contar: vivo maravilhosamente bem com minha esposa. Ela é paciente, meus interesses são mais importantes para ela que qualquer outra coisa; mas eu vejo que ela sente muito a falta de seus parentes e amigos na Rússia. Isso muito me entristece, mas minha condição é ainda tão assombrosa que sequer ousamos fazer planos para os próximos meses. Meus negócios estão, infelizmente, piores do que eu havia calculado.

Em dois meses o ano termina, mas das quatro partes de meu romance apenas três estão prontas; a quarta parte, a mais longa de todas, eu ainda não comecei. E é um tanto impossível (tendo trabalhado ininterruptamente durante todo o ano) escrever mais que três folhas e meia por mês (digo de experiência própria), eu estarei em atraso com pelo menos seis folhas — ou seja, o final do romance não poderá ser publicado na edição de dezembro do “Mensageiro da Rússia.” Isso me coloca em uma posição estranha e dolorosa; em primeiro lugar, porque causo à redação do jornal um terrível inconveniente, e mesmo perda, pois eles terão que oferecer aos assinantes o final do romance como um suplemento (o que, acima de tudo, representa enormes gastos); em segundo lugar, eu mesmo perderei 900 rublos, pois me comprometi com eles que iria indenizá-los pelo atraso, não cobrando o pagamento das seis folhas que ainda não enviei. Por fim, essa quarta parte, e particularmente a conclusão, são o mais importante de todo o livro, que foi concebido e escrito, digamos assim, por causa desse final.

De nossa vida particular, conto-lhe que depois de sepultarmos Sonia em Genebra, fomos, como deve saber, para Vevey. A mãe de Anna Grigorovna veio para perto da filha e ficou conosco por um bom tempo. Em poucas pa-

lavras, vivemos em Vevey como ermitões; nosso principal passatempo era caminhar nas montanhas. Sobre a beleza do lugar não direi nada: é como um sonho, ainda que Vevey seja enervante — todos os médicos do mundo sabem disso, só eu não sabia.

Sofri muito com a epilepsia e outros problemas nervosos. Minha esposa também ficou doente. Cruzamos então o Simplon (mesmo a mais ardorosa imaginação não poderia descrever a beleza do Passo de Simplon²⁷⁵) em direção à Itália, e estabelecemo-nos em Milão; nossa falta de recursos não permitia que fôssemos adiante. (Durante os últimos dezoito meses eu tive tantos adiantamentos do “Mensageiro da Rússia” que devo agora trabalhar a todo vapor para equilibrar minha situação; em verdade, eles ainda me enviam regularmente somas consideráveis de dinheiro. Mesmo assim, ainda continuo a achar difícil administrar a vida financeira. Há tempos não mando nada para Petersburgo, nem para Pacha, nem para Emilie Fiodorovna, e isso me perturba muito.)

Em Milão chove muito, mas o clima é perfeito para mim. Dizem que aqui os ataques de nervos são comuns; talvez eu tenha sido poupado, então.

Viver em Milão é caríssimo. É uma cidade grande e importante, mas não muito pitoresca e, de certo modo, *pouco italiana*. Nos arredores, ou seja, a uma hora e meia de trem de Milão, há o maravilhoso Lago de Como, mas ainda não fui lá desta vez. A única “paisagem” da cidade é o famoso Duomo: é todo de mármore, gigantesco, em estilo gótico, como que construído em filigranas, fantástico como em um sonho. Seu interior é fascinante. No fim de novembro, penso em mudar-me para Florença, pois sei que lá há jornais russos e talvez a vida seja mais barata. No caminho, devo fazer um *détour*²⁷⁶ por Veneza (para mostrar a cidade à minha esposa), o que irá me custar cerca de cem francos.

Contei a você em poucas palavras um pouco de minha vida atual. Tenho o coração amargurado; sinto falta de casa e não tenho certeza alguma sobre o meu trabalho; minhas dívidas deprimem-me terrivelmente. Além disso, tenho estado tão alienado da vida russa que me parece difícil, longe de impressões frescas da Rússia, escrever qualquer coisa: pense nisso — há seis

275. Também conhecido como *Passo del Sempione*, fica entre a cidade de Brig, no cantão suíço de Valais, e a cidade de Domodossola, no Piemonte italiano. (N. do T.)

276. Em francês no original: “desvio”. (N. do T.)

meses não leio um jornal russo sequer. E ainda tenho a quarta parte de meu romance para terminar, e isso deve levar pelo menos mais quatro meses. Basta de falar de mim. Escreva-me contando tudo sobre a sua vida, os seus afazeres, seus pensamentos e desejos. Mande um abraço para sua mãe por mim; sempre penso e oro por ela. Frequentemente me recordo dos nossos dias juntos. Beije o seu Missenika por mim. Diga-me o seu endereço correto. Escreva-me em Milão, *poste restante*²⁷⁷.

Mesmo que eu tenha que deixar Milão e vá para Florença ou Veneza (o que é recomendável no inverno), devo receber as suas cartas endereçadas a Milão. Antes de minha partida, deixarei meu novo endereço no correio local. Assim que eu chegar a uma nova cidade, escreverei sem demora. Minha esposa manda saudações e beijos. Ambos morremos de saudade de casa. Disseram-me que logo depois do Ano Novo deve surgir um novo jornal em Petersburgo. O proprietário é Kachpirev²⁷⁸; o editor é meu amigo Strakhov. Eles pediram que eu passe a contribuir com o jornal. A proposta pareceu-me bastante séria e muito promissora. Maikov escreveu-me entusiasmado sobre isso.

Leia, na edição de setembro do "Mensageiro da Rússia", o artigo da "British Association".

Receba meu abraço e meu beijo.

Seu amigo,

Fiódor Dostoiévski

XLIX. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Florença, 11 de dezembro de 1868.

[...] ²⁷⁹

Recebi uma carta de Strakhov também, contando-me sobre várias novidades literárias. Particularmente me alegrei ao ler sobre o artigo de Danilevski, "Europa e Rússia"²⁸⁰, que Strakhov descreveu como esplêndido. Devo confessar que não leio nada de Danilevski desde 1849, embora sempre me recorde dele.

277. Serviço postal no qual o destinatário coleta sua correspondência diretamente nos correios, sem a necessidade de um endereço de entrega. Era muito usado por viajantes em trânsito e sem endereço fixo nas cidades visitadas. (N. do T.)

278. Vassili Vlaromirovitch Kachpirev (1836-1875), escritor russo. O jornal em questão é o *Alvorada*. (N. do T.)

279. Omite-se o trecho inicial da carta, no qual Dostoiévski lamenta com o amigo o fato de não ter conseguido cumprir seu compromisso de terminar "O Idiota" a tempo de publicar a última parte do romance na edição de dezembro do *Mensageiro da Rússia*. (N. do T.)

Houve uma época em que ele era um Fourierista²⁸¹ frenético; agora, o mesmo Fourierista transformou-se novamente em um russo que ama sua terra e seus costumes — eis o que um grande homem aprendeu! Turgueniev transformou-se de escritor russo em alemão — eis o que um homem sem valor aprendeu!

Mas, por outro lado, nunca concordei com o ponto de vista do falecido Apollon Grigoriev, de que Bielinski também teria se convertido ao eslavismo. Não, com Bielinski isso era totalmente fora de questão. Ele era, à época, um notável escritor, mas não poderia de modo algum ter se desenvolvido mais. Penso que ele poderia ter se tornado ajudante de alguma liderança do movimento pela emancipação da mulher na Europa, esquecendo o seu russo enquanto não aprenderia nenhum alemão. Sabe como são os novos russos? Bem, vejamos, lembra-se daquele mujik, o ex-dissidente²⁸², e de Pavel, o Prussiano²⁸³, sobre o qual há um artigo na edição de junho do “Mensageiro da Rússia”? Ele não é precisamente o típico russo do futuro, ele é sem dúvida um dos russos do futuro.

Aqueles malditos credores irão certamente me matar. Foi tolice minha fugir para o estrangeiro; certamente teria sido melhor se eu tivesse ficado em casa e me deixado levar à prisão por minhas dívidas. Se ao menos eu pudesse negociar com eles daqui mesmo! Mas isso não é possível, pois minha presença é indispensável. Falo disso porque no momento em que estou analisando dois — talvez três — projetos editoriais que irão me exigir o trabalho de um touro para levá-los a cabo, eu precisarei inevitavelmente investir algum dinheiro. E eu costumo ter sorte em projetos como esses.

280. Danilevski também pertencia ao Círculo Petrachevski; apesar de detido, não foi processado. Os artigos em questão, publicados no *Alvorada*, foram depois compilados em um volume intitulado “Rússia e Europa”. Danilevski pretendia dar uma base científica às utopias eslavófilas, e pregava, entre outras coisas, que a Rússia deveria posicionar-se à frente da Federação Pan-eslava, cujo centro deveria ser em Constantinopla, ainda não conquistada — mas por conquistar. (N. do T.)

281. Seguidores das ideias de François-Marie Charles Fourier (1772-1837), pensador socialista francês que, entre outros princípios, defendia o cooperativismo e o fim da família construída em torno do casamento monogâmico. Idealizou grandes construções comunitárias às quais deu o nome de falanstérios — locais em que seu ideal de sociedade harmônica e descentralizada desenvolver-se-ia, com os homens trabalhando em prol do bem comum e dentro de suas habilidades e tendências. Suas ideias tiveram forte influência no socialismo da segunda metade do século XIX, sobretudo nas chamadas Revoluções Liberais de 1848. (N. do T.)

282. Мужик é um termo usado na Rússia imperial para designar um “homem qualquer”. Dostoiévski refere-se a Golubov, um escritor contemporâneo e um *velho crente* — ou seja, pertencente ao cisma da Igreja Ortodoxa, assim denominado — que retornou ao seio da igreja oficial. Dostoiévski conheceu sua obra em 1868 e identificou-se com sua linha de pensamento — além de ver em sua atitude uma reconciliação com a própria Rússia. O escritor usará a figura de Golubov como inspiração para personagens de seu romance “Os Demônios”. (N. do T.)

283. Trata-se do czar Pavel Petrovitch (em português: Paulo I da Rússia) (1754-1801), filho de Catarina II. Era chamado “o Prussiano” por seu amor declarado a tudo o que era alemão. Dostoiévski admira-o por ter ele, à exemplo de Golubov, reabilitado-se com a Igreja Ortodoxa Tradicional e renegado a dissidência dos *Velhos Crentes*. (N. do E.)

Eis o que tenho em mente: primeiro, um longo romance intitulado “Ateísmo” (mas, pelo amor de Deus, vamos manter esse segredo entre nós dois); antes de iniciá-lo, preciso ler toda a bibliografia sobre ateísmo escrita por autores católicos e da Igreja Ortodoxa Grega. Mesmo na melhor das hipóteses não conseguirei fazer isso em menos de dois anos. Tenho o personagem principal pronto em minha mente. Um russo de nossa classe social, de meia-idade, que não é particularmente culto, embora também não seja inculto, com certo grau de importância social e que perde, *repentinamente*, às portas da velhice, sua fé em Deus. Por toda a sua vida ele dedicou-se ao trabalho, nunca sonhou em fugir da rotina, e do topo dos seus quarenta e cinco anos não angariou muita sabedoria na vida (A abordagem será puramente psicológica: profunda em sentimentos, humana e absolutamente russa). A perda da fé tem um colossal efeito em sua vida (o tratamento da história e a ambientação já estão ambos planejados). Ele tenta aderir às gerações mais jovens — ateístas, eslavos, ocidentalistas, os fanáticos russos e os anacoretas, os místicos; entre tantos outros, ele cruza com um jesuíta polonês; depois, desce aos abismos — e, no final, encontra o Cristo e a Terra Russa, o Cristo Russo e o Deus Russo (Pelo amor de Deus, não fale disso a ninguém; quando escrever esta última novela, estarei pronto para morrer, pois terei me livrado de todo o peso de meu coração). Meu querido amigo, tenho uma concepção de verdade e realismo totalmente diferente daquela dos nossos “realistas” e críticos. Meu Deus! Se alguém pudesse falar categoricamente de tudo pelo que os russos passaram nos últimos dez anos nos caminhos do crescimento espiritual, todos os realistas iriam bradar que era pura fantasia! E, no entanto, é realismo puro! Esse é o único e verdadeiro realismo; o deles é bastante superficial. A figura de Liubim Torzov²⁸⁴, por exemplo, não é, no fundo, terrivelmente insignificante? E foi uma das coisas mais corajosas que eles produziram. E eles chamam *aquilo* de realismo profundo! Com tal realismo, pode-se mostrar apenas a centésima parte da realidade dos fatos. Mas nossos idealistas, pelo contrário, *previram* muitos dos verdadeiros fatos — e isso foi mesmo feito. Meu caro amigo, não ria de minha vaidade, pois sou como Paulo: “Ninguém me elogia, então elogio a mim mesmo.”²⁸⁵

284. Personagem de uma peça teatral de Ostrovski. (N. do T.)

Enquanto isso, preciso encontrar um meio de sobrevivência. Não quero lançar meu “Ateísmo” apressadamente no mercado (tenho muito mais a falar sobre o Catolicismo e os Jesuítas que sobre os Ortodoxos). Além disso, tenho uma ideia para uma novela de tamanho razoável, aproximadamente doze folhas; parece-me bastante atrativa. E tenho ainda outros planos. Qual deles irei escolher, e para quem oferecerei meu trabalho? Ao “Alvorada”? Mas eu sempre exigi pagamento antecipado; e talvez no “Alvorada” eles não concordem com isso.

[...] ²⁸⁶

**L. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:
Florença, 25 de janeiro de 1869.**

Minha querida e gentil amiga Sonetchka,

Não respondi de imediato a sua última carta e quase morri com o peso em minha consciência, pois muito a estimo. Mas não foi culpa minha, e não voltará a se repetir.

A regularidade em nossa correspondência depende inteiramente de você; eu irei a partir de agora responder cada uma de suas cartas no mesmo dia que as receber. Mas como cada carta da Rússia que me chega agora é um evento para mim, e comove-me profundamente (as *suas* cartas sempre da forma mais prazerosa). Se você me ama, escreva-me quantas vezes puder. Faz muito tempo que não lhe escrevo porque deixei de lado todos os meus afazeres e mesmo as cartas mais importantes até terminar o romance. Agora ele está, enfim, concluído. Trabalhei nos capítulos finais dia e noite, em meio à forte ansiedade e a terríveis tormentos mentais. Há um mês escrevi ao “Mensageiro da Rússia” solicitando-lhes que adiassem por alguns dias a distribuição da edição de dezembro, para que eu pudesse lhes encaminhar a conclusão do meu romance ainda este ano. Juro que iria entregar as últimas linhas até 15 de janeiro. Mas o que aconteceu? Tive dois ataques e fui obrigado a adiar por dez dias o prazo

285. Dostoiévski faz uma citação equivocada da Segunda Epístola de Paulo aos Coríntios, 12:1: “É necessário gloriar-me, embora isso não adiante nada (...)”. [Tradução de João Ferreira de Almeida]. (N. do T.)

286. Omite-se trecho no qual Dostoiévski discute assuntos de negócios. (N. da E.)

que eu mesmo havia fixado. Apenas no dia de hoje eles irão receber os dois últimos capítulos. Você pode imaginar como fiquei perturbado pelo pensamento de que eles podem ter perdido a paciência e, como não receberam o final até o dia 15, lançado a edição de dezembro sem o meu romance! Isso seria terrível para mim. De qualquer modo, eles devem estar furiosos. Eu estava em uma situação econômica precária e tive que escrever a Katkov para pedir dinheiro.

O clima em Florença é talvez ainda mais desfavorável para mim que o de Milão ou Vevey. Os ataques epiléticos retornam com mais frequência. Dois desses, com um intervalo de seis dias, provocaram meu atraso de dez dias. Além disso, chove muito em Florença — mas, nos dias de tempo bom, a cidade é um verdadeiro Paraíso. Não há como imaginar algo mais adorável que este céu, este ar, esta luz. Por quinze dias tem feito frio, e como as casas são mal preparadas, congelamos como dois camundongos em um porão. Mas agora terminei aquele trabalho, estou livre; esse romance, que me tomou um ano inteiro, eximiu tanto de mim que ainda não me sinto capaz de colocar os pensamentos em ordem. O futuro para mim é um enigma: não sei sequer o que escolher primeiro. Mas terei que me decidir por alguma coisa. Em três meses, completaremos exatos dois anos no exterior. Para mim, é pior do que ser deportado para a Sibéria. Digo isso com muita seriedade; não estou exagerando. Não consigo compreender os russos que vivem fora do país. Ainda que haja um *maravilhoso* céu aqui, e embora existam — como, por exemplo, em Florença — maravilhas artísticas inimagináveis, faltam aqui muitas vantagens que, mesmo na Sibéria, assim que saí da prisão, eram evidentes para mim: falo especialmente do lar, e dos russos, sem os quais não posso viver. Talvez um dia você viva essa mesma experiência, e então verá que não exagero nem um pouco. Ainda assim, meu futuro imediato é nebuloso para mim. Meu plano positivo original está, por ora, cancelado. (Digo *positivo*, mas naturalmente todos os meus planos, como os de qualquer homem sem capital e que vive apenas de seu próprio suor, estão associados a riscos e dependem de inúmeras outras circunstâncias). Espero ser bem sucedido em recuperar-me financeiramente com a segunda edição do romance, e então retornar à Rússia; mas estou insatisfeito com o livro, pois não disse a décima parte do que gostaria de dizer. Ainda assim, não o renego; amo as circunstâncias que me trouxeram a este romance.

Mas, em verdade, o livro não é apelativo o bastante para o gosto do público; a segunda edição, se realmente existir, trará tão pouco retorno financeiro que não posso depender disso para nenhum plano futuro. Enquanto estou aqui em terra estrangeira, não tenho sequer informações sobre a receptividade que o livro teve na Rússia. Apenas no início recebi alguns recortes, todos repletos de elogios extasiados. Mas, recentemente, nem uma palavra. O pior de tudo isso é também não saber nada sobre as críticas dos colunistas do “Mensageiro da Rússia”. Sempre que pedi algum dinheiro, eles prontamente me responderam, o que me deixa inclinado a ver nisso um sinal positivo. Mas posso estar enganado. Agora Maikov e Strakhov escreveram-me de Petersburgo contando que um novo jornal, o “Alvorada”, foi aberto, com Strakhov como editor; enviaram-me o primeiro exemplar e imploraram por minha colaboração. Prometi que sim, mas estou comprometido por meu longo relacionamento com o “Mensageiro da Rússia” (é sempre bom manter-se no mesmo jornal), e pelo fato de Katkov ter me dado 3.000 rublos de adiantamento antes de eu viajar para o exterior. E devo ainda muito mais ao jornal, pois (além dos 3.000 iniciais) eu solicitei aproximadamente 7.000 rublos. Por isso não posso, agora, oferecer meus trabalhos a nenhum jornal que não seja o “Mensageiro da Rússia”.

Tudo depende agora da resposta que me darão para minha nova solicitação de dinheiro. Mas mesmo que a resposta seja favorável, minha situação permanece incerta. Preciso, de qualquer maneira, retornar à Rússia; aqui, estou a perder minha força para escrever, não tendo à mão o que é essencial para o meu ofício — ou seja, as atualidades russas (das quais eu retiro minhas ideias), o povo russo. A toda hora vejo-me obrigado a perguntar, a pedir, sentindo-me deslocado.

Estou, no momento, trabalhando a ideia de um longo romance, no qual cada acontecimento, mesmo que eu não os escreva bem, terá forte impacto por conta do tema central da obra — o *ateísmo* (não se trata de uma peça de acusação sobre as convicções que hoje parecem prevalecer, mas algo bem diferente: uma história real). O livro precisa cativar o leitor, *mesmo contra a sua vontade*. Teria que estudar muito para escrevê-lo. Já tenho dois ou três personagens importantes bem desenvolvidos, entre eles um padre católico fervoroso (algo como um São Francisco Xavier²⁸⁷). Mas não poderei escrever esse romance aqui. Preciso obter um bom valor pela segunda edição deste trabalho

e fazer muito dinheiro com ela, mas quando? Não antes de dois anos (Não conte a ninguém sobre a minha ideia.). Enquanto isso, preciso escrever algo para ganhar o pão de cada dia. Tudo isso me deixa deprimido. Alguma mudança há de acontecer em minha condição, mas de onde virá?

Você está certa, minha querida, quando diz que eu faria muito mais dinheiro — e muito mais rápido — na Rússia. Em verdade, tenho meditado em duas ideias para publicação: uma demandaria muito trabalho e tornaria inviável qualquer tentativa de escrever ao mesmo tempo um romance, mas me traria muito dinheiro (disso estou certo). A outra é um trabalho quase mecânico de compilação: é a ideia de um volume grande e de uso universal, de aproximadamente sessenta folhas em impressão pequena, de periodicidade anual. Imagino que teria uma grande vendagem e sairia sempre em janeiro; ainda não divulguei essa ideia, pois ela é muito valiosa e segura; os lucros são certos; meu trabalho seria meramente editorial²⁸⁷. De qualquer maneira, isso iria requerer algumas ideias e muito conhecimento específico. E esse trabalho não me impediria de escrever um romance ao mesmo tempo. Precisarei de colaboradores, e pensei primeiramente em você (vou precisar de tradutores também), e é claro que os lucros seriam compartilhados na mesma proporção do trabalho feito. Você ganharia dez vezes mais que o valor pago hoje pelo seu trabalho.

Posso dizer, sem contar vantagem alguma, que ao longo de minha vida tive excelentes ideias literárias. Sugerí-as para diferentes editores, e também para Kraievski e para meu falecido irmão; todas elas mostraram-se muito lucrativas. Estou confiante em minhas novas ideias. Mas a principal delas é meu próximo grande romance. Se não escrevê-lo, ele irá me atormentar até a morte. Mas não posso escrevê-lo aqui. Tampouco posso retornar à Rússia sem que eu possa pagar os 4.000 rublos de minhas dívidas, e tenha comigo mais 3.000 rublos de reserva (para cobrir minhas despesas do primeiro ano) — ou seja, um total de 7.000 rublos.

Mas basta de falar de mim e de meus cansativos negócios! De uma forma ou de outra, alguma saída haverá, nem que seja a minha morte ao fim de tudo isso.

287. Francisco de Jaso y Azpilicueta (1506-1552), santo católico espanhol e um dos fundadores da Companhia de Jesus. Sua vida missionária polêmica deve ter chamado a atenção de Dostoiévski para seu livro "Ateísmo": São Francisco Xavier instaurou a Inquisição em Goa, famosa pela crueldade de seus interrogatórios; ficou também conhecido pela intolerância com que tratava os povos convertidos, destruindo seus templos e deuses ao invés de promover uma adaptação gradual das tradições. (N. do T.)

288. Trata-se da publicação de seu "Diário de um Escritor". (N. da E.)

Seu querido,

Dostoiévski

P.S.: Meu endereço em Florença: *poste restante*. Soube que há muitas cartas que são extraviadas.

LI. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Florença, 26 de fevereiro de 1869.

[...] ²⁸⁹ e você já observou a seguinte peculiaridade da crítica russa? Qualquer grande crítico (como Bielinski, Grigoriev) primeiro apresenta-se ao público sob a proteção, digamos assim, de um escritor fenomenal — e dedica-se, então, inteiramente à interpretação daquele autor, sem nem mesmo expressar suas ideias na forma de um comentário sobre a obra do escritor. Os críticos sequer se esforçam para esconder isso, e tudo parece ser algo feito naturalmente. Quero dizer que os críticos só podem expressar suas próprias ideias quando caminham lado a lado com algum escritor que os interesse. Quando Bielinski analisou toda a nossa literatura, e mesmo quando escreveu seus artigos sobre Puchkin, só pode fazer isso por apoiar-se em Gogol, a quem ele havia rendido homenagem em sua juventude. Grigoriev fez o mesmo com Ostrovski. E você tem, desde que o conheço, uma forte e imediata simpatia por Lev Tolstói. Quando li seu artigo no “Alvorada”, tive a impressão de que ele era absolutamente necessário, de que você se sentia na obrigação de começar com Liev Tolstói, e uma análise de seu último trabalho ²⁹⁰, antes que pudesse externar suas próprias ideias. No “Voz da Rússia”, um folhетinista declarou que você compartilha o fatalismo histórico de Tolstói. Essa frase imbecil deixa as coisas exatamente onde elas estão: diga-me de onde essa gente consegue extrair essas incríveis ideias e expressões! O que significa *fatalismo histórico*? Por que esse jargão eterno, e por que pessoas medíocres, que não conseguem enxergar além do próprio nariz, resolvem obscurecer e aprofundar seu discurso para que ninguém mais saiba do que estão a falar? É evidente que aquele folhетinista

289. Omite-se trecho no qual Dostoiévski saúda o amigo e parabeniza-o pelo lançamento do jôrnal *Alvorada*, comentando os artigos que lera no primeiro número enviado por Strakhov. (N. do T.)

290. A resenha crítica era sobre o romance “Guerra e Paz”. (N. do T.)

queria dizer algo; ele leu o seu artigo, sem dúvida. O que você comenta sobre a passagem referente à Batalha de Borodino, expressa a profunda essência do pensamento de Tolstói e de suas próprias reflexões. Não creio que você pudesse se expressar com maior lucidez. A ideia da Nação Russa está claramente exposta naquela passagem. É precisamente isso que as pessoas não conseguiram entender, e por isso designaram de fatalismo. Em relação a outros detalhes do artigo, devo aguardar a sequência (que ainda não recebi). De qualquer forma, suas ideias são lúcidas, lógicas, entrepensadas e expressas magnificamente. Com alguns detalhes, contudo, eu não concordo inteiramente. Poderíamos tratar disso de outra maneira, estivéssemos conversando pessoalmente ao invés de escrever. De qualquer modo, considero você o único representante de nossa crítica que será reconhecido no futuro.

Agradeço, meu querido Nikolai Nikolaievitch, pelo grande interesse que demonstras ter em mim. Minha saúde está satisfatória, os ataques estão bem menos violentos que em Petersburgo. Ultimamente (de seis semanas para cá), tenho andado muito envolvido com a conclusão de meu "O Idiota". Escreva-me e dê a opinião que me prometeste sobre o livro; aguardo ansioso por suas palavras. Tenho minha própria ideia de arte: o que a maioria das pessoas entende como fantástico ou como falta de universalidade, eu tomo por algo próximo à suprema essência da verdade. Há muito deixei de ver as áridas observações de trivialidades cotidianas como realismo — é bem o oposto. Em qualquer jornal encontramos reportagens sobre fatos totalmente autênticos, mas que alguns veem como fora do comum. Nossos escritores veem-nos como fantásticos, e por isso não prestam nenhuma atenção a eles. E eles são verdadeiros, pois são fatos. Mas quem se preocupa em observá-los, gravá-los, descrevê-los? Acontecem todos os dias e a todo o momento, logo não são nem um pouco excepcionais.

Os russos são sempre criticados — injustamente — por começarem toda a sorte de coisas, por fazerem grandes planos, mas nunca levarem adiante mesmo o mais trivial deles. Essa visão é obsoleta e estreita e, sobretudo, falsa. É uma calúnia ao caráter nacional russo, e mesmo nos tempos de Bielinski ela era uma ideia prevalente. Que mesquinho e pequeno é esse modo de lidar com a realidade! É sempre a mesma velha história! Assim é que deixamos os

verdadeiros acontecimentos escaparem pelos nossos dedos. E quem realmente estuda os fatos, aprofunda-se sobre eles? Sobre o romance de Turgueniev não falarei nada; o diabo deve saber o que aquilo significa! Mas o meu fantástico “O Idiota” não é a mais cotidiana verdade? Aqueles personagens realmente existem naquele estrato de nossa sociedade que se divorciou do solo — que estão, eles sim, se tornando seres fantásticos. Mas não falarei mais sobre isso! Em meu livro, há muitos excessos, muito que poderia ter sido aprofundado, muitas falhas de minha parte; mas muito nele é, também, extremamente bom. Não estou defendendo o romance, mas a ideia. Conte-me sobre o que achaste; e, é claro, seja franco. Quanto mais falhas encontrar em mim, mais alta eu irei avaliar a sua honestidade.

[...] ²⁹¹

Dostoiévski

LII. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:

Florença, 8 de março de 1869.

Você respondeu todas as minhas cartas assim que chegavam a suas mãos, como lhe pedi, querida e preciosa Sonetchka. Mas eu quebrei a minha promessa e fiz você esperar mais de quinze dias por minhas respostas. Desta vez, não posso sequer me desculpar por causa de pressões do trabalho, pois todas as minhas encomendas já ficaram prontas e foram entregues. Posso explicar meu silêncio apenas pelo depressivo estado em que minha mente se encontra.

O “Mensageiro da Rússia” não me responde sobre meu pedido de dinheiro há sete semanas (esperei por toda a quaresma); somente hoje recebi o dinheiro, embora tenha detalhado a eles minha situação de desespero há dois meses. Escreveram um longo pedido de desculpas, dizendo que não tiveram condições de enviar o dinheiro antes porque, como costuma acontecer no início do ano, eles tiveram muito trabalho para colocar em dia, tarefas que não podiam ser adiadas, dentre elas a contabilidade. E é fato que logo depois do Ano Novo não se consegue receber nada deles; era comum ser assim no início,

291. Omite-se um trecho no qual Dostoiévski analisa o jornal de Strakhov e alguns artigos ali publicados. (N. da E.)

ainda me lembro de como, entre 1866 e 1867, eles deixaram-me meses inteiros esperando por uma resposta. Podes imaginar que passamos dias amargurados, à beira do desespero. Se eu não tivesse conseguido emprestado duzentos francos de um conhecido, e mais cem francos de outras fontes, nós teríamos facilmente morrido de fome nesta cidade estrangeira. Mas o que mais nos incomodou foi o suspense constante, a incerteza. Nessas circunstâncias, não pude escrever para ninguém, mesmo a você, minha querida. Evidentemente, eles querem me manter como colaborador, de outro modo não me mandariam mais essa quantia. De fato, não tenho o que reclamar de Katkov e sou mesmo grato a ele pelos tantos adiantamentos que fez para mim. Os jornais estão empobrecidos e raramente pagam antecipadamente; mas bem no começo, antes mesmo de eu começar a escrever o romance, recebi 4.000 rublos dessa boa gente. Por isso não posso sentir raiva, muito menos ser desleal com eles. Devo esforçar-me ainda mais para ser útil para eles. Você me conta que as pessoas dizem que o “Mensageiro” perdeu terreno. É mesmo possível? Não consigo acreditar nisso. Não é pelo fato de ser um contribuidor, mas considero o “Mensageiro” o melhor da Rússia e é aquele que firmemente compreende os rumos do país. Ele é um jornal um pouco seco, e a parte literária nem sempre é das melhores (mas não com a mesma frequência que em outros jornais; mas todos os melhores trabalhos de literatura moderna apareceram em suas páginas: “Guerra e Paz”, “Pais e Filhos”, etc., para não dizer das publicações de outros tempos; e o público sabe bem isso). Os artigos de críticos são raros (mas sempre memoráveis, particularmente quando não falam apenas da dita grande literatura); mas todos os anos aparece, como todos os assinantes já sabem, três ou quatro artigos, os mais eficientes, os mais bem intencionados, os mais característicos e — o que os outros jornais não conseguem — os mais afinados com o interesse do público, que sabe de tudo isso. Um jornal como esse, mesmo sendo seco e direcionado a uma parcela do público, não pode jamais perder terreno.

No ano de 1867, Katkov disse-me, na presença de Liubinov e da secretária do corpo editorial, que o jornal tinha quinhentos leitores a mais que no ano anterior, o que ele atribuía inteiramente ao sucesso de meu “Raskolnikov”²⁹². Não penso que “O Idiota” tenha conseguido novos leitores para o jornal; por isso, eu estou imensamente grato que, apesar do fracasso manifesto da his-

tória, eles ainda contam comigo. Os editores pediram-me desculpas por não terem conseguido incluir a conclusão do romance na edição de dezembro, e propõem que ele seja enviado aos leitores como suplemento. Isso é particularmente doloroso para mim. Você já recebeu o final? Escreva e diga-me. Tenho aqui o “Mensageiro”; talvez o suplemento venha com o número de fevereiro.

De Petersburgo contaram-me com toda a franqueza que “O Idiota” sofreu críticas e teve suas falhas apontadas nos jornais, mas de qualquer modo foi acompanhado com interesse por aqueles que leram tudo²⁹³. E essa foi minha intenção. Quanto às falhas, eu mesmo as distingo; tenho tanta vergonha de meus erros que eu gostaria de ter escrito uma crítica sobre o livro. Strakhov disse que enviou um artigo sobre “O Idiota” — e sei que ele não está entre os meus partidários.

Percebo claramente que estou escrevendo apenas sobre mim mesmo ultimamente. Mas como estou agora com esse olhar, estou me deixando levar e peço que você me ouça pacientemente. De todas essas *questões literárias* depende agora o meu futuro inteiro e meu retorno à Rússia. O que mais desejo é abraçar todos vocês e permanecer com vocês: talvez isso aconteça um dia desses! Não preciso enfatizar o fato, querida amiga (e você certamente irá me entender), de que toda a minha atividade literária foi construída por mim com um único ideal definido, um único propósito, uma esperança apenas — que é não lutar por fama e dinheiro, mas somente pela síntese de meus ideais poéticos e artísticos, o que significa dizer que antes de morrer desejo falar, em algum trabalho no qual eu consiga expressar tudo o que penso.

No momento, estou planejando um romance. Será chamado “Ateísmo”; penso que conseguirei dizer tudo o que quero falar sobre o tema. Mas, pense, minha querida: não posso, de forma alguma, escrever aqui. Preciso retornar à Rússia, preciso ver e ouvir tudo, tomar o meu lugar na vida russa; e, além disso, o romance me tomará dois anos. Não posso escrever aqui — e, por isso, preciso escrever alguma coisa enquanto isso.

Viver no exterior tornou-se mais e mais insuportável para mim a cada dia. Você deve saber que devo ter entre 6.000 e 5.000 rublos antes de poder

292. Trata-se da publicação de “Crime e Castigo”. (N. da E.)

293. A referência aqui é ao modo como esses romances eram impressos — seriados, com alguns capítulos publicados em cada edição de um jornal. (N. do T.)

pensar em retornar à Rússia. Eu contava, a princípio, com o sucesso de “O Idiota”. Se tivesse sido igual ao de “Raskolnikov”, eu já teria em mãos os cinco mil rublos. Agora devo colocar todas as minhas esperanças no futuro. Deus sabe quando poderei regressar. Mas é preciso.

Você me escreveu falando sobre Turgueniev e os alemães. Turgueniev, porém, perdeu todo o seu talento em sua estada no estrangeiro, como o “Voz” já apontou. Certamente, não corro perigo algum de sucumbir à influência germânica, pois não gosto dos alemães. Mas necessito viver na Rússia, pois aqui perderei o último vestígio de meu talento e de minhas forças. Sinto isso em todo o meu ser. Mas devo falar com você um pouco mais sobre aquelas questões literárias sobre as quais depende o meu presente, meu futuro e meu retorno à Rússia.

O “Alvorada” enviou-me, através de Strakhov, uma segunda carta com um pedido oficial para que eu seja colaborador do jornal. Esse convite veio de Strakhov, do diretor Kachpirev e de alguns outros colaboradores que não conheço pessoalmente (Granovski não está entre eles): Danilevski também (a quem eu não vejo há vinte anos) está no grupo — não é o romancista Danilevski, é outro homem notável de mesmo nome. Percebo que um grupo de novos colaboradores de grande distinção, e de todas as regiões e correntes de pensamento da Rússia, uniram-se em torno desse jornal. O primeiro número impressionou-me muito por seu tom franco e objetivo, mas em especial pelos dois longos artigos de Strakhov e Danilevski. Você deve ler o de Strakhov. É certo que você nunca leu uma crítica comparável àquela. O artigo de Danilevski, “Europa e Rússia”, deve ser longo e será publicado em várias edições. Este Danilevski é um fenômeno raro. No passado, foi socialista e fourierista; há vinte anos, quando esteve envolvido no nosso caso, chamou-me a atenção como alguém notável; agora retornou de seu banimento um fervoroso russo, um nacionalista. Esse artigo (que recomendo com empenho para você) é o primeiro que escreve. O jornal parece ter um futuro interessante pela frente; mas conseguirão os colaboradores trabalhar juntos? Strakhov, o verdadeiro editor, parece-me pouco talhado para o trabalho contínuo. Mas posso estar enganado.

Respondi assim ao convite para ser colaborador do novo jornal: eu adoraria contribuir com a publicação; mas como minha situação obriga-me a sempre

pedir pagamento adiantado, o que, sobretudo Katkov, sempre me permitiu fazer, peço um adiantamento de mil rublos. (Não é muito: com que irei viver enquanto estou fazendo o trabalho? Não posso mais pedir dinheiro a Katkov enquanto estiver trabalhando para outro jornal). Mandeí essa carta há alguns dias, aguardo a resposta deles. Tudo o que sei é que se eles tiverem dinheiro, mandarão sem demora; mas devo pensar na possibilidade de que eles não tenham nenhum, pois sei por experiência própria que dificuldades um novo jornal irá enfrentar em seu primeiro ano. Mesmo que eles me mandem os mil rublos, isso não trará vantagem nenhuma para mim. Poderia conseguir a mesma quantia de Katkov, até um pouco mais. A única vantagem é que devo ter uma grande quantia em dinheiro (que preciso com urgência) para distribuir. Poderia mandar 400 rublos para Pacha e Emilie Fiodorovna²⁹⁴, e pagar uma dívida peculiar e preocupante que tenho em Petersburgo: uma dívida de honra, sem qualquer nota promissória. Apenas por causa dessa dívida é que pedi o adiantamento.

Creio que seria vantajoso, para mim, aparecer ao público em outro jornal; assim o “Mensageiro da Rússia” iria me valorizar ainda mais. Meu medo é que o pessoal do “Mensageiro” sinta-se ofendido, ainda que eu jamais tenha prometido a eles uma colaboração exclusiva, e por isso tenho o direito de trabalhar para outros jornais. Mas não me sinto confortável com o fato de ainda dever ao “Mensageiro” cerca de 2.000 rublos, por ter gradualmente obtido deles algo em torno de 7.000 rublos. Só por conta disso é que eles podem ficar com raiva de mim. Mas, há três meses, escrevi e disse que um romance que eu havia prometido a eles não poderia ser publicado este ano, mas só no decorrer do próximo (1870). Quero escrever para o “Alvorada” uma história que irei desenvolver em quatro meses, e para a qual eu me propus a dedicar as horas que reservava para minhas caminhadas e passeios depois de meus quatorze meses de trabalho. Mas temo que o assunto seja comentado e que isso possa prejudicar as minhas relações com o “Mensageiro da Rússia”.

Seu, Fiódor Dostoiévski

294. Dostoiévski apoiava financeiramente não só a viúva, Emilia Fiedorovna, e os quatro filhos de seu falecido irmão Mikhail, e o enteado Pavel. O escritor também ajudava o irmão mais novo, Nikolai, que apesar de formado em Arquitetura, era alcoólatra. Consta ainda que, em segredo, Dostoiévski amparava Praskovia Petfovna Anikieva, uma amante de seu irmão Mikhail com quem este teve um filho fora do casamento. (N. do T.)

LIII. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Florença, 18 de março de 1869.

[...] ²⁹⁵ O artigo de Danilevski parece-me mais e mais importante e válido. Será certamente daqui para o futuro o “manual” de cada russo. Não só o seu conteúdo, mas a linguagem clara, a maneira lúcida e compreensível de apresentação, juntamente com seu conhecimento impecável do tema — tudo isso constrói o sucesso. Como adoraria poder conversar com você sobre esse artigo — com você, precisamente, Nikolai Nikolaievith. Teria tanto a dizer a você sobre o tema! O artigo está tão em harmonia com meus próprios pontos de vista e minhas convicções que vez por outra fico assombrado com a coincidência de nossas conclusões; há dois anos, comecei a juntar algumas de minhas reflexões, pois me propunha a escrever um artigo com um título muito parecido e com a mesma tendência e as mesmas conclusões. Quanta alegria e espanto quando eu vislumbrei esse plano, que eu pretendia levar adiante no futuro, já desenvolvido, e com uma harmonia e lógica, um conhecimento que eu, com a melhor das intenções, não poderia jamais trazer para esse projeto. Aguardo com tanta expectativa a continuação desse artigo que todos os dias corro até o correio e fico em casa calculando a data mais provável da chegada do próximo número do “Alvorada”. Minha impaciência é grande porque tenho algumas críticas com relação ao sumário final; não estou certo se Danilevski irá insistir com a ênfase necessária sobre o que é a essência primeira, o destino inexorável, de toda a Nação Russa: que a Rússia revele ao mundo seu próprio Cristo Russo, que as pessoas até agora não conhecem, e que está enraizado na nossa fé Ortodoxa nativa. Nisso reside, creio, a quintessência de nossa vasta contribuição para a civilização, o que irá despertar os povos europeus; ali está o mais íntimo cerne da existência intensa e exuberante que virá. Não posso expressar isso em poucas palavras; lamento até mesmo ter tocado no assunto. Direi apenas mais isto: por conta de nossa raivosa, estéril, unilateral, hipócrita e mesquinha atitude de negação, um jornal como o de vocês, com sua Rússia grave e inteira, com seu tom vital e definitivo, será sem dúvida um grande sucesso.

[...] ²⁹⁶

Fódor Dostoiévski

LIV. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:

Dresden, 29 de agosto de 1869.

Finalmente consegui escrever para você, minha querida e única amiga Sonetchka. O que você terá pensado de meu longo silêncio? Direi, em poucas palavras, tudo o que vale a pena ser dito de mim; escrevo apenas para renovar o nosso canal de comunicação interrompido. Mas conto que meus pensamentos em você e nos seus jamais pararam. Ania²⁹⁷ e eu sempre falamos em você, sempre que pensamos em nossa Rússia, e isso acontece muitas vezes durante o dia.

Permaneci tanto tempo preso a Florença apenas porque eu não tinha dinheiro para partir. O “Mensageiro da Rússia” deixou-me sem resposta a respeito de meu pedido de dinheiro por mais de três meses (Tenho comigo — fique entre nós! — que eles não têm dinheiro em caixa, e que essa foi a única razão pela qual eles não me responderam por todo esse tempo). Ao menos, eles me mandaram (há cinco semanas) setecentos rublos para Florença. Bem, amiga, use a sua imaginação e tente deduzir o que passamos em Florença, pelos meses de junho, julho e metade de agosto! Em toda a minha vida nunca vivi algo assim! Os guias de viagem devem dizer que Florença, por causa do relevo da região, é a cidade mais fria de toda a Itália; mas no verão, é também a cidade mais quente de toda a península, talvez de toda a região do Mediterrâneo — apenas algumas partes da Sicília e da Argélia podem competir com Florença quanto ao calor. Bem, estava infernal, e nós suportamos como verdadeiros russos, que são capazes de enfrentar qualquer temperatura. Devo acrescentar que nas últimas seis semanas de nossa estada aqui, estivemos sem nenhum dinheiro. Não tivemos, a bem da verdade, que sofrer nenhuma privação de qualquer espécie, nem nos tolhemos de nada, mas nossas acomodações eram absolutamente desconfortáveis. Fomos obrigados, por razões alheias à nossa vontade, a deixar a casa onde passamos o inverno; enquanto esperávamos pelo dinheiro, fomos até uma família com a qual mantínhamos relações e alugamos provisoriamente uma pequena casa. Mas o dinheiro demorou a chegar e tivemos que permanecer naquele buraco (onde, aliás, capturamos duas enormes tarântulas) por três meses.

295. Omite-se trecho no qual Dostoiévski faz comentários sobre o jornal. (N. do T.)

296. Omite-se trecho final da carta, no qual Dostoiévski elogia o artigo de Strakhov e discute sua possível colaboração no *Alvorada*. (N. da E.)

297. Diminutivo carinhoso de “Anna”. (N. do T.)

Nossa janela dava para a praça do mercado, com seus arcos e esplêndidos pilares de granito; na praça há uma fonte municipal na forma de um gigantesco javali de cuja garganta brota água (é uma obra-prima clássica de rara beleza)²⁹⁸. Bem, agora imagine que todos esses arcos e pedras de que toda a praça é formada acumulam todo o calor do sol, e ficavam tão quentes quanto um fogareiro de banho a vapor — era essa a atmosfera na qual vivemos. O calor verdadeiro, ou melhor, o calor verdadeiramente infernal, tivemos que enfrentar por seis semanas (antes disso, era apenas incômodo, mas suportável; a temperatura girava em torno de 34 a 35 graus Réamur à sombra. O ar, apesar do calor e da seca (não choveu uma vez sequer), era maravilhosamente leve; o verde dos jardins (que são pouquíssimos em Florença; vê-se muito pouco além de pedras) não murchava ou desbotava, antes parecia mais vivo e fresco a cada dia; as flores e os limoeiros pareciam ter esperado pelo calor; mas o que mais me assombrava — a mim, um prisioneiro em Florença das mais inconvenientes circunstâncias — era que muitos estrangeiros itinerantes (quase todos muito ricos) ficavam em Florença; outros tantos chegavam a cada dia. Geralmente os turistas em visita à Europa refugiam-se nos *spas* alemães ao primeiro sinal do calor. Quando vi, pelas ruas, senhoras inglesas elegantemente vestidas, e mesmo francesas, não compreendia como essas pessoas, *que tinham dinheiro para fugir*, podiam voluntariamente ficar em um calor infernal daqueles. Preocupei-me mais que tudo com a pobre Ania. A coitadinha estava então no sétimo ou oitavo mês de gravidez, e sofreu horivelmente com o calor. Além disso, a população de Florença passa a noite inteira acordada, em terrível cantoria. Precisávamos deixar nossa janela aberta durante a madrugada e, por volta das cinco da manhã, as pessoas começavam a circular pelo mercado, e os burros a zurrar, e não conseguíamos pregar o olho.

A distância de Florença a Praga (até Veneza e de lá, de barco, até Trieste; não há outro caminho) é mais que mil versts²⁹⁹. Eu estava muito ansioso por causa de Ania; mas o renomado Dr. Sapetti, de Florença, examinou-a e disse que ela poderia fazer a viagem sem qualquer risco. Ele estava certo, a viagem transcorreu sem percalços. No caminho, paramos por dois dias

298. Dostoiévski refere-se à escultura em bronze de um javali, de autoria de Pietro Tacca, localizada em frente ao *Mercato Nuovo*, em Florença. (N. do T.)

299. Aproximadamente mil e cem quilômetros. (N. do T.)

em Veneza. Quando Ania viu a Piazza San Marco e os palácios, quase gritou de alegria. Na Catedral de São Marcos (a igreja é uma edificação maravilhosa, incomparável!) ela perdeu o leque entalhado que eu havia comprado para ela na Suíça, seu favorito — ela tem tão poucos mimos. Meu Deus, como ela lamentou por isso! Gostamos muito de Viena — é decididamente uma cidade mais bonita que Paris. Em Praga, passamos três dias procurando um lugar para morar, mas não encontramos nada. Consegue-se alugar habitações sem mobiliário, como em Petersburgo ou Moscou; mas teríamos que arranjar móveis, e uma camareira, e arrumar a casa, etc. Nossos recursos não nos permitiam fazer isso e tivemos que deixar Praga.

Agora já estamos há três meses em Dresden; Ania pode dar à luz a qualquer momento. Não estamos em uma situação ruim; mas me sinto um pouco abatido — parece que, no fim das contas, o ar seco e quente de Florença era extremamente benéfico para minha saúde, sobretudo para os meus nervos (Ania também não tinha o que reclamar, muito pelo contrário). Foi precisamente nos dias mais quentes que a epilepsia se fez menos perceptível, e meus ataques em Florença eram bem menos violentos que em qualquer outro lugar. Mas aqui estou sempre enfermiço (talvez seja apenas o efeito da viagem). Não sei se contraí um resfriado, ou se meu estado febril atacou os meus nervos. Nas últimas três semanas, tive duas crises, ambas terríveis. E o clima aqui é excelente. Atribuo minha recaída à mudança repentina do clima da Itália para o da Alemanha. Estou neste momento com febre e sinto que neste estado escreverei febrilmente — ou seja, incoerentemente.

Falei muito sobre mim. Decerto que é apenas a centésima parte do que me aconteceu; afora a doença, muitas coisas me oprimem, algumas das quais sequer sei definir. Eis uma delas: devo entregar o início de meu romance impreterivelmente a tempo de ser incluído na edição de janeiro do “Mensageiro da Rússia” (devo admitir que eles não me pressionam de modo algum; tratam-me muito bem e nunca se recusam a fazer-me adiantamentos, ainda que eu já deva a eles uma quantia considerável; mas sou atormentado por minha consciência e sinto como se *de fato* eles me cobrassem os prazos). Além disso, recebi um adiantamento de trezentos rublos do “Alvorada” no início do ano, prometendo-lhes que enviaria ainda este ano uma história de pelo menos três folhas.

No momento, ainda não comecei a trabalhar em nenhuma dessas tarefas; em Florença, perturbava-me o calor. Quando aceitei a encomenda, pretendia sair de Florença e vir para a Alemanha no início do ano, e então começar a trabalhar de imediato. Mas o que posso fazer quando me fazem esperar três meses pelo pagamento, e assim me furtam a possibilidade de produzir?

Ania irá, dentro de dez dias, presentear-me com um bebê, provavelmente um menino, e isso irá retardar um pouco mais os meus projetos. Ela terá que guardar resguardo por três semanas, e com isso não poderá me servir como estenógrafa ou passar a limpo os manuscritos. E por causa de meu estado de saúde, não devo falar. E todo o trabalho que tenho pela frente! Devo tombar de exaustão na tentativa de entregar pontualmente as minhas encomendas, e assim estragar tudo? Estou agora imbuído de uma única ideia, ainda que não ouse dar nenhum passo para concretizá-la, por não me sentir suficientemente preparado — tenho muito ainda que ponderar, e coletar material. Além disso, devo me forçar a escrever algumas novas histórias — e, para mim, isso é terrível. O que me espera, e como irei dar conta de meus afazeres, é para mim um enigma!

Até breve, minha querida amiga. Escreva-me bastante sobre você.

Um abraço.

Seu devotado, Fiódor Dostoiévski

LV. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Dresden, 16 de outubro de 1869.

[...] ³⁰⁰ O que devo fazer agora? Quando irei receber meu dinheiro? Por que Kachpirev espera por meu telegrama, e pede que eu retorne para ele a letra de câmbio (“mando-lhe o dinheiro pelo correio”, disse ele) ao invés de me enviar agora, diretamente, a segunda parcela de setenta e cinco rublos, que deveria ser paga há dez dias? Por acaso ele crê que a carta na qual narrei minha situação lamentável é literatura e nada mais? Como posso trabalhar se estou faminto, se tenho que penhorar minhas roupas para ter o dinheiro necessário para enviar um telegrama? Aos diabos eu e minha fome! Mas ela, minha esposa,

300. A carta trata, basicamente, de problemas na negociação das participações de Dostoiévski no *Alvorada*, aqui omitidas. (N. do E.)

que agora está a amamentar o bebê³⁰¹, *ela* teve que ir à casa de penhores e deixar lá sua última peça de roupa de lã! E tem nevado aqui nos últimos dois dias (não estou mentindo: vejam nos jornais!). Como ela está vulnerável a contrair um resfriado! Ele é incapaz de compreender, então, que tenho *vergonha* de lhe dizer todas essas coisas? E isso não é tudo, há outras coisas das quais também me *envergonho*: ainda não pagamos à parteira nem a senhoria; e todas essas atribulações acontecem precisamente no primeiro mês de seu resguardo! Será que ele não compreende que não é apenas a mim, mas também à *minha esposa que ele insulta* ao tratar minhas cartas com tamanha frivolidade — pois eu lhe contei das necessidades prementes de minha esposa. Ele insultou-me terrivelmente!

Talvez ele diga: “Surpreendo-me com ele e sua pobreza. Ele deve *pedir*, e não *exigir*, pois não estou disposto a pagar-lhe adiantado.”. Ele não entende que sua resposta favorável à minha primeira carta firmou para mim um compromisso? Por que pedi a ele os duzentos rublos, e não a Katkov? Simplesmente pelo fato de acreditar que iria receber dele antes que de Katkov (a quem eu não queria importunar); se eu tivesse solicitado a Katkov, o dinheiro já estaria em minhas mãos há pelo menos uma semana! Mas não o fiz. Por quê? Por acreditar que estava compromissado com Kachpirev. Por isso, ele não tem o direito de dizer que ficou surpreso comigo e com minha pobreza, e que é uma impertinência eu exigir que ele se apresse em me pagar.

Mas, naturalmente, ele dirá que não é problema dele e que sou um impertinente. Afirmará que fez tudo o que estava ao seu alcance, que me enviou a letra de câmbio, que não tem culpa de nada, que tudo não passou de um mal entendido, etc. Meu Deus, e ele realmente acredita que tem a razão! Será que ele não consegue entender que é imperdoável deixar sem resposta por doze dias uma carta na qual eu dizia que por negligência dele eu estava totalmente sem dinheiro? Sim, por doze dias, não estou mentindo; ainda tenho o envelope com as marcações intactas. Não há como admitir que se demore seis dias para responder a um telegrama, que ele mesmo *ordenou que seus empregados me escrevessem*, quando uma carta levaria apenas quatro dias! Tamanha negligência é imperdoável, uma afronta! É uma ofensa pessoal, pois eu havia lhe contado

301. Liúbov Dostoiévski, filha mais velha do casal depois da morte de Sonia. Seria uma das biógrafas do escritor depois de sua morte. O nome tradicional russo é uma corruptela, oriunda do Russo Antigo, da palavra “amor”. (N. do T.)

de minha esposa e seu resguardo. Ele comprometeu-se comigo de enviar o adiantamento, dizendo não ser necessário que eu entrasse em contato com Katkov: isso é uma ofensa pessoal grave!

Ele pede que eu explique por telegrama o que eu quis dizer com meu primeiro telegrama, e acrescenta: “Eu cobrirei as despesas de envio, naturalmente”! Então ele não sabe que um telegrama se paga no envio, e que para isso eu preciso de dinheiro? Depois de todas as minhas cartas, ele ainda é incapaz de adivinhar que é possível que eu não tenha dinheiro para lhe enviar telegramas? É a leviandade de um homem que não se importa nem um pouco com a situação de seu próximo. E ele quer de mim uma arte lúcida, poesia pura e fluida, e indica-me para Turgueniev e Gontcharov! Se eles soubessem sob que condições eu tenho que trabalhar!...

LVI. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov: Dresden, 12 de fevereiro de 1870.

[...] ³⁰² Meus ataques, depois de uma longa trégua, voltaram a me atormentar terrivelmente, perturbando meu trabalho. Tenho uma grande ideia em andamento ³⁰³; não digo que a execução é grandiosa, mas a ideia em si. É algo parecido com “Raskolnikov” ³⁰⁴, mas ainda mais próximo da realidade, e lida com a questão mais aflitiva de nosso tempo. Devo terminá-lo no outono, e sem qualquer pressa. Farei um esforço para publicá-lo diretamente em livro – ou seja, também no outono; mas não será um problema se não for possível. Espero ganhar pelo menos o mesmo que me rendeu o “Raskolnikov”, e assim ter todos os meus negócios em ordem até o fim do ano, e retornar à Rússia. Só o tema já é intenso e instigante. Nunca trabalhei tão facilmente e com tamanho entusiasmo. Mas, basta. Devo decididamente estar exaurindo suas forças com minhas cartas intermináveis!

[...] ³⁰⁵

302. Omite-se o início da carta, no qual Dostoiévski comenta com o amigo sobre suas apreensões e desconfianças em relação às negociações de publicação de “O Idiota” feitas entre seu enteado e Stellovski. Ele pede que Maikov solicite a Pacha que lhe entregue uma autorização legal enviada por Dostoiévski para negociar o livro. (N. do T.)

303. Trata-se de “Os Demônios”. (N. da E.)

304. “Crime e Castigo”. (N. da E.)

LVII. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Dresden, 26 de fevereiro de 1870.

Tão estimado Nikolai Nikolaievitch,

Apresso-me em agradecer por sua carta e por seu interesse em mim. Em terras estrangeiras, as cartas dos velhos amigos tornaram-se especialmente preciosas para mim. Maikov parece não querer mais escrever para mim. Com profundo interesse li as gentis linhas que você dedicou à minha história³⁰⁶. O que você fala é agradável e elogioso para mim; como você, tenho o desejo de agradar meus leitores. Kachpirev está satisfeito também; escreveu-me duas cartas nesse sentido. Tudo isso me alegra imensamente. Fico feliz, sobretudo, pelo que você me conta sobre o “Alvorada”: é certamente gratificante que a existência do jornal esteja garantida. De certo modo, sinto-me pertencente a ele e o sucesso do jornal é o meu sucesso. Lembra-me em vários aspectos o “Tempo” – em seus dias de juventude. [...] ³⁰⁷

Vou lhe dizer honestamente: nunca até hoje criei uma trama por conta do dinheiro que ela me renderia, nem por senso de dever, somente para finalizar um trabalho prometido para certo prazo. Apenas aceito encomendas quando já tenho um tema pronto em minha mente, algo que eu realmente queira abordar, e que eu sinta necessidade de escrever. Tenho um tema assim agora, em minha mente. Não me estenderei sobre isso; apenas direi que nunca tive uma ideia melhor ou mais original³⁰⁸. Digo isso sem incorrer em terrível vaidade, porque falo apenas da ideia, não da execução – esta reside nas mãos de Deus; posso mesmo arruiná-la, como tenho feito com frequência. Uma voz interior me diz, porém, que a inspiração não irá falhar na hora de executar meus planos. De qualquer modo, posso garantir o ineditismo da ideia, e a originalidade de estilo – estou a deliciar-me com tudo isso. Deverá ser um romance em duas partes de pelo menos doze e, no máximo, dezessete páginas (é uma mera estimativa de momento). [...] ³⁰⁹

305. Omitiu-se um grande trecho da carta no qual Dostoiévski reporta a situação de seus contatos com Stellovski e com a equipe editorial do *Alvorada*. (N. da E.)

306. Trata-se de “O Eterno Marido”, publicado no *Alvorada* nas duas primeiras edições do jornal no ano de 1870. (N. da E.)

307. Omite-se trecho da carta no qual Dostoiévski comenta sobre o “Alvorada” e responde entusiasticamente a um convite para colaborar com o jornal nas edições futuras. (N. da E.)

308. Dostoiévski refere-se a “Ateísmo”, seu projeto de romance. (N. da E.)

309. Omite-se trecho no qual Dostoiévski comenta sobre as possibilidades – e condições – de edição de seu futuro romance nas páginas do “Alvorada”. (N. da E.)

Aguardo, então, a sua resposta; aproveito para fazer um pedido urgente e necessário: mande-me, se possível, a descontar dos meus ganhos futuros (da mesma forma que uma vez você me enviou o “Guerra e Paz” de Tolstói), o livro de Stankevitch sobre Granovski. Você me prestará um imenso serviço, do qual jamais esquecerei. Desejo esse livro com a mesma carência com que preciso do ar que respiro; pretendo usá-lo como material para meu livro³¹⁰; sem essa obra, não posso fazer nada. Não esqueça, pelo amor de Deus: mande-me o livro, custe o que custar.

LVIII. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Dresden, 24 de março de 1870.

Respondo de pronto à sua carta, caro Nikolai Nikolaievitch, e começo por falar de mim mesmo. Desejo falar-lhe, franca e decisivamente, que, após muito refletir, não posso prometer que terei o romance pronto no outono. Parece-me impraticável. Gostaria também de pedir ao conselho editorial que não me apresse, pois quero fazer meu trabalho da mesma forma cuidadosa e caprichada que certos cavalheiros (ou seja, os Grandes Nomes) fazem³¹¹. Tudo o que posso garantir é que o romance estará pronto em janeiro do próximo ano. Esse trabalho representa mais para mim que qualquer outro. A ideia é mais preciosa que minhas outras ideias, e quero executá-la bem. Também deposito grandes esperanças no livro que estou escrevendo agora para o “Mensageiro da Rússia” – não como obra de arte, mas por suas colocações. Penso em inserir certos pensamentos, ainda que o lado artístico da obra talvez se perca. As ideias que se acumularam em minha mente e em meu coração pressionam-me, e mesmo que o livro seja um mero panfleto, direi tudo que trago no coração. Espero ser bem sucedido. Mas, enfim, quem jamais se entrega a uma tarefa sem essa mesma expectativa? Devo terminar em breve esse trabalho para o “Mensageiro da Rússia”, e então me dedicarei com prazer ao romance.

310. Timofei Nikolaievitch Granovski (1813-1855), professor da Universidade de Moscou e notório ocidentalista, serviu como modelo para alguns traços caricaturais do personagem Stepan Trofimovitch Verkhovenski de “Os Demônios”. Nas anotações de Dostoiévski para esse romance, há uma página ironicamente intitulada “T. N. Granovski: retrato de um puro e ideal ocidentalista em toda a sua glória”. (N. do T.)

311. Dostoiévski faz alusão a escritores como Tolstói, Turgueniev e Gontcharov, cuja autonomia financeira lhes garantia liberdade na definição dos termos de seus contratos de publicação. (N. do T.)

Tenho meditado sobre a ideia desse romance por três anos; até o momento, não fui capaz de iniciar sua execução em terras estrangeiras; não queria começar a escrevê-la enquanto não estivesse na Rússia. Mas ao longo desses três anos, toda a concepção inicial foi amadurecendo dentro de mim, e penso que posso iniciar a primeira parte (que pretendo publicar no “Alvorada”) mesmo aqui, pois nessa parte a ação ocorrerá em uma época anterior à nossa. Não quero que fique incomodado quando falo em uma “primeira parte”. A ideia demanda uma extensão considerável, pelo menos tão grande quanto os romances de Tolstói. Será, em verdade, um ciclo de cinco histórias distintas, tão independentes umas das outras que cada uma delas (com exceção das duas histórias centrais) poderiam ser perfeitamente publicadas em diferentes jornais como trabalhos completamente separados. O título geral deve ser “A Vida de um Grande Pecador”³¹² e cada história deve ter seu próprio título também. Cada divisão (ou seja, cada história separada) terá cerca de quinze folhas, no máximo. Para escrever a segunda história, eu *preciso* estar na Rússia; a ação ocorre em um monastério russo e, ainda que eu conheça bem os monastérios russos, eu preciso de qualquer modo voltar à Rússia. Gostaria de dizer muito mais sobre esse projeto, mas o que se pode contar em uma simples carta? Insisto, porém, que não posso prometer o romance para este ano; não me pressione e vocês terão um trabalho consciencioso, talvez até mesmo excepcional (de qualquer forma, estabeleci que essa ideia será o objetivo de meu futuro literário, pois não espero viver mais que seis ou sete anos).

Li a edição de março do “Alvorada” com grande satisfação. Aguardo impacientemente a continuação de seu artigo para poder captá-lo por completo. Parece-me que sua intenção é mostrar Herzen como um Ocidentalista, e em geral contrapor o Ocidente à Rússia; estou certo? Pois escolheu acertadamente o seu ponto de partida: Herzen é um pessimista – mas você realmente considera os questionamentos dele (“Quem é o culpado?”, “Krupov”³¹³ e o resto) como insolúveis? Parece-me que você foge da pergunta para dar maior valor à sua

312. “A Vida de um Grande Pecador”, juntamente com “Ateísmo”, não foram concretizadas na forma de romances isolados, como era o projeto de Dostoiévski. Contudo, ambas as ideias ajudaram a compor o arcabouço de “Os Irmãos Karamazov”. (N. da E.)

313. “Quem é o culpado?” e “Doutor Krupov” (1847) são romances de Aleksandr Herzen sobre temas sociais delicados no contexto da Rússia de então: o primeiro fala de um dilema romântico e do sagrado laço do matrimônio; no segundo, seu protagonista, um médico, estabelece uma nova visão sobre a loucura, na qual os doentes mentais não são, “em essência, menos inteligentes ou mais debilitados que qualquer outro” ser humano. Curiosamente, o personagem de Krupov aparece em ambos os romances. (N. do T.)

ideia fundamental. De qualquer modo, aguardo ansiosamente pela continuação de seu artigo – o tema é decididamente muito excitante e verdadeiro. Que consequências virão se você realmente conseguir a prova de que Herzen, antes que qualquer outro, anunciou a decadência do Ocidente? O que os ocidentalistas do tempo de Granovski irão dizer? Esteja tranquilo, não sei se é isso que você realmente almeja com o artigo, é apenas um pressentimento meu. Além disso, você não suspeita (embora isso não tenha nada a ver com o tema de seu artigo) que

LIX. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:**Dresden, 25 de março de 1870.**

[...] ³¹⁸ O trabalho para o *Mensageiro da Rússia* não me preocupa muito, mas prometi ao *Alvorada* uma verdadeira obra de arte, e quero *muito* fazê-la. Estou amadurecendo-a em minha mente há dois anos. É a mesma ideia



escrita aqui mesmo. Devo oferecê-la ao “Alvorada”. Acha que eles irão recusá-la? Mil rublos não é um valor exagerado. [...] ³²⁵

Não vale a pena sequer falar do niilismo. Espere até que essa erva daninha cultivada em solo russo esteja apodrecida. Tenho em mente que muitos desses pilantras, desses rapazes decadentes, cedo ou tarde irão virar a página e metamorfosear-se em russos decentes e patriotas. Quanto aos demais, que apodreçam. Mas mesmo esses irão, por fim, calar suas bocas, por completa impotência. Que pilantras são todos eles!

**LX. Carta à sua irmã Vera e à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:
Dresden, 7 de maio de 1870.**

Minhas queridas amigas Sonietchka e Verotchka,

Há tempos não escrevo para vocês e a razão não é minha preguiça, mas sim minha ansiedade crescente e meu frequente estado depressivo.

Estamos ainda morando em Dresden, e vivemos de modo até confortável. A pequena Liúba ³²⁶ é muito querida e uma criança saudável. Como já perdemos uma filha, estávamos muito ansiosos quanto a este segundo bebê. Ania é quem cuida dela, e é evidente que ela encontra cada dia mais prazer em realizar tal tarefa. Ela emagreceu, está muito fraca, e abatida pela saudade de casa. Eu também sinto uma falta enorme da Rússia, e dessa nostalgia de minha terra natal vêm muitos de meus problemas de ordem nervosa. Meus negócios vão de mal a pior. Certamente temos alguns recursos para viver, mas sequer podemos sonhar com o regresso à Rússia. De qualquer maneira, preciso voltar, a vida aqui é algo insuportável para mim. Para partir daqui em direção a Petersburgo, precisamos nos programar para o mês de outubro. Depois disso, é muito frio e a pequena pegaria uma gripe facilmente. Além disso, para pagar as nossas dívidas aqui antes de partir, precisaríamos de pelo menos 300 rublos; e haveria ainda as despesas de viagem de toda a família, e todos os custos de instalação em Petersburgo – o total não seria um valor pequeno. Mas isso não

325. Omite-se trecho no qual Dostoiévski elogia a equipe do *Alvorada* e reforça seu desejo de ser um colaborador permanente do jornal. (N. da E.)

326. Diminutivo carinhoso de Liúbov. (N. do T.)

é tudo; o pior são os credores. Devo-lhes, com os juros, perto de 6.000 rublos. Não posso oferecer menos que um terço disso – ou seja, 2.000 rublos – se quiser negociar o pagamento do restante no prazo de um ano. E eles não irão concordar com isso, mesmo que eu pague um terço da dívida. Estão furiosos comigo, e certamente cairão sobre mim sem piedade, buscando uma punição. Assim, vocês podem calcular que para acertar tudo e ser capaz de voltar precisaria ter entre três e quatro mil rublos pelo menos. Onde irei conseguir uma quantia dessas? O único que tenho a oferecer é o meu labor literário. Há três anos, quando deixei a Rússia, eu carregava as mesmas expectativas. Eu tinha recentemente obtido sucesso com um romance, e é compreensível que eu tivesse esperanças de que escrevendo outro como aquele eu seria capaz de me livrar de todas as minhas dívidas em um ano. Mas, naquela época, eu paguei sete mil rublos a três de meus credores, de uma única vez e repentinamente, e isso enraiveceu os demais, que vieram a mim querendo saber as razões de eu ter quitado minha dívida com aqueles três e negligenciado eles todos. Eles denunciaram-me às autoridades e tive que fugir, mas na esperança de que poderia escrever outro livro em um ano e pagar todas as minhas obrigações. Eu estava enganado. O romance mostrou-se um fracasso e, além disso, aconteceu algo que eu não podia prever: por ser obrigado a viver longe da Rússia por tanto tempo, estou perdendo a capacidade de escrever decentemente; por isso, não pude esperar nada de extraordinário de minhas novas tentativas de romance (Essas dificuldades são menos de caráter intelectual que material: por exemplo, enquanto eu moro no exterior, eu não posso ter qualquer ponto de vista pessoal dos eventos mais comuns de nossa época). Tenho um projeto para um novo romance, cujo sucesso considero certo; mas não posso me decidir por escrevê-lo aqui, e isso me obriga a adiá-lo. Por ora, estou escrevendo uma história muito peculiar para o “Mensageiro da Rússia”³²⁷, pois preciso solicitar deles um adiantamento.

Creio que você se recorda, querida Sonietchka, que escrevi a respeito do romance que concluí aqui: você disse não saber como eu aceitava – e cumpria – a tarefa de finalizar uma obra como aquela em um prazo estabelecido. Mas o livro que estou escrevendo para o “Mensageiro da Rússia” é um trabalho ainda mais árduo. Tenho que condensar em vinte e cinco folhas manuscritas

327. Trata-se de “Os Demônios”. (N. da E.)

material que necessitaria de pelo menos cinquenta, e isso apenas porque preciso encerrar tudo dentro do prazo; e tenho que fazer isso, porque por agora, enquanto estou vivendo no exterior, não consigo escrever mais nada. A redação do “Alvorada” elogiou imensamente uma pequena história que publiquei naquele jornal. Mesmo os críticos de outros jornais foram muito benevolentes. Mas não podem imaginar como me revolta ter que escrever aquele tipo de texto quando tenho tantas ideias melhores já formadas em minha mente: ou seja, escrever algo tão diferente do que eu gostaria de estar fazendo agora. Você certamente me entenderá, Sonetchka, quando digo que esse é, por si só, um enorme tormento, ao qual se soma o desesperador estado de minhas finanças. Desde que deixei Petersburgo, todos os meus negócios e contatos têm sido assustadoramente negligenciados (ainda que “O Idiota” não tenha alcançado sucesso, vários editores entraram em contato para adquirir os direitos para a segunda edição; fizeram-me propostas relativamente boas – de mil e quinhentos a dois mil rublos). Mas todos esses projetos se perderam, pois não tenho quem administre meus negócios em Petersburgo. Bem, é assim que as coisas são comigo. E nem falo do quanto sofro por Anna Grigorovna, tamanha é a falta que ela sente da Rússia. Não tenho como contar tudo nesta carta. Mas decidi, por fim, retornar à Rússia, não importa em que condições, no outono deste ano, e farei isso custe o que custar. É claro que pretendo ir a Moscou (pelos negócios, se não houver outra razão qualquer), isto é, se os credores não me colocarem em uma prisão em Petersburgo assim que eu chegue lá. De qualquer modo, espero vê-las novamente muito em breve, minhas queridas, no início do inverno.

Com amor sincero,

Fiódor Dostoiévski, Ania e Liúba

LXI. Carta a Nikolai Nikolaievitch Strakhov:

Dresden, 11 de junho de 1870.

[...] ³²⁸ Por um acaso as edições do “Mensageiro da Europa” ³²⁹ deste ano caíram em minhas mãos e pude ler todos os números. Fiquei assombrado.

328. Omite-se a primeira metade da carta, na qual Dostoiévski reclama de Katchpírev, que não aceita sua proposta de negociação para “A Vida de um Grande Pecador”. (N. da E.)

Como pode um jornal inacreditavelmente medíocre como esse (que na melhor das hipóteses pode ser igualado apenas ao “Abelha do Norte” da Bulgária) fazer tamanho sucesso entre nós (6.000 cópias já na segunda edição!)? É que eles conhecem o seu negócio. Como eles adotaram com facilidade o tom popular, a opinião das ruas! Um padrão insípido para o liberalismo! Essas são as coisas de que gostamos na Rússia. Mas o jornal é, não se pode negar, muito bem gerenciado. É lançado pontualmente a cada mês, e traz uma gama variada de contribuições. Li, entre outras coisas, “A Execução de Tropmann”, de Turgueniev³³⁰. Talvez você tenha uma opinião diferente, Nikolai Nikolaievitch, mas eu me enfureci com aquele pretensioso e trivial exercício de *pathos*³³¹. Por que ele está sempre explicando que ele estava muito errado em acompanhar a execução? Ele certamente estava, se tudo aquilo não passava de um mero teatro para ele; mas os filhos dos homens não têm o direito de dar as costas e ignorar qualquer coisa que aconteça na Terra – não, nos mais elevados termos morais, não têm esse direito. *Homo sum et nihil humani*, etc³³². O livro é peculiarmente cômico quando no último instante ele, *de fato*, vira as costas e, assim, evita ver a real execução. “Vejam os senhores, cavalheiros, que delicado ser eu sou! Não pude suportar tal visão!” De qualquer forma, ele traiu-se por todo o texto. A impressão definitiva que se tem do artigo inteiro é a de que ele está desesperadamente preocupado consigo mesmo e seus pensamentos, mesmo quando é a hora das decapitações. Ah, eu cuspo sobre tudo isso. Estou farto desse tipo. Considero Turgueniev o mais fingido dos escritores russos fingidos, não importa o que quer que diga, Nikolai Nikolaievitch, a favor de Turgueniev: por favor, apenas não pense nada mal de mim por isso. [...]

329. O Вестник Европы (“Viestnik Evropi”) foi um jornal mensal, fundado por Stasiulevitch, que circulou em São Petersburgo entre 1866 e 1918. Publicou autores como Gontcharov, Turgueniev e Ostrovski. (N. do T.)

330. Trata-se de um ensaio publicado por Turgueniev em 1870. Segundo alguns historiadores, embora Turgueniev tenha se baseado em uma execução real que acompanhou em janeiro daquele ano – do jovem francês Jean-Baptiste Tropmann, de vinte anos de idade, que teria assassinado a sangue frio uma família de seis pessoas –, sua inspiração pode ter sido a discussão sobre o tema conduzida pelo personagem do Príncipe Mishkin de “O Idiota”, de Dostoiévski – o que, em parte, justificaria as críticas de Dostoiévski ao ensaio. (N. do T.)

331. *Pathos* (do grego πάθος) é um dos três modos de persuasão da retórica grega, no qual se apela para as emoções do público. A referência de Dostoiévski é explicada pela descrição posterior do texto de Turgueniev a que se refere tal crítica. (N. do T.)

332. Uma citação de Terêncio, em latim no original. A frase completa seria *Homo sum, et nihil humani a me alienum puto* (“Sou homem, e nada daquilo que diz respeito à humanidade deve me ser estranho”). (N. do T.)

LXII. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:

Dresden, 2 de julho de 1870.

Minha querida Sonetchka,

Eu realmente intencionava responder à sua última carta instantaneamente, mas tive que mais uma vez adiar minha resposta. A culpa é do meu trabalho e da ansiedade em torno dele. Além disso, você, como todos os meus amigos moscovitas, tem o mau hábito de não colocar o endereço do remetente em suas cartas.

De sua carta, concluí que você se mudou. Para onde, então, devo endereçar esta carta? Você deveria ter considerado a possibilidade de eu ter perdido a carta na qual você me deu seu mais recente endereço. Há três dias vasculho toda a minha correspondência dos últimos três anos. Por sorte, lembrei-me do seu antigo endereço, e para lá enviarei esta carta. Será que chegará às suas mãos? A dúvida desencoraja-me. Eu lhe imploro que não escreva suas cartas, ao menos não as cartas direcionadas a mim, no estilo das mulheres – ou seja, omitindo data e endereço. Por Deus, tais coisas são essenciais!

Sua carta trouxe-me uma impressão melancólica, minha querida. É verdade que, se você for para o campo, eles não irão mais lhe pedir nenhuma tradução, mesmo no outono? Por que você se atormenta tanto? Você precisa de felicidade, de ambientes saudáveis. Seu trabalho toma-lhe desde a mais tenra manhã até tarde da noite. Você deveria se casar. Minha querida Sonetchka, por Cristo, não fique enraivecida por eu dizer essas coisas. A felicidade é posta em nosso caminho apenas uma vez na vida – tudo o que se segue a ela é meramente a dor. Devemos preparar-nos para isso com alguma antecedência, e conduzir nossas vidas da maneira mais normal possível. Perdoe-me por escrever neste tom, quando há mais de três anos não nos vemos. Não digo tudo isso como um conselho – é apenas o meu mais sincero desejo. Pois eu adoro você – não posso evitar!

Quanto ao meu retorno à Rússia, isso não passa, é claro, de uma possibilidade da imaginação, que *pode* vir a acontecer, mas ainda assim é meramente um sonho. Veremos. Seus outros conselhos (com respeito à venda do romance, ao retorno à Rússia mesmo sem dinheiro, em face da possibilidade

de ser colocado na prisão por meus credores, etc.), devo dizer que toda a sua carta denota a sua inexperiência e ignorância sobre os problemas em questão. Tenho-me ocupado da literatura há vinte e cinco anos, mas nunca tomei conhecimento de um autor que oferecesse sua própria obra aos livreiros para uma segunda edição (menos ainda com o agenciamento de estranhos, a quem isso pouco diz respeito). Se um autor oferece a própria obra, recebe apenas um décimo do que ela vale. Mas se o editor, ou seja, quem adquire os direitos sobre o livro, busca uma obra de seu interesse, o valor é dez vezes maior. “O Idiota” surgiu muito tarde; deveria ter sido editado anos antes. Sobre os credores, é certo como a morte que eles irão me fazer aprisionar, pois nisso reside sua única possibilidade de reaver seu dinheiro. Acredite-me, esses cavalheiros sabem precisamente o quanto posso ganhar do “Mensageiro da Rússia” e do “Alvorada”. Eles irão me processar na esperança de que um dos jornais ou, se não eles, alguém mais, pague as dívidas para me libertar. Não – se eu tiver que voltar, farei de modo bem diferente.

É muito difícil, para mim, ter que olhar para Anna Grigorovna entregue à nostalgia, consumida pela saudade de casa. Isso me atormenta mais que tudo. Nossa menina está saudável, mas ainda não foi desmamada. Regressar à pátria é agora minha única ideia fixa. Se eu continuar vivendo aqui por muito tempo, perderei todo o poder para ganhar meu sustento; ninguém mais vai querer me publicar. Na Rússia, na pior das hipóteses eu poderia editar livros didáticos ou antologias. De qualquer modo, não vale a pena gastar mais palavras com esse assunto. Eu decidirei pelo meu retorno, mesmo se isso significar ir para a prisão. Apenas gostaria de terminar o trabalho que estou fazendo para o “Mensageiro da Rússia”, para não deixar nada mais pendente. No atual estado de coisas, não posso, *em hipótese alguma*, finalizá-lo antes do Natal. Devo entregar a longa metade do trabalho em seis semanas – e ganhar algum dinheiro. A segunda metade deve ser enviada no começo do inverno, e a terceira, em fevereiro. A impressão deverá começar em janeiro. Mas tenho medo de que eles simplesmente não aceitem meu romance. Direi a eles, desde o início, que não pretendo alterar ou suprimir nada nesse livro. A ideia desse romance pareceu-me muito atrativa no início, mas agora lamento tê-lo começado. Não que ele não me interesse mais, apenas preferia estar escrevendo outra coisa.

Enquanto escrevo para você, sinto que um longo espaço de tempo nos divide. Mudando de assunto, tenho algo em mente: o mais ardente desejo de partir, antes de meu retorno para a Rússia, em uma viagem ao Oriente – ou seja, para Constantinopla, Atenas, as Ilhas Gregas, Síria, Jerusalém e Athos³³³. Tal viagem me custaria pelo menos 1.500 rublos. Mas as despesas não são o mais importante: eu cobriria tudo escrevendo um livro sobre a visita a Jerusalém; sei que obras desse tipo são muito populares ultimamente. Mas, por ora, não tenho nem tempo nem recursos, e ontem li, em uma edição extra, que a qualquer momento pode ser declarada uma guerra entre a França e a Prússia. Acumulou-se tanto combustível por todo o lado que, tendo início a guerra, as consequências serão gravíssimas. Deus permita que a Rússia não seja envolvida em nenhum dos conflitos europeus; já temos muito que resolver em nossa terra.

Amo você e os seus além de qualquer limite, e espero que saiba disso. Ame o seu tio um pouquinho também. Não desejo morrer em solo alemão: quero voltar para casa antes de minha morte – e então, morrer.

Minha esposa e Liúba mandam beijos. Está muito quente por aqui e ontem, depois de uma longa trégua, tive um ataque. Hoje minha cabeça está bem confusa, sinto-me como se fosse louco.

Até breve, minha querida – não se esqueça de mim.

Um abraço e um beijo.

Seu,

Fiódor Dostoiévski

P.S.: Se não receber resposta alguma para esta carta, concluirei que não chegou às suas mãos. Meu endereço é: Dresden, Alemanha, *posta restante*.

333. Dostoiévski refere-se ao Monte Athos, localizado em uma península grega na região de Tessalônica. É um local de peregrinação onde, atualmente, estão estabelecidos cerca de vinte mosteiros ortodoxos – o primeiro foi fundado no século X – e a presença de mulheres é proibida. O século XIX viu o renascimento do local, com a chegada de monges oriundos da Rússia, da Sérvia, da Bulgária e da Romênia. (N. do T.)

LXIII. Carta à sua sobrinha Sofia Aleksandrovna:

Dresden, 17 de agosto de 1870.

Minha querida amiga Sonietchka,

Perdoe-me por não ter respondido de imediato à sua carta de 3 de agosto (também recebi a sua breve carta de 28 de julho). Tenho, constantemente, tantas crises de ansiedade, tantos dissabores, que não me sinto com energia para começar nada, muito menos uma carta. Apenas o meu trabalho, que preciso fazer não importam as condições de minha mente – e eu o faço; mas há momentos em que não estou equilibrado o bastante sequer para isso, e então abandono tudo. Minha vida não é fácil. Queria escrever sobre a minha situação: tenha a certeza de que não gosto de escrever cartas, para mim é penoso, depois de anos de separação, escrever sobre coisas que são importantíssimas para mim, e especialmente de forma a fazê-la compreender sua gravidade. Cartas alegres e divertidas só se consegue escrever a quem não se tem qualquer vínculo de afeto.

O fato mais importante é que agora devo regressar à Rússia. A ideia é assim simples; mas não poderia descrever em detalhes todos os tormentos e desvantagens que tenho que enfrentar nessa terra estrangeira; dos tormentos morais (a saudade de casa, a necessidade de estar em contato com a vida russa, essencial para mim, como escritor, etc.), sequer vou falar. Quão insuportável é a ansiedade que sinto pela situação de minha família! Vejo claramente o quanto Ania sente falta do lar, e como ela definha terrivelmente aqui. Na Rússia, poderei ganhar bem mais dinheiro; aqui estamos absolutamente empobrecidos. Temos o suficiente para viver, é verdade; mas não podemos ter uma babá. Aqui, seria necessário oferecê-la um quarto com banheiro, alto salário, três refeições diárias e certa quantidade de cerveja (naturalmente, exigem isso apenas dos estrangeiros). Ania está cuidando do bebê e nunca tem uma noite inteira de descanso. A pobrezinha não tem diversão de nenhum tipo, sequer um minuto apenas para ela mesma. Seu estado de saúde também inspira cuidados. Por que conto a você tudo isso? Há uma centena de outros pequenos problemas, e juntos eles formam um pesado jugo. Que felicidade seria, por exemplo, ir a Petersburgo neste outono com minha esposa e filha (como imaginei ser possível, no início do ano); mas para sair daqui e viajar à Rússia preciso de pelo

menos 2.000 rublos; não me refiro às minhas dívidas – é apenas o dinheiro necessário para a viagem. Sim, imagino você encolhendo os ombros e perguntando-se: “Por que tanto dinheiro? Por que tamanho exagero?” Pelo amor de Deus, minha querida, deixe de lado seu hábito de julgar a vida das outras pessoas sem conhecer as circunstâncias. Dois mil rublos *são* absolutamente necessários para fazer essa viagem e instalarmo-nos em Petersburgo. Acredite em mim. Onde conseguirei esse dinheiro? E agora precisamos começar a desmamar a pequena, e vaciná-la. Imagine os cuidados que tudo isso requer de Ania, que já está debilitada, exausta. Tenho que presenciar tudo isso e sinto estar perto de perder o juízo. E se eu conseguir o dinheiro da viagem em três meses, o inverno estará em nosso caminho e será impossível conduzir uma criança pequena por milhares de *versts* no frio congelante. Consequentemente, teremos que esperar até o início da primavera. E conseguiremos juntar até então o dinheiro suficiente? Você deve saber que mal equilibramos nossas finanças, e entramos em dívidas para cobrir pelo menos a metade de nossas necessidades aqui. Mas, basta disso. Quero falar de outros assuntos agora, ainda que todos eles sejam relacionados a esse mesmo tema.

Não me recordo se escrevi a você contando de minhas dificuldades com o “Mensageiro da Rússia”. O fato é que, no fim do ano passado, publiquei uma história no “Alvorada” enquanto ainda tinha que cumprir obrigações referentes a adiantamentos feitos pelo “Mensageiro”. Há um ano eu lhes prometia entregar um trabalho. Contei a você como isso se deu? Como meu romance inesperadamente tornou-se longo, e como eu percebi tarde demais que não haveria tempo hábil para entregar nada pronto para o início do ano ao “Mensageiro da Rússia”? Eles não me escreveram sobre isso, mas cessaram as remessas de dinheiro. No começo do ano, escrevi a Katkov que entregaria o romance capítulo por capítulo a partir de junho, para que eles pudessem publicar no fim do ano. E então trabalhei até o limite máximo de minha energia, de minhas forças; eu sabia que, se rompesse minha ligação literária com o “Mensageiro da Rússia”, eu não teria meios para viver no estrangeiro (já que é muito difícil iniciar novas relações com outro jornal estando tão distante). Além disso, eu estava terrivelmente abatido pela ideia de que eles estivessem me chamando de velhaco na redação, quando eles sempre me trataram extraor-

dinariamente bem. O romance no qual eu estava trabalhando era longuíssimo, muito original, mas a ideia era um pouco nova para mim. Precisava de uma grande autoconfiança para acostumar-me com aquela ideia – e, em verdade, eu não consegui e o livro não saiu como eu imaginava. Eu avançava lentamente, sentindo que algo faltava no todo, mas incapaz de descobrir o que seria. Em julho, logo depois de minha última carta para você, tive uma longa sucessão de ataques epiléticos (um por semana). Eu ficava tão debilitado depois de cada um deles que, por um mês inteiro, não ousei sequer voltar ao trabalho. O trabalho teria sido, de fato, perigoso para mim. E então, há quinze dias, quando retornei à normalidade, eu percebi claramente porque o livro estava tão mal e onde residia o problema. Como que possuído por uma inspiração repentina, vi num só instante que tinha um novo plano para o livro. Tive que alterar tudo radicalmente; sem muita hesitação, eu abandonei tudo o que havia escrito do livro até então (cerca de quinze folhas manuscritas) e comecei novamente na primeira página. O trabalho de um ano foi destruído. Se ao menos você soubesse, Sonietchka, o sofrimento que envolve a profissão de escritor – ou seja, suportar o fardo de ser um escritor! E eu estou absolutamente *consciente* de que se eu tivesse gasto dois ou três anos naquele livro – como Turgueniev, Gontcharov e Tolstói costumam fazer –, eu poderia ter produzido uma obra sobre a qual os homens ainda falaria daqui a cem anos! Não estou me envaidecendo; vasculhe a sua consciência e a sua memória e verá que nunca me vangloriei de meus feitos. A ideia é tão boa e tão significativa que eu mesmo tiro o chapéu para ela. Mas o que será agora? Sei muito bem: devo trabalhar sobre essa ideia por oito ou nove meses, e decididamente desmerecê-la. Um trabalho como esse necessitaria de dois ou três anos (Será uma obra, sem dúvida, bastante extensa – algo como trinta e cinco folhas manuscritas). Alguns detalhes isolados e personagens talvez não me saiam mal, mas não serão mais que rascunhos. Muito ficará pela metade, e muito parecerá pouco aprofundado. Terei que renunciar à inclusão de inúmeras maravilhas, pois a inspiração depende em vários aspectos do tempo que se tem à disposição. E já estou a trabalhar nele! É terrível, é como um suicídio anunciado! Mas isso não é o mais importante: o pior mesmo é que minhas projeções estão todas erradas. No início do ano, estava confiante de que conseguiria enviar uma parte con-

siderável do romance ao “Mensageiro da Rússia” em primeiro de agosto, e então melhorar a minha situação com eles. O que farei agora? Na melhor das hipóteses, poderei entregar uma pequena parte em primeiro de setembro (queria mandar bastante material de uma só vez, e então ter uma desculpa para solicitar um novo adiantamento). Agora, estou envergonhado de pedir dinheiro; a primeira parte (deverá ter cinco partes) consistirá de apenas sete folhas manuscritas – como posso pedir um adiantamento assim? Todos os meus cálculos mostraram-se falsos; não sei agora como vou me sustentar. E preciso trabalhar mesmo em um estado mental tão conturbado quanto o que vivo hoje!

[...] ³³⁴ Tudo isso me aborrece, tira de mim a tranquilidade que preciso para o meu trabalho. E há ainda muitas outras coisas que sequer mencionei. Com o começo da guerra, todo o crédito cessou e viver tornou-se muito difícil. Mas eu superarei isso, de uma forma ou de outra. O mais importante, porém, é a saúde – e a minha tem piorado consideravelmente.

Não posso concordar com a sua visão sobre a guerra. Sem a guerra, as pessoas tornam-se torpes em suas riquezas e conforto, e perdem o poder de pensar e sentir nobremente; tornam-se brutos, retornam à barbárie. Não falo de indivíduos, mas de raças inteiras. Sem a dor, não há como compreender a felicidade. Os ideais são purificados pelo sofrimento, como o fogo purifica o ouro. A humanidade deve lutar por seu Paraíso. A França tornou-se, ultimamente, brutal e degradada. As provações não lhe farão mal algum – a França será capaz de suportá-las e então despertará para uma nova vida, novas ideias. Mas, por enquanto, a França tem sido dominada, por um lado, pelas velhas fórmulas e, por outro, pelas paixões e pela busca incessante do prazer.

A dinastia napoleônica será, daqui por diante, insustentável. Uma nova vida e a reforma do país serão tão importantes que mesmo as piores provações não são nada diante de seus desafios. Consegue ver a mão de Deus em tudo isso?

Também a nossa política dos últimos setenta anos – falo da política na Rússia, na Alemanha e na Europa como um todo – deve inevitavelmente ser alterada. Os alemães irão, por fim, mostrar sua verdadeira face. Em toda a Europa grandes mudanças virão – e pela própria vontade dos povos.

334. Omite-se trecho no qual Dostoiévski detalha suas relações conturbadas com o *Mensageiro da Rússia*. (N. da E.)

Que nova vida admirá de tudo isso poderá ser um choque! Por almejar as grandes ideias, mesmo a ciência mergulhou em um árido materialismo. O que um sopro passageiro representa em face disso?

Você escreve dizendo que “as pessoas matam e ferem, e então cuidam dos feridos”. Pense nas mais nobres palavras jamais ditas: “Eu desejo o amor, não o sacrifício”. Neste momento, ou a qualquer momento nos próximos dias, creio eu, muito será decidido. Quem trairá quem? Quem cometerá o erro estratégico? Os alemães ou os franceses? Os alemães, em minha opinião.

Melhor seria dizer que essa era a minha opinião há dez dias. Mas agora parece que os alemães vão esperar um pouco mais; os franceses estão à beira de um abismo no qual eles estão fadados a mergulhar a qualquer momento – com isso me refiro aos interesses dinásticos aos quais aquela nação está sendo sacrificada. Poderia lhe falar muito sobre a opinião dos alemães, que observo por aqui, e que é bastante significativa na atual crise política, mas não tenho tempo para isso.

Saúdo a todos. Mande lembranças minhas a toda a família. Receba meu abraço carinhoso. Não esqueça que ninguém tem por você o apreço que eu tenho. Escreva-me, não me abandone. Devo voltar agora aos meus trabalhos forçados.

Com coração e alma, seu,
Fiódor Dostoiévski

Quando penso nos meus parentes de Petersburgo, sinto uma dor no coração. Não posso enviar nada para eles antes do começo do próximo ano, embora eles estejam em grande necessidade. Isso pesa muito em minha consciência. Prometi ajudá-los. Pacha é o que mais me preocupa.

P.S.: Você não entende a minha posição em relação aos meus credores, é por isso que você imagina que, para eles, não será válido colocarem-me na prisão. Ao contrário: é quase certo que irão me prender, pois, em muitos sentidos, será proveitoso para eles. Não me lembro se falei para você que tenho esperanças de obter, assim que chegar a Petersburgo, um empréstimo de cinco mil rublos para quitar em três anos. Isso me salvaria da prisão. Não é uma es-

perança inteiramente sem fundamento. Mas devo cuidar disso pessoalmente; se tentar conseguir o dinheiro daqui, à distância, ponho tudo a perder. O plano não tem absolutamente nada a ver com meus projetos literários. Ao mesmo tempo, se meu romance for um sucesso, minhas esperanças em relação aos cinco mil rublos certamente aumentarão. Que isso fique entre nós.

Até breve, minha querida.

Seu,

Dostoiévski

LXIV. Carta a Nikolai Nikolaievitch Stratchov:

Dresden, 9 de outubro de 1870.

Não escrevi antes por estar ininterruptamente ocupado com o romance para o “Mensageiro da Rússia”. O trabalho estava indo tão mal – e tive que reescrevê-lo tanto – que por fim jurei para mim mesmo que não leria nem escreveria nada, e pouquíssimas vezes ergueria minha cabeça da escrivaninha, até que eu tivesse concluído o que me decidi fazer. E eu estou apenas no começo agora! É verdade que muitas cenas que pertencem ao meio do romance já estão escritas e pedaços separados do que descartei ainda podem ser usados. Mesmo assim, ainda estou ocupado em escrever os primeiros capítulos. Isso é um mau presságio, mas tenho que fazer tudo da melhor forma possível. A verdade é que o tom e o estilo da história devem se firmar por si só. Mas, por mais que isso seja verdade, por vezes eles podem se perder e é preciso estar atento. Em outras palavras: nenhum de meus trabalhos me deu tantas preocupações quanto esse. Quando comecei, no final do ano passado, o romance pareceu-me muito “pronto”, artificial, e desprezei-o um pouco. Depois fui tomado de um entusiasmo sincero, apaixonei-me repentinamente pelo trabalho e fiz um grande esforço para escrever tudo o que tinha em mente com grande esmero. No verão, veio a transformação: surgiu um novo personagem, de vital importância, que insistia em ser o verdadeiro herói do livro; o herói original (uma figura muito interessante, mas indigna de ser chamada de herói) foi relegado ao segundo plano. O novo protagonista inspirou-me de tal forma que um, vez mais

comecei a revisar os planos iniciais. E agora, quando já enviei o começo do romance para o “Mensageiro da Rússia”, sinto-me tomado pelo terror – temo que não seja capaz de desenvolver o tema que escolhi. Esse medo atormenta-me horivelmente. E sequer construí inteiramente meu protagonista. Delineei todo o seu papel na sinopse do livro (preparei uma sinopse em várias folhas, nas quais rascunhei também toda a trama, embora sem os diálogos e comentários). Assim, espero que possa ainda recuperar esse herói, e quem sabe fazer dele uma figura nova e original; tenho esperanças e temores ao mesmo tempo. Pois é o momento de eu escrever algo realmente importante. Talvez tudo isso desapareça no ar como uma bolha de sabão. Mas, venha o que vier, preciso escrever; as muitas alterações tomaram-me um tempo enorme, e tenho muito pouco texto pronto. [...] ³³⁵

LXV. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:
Dresden, 15 de dezembro de 1870.

Assumi uma tarefa para a qual minhas forças não são suficientes. Lancei-me a escrever um grande romance (um romance “de tese” – algo nada comum para mim) e, de início, pensei que seria fácil vencer o desafio. Mas qual é o cerne da questão? Quando eu havia já testado dez diferentes ambientações e decidido qual delas o tema exigia, eu fiquei muito desgostoso com o texto. Terminei a primeira parte simplesmente porque precisava fazer isso (é muito longa, tem cerca de dez folhas manuscritas; e serão quatro partes ao todo) e enviei. Penso que essa primeira parte é vazia e bastante ineficiente. A partir dela, o leitor não irá perceber, de modo algum, qual é o meu objetivo, ou como a ação irá se desenrolar. A redação do “Mensageiro da Rússia” fez rasgados elogios a esse início. O romance chama-se “Os Demônios” (são os mesmos “demônios” dos quais lhe contei antes por carta) e tem um lema retirado dos evangelhos. Quero falar abertamente neste livro, sem medo das críticas das novas gerações. Mas não tenho como dizer tudo o que gostaria em uma carta. [...] ³³⁶

335. Omite-se longo trecho no qual Dostoiévski faz considerações gerais sobre o jornalismo e o *Alvorada*. (N. da E.)

336. Omite-se trecho no qual Dostoiévski fala de seus contatos com Stellovski. (N. da E.)

LXVI. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Dresden, 30 de dezembro de 1870.

Sim, estou decidido a retornar e certamente estarei em Petersburgo no início do mês. Aqui, estou em um constante estado de nervos que mal me permite escrever. Trabalhar nessas condições tornou-se penosamente difícil para mim. Sigo os acontecimentos na Rússia e na Alemanha com ardoroso interesse — passei por muita coisa nesses quatro anos. Tem sido uma existência árdua e, pode-se assim dizer, solitária. Seja lá o que Deus reserva para o meu futuro, aceitarei humildemente. Minha família também pesa amargamente em meu coração. Em poucas palavras, preciso do convívio humano.

Stratchov escreveu-me dizendo que tudo em nossa sociedade segue sendo assustadoramente pueril e cruel. Se soubesse como é possível sentir isso mesmo à distância! Mas se soubesse, também, que enorme repulsa, quase um ódio, eu cultivei em relação à Europa Ocidental durante esses quatro anos!

Meu Deus, como são terríveis nossas impressões sobre os países estrangeiros! Somos nós, russos, tão simplórios a ponto de acreditar que é através da educação que os prussianos tornaram-se conquistadores? Tal visão é positivamente pecaminosa: a tal escola requintada é um lugar no qual as crianças são acoissadas e atormentadas, como se estivessem sob o jugo da horda de Átila, ou algo pior.

Você diz que o espírito nacional da França está em revolta contra a força bruta. Desde o início, nunca duvidei de que se os franceses não se apressarem por fazer a paz, se eles não conseguirem resistir por mais de três meses, os alemães avançarão em vergonha e ignomínia. Eu teria que escrever uma longa carta se eu fosse aqui registrar as minhas observações pessoais — por exemplo, da forma como os soldados são enviados à França, como são recrutados, equipados, alojados e alimentados, transportados. Uma pobre mulher doente, digamos, que vive do aluguel de dois cômodos mobiliados (aqui todos os cômodos de aluguel são “mobiliados”; ela ganharia uns poucos copeques a mais por fornecer a mobília) é forçada, por ter “sua própria mobília”, a fornecer alojamento e comida para dez soldados. A hospedagem pode durar um, dois, três dias — até mesmo uma semana. Mas todo esse período pode custar para a pobre senhora de vinte a trinta rublos.

Tenho lido cartas de soldados alemães na França para seus pais, gente simples do povo. Meu bom Deus, as coisas que eles contam! Estão doentes, quase todos, e famintos! Mas levaria muito tempo para relatar tudo o que li. Uma observação apenas, meu amigo, gostaria de fazer: antes, era comum ouvir o povo cantando “Wacht am Rhein” pelas ruas³³⁷; agora, *nunca se ouve a canção*. A grande excitação em torno da guerra acontece entre os professores universitários, doutores e estudantes – a multidão parece pouco interessada. Em verdade, está muito quieta. Mas os professores universitários são extraordinariamente arrogantes. Encontro-os todas as noites na biblioteca pública. Um desses doutores, muito influente em seus cabelos grisalhos, exclamou antes de ontem, em alto e bom som: “Paris deve ser bombardeada!”. Esse é o resultado de seus anos de estudo – se não for do estudo, é fruto de sua estupidez. Podem ser muito escolarizados, mas são assombrosamente limitados! Outra observação: toda a população aqui sabe ler e escrever, mas cada um deles é terrivelmente insensato, obtuso, teimoso e carente de qualquer grande ideal. Mas, basta disso. Até breve, meu amigo. Receba meu abraço e meus agradecimentos antecipados. Pelo amor de Deus, não me esqueça, escreva-me sempre.

Seu,

Dostoiévski

LXVII. Carta a Apollon Nikolaievitch Maikov:

Dresden, 2 de março de 1871.

[...] ³³⁸ Fiquei muito contente com sua opinião elogiosa sobre o início de meu romance ³³⁹. Meu Deus, como estava apreensivo com este livro, e como ainda estou! Quando você ler estas linhas, já terá visto a segunda metade da primeira parte na edição de fevereiro do “Mensageiro da Rússia”. Qual a sua opinião? Estou terrivelmente ansioso. Não sei dizer se devo continuar com

337. “Die Wacht am Rhein” (Em alemão: “A Guarda do Reno”) é uma canção patriótica alemã que remete à Crise do Reno de 1840, quando a França declarou suas pretensões de que o Rio Reno fosse a fronteira natural daquele país com a Alemanha. A letra conchama os alemães a defender as margens do rio da invasão inimiga e foi usada como símbolo da unificação alemã. (N. do T.)

338. Omite-se o trecho inicial da carta, no qual Dostoiévski fala de uma transação pendente entre ele e Stellovski. (N. da E.)

339. Trata-se de “Os Demônios” (N. do T.)

a sequência. Estou desesperado. Serão quatro partes ao todo – ou seja, cerca de quarenta folhas manuscritas. Stepan Trofimovitch é uma figura de importância superficial – o romance não irá, em verdade, lidar com sua figura em profundidade; mas, sua história é de tal modo próxima aos principais eventos do livro, que me senti obrigado a tomá-lo como elemento central para todo o resto. Este Stepan Trofimovitch terá sua “paga” na quarta parte – seu destino terá um clímax muito original. Não posso ainda falar do resto do livro, mas quanto a isso posso dizer sem qualquer reserva. E, ainda assim, digo uma vez mais: sinto-me tremer como um rato assustado. A ideia era tentadora e tornou-se para mim irresistível, mas se deveria vir à tona, se toda a novela é apenas um [...] ³⁴⁰ – bem, eis a questão.

Imagine, meu amigo: tenho recebido cartas de várias cidades parabenizando-me pela primeira parte do livro. Isso me encoraja enormemente. Digo com toda a franqueza, sem qualquer intenção de elogiá-lo, que sua opinião tem mais valor para mim que qualquer outra. Em primeiro lugar, sei que você é absolutamente franco. Que dizer de sua frase inspiradora: “Eles são heróis de Turgueniev em seus anos de maturidade.”. É uma frase admirável! Quando escrevi, uma ideia semelhante pairava sobre mim; mas você colocou-a em uma ou duas palavras, em uma fórmula, exatamente como as coisas são. Por essas palavras, agradeço – você iluminou todo o livro com sua leitura. O trabalho avança com muita dificuldade; sinto-me desconfortável, e logo retornará o período de meus ataques frequentes. Tenho medo de não terminar o texto no prazo. Mas não pretendo escrever apressadamente. Em verdade, já tenho meu plano para o livro construído e estudado; ainda assim, se eu escrever com rapidez, posso arruinar tudo.

Decidi retornar à Rússia na primavera. [...] ³⁴¹

340. Neste trecho, Dostoiévski escreveu a letra – (“D”) seguida de reticências. Não se sabe ao certo a que se referia. (N. da E.)

341. Omite-se trecho no qual Dostoiévski fala sobre alguns jornais de Petersburgo. (N. da E.)

LXVIII. Carta a Nikolai Nikolaievitch Stratchov:

Dresden, 23 de abril de 1871.

[...] ³⁴² Como consequência das revoluções colossais que estão acontecendo na política, bem como na menos abrangente esfera literária, julgamos que a cultura geral e a capacidade de julgamento crítico estão momentaneamente abaladas, desfeitas. As pessoas colocaram em suas mentes que não há mais tempo para a literatura (como se a literatura fosse um passatempo – que rica cultura, essa!). Em consequência disso, o gosto literário está tão terrivelmente baixo que nenhum crítico da atualidade, não importa o quão notável seja, consegue ter a devida influência sobre o público. O sucesso de Dobroliubov e Pissarev ³⁴³ deriva, em verdade, do fato de eles terem ignorado totalmente o que fosse literatura, esse domínio solitário da vitalidade intelectual e espiritual. Mas não se deve dar importância a tal fenômeno: há que se continuar o trabalho da crítica. Perdoe-me por oferecer-lhe meu conselho, mas é assim que eu agiria em seu lugar.

Em uma de suas brochuras há uma maravilhosa observação que ninguém antes de você jamais havia feito – a de que todo escritor de alguma importância, com talento autêntico, voltou-se para o sentimento nacional e tornou-se um eslavófilo. Por exemplo, Puchkin criou, muito antes de qualquer eslavófilo, a figura do Cronista no monastério em Tchudov ³⁴⁴ – pode-se dizer que ele compreendeu, muito melhor que todos os Kireievskis, os Khomiakovs ³⁴⁵, etc., a essência mais profunda do eslavofilismo. Veja o caso de Herzen: que melancolia, que ânsia, que necessidade de retornar ao caminho verdadeiro! Apenas

342. Omite-se a primeira metade da carta, na qual Dostoiévski recomenda Stratchov a não abandonar, sob qualquer pretexto, seu trabalho de crítico literário. (N. da E.)

343. Nikolai Dobroliubov (1836-1861) foi um editor e crítico literário russo, com forte atuação no *Contemporâneo*. Como Bielineski, defendia que a obra de arte literária deveria ser julgada por seu contexto – sua preocupação em expor e comentar as condições sociais – e não por sua forma. Dmitri Ivanovitch Pissarev (1840-1868), crítico do *Palavra Russa*, pregava a transformação revolucionária da sociedade e considerava a arte como uma “forma inferior do conhecimento científico”. Ambos foram militantes nihilistas e membros do círculo de debates do filósofo e escritor Nikolai Tchernichevski. (N. do T.)

344. Trata-se de uma cena do drama “Boris Godunov”. (N. da E.)

345. Ivan Vasilievitch Kireievski (1806-1856) foi um monge russo que defendia a superioridade da civilização ortodoxa, que via como “interior e integral”, em comparação com o “logicismo” e a “exterioridade” da civilização ocidental, que considerava um “espírito doentio” afetado pelo espírito científico. Aleksei Stepanovitch Khomiakov (1804-1860) foi um poeta russo, um dos fundadores, juntamente com Kireievski, do movimento eslavófilo. Khomiakov teve forte influência nas ideias de Dostoiévski, sobretudo em sua aversão ao socialismo e do capitalismo como “crias repugnantes da decadência européia” – ele via na *Sobornost* (Em russo: Соборность), na *união cooperativa dos russos*, a alternativa possível para “as tentativas frustradas do Ocidente em resolver os problemas humanos”. (N. do T.)

por causa de sua fraqueza pessoal ele não conseguiu isso. E isso não é tudo: tal lei de conversão ao nacionalismo não é apenas observada em escritores e poetas, mas em todos os campos do saber. Assim que podemos definir uma outra lei: se qualquer homem possui talento genuíno, irá também levar em si esse impulso de retornar ao povo, fugindo das decadentes camadas superiores da sociedade; mas se ele não tiver talento, não só permanecerá naquele mundo em ruínas, como também irá se exilar em terras estrangeiras, ou converter-se ao Catolicismo, ou algo pior.

Bielinski, a quem até hoje você admira, era, quanto ao talento, fraco e impotente; por isso, ele condenava a Rússia e, em sua consciência do que fazia, desprezava sua terra natal (as pessoas terão muito a dizer sobre Bielinski no futuro, ainda veremos isso). Queria apenas dizer algo mais: a ideia que você expressou é enormemente importante e exige uma análise mais especializada e cuidadosa.

Suas cartas trazem-me imensa alegria. Mas, sobre as últimas opiniões que você emitiu sobre o meu romance, gostaria de dizer: primeiro, você elogia demais as partes boas que ali descobriu³⁴⁶; segundo, você assinala com admirável precisão a principal falha do livro. Sim, esse sempre foi e será meu maior tormento – não consigo (e ainda não aprendi) controlar todo o material que tenho em mãos. Sempre que escrevo um romance, deixo-o abarrotado de diversas histórias e episódios separados; por isso, o todo perde em proporção e harmonia. Você percebeu isso incrivelmente bem; tenho sofrido muito por conta disso, pois sempre percebi que ajo assim. E cometi ainda outro grande erro: sem antes calcular meu poder, deixei-me levar pelo entusiasmo poético e empenhei-me em trabalhar uma ideia para a qual minhas forças não bastavam (N.B.³⁴⁷ – a força do entusiasmo poético é, certamente, como, por exemplo, em Victor Hugo, sempre mais poderosa que a força artística. Mesmo em Puchkin podemos perceber essa desproporção). Mas *eu* destruo meu trabalho por conta disso.

Devo ainda acrescentar que o retorno à Rússia e a grande ansiedade que me aguarda no verão irão prejudicar imensamente o romance. De qualquer

346. Strachov escreveu, em uma carta datada de 12 de abril de 1871, elogios a “Os Demônios”, citando cenas inteiras do livro às quais atribuiu a condição de “apogeu da arte literária”. Entre outras coisas, disse que “comparado a [Dostoiévski], Tolstói é monótono.” (N. do T.)

347. Do latim *nota bene*: abreviatura usada para chamar a atenção a determinado ponto específico. (N. do T.)

modo, agradeço por sua compaixão. Que lástima não nos termos visto por tanto tempo!

Por agora me subscrevo como seu mais devotado,
Fiódor Dostoiévski

LXIX. Carta a Nikolai Nikolaievitch Stratchov:
Dresden, 18 de maio de 1871.

Tão estimado Nikolai Nikolaievitch,

Como eu havia previsto, você iniciou sua carta falando sobre Bielinski. Mas reflita um pouco sobre Paris e a Comuna³⁴⁸. Por acaso vai defender, como outros fazem, a ideia de que o movimento fracassou simplesmente por falta de homens, como o resultado de circunstâncias desfavoráveis? Ao longo de todo o século XIX, tal movimento³⁴⁹ tem sonhado em estabelecer o paraíso na terra (por exemplo, os falanstérios) para então, ao ser aplicado na prática (como nos anos de 1848, 1849 e agora), mostrar uma detestável incapacidade para desenvolver qualquer expressão prática de seus ideais. No fundo, todo esse movimento é tão-somente uma repetição da mesma ilusão russa de que os homens podem reconstruir o mundo pela razão e pela experiência (Positivismo). Mas já vimos o bastante de tudo isso para podermos declarar que tal impotência, da forma como se mostra, não é apenas um fenômeno casual. Por que eles decapitam seus opositores? Simplesmente porque é a coisa mais simples a se fazer. Dizer algo valoroso é bem mais difícil. O esforço é, afinal, algo menor que a conquista. Eles desejam o bem comum, mas quando se trata de definir o “bem”, eles conseguem apenas reiterar o aforismo de Rousseau – o “bem” é uma fantasia nunca sequer ratificada pela experiência. O incêndio de Paris é algo tremendamente monstruoso: “Já que falhamos, que o mundo inteiro pereça!” – pois a Comuna é mais importante que o bem do mundo, ou o bem

348. A chamada Comuna de Paris foi um movimento de inspiração socialista em oposição à Assembléia Nacional Francesa, enfraquecida após a Guerra Franco-prussiana – uma das causas do movimento seria o descontentamento da população parisiense com os termos da rendição assinada pelo governo liderado por Adolphe Thiers em fevereiro de 1871. A Comuna, que instalou uma governança provisória na administração da capital, durou cerca de quarenta dias – entre março e maio – e foi fortemente debelada pelo governo francês: na semana derradeira do movimento, mais de 17.000 rebeldes foram assassinados. (N. do T.)

349. Refere-se ao socialismo como um todo. (N. do T.)

da França! Ainda assim, eles (e muitos outros) veem nessa loucura não uma monstruosidade, mas apenas *beleza*³⁵⁰. Por conta disso, a ideia estética deve ser completamente enevoada na mentalidade moderna. Uma base moral (absorvida dos ensinamentos positivistas) para a sociedade é incapaz não só de produzir qualquer resultado, mas também de se definir por si só, e então deve sempre se perder entre aspirações e ideais. Já não temos, até o momento, evidências suficientes para provar que a sociedade não é construída desse modo, de que é bem distinto o caminho para o bem comum, e de que tal bem comum repousa em coisas muito distintas do que até hoje se aceitou? Em que, então, o bem comum repousa? Os homens escrevem e escrevem, e desconsideram o essencial. Na Europa Ocidental, as pessoas perderam o Cristo (a culpa é do Catolicismo) e, por isso, caminham em direção à sua queda. As ideias mudaram – como é fácil perceber! – e a queda do poder papal, juntamente com a decadência do mundo romano-germânico (França, etc.) – que coincidência!

Tudo isso tomaria muito tempo para explicar, mas o que eu realmente gostaria de dizer é que, se Bielinski, Granovski e todo o grupelho tivessem vivido para ver esse dia, eles diriam: “Não, não era isso ao que aspiramos! Não, isso foi um erro, devemos aguardar um pouco mais, a luz irá brilhar mais adiante, o progresso vencerá, a humanidade será reerguida em bases mais saudáveis e renovadas, e enfim seremos felizes!”. Eles jamais admitiriam que suas ideias levariam a humanidade no máximo à Comuna de Paris ou a Félix Pyat³⁵¹. Essa gente era tão obtusa que mesmo agora, passado o evento, não seriam capazes de ver o erro cometido, persistiriam em seu sonho fantasioso. Condeno Bielinski menos como uma personalidade que como um repulsivo, estúpido e humilhante fenômeno da vida russa. O melhor que se pode dizer disso é que se trata de algo inevitável. Garanto que Bielinski, hoje, já teria mudado sua postura para algo como “a Comuna não teve sucesso porque, antes de tudo, era francesa – em outras palavras, estava fundamentada no nacionalismo. Por isso, devemos agora procurar por outro povo, o qual não tenha o menor traço de sentimento nacional, mas esteja pronto, como eu, a estapear

350. Semelhante visão do socialismo e da Comuna de Paris aparece em “Os Demônios” e em esboços de “O Adolescente”. (N. do T.)

351. Félix Pyat (1810-1889), jornalista e dramaturgo francês, integrou a Comuna de Paris, sendo um dos líderes mais violentos do movimento e apoiador do “terror”; foi o mandante direto de famosos atos de vandalismo, como a destruição da casa de Thiers e da igreja erguida em homenagem a Luís XVI. (N. do T.)

o rosto da própria mãe (Rússia)." E, espumando de raiva, ele continuaria a escrever os seus artigos odiosos, a desprezar a Rússia, negando-lhe seus maiores fenômenos (como Puchkin), em sua sede de transformar a Rússia em uma nação *vazia* que, assim, pudesse assumir a liderança das atividades humanas universais. Ele aceitaria como sinal de grande sorte o jesuitismo e a hipocrisia de nossos proeminentes homens públicos. Você nunca o conheceu, mas eu tive contatos pessoais com ele, e agora posso lhe dar sua perfeita medida. O homem, conversando comigo certa vez, desdenhou o Salvador e, no entanto, jamais teve coragem de comparar, seja ele ou todo o resto dos cavalheiros que movimentam o mundo, com o Cristo. Ele não era capaz de ver como eles, cada um deles, era insignificante, raivoso, impaciente, medíocre e, sobretudo, invejoso e orgulhoso. Ele nunca se perguntou: "Mas o que colocaríamos em Seu lugar? Certamente nenhum de nós, asquerosos como somos?". Não, ele nunca refletiu na hipótese de que ele era mau; ele estava, até o último grau, contente consigo mesmo, e apenas isso serve para mostrar sua mesquinha, patética e singular estupidez.

Você diz que ele era talentoso. Não, não era de modo algum. Meu Deus, quanta bobagem Grigoriev escreveu sobre ele! Posso ainda recordar meus assombros na juventude quando li algumas de suas críticas puramente estéticas (como, por exemplo, a que escreveu sobre "Almas Mortas"): ele tratou os personagens de Gogol com incrível superficialidade e falta de entendimento, e simplesmente se alegrou por ter Gogol *acusado* alguém. Nos quatro anos de minha permanência no estrangeiro, reli todo o trabalho dele como crítico. Ele desdenha de Puchkin, quando Puchkin produziu obras como "O Negro de Pedro, o Grande" e "Os Contos de Bielkin". Bielinski, aliás, disse que "Os Contos de Bielkin" são inteiramente sem valor. Em "A Caleche"³⁵², ele percebeu não uma criação artística, mas uma mera historieta cômica. Ele abjurou completamente a conclusão do "Eugene Onegin" – e foi o primeiro a falar de Puchkin como um homem da corte. Disse que Turgueniev jamais seria um artista – e isso depois de ter lido o excelente conto "Os Três Retratos". Eu poderia lhe dar, sem muito refletir, provas incontáveis de que Bielinski não tinha sequer um átomo de senso crítico, nem a tal "vibrante sensibilidade" da

352. Trata-se de um dos contos mais curtos de Gogol, publicado em 1836 e considerado um dos melhores do autor pelo escritor e dramaturgo russo Anton Tchekhov. (N. do T.)

qual Grigoriev tanto falava (afinal, este era também um poeta). Ainda vemos Bielinski e outros tantos de nossos contemporâneos através da aura de tais julgamentos fantasiosos.

Será que não lhe escrevi uma linha sequer a respeito de seu artigo sobre Turgueniev? Eu li o texto, como leio todos os seus escritos, com grande alegria, mas ao mesmo tempo com certa perturbação. Uma vez você me afirmou que Turgueniev perdera a verve, já não tinha mais ideia do que dizer sobre certas manifestações da vida russa (ele debocha delas, de todas) e foi corajoso em admitir que também seu talento artístico estivesse diminuído em seus trabalhos mais recentes – pois não poderia ser de outra forma. Mas, em seu artigo, você diz o oposto disso, que os últimos trabalhos dele estão no mesmo nível que os primeiros. Podem ambas as afirmações serem corretas? Possivelmente, o erro é de minha parte (não no julgamento de Turgueniev, mas na interpretação do artigo). Talvez você tenha apenas se expressado de forma confusa.

Saiba disso: toda aquela escola literária é não mais que “literatura de proprietários de terra”. E esse tipo de literatura já disse tudo o que tinha a dizer (particularmente bem no caso de Tolstói). Mas já disse sua palavra derradeira e está extinta para novas tentativas. Uma nova escola, que irá lhe tomar o lugar, ainda está por vir; ainda não tivemos tempo suficiente para produzi-la. (Os Rechetnikovs³⁵³ nada disseram até agora. Contudo, os trabalhos de um Rechetnikov demonstram a necessidade de uma nova visão na literatura, que possa substituir a dos proprietários de terra – embora se expresse de forma tão canhestra.)

[...] ³⁵⁴

Seu sempre amigo,

Fiódor Dostoiévski

353. Fiódor Mikhailovitch Rechetnikov (1841-1871), escritor russo de romances “etnográficos”, nos quais retratava as classes menos favorecidas da Rússia. Dostoiévski usa-o como símbolo de uma nova geração de escritores que surgia na Rússia de então. (N. do T.)

354. Omite-se trecho no qual Dostoiévski fala de seu retorno a São Petersburgo. Dostoiévski retornou à Rússia em 8 de julho de 1871. (N. da E.)

O REGRESSO À RÚSSIA
E A CONSAGRAÇÃO
COMO ESCRITOR

**LXX. Carta a Sra. Khristina Danilovna Altchevski:
Petersburgo, 9 de abril de 1876.**

[...] ³⁵⁵ A senhora escreve-me dizendo que estou desperdiçando meu talento em troca de bagatelas no “Diário de um Escritor”. Não é a primeira a me falar disso. E desejo dizer à senhora e aos outros: fui levado à convicção de que um artista se deve fazer conhecer por seu público, até o menor dos detalhes, não apenas sobre suas técnicas literárias, mas sobre tudo relacionado à realidade que ele se propõe a retratar. Temos apenas um único escritor que é realmente notável quanto a isso: o conde Liev Tolstói. Victor Hugo, a quem tanto admiro como romancista (imagine só: o falecido Tchutchev certa vez enraiveceu-se comigo por conta de minha paixão por Hugo e disse que meu “Crime e Castigo” era muito melhor que “Os Miseráveis”) certamente se alongava em suas descrições de detalhes, mas nos dá os mais maravilhosos efeitos de observação, os quais estariam ocultos ao mundo se não fosse por sua arte. Como agora me proponho a escrever um longo romance, devo dedicar-me mais especialmente ao estudo da realidade: não me refiro à realidade no sentido literal, pois sou um profundo conhecedor, mas certamente às peculiaridades do momento presente. E, neste momento atual, interesse-me particularmente pela nova geração e, como decorrência disso, pela questão da vida familiar russa – a qual, em minha opinião, é hoje muito distinta do que era há vinte anos. Outras tantas questões da atualidade me interessam.

Aos cinquenta e três anos ³⁵⁶, eu já poderia – se houvesse qualquer preocupação de minha parte com isso – deixar de seguir o ritmo da geração mais nova. Recentemente, encontrei-me por casualidade com Gontcharov e perguntei-lhe se ele compreendia tudo o que acontece na atualidade; ele respondeu-me com muita franqueza que há muito tempo ele já não entende mais

355. Omite-se o início da carta, no qual Dostoiévski fala de amigos em comum. (N. do T.)

356. Há aqui um equívoco do escritor: em abril de 1876, ele já somava cinquenta e quatro anos. (N. da E.)

nada. É claro que eu sei que Gontcharov, com sua inteligência extraordinária, não apenas compreende tudo, mas é capaz de instruir os professores de hoje em dia. Mas no sentido em que fiz a pergunta (e que ele de pronto captou), ele sequer tem interesse em compreender os fenômenos da atualidade. “Meus ideais e tudo o que prezo em minha vida, são para mim muito caros” – ele disse – “e nos poucos anos que me restam por viver, pretendo me ater a eles; seria desgastante demais, para mim, estudar esses cavalheiros” (ele apontou a multidão que caminhava pelas ruas), “pois para isso teria que usar um tempo que hoje me é precioso”. Não sei se me compreende, prezada Khristina Danilovna: desejo imensamente escrever algo importante, e fazer isso com completo conhecimento do tema escolhido; por essa razão, preciso estudar um pouco mais e registrar minhas impressões no “Diário de um Escritor”, para que nada seja desperdiçado. Decerto que isso é apenas um ideal ao qual aspiro! Ouso dizer que a senhora não acreditará em mim se eu lhe disser que ainda não descobri a melhor forma para escrever o “Diário”, e não sei ao certo se um dia conseguirei tal façanha; o “Diário” pode muito bem prosseguir por mais dois anos, e ainda assim resultar em um completo fracasso como obra literária. Por exemplo, imagine isso: quando me disponho a trabalhar, tenho entre dez e quinze temas disponíveis – mas os assuntos que são de meu especial interesse, sempre reservo para outro momento. Se faço uso deles todos de uma só vez, tomam muito do meu espaço, exigem toda a minha energia (como, por exemplo, no caso de Kroneberg³⁵⁷) e acabam por afetar a qualidade da edição daquele mês. Sendo assim, escrevo sobre temas que não estão muito próximos a mim.

Por outro lado, a ideia de transformar esse jornal em um genuíno diário foi realmente ingênua de minha parte. Um diário autêntico é quase impossível; seria apenas uma peça ostentatória para agradar o gosto do público. A cada minuto chegam-me novos fatos, impressões que roubam a minha atenção, mas são coisas sobre as quais é impossível escrever.

Antes de ontem, logo pela manhã, vieram até mim, sem qualquer aviso, duas jovens moças em seus vinte anos. Disseram-me: “Há muito tempo sonhávamos em conhecê-lo. Todos riram de nós e disseram que o senhor não nos receberia, e que mesmo se aceitasse nossa visita, não se dignaria a conversar

357. O caso foi reportado na edição de fevereiro de 1876 do “Diário de um escritor”: trata-se de um processo contra certo Kroneberg, acusado de tratamento desumano contra sua filha de sete anos de idade. (N. da E.)

conosco. Mas estávamos determinadas a conhecê-lo e aqui estamos. Nossos nomes são..." Elas foram primeiro recebidas por minha esposa. Logo depois, eu apareci.

As jovens disseram-me que são estudantes na Academia de Medicina, onde há hoje cerca de quinhentas mulheres matriculadas, e que lá entraram "para obter uma educação superior, para no futuro serem úteis à sociedade." Eu nunca havia conversado com moças desse tipo (das antigas niilistas, eu conheci umas tantas, e estudei-as profundamente). Acredite, poucas vezes passei momentos tão agradáveis quanto aqueles que tive na companhia daquelas senhoritas que comigo estiveram por mais de duas horas. Que maravilhosa espontaneidade, que frescor de emoções, que pureza de coração e pensamentos, que *austera sinceridade*, que *sincera alegria*! Por intermédio delas, pude, depois, conhecer outras tantas moças, e devo confessar que a impressão deixada foi poderosa e agradável. Mas como poderia descrever tudo isso? Apesar de minha sinceridade, e do encanto com que me recordo daquelas jovens, não seria capaz de expressar isso em um jornal. A impressão foi de uma natureza muito pessoal. Mas, então, que impressões devo colocar em meu "Diário"?

Uma outra situação. Ontem, ouvi a seguinte história: um jovem rapaz, um estudante de uma instituição que prefiro não revelar (conheço sua família), está visitando alguns amigos e acidentalmente entra no quarto do tutor e vê um livro *proibido* sobre a mesa; ele imediatamente diz ao dono da casa e o tutor é demitido no mesmo dia. Quando, em outra casa, alguém diz ao rapaz que ele é culpado de uma má ação, ele não consegue compreender o que fez desse modo. Aí, temos o reverso da moeda. Mas como posso escrever sobre isso? O primeiro caso era uma impressão de natureza absolutamente pessoal; no outro, o processo de reflexão e temperamento de um jovem que não consegue perceber a maldade em seu gesto, algo sobre o qual eu teria muito gosto em descrever, nada tem de pessoal e, por isso, foge à minha capacidade.

Mas escrevi muito sobre tudo isso. A verdade é que, para mim, é terrivelmente difícil escrever cartas. Não tenho o menor talento para isso. Perdoe-me também pela péssima caligrafia. Estou com dor de cabeça, é a gripe – meus olhos estiveram doloridos por todo o dia e escrevo estas linhas quase sem enxergar as letras.

Permita-me saudá-la e colocar-me entre os seus inúmeros admiradores.
 Seu humilde servo,
 Fiódor Dostoiévski

LXXI. Carta a Vsevolod Sergueievitch Soloviov³⁵⁸:
 Ems, 16 de julho de 1876.

[...] ³⁵⁹ Com minha partida, deixei para trás algumas questões pessoais, mesmo as mais prementes, sem solução. Mas aqui, neste tedioso *spa*, sua carta literalmente me renovou e aqueceu o coração; estava a ponto de me sentir amargurado – não sei ao certo se tenho razões para tal, mas sempre que venho a Ems vivo esse tormentoso estado de espírito, sinto-me aéreo, mais ou menos hipocondríaco, deprimido. Não sei definir se isso advém de meu isolamento em meio à multidão de 8.000 “pacientes”, ou do clima deste lugar; sinto apenas que estou sempre em um estado de saúde pior que o da maioria das pessoas aqui. E você me escreve dizendo que precisa falar comigo – como eu adoraria vê-lo novamente!

A edição de junho do “Diário de um Escritor” agradeou você, então. Fico muito feliz, e por uma razão especial. Nunca havia me permitido seguir minhas mais profundas convicções até as últimas consequências em meus textos públicos – nunca havia dito minha *última palavra*. Um correspondente das províncias, muito inteligente, reprovou-me certa vez por sugerir tantas questões relevantes em meu “Diário” sem jamais discuti-las; ele encorajou-me – quase me exigiu – para que eu fosse mais audacioso. Então, decidi que eu iria, ao menos uma vez, dizer a palavra final sobre uma de minhas convicções – o papel e o destino da Rússia ante as demais nações – e proclamei que todas as minhas projeções talvez não sejam cumpridas em um futuro imediato, mas já foram parcialmente realizadas.

E então aconteceu exatamente o que eu esperava: mesmo aqueles jornais e revistas que eram amigáveis protestaram, dizendo que todo o meu artigo era para-

358. Vsevolod Sergueievitch Soloviov (1849-1903), autor russo de romances históricos, irmão mais velho do filósofo Vladimir Soloviov. Vsevolod Soloviov ficaria conhecido mais tarde por seu envolvimento com a fundadora da Teosofia, Helena Petrovna Blavatsky, e sua posterior campanha de difamação contra ela. (N. do T.)

359 Omite-se o início da carta, no qual Dostoiévski relata ao amigo os detalhes de sua partida para a temporada em Ems. (N. do T.)

doxal, enquanto outros não deram a menor atenção a ele – e aqui estou eu, acreditando ter aberto a mais importante de todas as questões! É isso o que acontece quando se tenta levar uma ideia às últimas consequências! Coloque o paradoxo que quiseres, mas sem levá-lo à conclusão definitiva, e todos dirão que é sutil, refinado, *comme il faut*³⁶⁰; mas faça pública a sua última palavra, e com franqueza (não por sugestões) declare: “Eis o Messias!” – e ninguém mais lhe dará crédito, por ser de tal modo tolo levar uma ideia até a conclusão definitiva! Se mesmo um famoso sábio, um Voltaire, decidisse de uma vez por todas revelar toda a força de suas crenças genuínas ao invés de insinuações ou alusões ao tema, mostrar seu verdadeiro eu, certamente não teria angariado uma migalha sequer do sucesso que desfrutou em vida – seria meramente ridicularizado. Os homens, por instinto, evitam dizer sua palavra final; há um preconceito generalizado contra “pensamentos revelados”:

*Uma vez dito, o pensamento torna-se mentira.*³⁶¹

Agora, você pode avaliar melhor o quanto suas expressões amigáveis sobre a edição de junho do “Diário” me agradam. Pois você compreendeu minhas palavras da maneira exata com que as pensei eu mesmo. Agradeço por isso, pois confesso que estava um tanto desapontado, recriminando-me por minha precipitação. Se houver ao menos algumas pessoas do público que me compreenderam como você, cumpri com meu objetivo e estou contente – minhas palavras não foram em vão. Mas o resto proclamou com gritos de euforia: “Ele é tão assustadoramente paradoxal!”. E os que dizem isso são precisamente os que nunca tiveram uma ideia própria em toda a sua vida.

Permanecerei aqui até 7 de agosto. Estou bebendo as águas medicinais e, em verdade, jamais me convenceria a permanecer neste lugar se não estivesse convencido de que o tratamento é realmente bom para mim. Não vale a pena descrever Ems!

Prometi ao público lançar uma edição dupla do “Diário” em agosto, mas até agora não escrevi uma linha sequer. O tédio deixou-me tão apático que vejo o trabalho que tenho a fazer com relutância, como se fosse uma desventura iminente. Já prevejo que essa edição será muito ruim. De qualquer modo, escreva-me novamente enquanto eu estou aqui, meu caro amigo. [...]

360. Em francês, no original: “como deve ser”. (N. do T.)

361. Verso do poema “Silentium” (1830), de Tiutchev. Dostoiévski cita-o também em “Os Irmãos Karamazov”. (N. do T.)

LXXII. Carta a Senhorita A. F. Gerassimov:
Petersburgo, 7 de março de 1877.

Prezada Senhorita Gerassimov!

Sua carta perturbou-me imensamente, pois não pude respondê-la prontamente. O que terá a senhorita pensado de mim? Em seu penoso estado, talvez tenha visto meu silêncio como uma afronta.

A senhorita precisa saber que estou assoberbado com o meu trabalho. Além de meus textos para o jornal “Diário de um Escritor”, tenho que responder a muitas cartas. Recebo diariamente várias cartas do mesmo teor que a sua, para as quais não posso destinar apenas algumas linhas de resposta. Mais que isso, sofri recentemente três ataques de epilepsia, e de tal violência – e em tão curto espaço de tempo – como não os tinha há anos. Após cada ataque, sinto-me tão abalado física e mentalmente que por dois ou três dias não posso escrever ou mesmo ler. Agora que sabe disso, a senhorita irá perdoar meu longo silêncio.

Não vi sua carta, de forma alguma, como algo *infantil* ou *estúpido*, em suas palavras. Seus sentimentos são algo comum nos dias de hoje, e há muitas jovens que sofrem o mesmo que a senhorita³⁶². Mas não pretendo escrever muito sobre esse tema; exporei apenas minhas ideias fundamentais sobre o assunto, em termos gerais e especificamente no que concerne à senhorita. Se recomendo à senhorita que permaneça na casa de seu pai e aceite alguma ocupação *inteligente* (que corresponda ao curso que a senhorita concluiu), a senhorita não ficará muito inclinada a me ouvir. Mas por que está com tamanha pressa, por que teme qualquer demora? A senhorita deseja fazer algo *útil* o quanto antes. E, de fato, com seu ardor (considero que seja genuíno), a senhorita poderia – se não agir precipitadamente, prosseguindo em seus estudos um pouco mais – preparar-se para atividades que seriam *cem vezes* mais úteis que os obscuros, insignificantes papéis de enfermeira, parteira ou médica. A senhorita deseja entrar urgentemente na Escola de Saúde para Mulheres³⁶³

362. Seu drama era comum às jovens de uma época de transformações na Rússia: filha de um rico comerciante, a senhorita Gerassimov almejava prosseguir seus estudos em um curso superior de Medicina, no que entrou em conflito com a visão conservadora do pai, que não admitia a necessidade de uma mulher prosseguir em seus estudos. (N. do T.)

363. Instituição de nível secundário, fundada em 1869 em São Petersburgo, voltada para a formação de auxiliares de enfermagem e parteiras. (N. do T.)

daqui. Eu devo recomendá-la que não faça isso. Não ganhará educação alguma por lá; muito pelo contrário. E o que ganhará sendo parteira ou médica? Tal chamado – se a senhorita vir de fato nisso tal importância – pode ser atendido muito bem no futuro; mas não seria melhor buscar alternativas, investir em sua educação geral? Procure todos os especialistas (mesmo os professores universitários) – por que eles estão perdendo terreno e sofrendo (ao invés de construindo) por conta de suas próprias profissões? Isso acontece pelo simples fato de que nossos especialistas são, surpreendentemente, pessoas com baixo nível educacional. Em outras terras, é muito diferente: lá podemos encontrar um Humboldt ou um Claude Bernard, pessoas com ideias amplas, vasta cultura e conhecimento além de suas áreas de especialização³⁶⁴. Mas, na Rússia, mesmo as pessoas altamente qualificadas são incrivelmente mal formadas intelectual-mente. Por exemplo, Setchenov³⁶⁵, que no fundo é pouco educado e não sabe nada além de seu estreito campo de conhecimento; de seus adversários científicos (os filósofos), ele não tem noção alguma; assim, seus esforços científicos são mais prejudiciais que benéficos. E a maioria de nossos estudantes – homens e mulheres – não teve uma educação de fato. Como poderão ser úteis à humanidade! Estudam apenas o suficiente para receber os seus trocados assim que possível. [...]

LXXIII. Carta a Aleksandr Pavlovitch N.:

19 de maio de 1877.

Prezado Aleksandr Pavlovitch,

○ senhor terá a bondade de perdoar o meu atraso em enviar esta resposta? Apenas hoje pude deixar Petersburgo por uns dias; tenho estado profundamente ocupado, e some-se aos meus problemas a minha saúde precária. Mas o que irei escrever ao senhor agora? ○ senhor é inteligente o bastante

364. Alexander von Humboldt (1769-1859), naturalista alemão conhecido por sua atuação em diversas áreas do conhecimento: foi antropólogo, botânico, etnógrafo, físico, geógrafo, geólogo, mineralogista e vulcanólogo, além de eminente humanista. Claude Bernard (1813-1878), médico e fisiologista francês, apontado em sua época como “um dos maiores cientistas de todos os tempos” e considerado o pai da fisiologia experimental; além de seu conhecimento científico, aventurou-se ainda como dramaturgo. (N. do T.)

365. Ivan Mikhailovitch Setchenov (1829-1905), famoso fisiologista russo, considerado o “pai da fisiologia russa”. (N. do T.)

para perceber que as perguntas que me propôs são abstratas e nebulosas; além disso, não tenho qualquer conhecimento de quem o senhor é. Também vivi por dezesseis anos com questionamentos parecidos com os do senhor, mas de uma forma ou de outra eu estava certo de que cedo ou tarde iria encontrar meu verdadeiro caminho, e por isso não me atormentava muito. Não era demasiado importante para mim que posição eu iria ocupar na literatura; em minha alma havia esta chama, e eu acreditava nela, não me importando nem um pouco com o que disso surgiria. Tenho minha experiência, já que o senhor me perguntou sobre ela.

Como posso conhecer o seu coração? Se o senhor ouvir o meu conselho, sugiro-lhe acreditar sem hesitação em seu impulso interior; talvez o destino o guie para uma carreira literária. Suas pretensões são, de fato, muito modestas, já que diz almejar não mais que ser um escritor do segundo escalão. Eu acrescentaria algo mais: meus próprios impulsos da juventude furtaram-me de ter uma visão prática da vida — é certo que sempre fui um escritor, não um engenheiro; contudo, durante todo o meu curso na Escola de Engenharia, do primeiro ao último ano escolar, estive sempre entre os melhores alunos; assumi, depois, um posto no Exército, mesmo sabendo que, mais cedo ou mais tarde, eu abandonaria a carreira. Mas não vi nada naquela profissão que fosse condizente com o que eu almejava; eu estava ainda mais convencido do que o futuro me reservava, e que eu sozinho conseguiria alcançá-lo. Da mesma forma, se uma carreira no serviço público não permite que o senhor exerça sua vocação literária, por que o senhor deveria aceitar tal compromisso?

Naturalmente, escrevo sem qualquer certeza, pois não conheço o senhor pessoalmente; mas quero lhe ser útil de alguma forma, e por isso respondendo à sua carta da maneira mais franca possível. Quanto a todo o resto, não passa, em grande parte, de exagero de sua parte.

Aceite meus cumprimentos.

Seu,

Fiódor Dostoiévski

LXXIV. Carta a Nikolai Lukitch Ozmidov: fevereiro de 1878.

Meu querido Nikolai Lukitch,

Deixe-me, antes de tudo, pedir perdão por minha demora em responder à sua carta, fruto de minha doença e de outros tantos contratempos. Em segundo lugar, o que posso dizer em resposta às suas perguntas, que remetem aos eternos problemas da humanidade? Será possível alguém tratar de tais questões no estreito escopo de uma carta? Se eu pudesse conversar consigo por algumas horas, seria diferente; e mesmo então eu iria falhar na tentativa de responder suas perguntas. É pouco provável que por palavras e argumentos seja possível convencer um descrente. Não seria melhor que você lesse, com o máximo de sua atenção, a todas as cartas de São Paulo? Ali se fala muito da fé, e de forma mais precisa que em qualquer outro texto. Recomendo a você a leitura de toda a Bíblia traduzida para o russo. Esse livro provoca uma impressão memorável em quem o lê. Ganha-se, ao menos, a convicção de que a humanidade não possui, nem pode possuir, outro livro de igual importância. Isso é algo alheio à questão de acreditar ou não. Não posso lhe dar nenhum tipo de ideia, mas digo apenas isso: cada organismo existe no mundo com um único objetivo – viver, e não aniquilar-se. A ciência deixou isso claro e compilou diversas leis sobre as quais se prova tal axioma. A humanidade como um todo é, naturalmente, não menos que um organismo. E tal organismo tem suas próprias condições de existência, suas próprias leis. A razão humana compreende essas leis. Agora, suponhamos que não exista Deus, tampouco a imortalidade (a imortalidade e Deus são um e o mesmo – uma ideia idêntica). Diga-me, então: por que eu deverei viver decentemente e praticar o bem, se eu irei definitivamente morrer aqui? Se não há imortalidade, não preciso viver a não ser para aquele dia, e deixo o resto para depois. E se é essa a realidade (e se sou esperto o bastante para não ser pego pelas leis vigentes), por que não devo matar, roubar, furtar, ou viver à custa de outro ser humano? Pois se vou morrer e tudo o mais também desaparecerá! Seguindo por esse caminho, pode-se chegar à conclusão de que o organismo humano por si só não é sujeito à lei universal, já que ele vive, mas destrói a si mesmo – não se preocupa em

manter-se vivo. Que espécie de sociedade é essa, na qual os seus membros são mutuamente hostis? Apenas a mais completa confusão pode surgir de algo assim. E isso se reflete no meu *eu*, que pode absorver tudo isso. Se meu *eu* pode captar a ideia do universo e de suas leis, então esse *eu* posiciona-se sobre todas as outras coisas, julgando-as, desvendando-as. Nesse caso, o *eu* não só é libertado dos axiomas terrenos, das leis terrenas, mas tem sua própria lei, a qual transcende o que é terreno. Mas, de onde advém tal lei? Certamente não vem da terra, onde tudo morre e desaparece sem deixar vestígios. Não será isso um sinal da imortalidade humana? Se não houvesse a imortalidade, Nikolai Lukitch, estaria você preocupado com isso, buscando uma resposta, escrevendo cartas como a sua? Logo, você não pode se livrar do seu *eu*; seu *eu* não irá submetê-lo a condições terrenas, mas sim buscar algo que transcenda o terreno, ao qual o *eu* sinta pertencer. Mas o que quer que eu escreva será pouco.

Deixo meus cumprimentos sinceros. Mantenha-se em sua incansável busca, pois pode ser que encontre suas respostas.

Seu servo e amigo verdadeiro,

F. Dostoiévski

LXXV. Carta a uma mãe:

27 de março de 1878.

Tão honrada senhora!

Sua carta é de dois de fevereiro e somente hoje pude respondê-la, com um mês de atraso. Estive doente e muito ocupado, e por isso peço que não entenda mal minha demora.

A senhora envia-me perguntas que só poderiam ser respondidas em longos ensaios, jamais em uma carta. Além disso, a própria vida pode, por si só, fornecer as respostas para tais questionamentos. Se eu escrevesse de folhas manuscritas, alguns mal-entendidos, que poderiam ser facilmente contornáveis em uma conversa pessoal, poderiam em uma carta fazer com que a senhora me visse muito mal, e assim desprezasse toda a minha resposta. É possível, sem que nos conheçamos, e especialmente por meio de uma carta, tratar de

tais temas? Considero isso praticamente impossível, e acredito que qualquer tentativa faria mais mal que bem.

De sua carta, noto que a senhora é uma boa mãe, preocupada com seus filhos. Não posso imaginar, contudo, em que lhe seriam úteis as respostas às questões que a senhora me direciona: a senhora sofre em demasia com seus afazeres, e suas perplexidades são exageradas e mórbidas. A senhora deveria ver as coisas de modo mais simples – pergunta, por exemplo, “o que é o bem, e o que não é o bem?”. A que essas questões podem nos levar? Elas dizem respeito à senhora, são de cunho interior, e pouco têm a ver com a criação de seus filhos. Todo ser humano capaz de vislumbrar a verdade sabe, em sua consciência, o que é o bem e o que é o mal. Seja boa, e seu filho perceberá que a senhora é boa; dessa forma, seu dever para com seu filho será plenamente cumprido, pois ele terá a convicção imediata de que as pessoas devem ser boas. Acredite, assim será. Seu filho irá acalantar sua memória por toda a vida com grande reverência, com emoção profunda e sincera. E mesmo se a senhora fizer algo errado – ou seja, algo frívolo, mórbido ou mesmo absurdo –, seu filho irá esquecer mais cedo ou mais tarde, e lembrará apenas das coisas boas. Lembre-se de minhas palavras: em geral, não há muito mais que a senhora possa fazer pelo seu filho. E isso é, em verdade, mais que suficiente. A lembrança das boas qualidades dos pais – de seu amor pela verdade, de sua retidão, da bondade de seu coração, de sua constante relutância diante da mentira –, tudo isso cedo ou tarde fará de seu filho um novo homem, creia em minhas palavras. E não pense que isso é pouco. Quando enxertamos um galho em uma grande árvore, alteramos todos os frutos dela.

Seu filho está com oito anos de idade; mostre a ele os evangelhos, ensine-o a acreditar em Deus dentro dos preceitos de nossa fé. É uma condição *sine qua non* – sem isso, não há como fazer de seu filho um homem decente: na melhor das hipóteses, ele será um *sufredor*; na pior delas, um ser apático com um destino ainda mais deplorável. A senhora nunca encontrará um guia melhor para o seu filho que o Cristo, em lugar nenhum, acredite em mim.

Imaginemos agora seu filho com dezesseis ou dezessete anos, vindo até o pai ou à senhora (depois de travar contato com algumas más companhias na escola, por exemplo) e questionando: “Por que devo amá-los, por que isso seria

minha obrigação?”. Creia-me quando lhe digo que nenhum conhecimento ou ponderação irá ajudá-la nessa hora – a senhora não será capaz de dar-lhe uma resposta convincente. Por isso, a senhora deve agir para que seu filho *nunca venha a lhe questionar* dessa forma. Mas isso somente é possível se seu filho estiver ligado à senhora por um amor tal que impeça até mesmo que uma pergunta como essa surja em sua mente – a menos que o ambiente escolar lhe suscite tal pensamento, mas a senhora saberá facilmente separar o joio do trigo; e mesmo que ele ocasionalmente venha a lhe fazer tal pergunta, a senhora será capaz de respondê-la apenas com um sorriso, seguindo em silêncio o caminho do bem.

Se a senhora continuar a se preocupar com seus filhos de forma tão desnecessária e exagerada, isso afetará seus nervos e a senhora será um problema para eles. E isso acontecerá ainda que seu amor mútuo seja grande – por isso, deve ser cuidadosa e cultivar a moderação em tudo o que faz. Parece-me que, nesse sentido, a senhora não tem qualquer senso de moderação. Em sua carta, por exemplo, há esta frase: “Se eu vivo para eles (para meu esposo e meus filhos), é uma vida egoísta; devo então viver uma vida egoísta, quando há ao meu redor tantos que precisam de meu auxílio?” Que pensamento descabido e inútil! O que lhe impede de ser útil ao próximo e, ao mesmo tempo, uma boa esposa e mãe? Pelo contrário: se a senhora viver também para o seu semelhante e com ele compartilhar seus bens terrenos e as emoções de seu coração, dará aos seus filhos um exemplo magnífico, e seu esposo amará a senhora ainda mais. Mas se tais questionamentos afloram em sua mente, penso que a senhora considera seu dever manter-se junto ao seu esposo e filhos e, por conseguinte, afastada de todo o resto do mundo – ou seja, sem qualquer moderação. Dessa forma, a senhora será não mais que um fardo para seus filhos, mesmo que muito a amem. Noto que seu campo de ação lhe parece pequeno e que a senhora almeja algo maior, talvez do tamanho do mundo. Mas será sensato para qualquer um de nós almejar tanto?

Acredite-me, senhora: é importantíssimo e útil oferecer um bom exemplo, mesmo na mais restrita esfera de ação, pois desse modo influenciaremos centenas de pessoas. Seu compromisso – o de jamais mentir e viver em verdade – fará com que as pessoas ao seu redor reflitam; terá uma grande influência sobre elas. Isso é um grande feito. Dessa forma, pode-se fazer muito. Foi in-

sensato deixar tudo isso de lado e partir, com a mente repleta desses questionamentos, para Petersburgo, na intenção de entrar na Academia de Medicina ou na Escola de Saúde para Mulheres. Encontro diariamente senhoras e senhoritas dessas escolas – que assustadoras limitações vejo nelas! E todo o talento que um dia tiveram, está nelas arruinado. Não vendo nenhuma atividade séria em seu meio, começam a amar a humanidade teoricamente, apenas nos livros; amam a humanidade, mas desprezam os desafortunados, entediam-se em sua companhia, evitam-nos.

Não sei ao certo como posso responder às suas perguntas, pois não entendo desses assuntos. Quando uma criança traz em si um caráter mau, isso é naturalmente atribuído às más inclinações inatas (não há dúvidas de que todo ser humano traz em si más inclinações), bem como à incapacidade ou à preguiça de seus responsáveis, por não terem *sufocado* tais tendências ou por não conduzirem (por seu exemplo) a criança por outros caminhos. Da validade de tal *trabalho* eu gostaria de falar. Se bons princípios forem ensinados ao seu filho desde cedo, o resultado virá por si só. Mas, basta. Já escrevi muito e estou cansado, ainda que tenha dito tão pouco. Mas estou certo de que a senhora me entenderá.

Com todo respeito, de seu mais obediente servo,
Fiódor Dostoiévski

P.S.: Pedro o Grande, com sua fortuna de um milhão e meio de rublos, poderia ter vivido uma existência letárgica em seu palácio imperial em Moscou. Trabalhou incansavelmente por toda a vida e sempre se questionou sobre os que nunca trabalharam.

**LXXVI. Carta a um grupo de estudantes moscovitas:
18 de abril de 1878³⁶⁶.**

Honrados cavalheiros,

Perdoem-me por não ter respondido à sua carta prontamente; estive

366. Em 3 de abril de 1878, um grupo de estudantes que protestavam contra a prisão de alguns colegas em Kiev foram atacados e agredidos em praça pública por “açougueiros” do mercado de carnes de Moscou, que fica nas cercanias da Universidade. Esta carta é uma resposta à correspondência enviada por estes estudantes a Dostoiévski, solicitando seu apoio. (N. da E.)

doente e outros contratempos diversos também postergaram a minha resposta. Era minha intenção, a princípio, responder-lhes por meio dos jornais; mas isso não foi possível, por razões contra as quais não tenho qualquer ingerência. Além disso, eu não poderia ter respondido às suas perguntas com a devida importância. Mas, ainda assim, que poderei dizer aos senhores em uma simples carta? Suas indagações tocam nas mais profundas questões da vida russa: os senhores desejam que eu escreva um livro? Devo fazer minha confissão de fé?

Por fim, decidi escrever-lhes uma carta breve, ainda que corra o risco de ser completamente incompreendido pelos senhores — algo que seria muito penoso para mim.

Os senhores colocam em sua carta: “É de suprema importância que o senhor resolva o problema de quão grande é a nossa culpa nesse caso e que conclusões a sociedade, não menos que nós próprios, deve tirar desses incidentes.”

Creio que os senhores apontaram com muita precisão e clareza o verdadeiro significado das relações entre a imprensa russa contemporânea e as novas gerações em nossas universidades. Em nossa imprensa prevalece (em suas palavras) “um tom de condescendência e indulgência”. Isso é absolutamente verdadeiro; o tom é, de fato, condescendente, e moldado a certos padrões, não importa a situação; em outras palavras, é insípido e antiquado até o último grau.

Mais adiante, os senhores ponderam: “Honestamente, não temos nada mais a esperar dessas pessoas, que de sua parte também nada esperam de nós; e, assim, afastando-se de nós, pronunciam seu julgamento aniquilador, classificando-nos como ‘selvagens’.” Isso também é fato: *eles afastaram-se dos senhores*, dispensaram-nos por conta de suas ideias (a grande maioria deles). Mas há alguns homens, e não são poucos em número tanto na imprensa quanto na sociedade, que estão horivelmente perturbados pela noção de que as novas gerações romperam com o *povo* (principalmente) e com a sociedade. Pois isso é, em verdade, o que se vê. As novas gerações vivem sonhando, seguindo as ideias estrangeiras, não dando a menor importância para os problemas da Rússia — antes aspiram ensinar a pátria. Consequentemente, hoje as novas gerações tornaram-se, *sem sombra de dúvida*, campo fértil para aqueles partidos políticos inteiramente influenciados por ideias externas, que não se preocupam nem um pouco com os interesses dos jovens; antes, usam-nos como simples

contribuição – ovelhas para o matadouro – para seus fins particulares. Não me contradigam, cavalheiros, pois assim acontece.

Os senhores perguntam, cavalheiros: “Quão grande é a nossa culpa nesse caso?”. Eis a minha resposta: não os vejo com discernimento bastante para serem culpados. Pois os senhores não são mais que crias dessa mesma sociedade para a qual os senhores hoje viram as costas e acusam de ser uma “completa fraude”. Mas quando um de nossos estudantes abjura a sociedade, ele não o faz em sintonia com o povo, mas com uma nebulosa ideia “estrangeira”; alinha-se com o Ocidentalismo, com o conceito abstrato de um “Homem Universal”, afetando todos os laços que o unem com o povo: ele despreza o povo e julga-o mal, como um verdadeiro fruto daquela sociedade que ele ajuda a destruir. E, ainda assim, – no povo reside a nossa salvação (mas isso é um assunto complexo e vasto). As novas gerações não deveriam ser tão rapidamente apontadas como culpadas por essa ruptura com o povo. Que oportunidades tiveram, antes de entrar na vida prática, de formar quaisquer ideias *sobre* o povo? O pior de tudo isso, contudo, é que o povo já percebeu que as inteligências jovens da Rússia romperam com ele; ainda pior é o fato de que o povo identifique esses jovens como os “estudantes”. O povo há muito tempo, desde o início da década de 1860, tem observado esses rapazes; todos, entre aqueles que “foram até o povo”, têm sido rechaçados. O povo chama-os de “os jovens senhores”. Sei que são assim chamados. Em verdade, o povo também está equivocado, pois nunca houve um período em nossa vida russa em que (como se prevendo que a Rússia atingiu um ponto crítico e está à beira de um abismo) os jovens foram tão honestos, tão ávidos pela justiça, tão alegres, desejosos de dedicar suas vidas à verdade, como agora. Neles reside a grande esperança da Rússia! Há muito sinto isso, e tenho escrito sobre essas minhas impressões. Mas o que resultou de tudo isso? A juventude está procurando a verdade com avidez – mas sabe Deus onde! Nas mais diversas fontes (outro ponto que aproxima os jovens da sociedade russo-europeia decadente que os produziu) – mas nunca no povo, nunca em sua terra natal. A consequência é que, neste momento decisivo, nem a sociedade, nem a geração atual *conhece o povo*. Ao invés de viver a vida do povo, esses jovens, que não compreendem o povo e desprezam cada um de seus princípios fundamentais – por exemplo, a religião – vão até o povo

não para aprender com ele, mas condescendentemente para instruí-lo e civilizá-lo: um jogo absolutamente aristocrático! O povo chama-os apropriadamente de “jovens senhores”. É, de fato, estranhíssimo; ao redor do mundo, os democratas sempre estiveram ao lado do povo; na Rússia, os intelectuais democratas unem-se à aristocracia contra o povo; vão até ele “para fazer o bem”, quando, em verdade, desprezam seus costumes e ideais. Tal desprezo jamais levará ao amor!

No inverno passado, em sua manifestação diante da Catedral de Kazan³⁶⁷, os senhores invadiram a igreja, fumando cigarros, profanando o templo, fazendo escândalo. “Ouçam-me bem”, eu teria dito àqueles estudantes (em verdade, disse a alguns), “que não acreditem em Deus, isso é problema dos senhores; mas por que insultam o povo, profanando seu templo?”. O povo, mais uma vez enojado desses “jovens senhores” e, mais que isso, desses “estudantes” – embora houvesse um número incerto de judeus e armênios entre os manifestantes (o movimento era, como agora sabemos, de natureza política e organizado por grupos estrangeiros). Da mesma forma, depois do caso Sassulitch³⁶⁸, o povo passou a desconfiar desses “jovens senhores” armados. Isso é péssimo, pois havia, de fato, estudantes entre eles. Também é ruim que o povo tenha assinalado os estudantes, tratando-os como malfeitores e inimigos desde então. Os senhores mesmos, cavalheiros, em sintonia com os intelectuais, designam o povo de Moscou de “açougueiros”. O que isso significa? Por que os “açougueiros” não são membros do povo? Eles *são*, sim, pertencem ao verdadeiro povo – não era o grande Minin³⁶⁹ um açougueiro? Muitos estão agora enraivecidos pela forma como o povo escolheu para expressar seus sentimentos. Mas, pensem nisso: quando o povo é ofendido, sempre manifesta suas emoções dessa maneira. O povo é rude, constitui-se da plebe. Tudo não passou, em verdade, da exacerbação de um desentendimento que já existia há tempos (ainda que passasse despercebido) entre o povo e a sociedade, melhor dizendo, as novas gerações movidas pela ira e pela impulsividade. Tudo ocorreu da pior forma possível e não como deveria ter sido, pois com a força bruta não

367. Catedral de Nossa Senhora de Kazan, em Petersburgo. Seu interior é decorado com riquezas provenientes das campanhas vitoriosas da Rússia na década de 1810. A igreja era, à época, local de peregrinação popular graças ao ícone de Nossa Senhora de Kazan ali exposto, considerado milagroso (N. do T.)

368. Referência a Vera Sassulitch, uma notória terrorista julgada por crime político mas inocentada pelo júri. (N. da E.)

369. Kuzma Minin foi um herói nacional do século XVII, na Rússia, por defender o país contra a invasão da Polónia. Era um próspero açougueiro em Nijni Novgorod que se distinguiu como comandante das forças de defesa. (N. do T.)

se demonstra nada. Mas sempre tem sido assim, em qualquer lugar, com todos os povos. Os ingleses costumam ir às vias de fato em suas manifestações públicas; os franceses cantaram e dançaram diante da guilhotina a decepar cabeças. Mas o fato é que o povo (todo o povo, não apenas os “açougueiros”; em nada ajudará reduzir a verdade) revoltou-se contra as novas gerações e assinalou os estudantes. Por outro lado, precisamos notar o fato não menos perturbador (e muito significativo) de que a imprensa, a sociedade e a juventude conspiraram no julgamento equivocado do povo, dizendo que se tratava “não do povo, mas de uma turba”.

Cavaleiros, se os senhores encontrarem em minhas palavras algo que contrarie sua visão, o melhor a fazer é não se enfurecer contra mim. Não há porque criar uma celeuma a partir disso. Em nossa sociedade apodrecida, nada reina acima da decepção mútua. Ela já não pode manter-se de pé por conta própria. O povo, por si só, é forte e perseverante, mas entre a sociedade e o povo tem existido, nos últimos dez anos, um terrível afastamento. Quando os sentimentalistas libertaram o povo da servidão, eles acreditaram, no calor das emoções, que o povo iria instantaneamente agarrar-se àquela fraude europeia a que chamamos civilização. Mas o povo se mostrou muito independente, e agora começa a se dar conta da falta de sinceridade das camadas mais altas da sociedade. Os eventos dos últimos dois anos apenas fortaleceram isso e aclararam a situação. Ainda assim, o povo é capaz de distinguir entre seus amigos e adversários. Muitos fatos tristes e deploráveis precisam ser reconhecidos: jovens sinceros e honestos, em busca da verdade, partiram em sua jornada rumo ao povo, em busca de alívio para seu vazio existencial – e o que aconteceu? O povo rechaçou-os, recusando-se a reconhecer seus esforços verdadeiros. Pois aqueles rapazes julgavam que o povo fosse diferente do que realmente são; eles odiavam e desprezavam seus ideais, e ofereciam-lhe soluções que o povo só poderia ver como insensatas, loucas.

O diabo está à solta em Petersburgo. Entre os jovens daqui, reina o culto ao revólver e a convicção de que o governo os teme. O povo, como sempre, despreza-os e não se identifica em nada com eles – mas eles não percebem que o povo não os teme e que jamais perderá a razão. O que acontecerá quando houver outro enfrentamento? Cavaleiros, vivemos em tempos inquietos!

Escrevi-lhes, senhores, o que eu podia. De forma alguma considero ter respondido à sua pergunta: no meu ponto de vista, os estudantes não merecem a culpa; muito pelo contrário, nossa juventude nunca foi tão sincera e honesta como agora (um fato que tem seu significado histórico). Mas, infelizmente, nossa juventude suporta hoje toda a desilusão de dois séculos de história. Consequentemente, ela não tem o poder de isolar os fatos, e não deve ser condenada pelo ocorrido, mesmo porque é parte interessada no caso – e a parte ofendida. Abençoados os que conseguirem encontrar o caminho correto em meio a essas circunstâncias todas! O rompimento com o meio será bem mais decisivo que o rompimento entre a sociedade de ontem e a de hoje, como profetizam os socialistas. Pois se alguém deseja ir até o povo e comungar com ele, deve antes aprender a não desprezá-lo – e isso é algo praticamente impossível de ser feito por nossas classes mais altas. Em segundo lugar, é preciso acreditar em Deus, o que é impossível para os Ocidentalistas (ainda que os genuínos europeus acreditem em Deus).

Saúdo-os, cavalheiros, e, se me permitirem, aperto suas mãos. Se lhes puder pedir um grande favor, digo-lhes que não me vejam como um sacerdote a dar-lhe um sermão. Os senhores escreveram-me para que eu falasse a verdade dentro de minha alma e de minha consciência, e assim o fiz, da melhor forma que sei. Pois nenhum homem é capaz de fazer mais que suas forças e capacidades permitem.

Seu devotado,
Fiódor Dostoiévski

LXXVII. Carta a senhorita Ekaterina Fiodorovna Iunge³⁷⁰:
Petersburgo, 11 de abril de 1880.

Muito estimada e graciosa senhorita,

Perdoe-me por ter deixado sua bela e gentil carta sem resposta por tanto tempo. Não veja isso como uma negligência de minha parte. Queria muito dizer-lhe algo muito franco e cordial, mas minha vida tem passado em tamanha desor-

370. Ekaterina Fiodorovna Iunge (1843-1913), artista plástica russa, filha do pintor russo Fiódor Petrovitch Tols-tói. (N. do T.)

dem e pressa que apenas em alguns raros momentos sinto-me inteiramente no controle de mim mesmo. Mesmo agora, quando tenho, enfim, um momento para escrever esta carta, penso que não sou capaz de revelar senão um pequeno fragmento de tudo o que se passa em meu coração e que gostaria de compartilhar com a senhorita. Sua opinião é extraordinariamente preciosa para mim; a senhora sua mãe mostrou-me uma passagem em sua carta para ela relacionada comigo, e suas palavras comoveram-me profundamente; em verdade, assombraram-me, pois sei que, como escritor, tenho inúmeras falhas, e eu mesmo não estou satisfeito com o que escrevo. Devo confessar que naqueles terríveis – e frequentes – momentos nos quais me submeto a meu próprio julgamento, chego à dolorosa conclusão de que em minhas obras eu nunca disse mais que a vigésima parte do que gostaria de dizer, e talvez *pudesse*, de fato, ter dito. Meu único refúgio é a esperança constante de que Deus algum dia derrame sobre mim tal inspiração e força que me permita expressar plenamente tudo o que trago em meu coração e em minha imaginação. Recentemente houve aqui um debate público com o jovem filósofo Vladimir Soloviov (um dos filhos do renomado historiador) sobre sua tese de doutorado; e eu ouvi dele este profundo pensamento: “Estou firmemente convencido de que a humanidade sabe muito mais do que até hoje conseguiu expressar pela ciência ou pela arte.”. O mesmo acontece comigo: sinto que guardo em mim muito mais do que até hoje estabeleci em meus escritos. E se eu deixar a falsa modéstia de lado, talvez consiga perceber que mesmo no que eu *consegui* escrever, há muita coisa que vem do mais íntimo do meu ser. Juro que, embora eu tenha recebido o reconhecimento de muitos, possivelmente bem mais do que eu mereceria – os críticos, os críticos de jornais e revistas literárias, que certamente têm com frequência (não, melhor seria dizer, muito raramente) elogiado meu trabalho, mesmo esses têm falado de mim tão superficialmente que me sinto na obrigação de entender isso como um sinal de que tudo o que meu coração trouxe à luz do dia, com dor e tribulação, e que veio diretamente de minha alma, simplesmente passou despercebido. De tudo isso, a senhorita pode imaginar a deliciosa impressão que me causaram seus delicados e profundos comentários sobre meu trabalho que li na carta apresentada pela senhora sua mãe.

Mas escrevo apenas de mim, o que é natural em uma carta direcionada à perspicaz e compassiva crítica literária que na senhorita percebo. A senhorita

descreve a fase pela qual sua mente está agora a passar. Sei que a senhorita é uma artista — uma pintora. Permita-me que lhe ofereça um conselho que vem direto de meu coração: dedique-se à sua arte com mais empenho ainda do que até hoje pode dar. Sei, por ter ouvido de terceiros (não tome isso como algo ruim de minha parte) que a senhorita não é feliz. Viver sozinha e remoer continuamente as feridas de seu coração, residindo em meio às suas memórias, pode transformar sua vida em algo difícil demais para suportar. Há apenas uma cura possível, um refúgio: a arte, a atividade criativa. Mas não ouça minhas palavras como uma tentativa de extrair-lhe qualquer confissão — guarde-as para si. Perdoe-me por lhe oferecer conselhos; adoraria poder encontrá-la e dizer-lhe algumas palavras pessoalmente. Após a carta que recebi da senhorita, não posso evitar considerá-la alguém muito querida para mim, uma alma próxima de minha alma, uma irmã do coração — como poderia ser diferente?

Mas o que a senhorita me diz de sua dualidade interior? Digo-lhe que não é nada incomum entre as pessoas — digo, entre as pessoas que não são comuns. É algo próprio da natureza humana, embora não aconteça em todas as pessoas com a mesma intensidade que na senhorita. É precisamente nesse sentido que considero nossas almas muito próximas, pois sua dualidade corresponde em tudo à minha. É, ao mesmo tempo, causa de grande tormento e de delícia. Tal dualidade apenas significa que a senhorita tem uma forte consciência de si mesma, uma tendência à autocritica e um sentimento de dever moral para consigo e toda a humanidade. Se sua inteligência fosse menos desenvolvida, se a senhorita fosse mais limitada, se fosse menos sensível, talvez não sentisse tal dualidade. Seria o oposto: teria surgido em seu coração uma grande arrogância. Ainda assim, tal dualidade é um grande tormento. Minha querida, adorada Katerina Fiodorovna, a senhorita acredita em Deus e em seus mandamentos? Se acredita n'Ele (ou, pelo menos, tem um forte desejo de acreditar), então se deixe encantar por Ele; a dor de tal dualidade será aliviada e a senhorita encontrará a cura — mas a fé é o início de tudo. Perdoe-me pela confusão de minha carta. Se ao menos a senhorita soubesse como tenho perdido a capacidade de escrever cartas, e as dificuldades que tenho! Mas não quero perder a dádiva de uma amizade como a sua.

Até breve. Seu mais devotado e sincero amigo,

Fiódor Dostoiévski

**LXXVIII. Carta a Elena Andreievna Stackenschneider³⁷¹:
Staraia-Russa, 17 de julho de 1880.**

Tão estimada Elena Andreievna,

Devo apelar à sua humanidade e indulgência quando lhe peço que me perdoe por ter deixado sem resposta e por tanto tempo a sua belíssima carta de 19 de junho. Mas imploro que considere os fatos; talvez assim encontre forças para ser compassiva mesmo com alguém como eu. Em 11 de junho retornei de Moscou para Staraia-Roussa e, embora estivesse esgotado, voltei aos “Karamazov” e escrevi três folhas inteiras de um só fôlego. Depois de enviar os manuscritos, dediquei-me à leitura de todos os artigos nos jornais sobre o meu discurso em Moscou (tenho estado tão atarefado que até agora não havia lido nada sobre isso), e decidi escrever uma réplica para Granovski. Imaginei-a menos como uma resposta a ele e mais como um manifesto de nossa fé na Rússia – pois a importante crise em andamento na vida de nossa sociedade, tão perceptível em Moscou, durante as celebrações a Puchkin, foi deliberadamente anuviada pela imprensa, colocada em segundo plano. Nossa imprensa, particularmente em Petersburgo, mostrou-se alarmada por essa nova situação, sem paralelo em nossa história: a sociedade mostrou claramente que já não suporta mais os ataques intermináveis à Rússia e, conseqüentemente, deseja algo diferente. Mas tal fato teve que, naturalmente, ser por eles distorcido, amainado, ridicularizado: “Nada disso! Não houve senão a generalizada beatitude diante dos opulentos banquetes moscovitas. Aqueles cavalheiros simplesmente agiram daquela forma por terem comido demais.”. Eu já havia decidido, em Moscou, publicar meu discurso em um jornal local, e fazer imprimir uma edição do “Diário” imediatamente ao chegar a Petersburgo. Nessa edição – a qual será, aliás, a única este ano –, penso em publicar meu discurso com um preâmbulo que me ocorreu logo depois de ter descido da tribuna, ali mesmo, no instante em que, junto a Aksakov e os demais, mesmo Turgueniev e Annenkov correram até mim para cobrir-me de beijos e cumprimentos, clamando a todos

371. Elena Stackenschneider era filha do renomado arquiteto-chefe de Nikolai I, Andrei Ivanovitch Stackenschneider (1802-1865), considerado o introdutor do Romantismo na arquitetura russa. Em sua casa, funcionava à época um dos mais renomados salões literários de Petersburgo. O diário de Elena Stackenschneider, publicado após sua morte, é considerado uma das principais fontes sobre a cultura russa da segunda metade do século XIX. (N. do T.)

que eu havia feito algo extraordinário. Deus permita que eles ainda tenham a mesma opinião!³⁷²

Posso imaginar vividamente como eles, agora recuperados do primeiro entusiasmo, criticam meu discurso – é esse, precisamente, o tema de meu preâmbulo. Quando o discurso, com o preâmbulo, havia sido enviado aos editores em Petersburgo, ou melhor, quando eu estive com as provas em minhas mãos, decidi repentinamente escrever outro capítulo do “Diário” na forma de minha *profession de foi*³⁷³ para Granovski. Escrevi duas folhas de manuscrito, coloquei no artigo toda a minha alma e enviei aos editores há poucas horas.

Ontem foi aniversário de Fédia³⁷⁴. Tivemos visitas, mas me afastei um pouco da festa e terminei o artigo. Assim, a amiga vê que tive meus motivos para responder sua carta apenas hoje. Eu adoro você, sabe bem disso! Não poderia contar todas as minhas impressões de Moscou em uma carta, muito menos em meu presente estado mental. Estou assoberbado pelo trabalho – é um ofício penoso. Desejo concluir a quarta e última parte de “Os Irmãos Karamazov” até setembro, a qualquer custo, e então retornar a Petersburgo no outono e ficar relativamente livre por algum tempo. Nesse intervalo, quero preparar-me para prosseguir com a publicação do “Diário” em 1881.

A amiga está aproveitando suas férias de verão? Como recebeu as notícias de Moscou? Não sei ao certo o que Gaievski pode ter lhe contado, mas a questão com Katkov não foi nem um pouco como imagina. A Sociedade dos Amantes da Literatura Russa, que organizou o festival, insultou terrivelmente Katkov ao pedir que ele devolvesse o convite a ele anteriormente destinado; Katkov havia feito seu discurso no banquete organizado na Câmara dos Vereadores, a pedido dessa instituição. Turgueniev não tinha qualquer razão para esperar qualquer afronta de Katkov; este, sim, tinha motivos para esperar algum tipo de aborrecimento. Pois Kovalevski e outros da Universidade de Moscou haviam preparado uma recepção colossal a Turgueniev, ele não tinha o que temer. Turgueniev insultou Katkov primeiro. Quando, logo depois do

372. Dostoiévski foi um dos escritores russos convidados pela Sociedade dos Amantes da Literatura Russa para pronunciar um discurso durante as celebrações à Puchkin, em 1880. Os jornais da época atestam que o discurso de Dostoiévski “elettrizou a plateia”, mas seu teor foi posteriormente criticado, inclusive por Turgueniev, por ser marcadamente eslavófilo. (N. do T.)

373. Em francês, no original: “profissão de fé”. (N. do T.)

374. Dez anos de idade – Fiódor Fiódorovitch Dostoiévski nasceu em 16 de julho de 1871. (N. do T.)

discurso de Katkov, homens como Ivan Aksakov³⁷⁵ vieram brindar com ele – mesmo seus oponentes o fizeram –, Katkov estendeu sua taça para brindar com Turgueniev; este recolheu sua taça e virou-lhe as costas. Isso me contou o próprio Turgueniev.

Você me pede para que eu lhe envie meu discurso. Mas não tenho uma transcrição dele, e a única cópia manuscrita está com os editores, sendo preparada para as páginas do “Diário”. Essa edição deve ser lançada em 5 de agosto; preste especial atenção nesse número e mostre-o também ao meu querido colaborador, Andrei Andreievitch. Adoraria saber a opinião dele também.

Seu devotado amigo,

Fiódor Dostoiévski

LXXIX. Carta a Nikolai Lukitch Ozmidov:

Staraia-Russa, 18 de agosto de 1880.

Tão querido Nikolai Lukitch!

Li sua carta com muita atenção – mas, como poderei respondê-la? Você mesmo coloca, com muita propriedade, que não é possível dizer qualquer coisa por meio de uma carta. Também sou da mesma opinião – só se pode falar em uma carta sobre os temas mais comuns. De qualquer forma, mesmo se você viesse pessoalmente ter comigo para que eu lhe desse conselhos, seria tolo de sua parte, pois não me considero competente para ajudá-lo. Você me diz que até o momento não deu ainda à sua filha nenhum texto estritamente literário, com medo de que sua imaginação não se desenvolva demais. Não me parece um ponto de vista correto, pois a imaginação é uma capacidade inata do ser humano – na criança, supera qualquer outra e deve, definitivamente, ser cultivada. Se não alimentarmos a imaginação da criança, ela fatalmente desaparecerá ou, por outro lado, pode-se desenvolver por sua própria força, o que também não é desejável, pois uma exacerbação anormal da imaginação pode exaurir sua capacidade mental. E as impressões do belo são de grande valor na infância.

375. Ivan Sergueievitch Aksakov (1823-1886), jornalista russo. Era um notório eslavófilo e um dos divulgadores das ideias do Pan-eslavismo na imprensa russa. Era genro do poeta Fiódor Tiutchev. (N. do T.)

Quando eu tinha dez anos de idade, eu assisti em Moscou a uma apresentação de “Die Räuber”³⁷⁶ com Motchalov em um dos papéis principais³⁷⁷, e o que posso lhe dizer é que a profunda impressão que aquele espetáculo deixou em mim foi decisiva para todo o meu desenvolvimento mental posterior. Aos doze, li avidamente Walter Scott durante as férias de verão, e certamente aquela leitura estimulou extraordinariamente a minha imaginação e sensibilidade – e levou-me por bons caminhos, e não pelo mal. Dessas leituras, extraí muitos exemplos de nobreza e caráter que deram à minha alma muito mais poder de resistência a outras impressões da vida que levariam à sedução, à violência e à corrupção. Por isso, recomendo ao amigo que dê à sua filha *agora* os livros de Walter Scott, e o quanto antes, pois ele está neste momento sendo negligenciado por nós, russos, e sua filha, quando for mais velha, não terá oportunidade ou desejo de conhecer esse grande escritor. Aprese-se, agora, enquanto ela ainda está na casa dos pais, para apresentá-lo à sua menina. Além disso, Walter Scott tem um alto valor educacional. Ela deve ler também todos os livros de Dickens, sem exceção. Faça-a conhecer também a literatura dos séculos passados (“Dom Quixote”, “Gil Blas”, etc.)³⁷⁸. O melhor para ela seria começar pela poesia. Ela poderia ler toda a obra de Puchkin, em prosa e verso. Gogol – toda a obra. Se for de seu agrado, Turgueniev e Gontcharov também; quanto aos meus trabalhos, não creio que todos eles sejam recomendáveis para a sua filha. Seria bom para ela ler a “História Mundial” de Schlosser³⁷⁹ e a história da Rússia pelas mãos de Soloviov. Também não omitiria Karamsin³⁸⁰. Não lhe dê ainda Kostomarov³⁸¹. A “Conquista do Peru e do México”, de Prescott, é muito necessária³⁸². Em geral, trabalhos históricos têm um imenso valor educacional. Ela deve também ler toda a obra de Liev Tolstói – e também Shakespeare, Schiller

376. “Os Ladrões”, drama de Schiller. (N. da E.)

377. Motchalov foi um dos mais famosos atores russos da primeira metade do século XIX. Em 1837, estreou, no papel-título, a histórica montagem de “Hamlet” — traduzida do original em inglês por Polevoi — à qual se atribui o renascimento da obra de Shakespeare na Rússia. (N. do T.)

378. Em “Diário de um Escritor”, Dostoiévski declarou, em 1877, considerar que “*Dom Quixote* é o maior e mais triste livro jamais criado pela genialidade humana”. Charles Dickens era também um dos escritores favoritos do autor russo, segundo várias manifestações nesse sentido feitas ao longo de sua vida. (N. do T.)

379. Friedrich Christoph Schlosser (1776-1861), historiador alemão. Sua “História Mundial” (1815), obra em diversos volumes e deixada incompleta, deu-lhe notoriedade à época, mas atualmente é considerada imprecisa e sem relevância histórica. (N. do T.)

380. Nikolai Mikhailovitch Karamsin (1766-1826), historiador russo. Seu trabalho mais conhecido é a “História da Rússia”, em doze volumes, escrita com base em documentação autêntica à qual teve acesso durante o período em que esteve indicado como historiador imperial. (N. do T.)

381. Nikolai Ivanovitch Kostomarov (1817-1885), considerado um dos mais importantes historiadores da Rússia e da Ucrânia do século XIX. (N. do T.)

e Goethe; esses últimos em boas traduções em russo. Isso deve bastar por ora. Com tempo, em alguns anos, você verá que há muito mais a ser lido por ela. De início, a leitura jornalística deve ser afastada da menina a qualquer custo.

Não sei se minhas recomendações farão muito sentido para você. Escrevo depois de muito refletir e a partir de minha própria experiência pessoal. Ficarei feliz se elas se mostrarem de alguma valia para você.

Penso que uma visita sua neste momento talvez seja dispensável, amigo, pois ando muito ocupado. Mas devo lhe dizer uma vez mais que não sou muito competente nesses assuntos.

Seu fiel e sincero amigo,

F. Dostoiévski

LXXX. Carta a Ivan Sergueievitch Aksakov:

Staraia-Russa, 28 de agosto de 1880.

Meu querido Ivan Sergueievitch,

Pretendia responder à sua primeira carta assim que a recebi e agora, tendo recebido já sua segunda carta, tão preciosa para mim, sinto que tenho muito a lhe dizer.

Nunca em minha vida encontrei um crítico que fosse tão sincero e que compreendesse tão bem o meu trabalho. Quase havia me esquecido da possibilidade de existência de tais críticos, e de que eles realmente estão em atividade. Não quero dizer com isso que concordo com cada palavra do que diz, mas devo assinalar os seguintes fatos: ainda que eu esteja editando meu “Diário” há dois anos, e por conta disso tenha alguma experiência, eu ainda sou assaltado por dúvidas a respeito de muitas coisas – o que devo dizer sobre certos temas, que tom adotar, que assuntos devo manter em silêncio. Sua carta chegou-me em um desses momentos de hesitação, pois decidi firmemente continuar a publicar meu “Diário” no próximo ano, e por isso estou perturbado. Costumo elevar meu pensamento em oração a Ele, a quem devemos sempre

382. Dostoiévski refere-se, em verdade, a dois livros distintos de William Hickling Prescott (1796-1859), historiador estadunidense: “A História da Conquista do México” (1843) e “A História da Conquista do Peru” (1847). (N. do T.)

apelar quando precisamos de força e, sobretudo, de habilidade. Por isso, sinto-me particularmente feliz por ter *você*, pois agora vejo que posso encaminhar ao amigo ao menos uma parte de meus questionamentos, e que irá sempre me responder com a franqueza e distanciamento necessários. Esta convicção veio com as suas duas últimas cartas. Infelizmente, eu deveria escrever muito mais sobre isso, mas estou no momento muito ocupado, e nem um pouco inclinado a escrever cartas. Você simplesmente não pode imaginar o quão assoberbado estou, dia e noite; é um trabalho realmente penoso! Pois estou agora finalizando o “Karamazov”³⁸³ e, conseqüentemente, revisando todo o livro – ao qual tenho um enorme apego, pois coloquei nele o que há de mais íntimo no meu ser. Trabalho, em geral, nervosamente, com dores e atribulações na alma. Sempre que escrevo, sinto-me fisicamente doente. E agora devo revisar tudo o que havia pensado, reunido e ajustado nos últimos três anos. Este trabalho precisa ser bom, ou ao menos representar o melhor que eu posso fazer. Simplesmente não sei como alguém pode escrever com rapidez, e apenas pelo dinheiro. É chegada a hora de revelar este romance, e sem demora. Você mal vai acreditar quando lhe disser que pelo menos um dos capítulos, sobre o qual escrevi anotações ao longo desses três anos, teve que ser descartado, depois que eu já havia inclusive feito a revisão – escrevi-o todo novamente. Apenas algumas passagens isoladas, que foram inspiradas diretamente pelo entusiasmo, já nasceram perfeitas. Todo o resto é fruto de trabalho duro. Por essas razões eu não pude escrever para você, ainda que fosse meu mais ardente desejo. Não estou no estado ideal de minha mente e, mais que isso, não quero dissipar minhas energias. Não poderei escrever novamente para você antes de 10 de setembro, quando devo ter concluído o livro. Enquanto isso, devo evitar as cartas, pois as questões a resolver são muitas, e quero apresentá-las no romance da forma mais lúcida possível. Não tenha raiva de mim, nem me acuse de indiferença; se ao menos soubesse como isso seria injusto de sua parte!

Por ora, deixo meu abraço e agradeço de coração suas palavras. Preciso de você e não posso deixar de admirá-lo.

Seu devotado amigo,

F. Dostoiévski

383. O romance seria concluído em novembro de 1880. (N. do T.)

LXXXI. Carta ao doutor Aleksandr Fiodorovitch Blagonravov: Staraia-Russa, 19 de dezembro de 1880.

Prezado Aleksandr Fiodorovitch,

Agradeço por sua carta. O senhor julgou muito apropriadamente – considero que todo o mal deva ser desacreditado e sustento que aqueles que abjuram o nacionalismo, também o fazem em relação à fé. Isso se aplica especialmente à Rússia, pois nossa consciência nacional é baseada na Cristandade. “Um povo cristão e plebeu”, “uma Rússia crente”: essas são nossas concepções fundamentais. Uma Rússia que abjure o nacionalismo (e há tantos que o fazem!) há de ser atesta ou indiferente às questões religiosas. E convenhamos que um ateu ou um indiferente não pode compreender o povo russo e o nosso nacionalismo. O problema essencial de nossos dias é como iremos persuadir as classes “educadas” desses princípios? Se alguém levantar uma palavra nesse sentido, será devorado vivo ou denunciado como traidor. E a quem terá traído? Em verdade, a ninguém, senão aqueles que perderam o contato com a realidade – para esses, não consigo pensar sequer em uma denominação, pois sequer eles mesmos sabem o que são. Ou terá sido o povo a quem se traiu? Não. De minha parte, desejo conviver com o povo – apenas em meio ao povo vale a pena buscar o saber, e não das classes educadas, que desprezam o povo e não são sequer “educadas”.

Mas uma nova geração está a caminho, a qual desejará também se unir ao povo. O primeiro sinal de verdadeiro companheirismo com o povo é a veneração e o amor por aquilo que a grande massa da população ama e venera – em outras palavras, por seu Deus e sua fé.

Essa nova inteligência russa está começando a erguer-se – assim me parece – e precisamente agora sua cooperação na construção do bem comum é essencial. Isso está surgindo aos poucos, já se nota.

Porque apregoo a fé em Deus e no povo, os intelectuais gostariam que eu desaparecesse da face da terra. Por causa daquele capítulo no “Karamazov”, o da alucinação, o qual o senhor, como médico, tanto elogiou, já me chamaram de reacionário e fanático, por acreditar na existência do Demônio³⁸⁴. Os intelectuais daqui, em sua simplicidade, imaginam que o público irá gritar a

384. O doutor Blagonravov havia dado sua opinião a Dostoiévski (como médico) sobre a descrição das alucinações de Ivan Karamazov na última parte do romance. (N. do T.)

uma só voz: “O que? Dostoiévski começou a escrever sobre o Demônio agora? Que obsoleto e *borné*³⁸⁵ ele é!”. Mas eu acredito que eles estão enganados.

Agradeço ao senhor por ter me atestado, como médico, a autenticidade de minha descrição da doença psíquica de meu protagonista. A opinião de alguém que é especialista no assunto é muito valiosa para mim; o senhor concordará, não tenho dúvida, que Ivan Karamazov, naquelas circunstâncias, não poderia ter sofrido alucinação diferente. Pretendo publicar, no próximo número do “Diário”, alguns dos pronunciamentos da crítica sobre aquele capítulo em particular.

Com o meu sincero respeito, seu servo fiel,
Fiódor Dostoiévski

385 Em francês, no original: “teimoso”, “de visão estreita”. (N. do T.)

CRONOLOGIA

DOSTOIÉVSKI	RÚSSIA	MUNDO
1821 30 de outubro: Nasce, em Moscou, Fiódor Dostoiévski, filho de Mikhail Andreievitch Dostoiévski, médico-chefe do Hospital Mariinski, e Maria Fiodorovna Dostoiévski.	Publicação do Tomo IX da <i>História do Estado Russo</i> , de Karamsin, obra aprovada pelo futuro czar Nikolai I. A Guerra do Cáucaso — invasão do Império Russo e anexação de diversos territórios na região entre o Mar Negro e o Mar Cáspio — está em seu quarto ano. São Petersburgo completa cem anos como capital da Rússia.	É extinta a Inquisição em Portugal. Morre Napoleão Bonaparte em seu exílio na Ilha de Santa Helena. Nascem na França o poeta Charles Baudelaire e o escritor Gustave Flaubert. Morre o poeta inglês John Keats. Início da Guerra de Independência na Grécia.
1824	Publicação dos Tomos X e XI da <i>História do Estado Russo</i> , de Karamsin; os livros tornam-se leitura cotidiana da família de Dostoiévski. Uma terrível enchente atinge São Petersburgo, provocando mais de duzentas mortes.	Chegam ao Brasil os primeiros colonos alemães. Em Viena, é executada pela primeira vez a Sinfonia n° 9 em Ré Maior – <i>Coral</i> – de Ludwig Von Beethoven, a qual inclui parte do poema <i>Ode à Alegria</i> do poeta alemão Friedrich Schiller. Nasce, na França, o escritor francês Alexandre Dumas Filho. Morre, na Grécia, o poeta George Gordon Byron. Morre o pintor francês Theodore Géricault. Em Portugal, D. Miguel é derrotado na liderança de um golpe militar. Segundo ano de papado de Leão XII.
1825	Dezembro: Levante contra o czar — seus participantes ficam conhecidos como Dezembristas. Puchkin começa a publicar, de forma seriada, o seu <i>Eugene Onegin</i> .	Nascimento do escritor português Camilo Castelo Branco. Leão XII condena a maçonaria.
1826	Nikolai I assume o trono russo em meio a protestos — um dos primeiros atos é ordenar a execução dos envolvidos no levante de dezembro de 1825. Puchkin recita nos salões moscovitas seus poemas proibidos pela censura do czar. Vissarion Bielinski e colegas da Univ. de Moscou fundam a “Sociedade Literária do Onze”, alusão ao quarto de Bielinski nos alojamentos universitários. Nasce o folclorista russo Aleksandr Afanasiev.	

	DOSTOIÉVSKI	RÚSSIA	MUNDO
1828	Dostoiévski sofre, aos sete anos de idade, sua primeira crise de epilepsia.	Rússia declara guerra à Turquia depois que o Sultão Mahmud II fechou o Estreito de Dardanelos aos russos, os quais apoiavam a Grécia em sua Guerra de Independência. Nasce o escritor russo Liev Tolstói.	Nasce o escritor francês Júlio Verne.
1829	Dostoiévski lê o <i>Livro de Jó</i> , leitura que marcará sua infância e surgirá como recordação em <i>Os Irmãos Karamazov</i> .	Publicação do Tomo XII da <i>História do Estado Russo</i> , de Karamsin. Fim da Guerra Russo-turca. Nasce a fundadora do Movimento Teosófico, a russa Helena Blavatski.	Estréia, em Paris, da ópera <i>Guillaume Tell</i> , do compositor italiano Gioacchino Rossini. Publicação de <i>Al Aaraaf, Tamerlane and Minor Poems</i> , do escritor estadunidense Edgar Allan Poe. Nasce o escritor brasileiro José de Alencar.
1830		Início de rebelião na Polônia.	Nascem o pintor francês Camile Pissarro, o poeta português João de Deus e a poetisa estadunidense Emily Dickinson.
1831	O pai de Dostoiévski adquire duas aldeias, Darovoe e Tchermachnia, onde a família passa os verões. Maria Fiodorovna Dostoiévski, já doente de tuberculose, muda-se para Darovoe. Dostoiévski assiste a uma encenação de <i>Os Ladrões</i> , drama de Schiller, com o famoso ator russo Motchalov.	O levante na Polónia é sufocado pelo Exército de Nikolai I.	Publicação de <i>O Vermelho e o Negro</i> , do escritor francês Stendhal.
1832	Dostoiévski e o irmão Mikhail lêem Puchkin e Lermontov.	Inauguração do Teatro Alexandrino em São Petersburgo. Puchkin conclui seu <i>Eugene Onegin</i> .	Morrem o escrito escocês Walter Scott e o escritor alemão Johann Wolfgang Von Goethe. Nascem na França o pintor e gravurista francês Gustave Doré e o pintor Édouard Manet. No Brasil, nasce o pintor Victor Meirelles.
1833	Dostoiévski e seu irmão Mikhail entram no curso preparatório Souchard.	Nikolai I promulga um plano geral para a construção de ferrovias em toda a Rússia. Nasce o compositor russo Alexandr Porfirievitch Borodin.	Publicação de <i>Eugénie Grandet</i> , do escritor francês Honoré de Balzac. Libertação dos escravos em todo o Império Britânico.
1834	Dostoiévski e o irmão são matriculados, como semi-internos, na escola de L. J. Tchermak, somente para rapazes.	Hegel é publicado, pela primeira vez, na Rússia. Nasce o químico Dmitri Mendeleiev. Fundação da Universidade de Kiev.	Nasce o pintor francês Edgar Degas. Morre o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge. Abolido o tráfico de escravos pela Inglaterra. A primeira editora do mundo árabe é estabelecida no Líbano.

DOSTOIÉVSKI	RÚSSIA	MUNDO
1835		Publicação de <i>O Pai Goriot</i> , de Balzac. Nasce o escritor estadunidense Mark Twain.
1836	Um incêndio de grandes proporções faz 700 vítimas em São Petersburgo. Primeira montagem de <i>O Inspetor Geral</i> , de Gogol.	
1837	27 de fevereiro: morre, de tuberculose, a mãe de Dostoiévski. Muda-se com seu irmão Mikhail para São Petersburgo; seu pai aposenta-se e vai viver no campo. Ingresso na Escola Preparatória de Kostomarov e, no outono do mesmo ano, é aceito na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo. Conhece Chidlovski, poeta e estudante de artes sacras, com quem compartilha uma intensa amizade.	Publicação de <i>Ilusões Perdidas</i> , de Balzac. Nasce o poeta brasileiro Casimiro de Abreu.
1838	Leituras de Dostoiévski: Schiller, Goethe, Hoffmann, Balzac, Hugo e Shakespeare. No outono, recebe a notícia de que fora reprovado nos exames e não receberia sua promoção. Conhece Berechetzki e fortalece sua amizade com Chidlovski.	Inauguração da primeira ferrovia na Rússia, entre São Petersburgo e Tsarskoe Selo.
1839	Em Darovoe, o pai de Dostoiévski é assassinado, aparentemente, por seus servos. O fato marcará profundamente a vida de Dostoiévski, que se recusa até o fim da vida a comentar sobre o ocorrido.	Nascem os pintores franceses Paul Cézanne e Alfred Sisley e o escritor português Júlio Diniz. Nos EUA, africanos que seriam escravizados nos EUA amotinam-se no navio espanhol <i>L'Amistad</i> e são presos; dois anos depois, a Suprema Corte dá-lhes a liberdade. Início da primeira Guerra do Ópio entre Inglaterra e China.
1840	29 de novembro: Dostoiévski é promovido.	Nascem, na França, os pintores Odilon Redon e Claude Monet e os escritores Émile Zola e Alphonse Daudet. Na Inglaterra, nasce o escritor Thomas Hardy. Morre o pintor alemão Caspar David Friedrich. A fome motiva a imigração em massa de irlandeses para a América.
	Bielinski muda-se para São Petersburgo e toma a frente do chamado movimento ocidentalista, que pregava uma aproximação da Rússia com os países da chamada Europa Ocidental. À mesma época, surge o movimento dos eslavófilos, contrário àquele, liderado por Khomiakov e, posteriormente, pelos irmãos Kireevski. Nasce o compositor russo Piotr Ilich Tchaikovski.	

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1841 Dostoiévski escreve dois dramas: *Maria Stuart* e *Boris Godunov*, dos quais nenhum excerto permaneceu. Recebe nova promoção.
- 1842 É promovido ao posto de segundo-tenente.
- 1843 Dostoiévski gradua-se na Escola Militar de Engenharia de São Petersburgo. É comissionado no Corpo de Engenheiros Militares. Publica-se sua tradução para o russo de *Eugénie Grandet*, de Balzac.
- 1844 Por problemas de saúde, consegue sua reserva no posto de primeiro-tenente e é desligado do Corpo de Engenheiros Militares. Inicia sua carreira literária. Dostoiévski traduz *Dernière Aldini*, de George Sand, para em seguida descobrir que o livro encontrava-se publicado em russo desde 1837. Trabalha em sua novela *Gente Pobre*.
- 1845 Termina *Gente Pobre*. Nekrassov e Grigorovitch, entusiasmados com a obra, apresentam Dostoiévski ao crítico literário Bielinski. Tem os primeiros êxitos no círculo literário de São Petersburgo e envolve-se no projeto de lançamento de um jornal satírico. Escreve *Um Romance em Nove Cartas*; trabalha em *O Duplo* e em *O Senhor Prokhardtchin*.
- Morre, em duelo, o poeta russo Mikhail Iurievitch Lermontov.
- Em São Petersburgo, há a primeira apresentação da ópera 'Ruslan e Ludmila', do compositor russo Mikhail Ivanovitch Glinka. Publica-se *Almas Mortas*, de Gogol.
- Nasce o pintor francês Auguste Renoir. Publicação de *Assassinatos na Rua Morgue*, de Poe, e de *Os Dois Problemas Fundamentais da Ética*, do filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Victor Hugo é eleito para a Academia Francesa. A Inglaterra adquire Hong Kong.
- Nasce o poeta francês Stéphane Mallarmé. Morre Stendhal. Término da primeira Guerra do Ópio.
- Nascem o pintor brasileiro Pedro Américo e o escritor estadunidense Henry James. Morre o escritor alemão Johann Friedrich Hölderlin.
- Publicação de *Migalhas filosóficas* e *O conceito de angústia*, do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Nascem, na França, o poeta Paul Verlaine e o escritor Anatole France. Samuel Morse envia a primeira mensagem telegráfica. Joseph Smith, o fundador do mormonismo, é assassinado.
- Publicação de *O Corvo*, de Poe. Victor Hugo começa a escrever *Os Miseráveis*.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1846 Nekrassov publica, em seu *Almanaque de Petersburgo*, *Gente Pobre*. Bielinski elogia o livro em seu artigo no *Anais da Pátria*., e esse mesmo jornal publica *O Duplo e O Senhor Prokhardtchin*. Trabalha em dois contos — *As Suíças Raspadas* e *As Secretarias Aniquiladas* — que irá abandonar pouco tempo depois. Dostoiévski tem planos de publicar seus trabalhos publicados em periódicos na forma de livro. Conhece Petrachevski. Sofre os primeiros ataques de epilepsia.
- 1847 Dostoiévski passa uma temporada em Reval, na casa de seu irmão. No mesmo ano, depois de romper com Bielinski, passa a frequentar os saraus literários promovidos pelo editor Petrachevski, que conhecera no ano anterior. O *Anais da Pátria* publica *A Senhoria e Um Romance em Nove Cartas* é publicado em um jornal de São Petersburgo e *Gente Pobre* é publicado como livro.
- 1848 As reuniões em casa de Petrachevski ganham ares de reunião política: seus frequentadores, entre eles Dostoiévski, são conhecidos como *petrachevtzi*. No *Anais da Pátria*, são publicadas *A Mulher Alheia*, *Coração Frágil*, *A Árvore de Natal*, *Noites Brancas* e *O Marido Ciumento*. Publica-se *Polzunkov* e *O Ladrão Honrado*.
- A abolição das *Corn Laws* na Inglaterra promove um crescimento na exportação de grãos da Rússia. Nasce, em São Petersburgo, Anna Grigorievna, futura segunda esposa de Dostoiévski e sua principal biógrafa. Gogol publica o célebre *Testamento*, no qual renega sua obra.
- O compositor francês Hector Berlioz excursiona por Moscou e São Petersburgo. Herzen abandona a Rússia. Bielinski escreve sua célebre *Carta Aberta a Gogol*.
- Publicação de *Jane Eyre*, da escritora inglesa Charlotte Brontë. Nasce o poeta brasileiro Castro Alves.
- Revolução Popular em Paris e em diversas outras cidades europeias. Nascimento do pintor francês Paul Gauguin. Morre, no Brasil, o pintor francês Jean-Baptiste Debret. Morrem Poe e a escritora escritora inglesa Emily Brontë.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1849 O *Anais da Pátria* publica as duas primeiras partes de *Nietótchka Niezvânova*.
 Março: Dostoiévski lê, em um sarau na casa de Mikhail Petrachevski, a famosa carta revolucionária de Bielinski para Gogol.
 22 de abril: o conde Orlov, general do 3º Departamento de Sua Majestade Imperial, ordena a prisão de Dostoiévski e de outros *petrachevtzi* por conspiração contra o czar Nikolai I, críticas à Censura e planos de estabelecer uma gráfica clandestina.
 23 de abril: Dostoiévski é preso e transferido para a Fortaleza de Pedro e Paulo, onde ficaria por mais nove meses. Na prisão, escreve *O Pequeno Herói*.
 28 de abril: A censura autoriza a publicação da terceira parte de *Nietótchka Niezvânova* no "Anais da Pátria", mas sem a assinatura de Dostoiévski. Os episódios daquele ano farão com que a obra permaneça inacabada.
 16 de novembro: Dostoiévski é condenado à "degradação de seu posto de oficial, ao confisco de seus bens e à pena capital por fuzilamento"; posteriormente, o czar Nikolai I alteraria, de próprio punho, a pena para "quatro anos de trabalhos forçados e incorporação às fileiras militares como soldado raso."
 21 de novembro: o Ministro da Guerra e o Governador de São Petersburgo ordenam, como retaliação aos *petrachevtzi*, que se façam todos os rituais da execução antes de comunicar aos condenados o afrouxamento da pena; o ato cruel levou à loucura Grigoriev e marcou profundamente Dostoiévski, que evocará o episódio em seu romance *O idiota*.
 24 de dezembro, meia-noite da véspera de Natal: Dostoiévski é posto a ferros e transferido para uma prisão na Sibéria.
- Intervenção russa na Hungria. Nasce o psicólogo russo Ivan Petrovitch Pavlov.
- Morre a escritora inglesa Anne Brontë.

	DOSTOIÉVSKI	RÚSSIA	MUNDO
1850	Dostoiévski inicia o cumprimento de sua pena na prisão de Omsk. Os registros oficiais descrevem-no como um preso de boa conduta, que "sabe ler" e "fazer trabalhos braçais". Dentre as poucas leituras autorizadas, Dostoiévski lê a Bíblia e <i>David Copperfield</i> , de Dickens. Tem periódicas crises de epilepsia.		Última exposição do pintor inglês J. M. William Turner, que viria a falecer no ano seguinte. Publicação de <i>A Letra Escarlate</i> , do escritor estadunidense Nathaniel Hawthorne. Nasce o escritor francês Guy de Maupassant e o escritor escocês Robert Lewis Stevenson. Morrem o poeta inglês William Wordsworth e o escritor francês Balzac. <i>O Morro dos Ventos Uivantes</i> , de Emily Brontë, e <i>Agnes Grey</i> , de Anne Brontë, são reeditados pela escritora Charlotte Brontë, irmã das duas autoras.
1851		Inauguração da ferrovia ligando Moscou a São Petersburgo. Um censo indica que a Rússia tem 67 milhões de habitantes – destes, 44% são servos.	Primeira Exposição Internacional, em Londres. Morre a escritora inglesa Mary Shelley. Herman Melville publica, na Inglaterra, seu <i>Moby Dick</i> .
1852		Morre o pintor russo Karl Pavlovitch Briullov e o escritor russo Nikolai Vassilievitch Gogol.	Luís Napoleão torna-se imperador da França.
1853		Início da Guerra da Criméia com a invasão da Turquia por tropas russas. É produzida a primeira peça teatral de Ostrovski.	Nasce o pintor holandês Vincent van Gogh. Charlotte Brontë publica <i>Villette</i> .
1854	Fim da prisão de Dostoiévski. Ele é alistado como soldado raso no 7º Regimento Siberiano de Infantaria. É transferido para Semipalatinsk. Conhece, por intermédio do barão Vrangél, o casal Issaev.	Na Guerra da Criméia, a França e a Inglaterra declaram guerra à Rússia em retaliação às ambições russas sobre a Índia.	Nascem o poeta irlandês Oscar Wilde e o poeta francês Arthur Rimbaud. O Papa Pio IX proclama o dogma da Imaculada Conceição. D. Pedro II inaugura a primeira ferrovia brasileira.
1855	O casal Issaev parte para Kusnetz. Pouco tempo depois, Issaev, o marido, morre. Dostoiévski escreve um poema em homenagem à <i>Ascensão de Alexandre II</i> e começa a trabalhar em seu livro <i>Memória da Casa dos Mortos</i> .	O czar Aleksandr II ascende ao trono após a morte de Nikolai I. Uma de suas primeiras medidas é atenuar a atuação da Censura.	Nascem o poeta português Cesário Verde e o dramaturgo brasileiro Arthur Azevedo. Morre Charlotte Brontë.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1856 Dostoiévski é promovido. Escreve ao General Tottleben, pedindo sua intercessão junto ao tzar.
- 1857 Dostoiévski casa-se com a viúva Maria Dmitrievna Issaiev em Kusnezsk. É promovido, mas ainda não tem autorização para sair da Sibéria. O Comandante do Comando Militar da Sibéria restabelece o direito legal de Dostoiévski e seus herdeiros ostentarem o antigo título de nobreza da família. As propriedades confiscadas por conta de sua prisão não são restituídas. Dostoiévski solicita sua baixa e permissão para viver em Moscou. O *Anais da Pátria* publica, sob o pseudônimo M. Y., O *Pequeno Herói*.
- 1858 Dostoiévski escreve *A Granja de Stiepântchikovo* e *O Sonho do Tio*. Começa a trabalhar em *Humilhados e Ofendidos*.
- 1859 Dostoiévski é dispensado do serviço militar no posto de segundo-tenente e autorizado a viver em Tver. Publica-se em um jornal *O Sonho do Tio*. 2 de julho: Dostoiévski viaja a Semipalatinsk. No outono, muda-se para Tver e encaminha ao tzar uma petição para que lhe autorizem viver em qualquer cidade do Império Russo. Trabalha em seu *Memórias da Casa dos Mortos*. *A Granja de Stiepântchikovo* é publicado pelo *Anais da Pátria*. Em novembro, Dostoiévski é autorizado a deixar Tver e passa a viver em São Petersburgo.
- 1860 Uma edição das obras selecionadas de Dostoiévski é publicada em Moscou, em dois volumes, por N. A. Osnovski. Junto com seu irmão Mikhail, Dostoiévski funda o periódico *O Tempo*. Em um evento caritativo, Dostoiévski atua no papel de Chpekin em uma montagem amadora de *O Inspetor Geral*, de Gogol. Os dois primeiros capítulos de *Memórias da Casa dos Mortos* são publicados em um jornal.
- A Rússia e a Inglaterra assinam um tratado de paz. A Rússia sai derrotada da Guerra da Criméia.
- A imprensa divulga que a Rússia é o país menos industrializado da Europa. Morre Glinka.
- Início da segunda Guerra do Ópio entre Inglaterra e China.
- Publicação de *As Flores do Mal*, de Baudelaire. Morre o escritor francês Alfred de Musset. Nas livrarias de Paris, surge a primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Nasce, na Polônia, o escritor Joseph Conrad.
- Término da segunda Guerra do Ópio.
- Nasce o pintor francês Georges Seurat. O naturalista inglês Charles Darwin publica sua obra *A Origem das Espécies*. O *Rubáiyát*, de Omar Khayyám, é pela primeira vez editado no Ocidente. Nasce o escritor inglês Arthur Conan Doyle.
- Funda-se a cidade de Vladivostok. As estradas de ferro multiplicam-se pela Rússia. Nasce o escritor e dramaturgo russo Anton Tchekhov.
- Morre Casimiro de Abreu.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1861 Sai o primeiro número de *O Tempo*, no qual se começa a publicar *Humilhados e Ofendidos* — a obra sai publicada em formato de livro no mesmo ano. *Memórias da Casa dos Mortos* é publicado como livro.
- 1862 É feita uma segunda edição de *Memórias da Casa dos Mortos*. Dostoiévski viaja a Genebra, Colônia, Paris e Londres; nesta última cidade, encontra-se com Herzen e Bakunin. *O Tempo* publica *Memórias da Casa dos Mortos* — louvado por Turgueniev e Herzen em cartas para o autor — e *Uma História Lamentável*. Inicia um relacionamento amoroso com Apollinaria Suslova, que durará dois anos.
- 1863 *O Tempo* publica *Notas de Inverno Sobre Impressões de Verão*. Em maio do mesmo ano, o periódico é fechado por conta de um artigo de Strakhov sobre a Polônia.. Começa a elaborar *O Jogador e Memórias do Subsolo*. Suas idéias aproximam-no politicamente do eslavismo. No inverno, sua esposa apresenta os primeiros sintomas de sua doença. Dostoiévski viaja para a França e para a Itália.
- 1864 Lança *A Época*, periódico que sucede *O Tempo*, mas esse tem vida curta: é editado por apenas um ano. Nos quatros primeiros números, é publicado seu *Memórias do Subsolo*. 16 de abril: morre Maria Dmitrievna Issaiev, a primeira esposa de Dostoiévski. 10 de junho: em Pavlovsk, morre Mikhail, irmão de Dostoiévski. 25 de dezembro: morre Apollon Grigoriev, amigo e colaborador de Dostoiévski. Viaja para a Alemanha e revê Apollinaria Suslova.
- Ocorre a Emancipação dos Servos. A industrialização da Rússia ganha força. A Reforma de Alexander II, contudo, não prevê a abertura de escolas para as classes mais pobres, nem a abolição dos castigos corporais. O jornal *O Tempo* publica a autobiografia de Grigoriev.
- Funda-se o Conservatório de São Petersburgo, sob a direção de Anton Rubinstein. Os compositores Balakiev, Cui, Mussorgski, Borpdin e Rimski-Korsakov planejam a criação de uma “escola de música russa autêntica”. Publica-se *Pais e Filhos*, de Turgueniev. Os críticos literários Tchernichevski e Pissarev, que pregavam o realismo como ideal literário russo — e criticaram firmemente o livro de Turgueniev por sua “ausência de conflitos sociais” — são presos.
- Nasce o pintor Aleksandr Golovin. Ocorre nova rebelião na Polônia. Iniciam-se as reformas no sistema educacional da Rússia.
- Após quarenta e sete anos, tem fim a Guerra do Cáucaso. A Rússia inicia a conquista da Ásia Central. Inicia-se uma reforma no Sistema Judiciário russo. Tchernichevski é deportado para a Sibéria por 19 anos.
- Nasce o poeta indiano Rabindranath Tagore. Início da Guerra de Secessão nos EUA.
- Na Áustria, nascem o pintor Gustave Klimt e o escritor e dramaturgo Arthur Schnitzler. Nasce a escritora estadunidense Edith Wharton. Publicação de *Os Miseráveis*, romance do escritor francês Victor Hugo. Morre o ensaísta estadunidense Henry David Thoreau.
- Nascem o pintor norueguês Edvard Munch e o poeta grego Konstantinos Kaváfis. Morrem o pintor francês Eugène Delacroix e o escritor inglês William Makepeace Thackeray. Inaugura-se o metrô de Londres.
- Nasce o escritor e filósofo espanhol Miguel de Unamuno. Morrem Nathaniel Hawthorne e o poeta brasileiro Gonçalves Dias. Inicia-se a Guerra do Paraguai. No Vaticano, a Igreja Católica inclui os livros de Allan Kardec no ‘Índex Librorum Prohibitorum’.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1865 Por problemas financeiros, *A Época* deixa de circular. São vendidos os bens confiscados de Dostoiévski quando de sua prisão. Dostoiévski viaja para a Alemanha, onde passa o outono em Wiesbaden. Em outubro, visita o Barão Wrangel em Copenhagen. Em novembro, retorna à Rússia e assina contrato com o editor Stellovski, que coloca em ameaça seus direitos de autor. Começa a trabalhar em um de seus mais célebres romances: *Crime e Castigo*. Publica-se *O Crocodilo*. Pede em casamento Ana Korvin-Krukovskaia, que recusa.
- 1866 Stellovski publica, em três volumes, a obra completa de Dostoiévski até então. No mesmo ano, *Crime e Castigo* é publicado no periódico *O Mensageiro da Rússia* e em formato de livro. Começa a trabalhar em *O jogador*. Conhece Anna Grigorevna Snitkin, contratada como sua estenógrafa; propõe-lhe casamento; ela aceita.
- 1867 15 de fevereiro: casa-se com Anna Grigorevna Snitkin. Viaja para Dresden, onde trabalha em *O Idiota*. Passa também por Berlim, Frankfurt, Baden e Basiléia. Instala-se em Genebra. Perde uma pequena fortuna nas mesas de jogo — sua experiência inspira-lhe a escrever *O jogador*, publicado no mesmo ano. Uma terceira edição de *Memórias da Casa dos Mortos* e a segunda e terceira edições de *Crime e Castigo* são publicadas na Rússia.
- 1868 12 de maio: morre sua filha Sofia, com apenas três meses de vida. *O Mensageiro da Rússia* publica *O Idiota*, que no mesmo ano é editado no formato de livro. No verão, viaja com a esposa à Suíça e Itália. Planeja o que seria um esboço de *Os Irmãos Karamazov*.
- Nasce o compositor russo Aleksandr Glazunov. A censura prévia aos órgãos de imprensa é abolida na Rússia.
- Funda-se o Conservatório de Moscou e Tchaikovski assume uma das cátedras. Ocorre uma tentativa frustrada de atentado ao czar. Pissarev é libertado da prisão. Morre Petrachevski.
- O compositor francês Hector Berlioz retorna à Rússia. O Alasca é vendido para os Estados Unidos.
- Nasce o compositor russo Maxim Gorki e o futuro czar Nikolai II. Morre Pissarev.
- Nascem, no Brasil, o poeta Olavo Bilac e o escritor João Simões Lopes Neto. Na Índia, nasce o escritor inglês Rudyard Kipling. Nasce o poeta inglês W. B. Yeats. Funda-se, nos EUA, a Ku Klux Klan. O presidente Abraham Lincoln é assassinado. Término da Guerra de Secessão.
- Nascem o escritor brasileiro Euclides da Cunha e o escritor inglês H. G. Wells.
- Nascem o poeta nicaraguense Ruben Dário e o poeta português António Nobre. Morre o pintor francês Jean-Auguste Ingres. No México, o Imperador Maximiliano é executado. Tem fim o transporte de condenados da Inglaterra para a Austrália.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1869 Passa o inverno em Florença, Itália. No verão, vai a Veneza, Bolonha, Trieste, Viena, Praga e Dresden, onde nasce sua filha Liubov. Envolve-se com a equipe de um novo periódico de São Petersburgo e demonstra interesse pelo ensaio de Danilevski sobre "A Rússia e a Europa". Escreve *O Eterno Marido*. Ivanov, um estudante de agronomia e membro de uma sociedade secreta chamada "Vingança Popular", é assassinado nas cercanias de Moscou por Netchaev, líder daquele grupo, e mais quatro outros estudantes. O episódio inspira Dostoiévski a escrever *Os Demônios*.
- 1870 Publicam-se *O Eterno Marido* e *Os Demônios*. É publicada em livro a quarta edição de *Crime e Castigo*.
- 1871 *O Mensageiro da Rússia* publica *Os Demônios*. 8 de julho: Dostoiévski retorna à Rússia e a São Petersburgo. Por medo de ter suas obras confiscadas, Dostoiévski queima todos os manuscritos das obras escritas no exterior ao regressar à Rússia. No retorno a São Petersburgo, assiste ao julgamento dos chamados "Netchaevistas", assassinos do estudante Ivanov. Netchaev, o líder do grupo, refugiara-se no estrangeiro. Nasce seu filho Fiódor.
- 1872 Dostoiévski posa para seu mais célebre retrato, executado por Perov. Dostoiévski planeja uma viagem ao Oriente. *O Eterno Marido* é publicado em formato de livro. Dostoiévski une-se à equipe do periódico *O Cidadão*, assumindo o cargo de "redator-chefe e responsável" pelo jornal.
- Nasce o místico russo Gregori Eifimovitch Rasputin. Publica-se *Guerra e Paz*, de Liev Tolstói.
- Nasce o líder político Vladimir Ilich Ulianov, posteriormente conhecido como Lênin. Tem início a Guerra Franco-prussiana. Mendeleiev publica seu *Princípios da Química*.
- Ocorre a Comuna de Paris.
- Nasce o místico russo Gregori Eifimovitch Rasputin. Publica-se *Guerra e Paz*, de Liev Tolstói.
- Morrem Dickens e o escritor francês Alexandre Dumas Pai. Guerra Franco-prussiana. Roma torna-se capital da Itália unificada. Nasce o contista inglês Saki.
- Nasce, na França, o escritor Marcel Proust e o poeta Paul Valéry. Nasce o escritor estadunidense James Weldon Johnson. Morre Júlio Diniz. Término da Guerra Franco-prussiana e restabelecimento do Império Germânico; com a derrota na guerra, o Império Francês entra em colapso. Chicago, nos EUA, é arrasada por um incêndio de enormes proporções.
- Publicação de *Ressurreição*, do escritor brasileiro Machado de Assis. Morre Théophile Gautier. Nietzsche publica *O Nascimento da Tragédia*. A cidade de Boston, nos EUA, é atingida por um grande incêndio.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1873 *O Cidadão* publica os seis primeiros capítulos de seu *Diário de um Escritor*. Publica-se seu conto *Bobók* no periódico *Diário de um Escritor*. *Os Demônios* é publicado no formato de livro.
- 1874 Dois meses depois de abandonar *O Cidadão*, Dostoiévski é detido, por 48 horas, por questionar as regras da Censura. Passa o outono e o inverno em Staraia-Russa. No verão, vai à estação de águas de sem em busca de tratamento. A segunda edição de *O Idiota* é publicada. Começa a trabalhar em *O Adolescente*.
- 1875 Dostoiévski retorna a Ems, onde passa o verão. Nasce seu filho Alexei. O *Anais da Pátria* publica *O Adolescente*, que no mesmo ano é publicado em formato de livro. Quarta edição de *Memórias da Casa dos Mortos*.
- 1876 Dostoiévski passa novamente o verão em Ems. Em junho, Dostoiévski publica no *Diário de um escritor*, periódico do qual se tornara o único redator, um artigo sobre a “Questão dos Bálcãs”, externando sua posição política a favor do eslavismo. Pobedonostzev pede ao escritor que envie regularmente um exemplar do jornal ao czar. Trabalha em seu conto *Uma Doce Criatura*, que será publicado no mesmo ano no *Diário de um Escritor*. Publica-se *O Mujique Márei* e *A Árvore de Natal de Cristo*. Retorna a Darovoe e, na casa da irmã, reencontra alguns camponeses que eram servos de seu pai quando ele era um menino e recebem-no festivamente.
- Nasce o compositor russo Sergei Rachmaninov.
- Em São Petersburgo, há a primeira apresentação da ópera *Boris Godunov*, de Mussorgski. O Sistema Militar da Rússia passa por uma reforma.
- Pela primeira vez a ópera *Aída*, do compositor italiano Giuseppe Verdi, é apresentada em São Petersburgo.
- Nascem a escritora estadunidense Willa Cather e a francesa Colette.
- Nasce na França o escritor Somerset Maugham. Nos Estados Unidos, nascem a escritora Gertrude Stein e o poeta Robert Frost. Em Paris, ocorre a primeira exposição dos “impressionistas” – como passam a ser chamados Renoir, Degas e outros de seus participantes.
- Nascem o poeta espanhol Antonio Machado, o escritor alemão Thomas Mann e o poeta austríaco Rainer Maria Rilke. Morrem o pintor francês Jean-Baptiste Corot e o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen. Publicação de *O Crime do Padre Amaro*, do escritor português Eça de Queiroz. O controle do Egito e, consequentemente, do Canal de Suez passam para a Inglaterra.
- Nasce o escritor estadunidense Jack London. Publicação de *As Aventuras de Tom Sawyer*, do escritor estadunidense Mark Twain. Alexander Graham Bell patenteia o telefone. Uma grande exposição em Filadélfia, EUA, celebra o centenário da independência daquele país.

DOSTOIÉVSKI

RÚSSIA

MUNDO

- 1877 *Uma Doce Criatura* é publicado no Suplemento d'*O Cidadão*. Publica-se *O Sonho de um Homem Ridículo*. Dostoiévski passa o verão em Kursk.
- Rússia declara guerra ao Império Otomano. Início da ocupação russa na Bulgária. O balé *O Lago dos Cisnes*, de Tchaikovski, é apresentado pela primeira vez.
- Nasce o escritor alemão Herman Hesse. Morrem o escritor português Alexandre Herculano e o escritor brasileiro José de Alencar.
- 1878 Começa a escrever *Os Irmãos Karamazov*. Quinta edição de *Crime e Castigo*. Morre seu filho Alexei por conta de um ataque de epilepsia. Em junho, Dostoiévski vai com Vladimir Soloviev ao Mosteiro de Optin.
- Fim da guerra contra o Império Otomano. O *Primeiro concerto para piano* de Tchaikovski é ovacionado em Paris. Publica-se *Anna Karênina*, de Tolstói.
- O Papa Leão XIII é eleito. O engenheiro alemão Karl Benz inicia a produção do primeiro automóvel movido por um motor de combustão interna. A Bulgária declara sua independência do Império Otomano. A Inglaterra passa a controlar Chipre.
- 1879 A primeira parte de *Os Irmãos Karamazov*, sua obra de maior fôlego, é publicada no *Mensageiro da Rússia* e em formato de livro. Dostoiévski faz várias leituras públicas de fragmentos do livro. *Humilhados e Ofendidos* ganha sua quinta edição. Anna Grigorievna abre uma caixa postal para receber correspondências dos leitores de Dostoiévski.
- Término da ocupação russa na Bulgária. Em Moscou, há a primeira apresentação da ópera *Eugene Onegin*, de Tchaikovski. Nascem os líderes políticos russos Liev Trotski e Iosif Vissarionovich Dzhughashvili, posteriormente conhecido como Joseph Stalin.
- Nascem o pintor suíço Paul Klee, o escritor inglês E. M. Forster e o pintor brasileiro Manuel de Araújo Porto Alegre. Thomas Edison inventa a lâmpada.
- 1880 25 de maio: Escritores e jornalistas de Moscou organizam um banquete em homenagem a Dostoiévski. 8 de junho: Dostoiévski, representando a Sociedade Eslava de Beneficência, faz um discurso em homenagem a Puchkin na Sociedade dos Amantes da Literatura Russa e toma parte nas "Noites de Puchkin" promovidas pelo Fundo Literário. É ovacionado e recebe um abraço de reconciliação de Turgueniev. Depõe a coroa de louros que recebe por seu discurso no Memorial a Puchkin. Termina de escrever *Os Irmãos Karamazov*.
- 6 de junho: festividades em Moscou pela inauguração do Memorial à Puchkin.
- Morrem Flaubert e a escritora inglesa George Eliot.
- 1881 28 de janeiro: Morre Dostoiévski por complicações pulmonares. Três dias depois, o escritor será enterrado com pompas fúnebres em uma cerimônia pública no Cemitério do Mosteiro de Alexander Nevski, em São Petersburgo.
- O czar Aleksandr II morre em um atentado. Morre o compositor russo Mussorgski. Nasce a bailarina russa Anna Pavlova.
- Nasce o pintor espanhol Pablo Picasso. Na Áustria, nasce o escritor Stefan Zweig, um dos importantes divulgadores da obra de Dostoiévski na Europa.

ÍNDICE REMISSIVO

- Abella do Norte, A* 34, 39, 178
Adolescente, O 119, 195
 Aksakov, Ivan Sergueievitch 221, 223, 225
 Aleksandr II 100, 105, 119, 131
 Aleksandrovna, Sofia 126, 127, 139, 145, 151, 157, 163, 175, 179, 182
 Alemanha (alemães) 29, 118, 119, 120, 122, 124, 125, 127, 131, 135, 145, 149, 160, 165, 166, 181, 185, 186, 189, 190

 Alighieri, Dante 14
Almanaque de Petersburgo 46
Alvorada 144, 148, 151, 153, 155, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 169, 170, 171, 173, 175, 177, 180, 183, 189

 Amizade 19, 20, 22, 23, 32, 37, 40, 42, 47, 48, 49, 53, 81, 82, 83, 86, 89, 93, 95, 96, 108, 113, 117, 126, 127, 137, 143, 144, 148, 169, 220, 222

Anais da Pátria 25, 26, 31, 33, 35, 37, 40, 43, 46, 48, 55, 56, 57, 58, 72, 74, 76, 101, 111, 123

 Annenkov, Praskovia Iegorovna 75, 88, 221
Ateísmo 149, 150, 153, 159, 169, 171
 Balzac, Honoré de 14
 Eugénie Grandet 14, 25
 Ilusões Perdidas 37
 Beketov, Nikolai Nikolaievitch 46, 49
 Béranger, Pierre Jean de 27
Biblioteca para a leitura 39, 111
 Bielinski, Vissarion 32, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 46, 48, 123, 144, 149, 155, 156, 174, 192, 193, 194, 195, 196, 197

 Boborikin, Piotr 111
 Brontë, Charlotte 58
 Jane Eyre 58
 Bulgarin, Faddey 34
 Byron, George Gordon 16, 17, 21
 Prisioneiro de Chillon, O 16
 Cellini, Benvenuto 103
 Censura 26, 32, 35, 40, 45, 58
 Cervantes, Miguel de 138, 224
 Don Quixote de la Mancha 138, 224
 Chateaubriand, François-René de 17, 18, 30
 Atala 30
 O Gênio do Cristianismo 17
 Chevirev, Stephen Petrovitch 34
 Chidlovskii, I. Nikolai 15, 17, 19, 20, 46
 Círculo Petrachevski 37, 38, 39, 45, 49, 53, 113, 148,
Contemporâneo, O 32, 36, 44, 47, 48, 101, 111, 123, 192
 Corneille, Pierre 22, 23
 Cinna 23
 Horácio 23
 Le Cid 23
Crime e Castigo 101, 102, 113, 114, 159, 169, 201
 Cristo (Jesus) 21, 31, 78, 123, 138, 150, 162, 195, 196, 211
 Crítica literária 14, 17, 39, 40, 42, 43, 45, 52, 94, 101, 103, 104, 143, 153, 155, 156, 158, 159, 160, 177, 188, 192, 196, 215, 219, 222, 225, 228

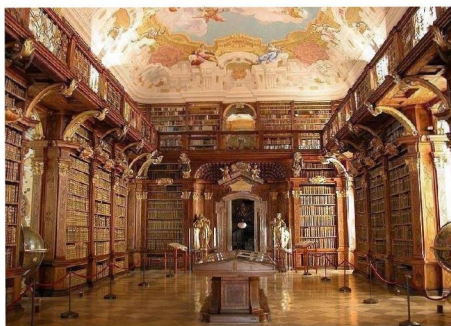
Demônios, Os 36, 37, 101, 119, 149, 169, 170, 177, 188, 190, 193, 195
 Derzhavin, Gravila Romanovitch 21

Deus	14, 15, 16, 21, 123, 150, 173, 209, 211, 216, 219, 220, 227
Dezembristas	68, 72, 75, 77, 88
<i>Diário de um Escritor</i>	128, 154, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 221, 222, 223, 224, 225, 228
Dickens, Charles	45, 126, 138, 224
<i>Aventuras do Sr. Pickwick, As</i>	138
Dobroliubov, Nikolai	192
Dostoiévski, Fiódor [Fédia](sobrinho)	133, 135, 139, 140
Dostoiévski, Mikhail (pai)	11, 15, 18
Dostoiévski, Mikhail (irmão)	17, 19, 20, 23, 24, 28, 31, 35, 44, 53, 57, 72, 73, 77, 90, 95, 105, 108, 144, 154, 161
Dostoiévski, Liúba (filha)	15, 24, 175, 181
Dostoiévski, Vera Ivanova (irmã)	41, 74, 75, 126, 133, 137,
Drama	17, 18, 19, 22, 24, 29, 60, 224
<i>Duplo, O</i>	32, 33, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 52, 76, 101
Dumas (Pai), Alexandre	52
Eslavismo	34, 35, 91, 104, 110, 124, 144, 145, 148, 149, 150, 192, 222, 223
Epilepsia	65, 71, 81, 106, 114, 117, 127, 130, 137, 147, 151, 152, 156, 165, 168, 181, 184, 191, 206
Filosofia	13, 15, 16, 50, 75, 110, 114, 123, 207, 219
<i>Filho da Pátria, O</i>	17
Folhetinistas	27, 29, 34, 37, 155
Fonvisin, Natalia Dmitrievna	77
Fouqué, Friedrich H. K. de la Motte	14, 36
<i>Undine</i>	14
Fourier, François-Maie Charles	149, 160
França (franceses)	17, 27, 30, 92, 109, 120, 128, 136, 145, 164, 174, 181, 185, 186, 189, 190, 194, 195, 217
Garibaldi, Giuseppe	128, 129
<i>Gente Pobre</i>	25, 32, 33, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 51, 52, 101, 111
Goethe, Johann Wolfgang von	14, 43, 225
<i>Fausto</i>	14
<i>Reinecke Fuchs</i>	43
Gogol, Nikolai	22, 23, 25, 27, 30, 35, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 103, 109, 155, 174, 196, 224
<i>Almas Mortas</i>	30, 35, 40, 48, 103, 174, 196
<i>Caleche, A</i>	196
<i>Capote, O</i>	38
<i>Diário de um louco</i>	41, 109
<i>Inspetor Geral, O</i>	25
<i>Mirgorod</i>	22, 23
Gontcharov, Ivan Aleksandrovitch	43, 104, 122, 168, 170, 174, 178, 184, 201, 202, 224
<i>Oblov</i>	43, 174
<i>Granja de Stiepanchicovo, A</i>	102, 105
Granovski, Timofei Nikolaievitch	160, 170, 172, 174, 195, 221, 222
Grigoriev, Apollon	67, 76, 110, 149, 155, 196, 197
Grigorovitch, Dmitri Vassilievitich	33, 34, 35, 46, 110
Grigorovna, Anna	118, 120, 121, 126, 127, 133, 134, 136, 139, 141, 146, 162, 164, 165, 166, 175, 177, 180, 182, 183
<i>Guepês</i>	35
Guizot, François Pierre Guillaume	72
Hegel, Georg Wilhelm Friedrich	75
Herzen, Aleksandr Ivanovitich	43, 123, 129, 131, 171, 172, 192
<i>Quem é o culpado?</i>	171
<i>Doutor Krupov</i>	171
Hoffman, Ernst Theodor Amadeus	14, 20

<i>Katers Murr</i>	14
<i>O hipnotizador</i>	14
Homero	20, 21, 22, 23
<i>Ilkade</i>	21
Hugo, Victor	14, 17, 18, 21, 129, 139, 193, 201
<i>Cromwell</i>	14
<i>Hernani</i>	14
<i>Miseráveis, Os</i>	138, 201
<i>Humilhados e ofendidos</i>	107
<i>Idiota, O</i>	101, 133, 139, 141, 148, 156, 157, 158, 159, 168, 177, 178, 180
Iegorovitch, Aleksandr	82, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 95, 100
<i>Ilustrações</i>	35, 39
<i>Inválido</i>	29
<i>Irmãos Karamazov, Os</i>	171, 174, 205, 221, 222, 226, 227, 228
Issaiev, Aleksandr Ivanovitch	81, 84, 86, 87
Issaiev, Maria Dmitrievna	81, 82, 84, 85, 87, 93, 110
Issaiev, Pavel Aleksandrovitch	84, 86, 87, 109, 110, 125, 132, 133, 135, 139, 140, 147, 161, 168, 186
Itália (italianos)	120, 127, 128, 131, 134, 135, 137, 139, 145, 147, 148, 152, 155, 163, 164, 165, 166
Ivanov, Konstantin Ivanovitch	72, 75, 88, 89
Ivanovna, Olga	88, 89
Jodelle, Etienne	22
<i>Cleópatra</i>	22
<i>Jogador, O</i>	110, 111, 112, 114, 121
Kachpirev, Vassili Vladimirovitch	148, 160, 166, 167, 169, 173
Kant, Immanuel	75
<i>Crítica da Razão Pura</i>	75
Karamsin, Nikolai Mikhailovitch	224
Karr, Jean-Baptiste Alphonse	35
Khomiakov, Aleksei Stepanovitch	192
Kireievski, Ivan Vassilievitch	192
Kostomarov, Nikolai Ivanovitch	224
Krestovski, Vsevolod Vladimirovitch	76, 108
Kroneberg, Andrei	33
Kroneberg, Ivan	33
Kukolnik, Nestor Vassilievitch	35
Lomossosonov, Mikhail Vassilievitch	172
Maikov, Apollon Nikolaievitch	46, 48, 49, 90, 92, 101, 108, 125, 126, 131, 148, 153, 168, 169
<i>Catedral de Klermontski, A</i>	92
Malherbe, François de	22
<i>Marido, O Eterno</i>	169
<i>Memórias da Casa dos Mortos</i>	90, 112
<i>Mensageiro da Europa</i>	178
<i>Mensageiro da Rússia</i>	101, 102, 113, 122, 126, 127, 131, 133, 134, 135, 137, 141, 142, 146, 17, 148, 149, 151, 153, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 170, 171, 173, 177, 180, 183, 185, 187, 188, 191
Minin, Kuzma	216
<i>Moscovita</i>	101
Motchalov	224
Napoleão III (imperador)	127, 128, 131
Nekrasov, Nikolai Alekseievitch	32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 44, 48, 51
<i>Ništotchka Niezvânova</i>	51
Nikitenko, Aleksandr Vassilievitch	39
Nikolai I (tzar)	53, 145, 174, 221

Nikolaievna, Maria	101
Nilismo	110, 113, 114, 124, 144, 172, 174, 175, 192, 203
Nisard, Désiré	17, 18
<i>Noticias de Moscou</i>	139
Odoievski, Vladimir Fiodorovitch	36, 39
Ostrovski, Aleksandr Nikolaievitch	76, 94, 150, 155, 178
Pacha	<i>ver Pavel Aleksandrovitch Issaiev</i>
<i>Palavra Russa</i>	102, 105, 192
Panaiev, Ivan Ivanovitch	36, 38, 41
Parfieni (Piotr Aggeev)	174
Pascal, Blaise	13
Pavel I, o Prussiano (tzar)	149, 174
Pedro o Grande (tzar)	19, 34, 92, 120, 172, 196, 213
<i>Pequeno Herói, O</i>	60, 76
Pissarev, Dmitri Ivanovitch	192
Pissemiski, Aleksei Féofilaktovitch	76, 94, 103, 108
<i>Fanfarrão, O</i>	76, 94
<i>Mil Almas</i>	103
<i>Rico Pretendente, O</i>	94
Poesia	16, 20, 21, 22, 112, 168, 224
Polevoi, Nikolai	14, 224
Prescott, Willian Hickling	224
Puchkin, Aleksandr Sergueievitch	17, 21, 27, 30, 34, 39, 43, 101, 103, 112, 155, 172, 173, 174, 192, 193, 196, 221, 222, 224
<i>Boris Godunov</i>	192
<i>Contos de Bielkin, Os</i>	172, 196
<i>Eugene Onegin</i>	196
<i>Negro de Pedro o Grande, O</i>	172, 196
<i>Para um poeta</i>	17
Pyat, Félix	195
Racine, Jean	22
<i>Andrômaca</i>	22
<i>Fedra</i>	22
<i>Ifigênia em Aulica</i>	22
Ranke, Leopold von	73
Rechtnikov, Fiódor Mikhailovitch	197
<i>Romance em Nove Cartas, Um</i>	37
Ronsard, Pierre de	22
Rostov, São Dmitri	54
Rússia (russos)	27, 30, 34, 35, 37, 43, 53, 67, 73, 74, 91, 92, 94, 98, 100, 102, 103, 105, 111, 112, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 131, 139, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 35, 36, 44, 52, 94
Sand, George	52
<i>Lucrecia Floriani</i>	52
<i>Teverino</i>	35
Sanzio, Rafael	27
Schlosser, Friedrich Christoph	224
Scott, Walter	30, 224
<i>Guy Mannering</i>	30
Schiller, Johann C Friedrich von	20, 21, 23, 24, 28, 31, 35, 36, 224
<i>Conjura de Fiesco, A</i>	23
<i>Dom Carlos</i>	20, 23
<i>Guilherme Tell</i>	23
<i>Maria Stuart</i>	20
<i>Ladrões, Os</i>	23, 28, 224
<i>Secretarias Aniquiladas, As</i>	43
Sêneca	23

<i>Senhoria, A</i>	52
<i>Senhor Prokhardtchin, O</i>	45, 52
Sévigné, Madame de	95
Setchenov, Ivan Mikhailovitch	207
Shakespeare, William	14, 20, 21, 22, 23, 25, 29, 33, 57, 58, 103, 224
<i>Hamlet</i>	13, 14, 33, 224
<i>Macbeth</i>	33
Sollogub, Vladimir Aleksandrovitch	36
Soloviov, Vsevolod Sergueievitch	204, 219, 224
<i>Sonho do Tio, O</i>	93, 105
Sterne, Lawrence	30
<i>Jornada Sentimental pela</i>	
<i>França e Itália</i>	30
<i>Vida e Opiniões do Cavalheiro</i>	
<i>Tristan Shandy</i>	30
Strakhov, Nikolai Nikolaievitch	110, 111, 123, 144, 145, 148, 149, 153, 155, 157, 159, 160, 172
Sue, Eugène	31, 34
<i>Judeu Errante, O</i>	31
Suíça (suíços)	120, 126, 127, 129, 130, 131, 134, 135, 137, 139, 141, 146, 147, 152, 165
<i>Suíças Raspadas, As</i>	43, 45, 47
Tchaadaiev, Piotr Iakovlevitch	173, 174
Tchaikovski, Piotr Ilitch	14, 36
Tchernichevski, Nikolai Gravilovitch	123, 174, 192
<i>O que fazer?</i>	174
<i>Tempo</i>	108, 110, 169
Thierry, Jacques Nicolas Augustin	73
Thiers, Louis Adolphe	73
Tiutchev, Fiódor	95, 205, 223
<i>Silentium</i>	205
Tolstói, Liev	44, 94, 101, 110, 155, 156, 170, 171, 172, 184, 193, 197, 201, 224
<i>Anna Karênina</i>	94, 101
<i>Guerra e Paz</i>	94, 101, 155, 158, 170, 172, 173
Totleben, Eduard Ivanovitch	97, 100
Trediakovski, Vassili Kirillovitch	22, 23
Tur, Eugénie	76
Turgueniev, Ivan Sergueievitch	37, 38, 44, 58, 76, 94, 101, 104, 122, 123, 124, 125, 149, 157, 160, 168, 170, 178, 184, 191, 196, 197, 221, 222, 223, 224
<i>Andrei Kolossov</i>	37
<i>Execução de Tropmann, A</i>	178
<i>Fumo</i>	122, 123, 124, 125
<i>Ninho de Nobres, Um</i>	104, 105
<i>Pais e Filhos</i>	37, 101, 158
<i>Solteirão, O</i>	58
<i>Três Retratos, Os</i>	196
Verdi, Giuseppe	14
Vernet, Émile Jean-Horace	28
<i>Vida de um Grande Pecador, A</i>	171, 173, 177
<i>Voz da Rússia</i>	139, 155, 160
Vrangel, Barão	ver Aleksandr Iegorovitch
Zadonski, Tikhon	173, 174
Zombador, O	34, 37, 38



Minha Impalpável Biblioteca

Este livro foi editorado com as fontes Bernard Modern BT, corpo 12 e Aldine 401 BT, corpo 8 e impresso em papel polém Bold 90 pela Edelbra em Março de 2011.
